

**DEYSE MARINHO DE ABREU**

**ARTE BOTICÁRIA: UMA ANÁLISE A PARTIR DE BOTICÁRIOS E BOTICAS DA  
COMARCA DO RIO DAS VELHAS NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX.**

**Belo Horizonte**

**2006**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**DEYSE MARINHO DE ABREU**

**ARTE BOTICÁRIA: Uma análise a partir de boticários e boticas da Comarca do Rio das Velhas na segunda metade do século XIX**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Social da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Betânia Gonçalves Figueiredo.

BANCA:

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Betânia Gonçalves Figueiredo (orientadora)

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Anny Jackeline Torres (membro)

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia Marques (membro)

Prof. Dr. Flávio Coelho Edler (membro)

Belo Horizonte

2006

**Universidade Federal de Minas Gerais  
Faculdade Filosofia e Ciências Humanas  
Programa de Pós-graduação em História**

Dissertação intitulada “*Arte Boticária: Uma análise a partir de boticários e boticas da Comarca do Rio das Velhas na segunda metade do século XIX*”, de autoria da mestranda Deyse Marinho de Abreu, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Betânia Gonçalves Figueiredo – FAFICH/UFMG - orientadora

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Anny Jackeline Torres - Coltec/História/PPG UFMG

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Rita de Cássia Marques – Escola de Enfermagem/UFMG

---

Prof. Dr. Flávio Coelho Edler - Casa Oswaldo Cruz/Fiocruz.

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. REGINA HORTA DUARTE  
Coordenadora do Programa de Pós-graduação em História  
FAFICH/UFMG

Belo Horizonte, 12 de Maio, 2006

*Ao querido Deus Eterno.*

## Agradecimentos

Após 24 meses de trabalho árduo e cansativo, está terminado o texto da dissertação que não poderia ser produzido sem ajuda e o apoio de muitas pessoas com quem pude contar.

Em primeiro plano agradeço a Deus, que por seu amor e grande generosidade, permitiu-me, em meio a todas as dificuldades e desafios, chegar até aqui.

Agradeço à CAPES pelo financiamento de um ano de pesquisa.

Estou agradecida pela confiança, atenção e orientação de minha orientadora Betânia Gonçalves Figueiredo. Agradeço, muitíssimo, às Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rita Marques e Anny Jaqueline, que não somente puderam fornecer grandes contribuições na minha banca de qualificação, mas também durante boa parte de minha pesquisa. Devo agradecer ao Prof. Dr. e amigo José Newton Coelho Meneses pelas primeiras orientações no início de minha vida como pesquisadora. Ao Prof. Dr. Flávio Coelho Edler pelas indicações bibliográficas.

Agradeço ainda aos colegas e amigos que passaram vários momentos comigo estudando, dividindo tristezas, angústias e alegrias: Marisa, Edmar, Márcia, Gustavo, Dilhermando, Alessandra, Priscila, Gabriela, Lígia, Carol Vimieiro, Clô, Rosângela, Rúbia, Hilário, Daniele, Kelly e Carol Capanema. À Magda, secretária do Programa de Pós-graduação em História, por sempre auxiliar-me em situações inesperadas.

Um agradecimento especial a uma grande pessoa a quem tive a oportunidade e a sorte de conhecer. Maria Regina Cotrim Guimarães, grande amiga, que auxiliou-me com seus “Chernovizes” durante a pesquisa, com suas idéias e com sua leitura atenta ao meu texto.

Sou grata ao pessoal das seguintes instituições que colaborou em minhas pesquisas: Arquivo Histórico Casa Borba Gato/Museu do Ouro, Arquivo Nacional, Arquivo Público Mineiro, Biblioteca Nacional, Centro de Memória da Medicina/UFMG.

Às amigas Viviane, Sylvania Oliveira, Ketty, Ana Carolina Araújo, Carla Berenice, minha cunhada Cristina pelas imagens e minha tia Claudete. Aos meus pais Espedito e Iara, meus irmãos Wanderson, Luiza e Daniele - que contribuíram de diversas formas para minha pesquisa - à Stefania, responsável pela revisão deste texto; e, claro, àquela pessoinha que soube em todos os momentos, desde seu nascimento, trazer somente alegria à minha vida, minha querida sobrinha Ana Clara. Agradeço a Simon, pelo apoio, carinho e amor.

Por fim, agradeço a todos que direta ou indiretamente puderam contribuir de alguma maneira para a realização deste texto.

*“A História é um carro alegre cheio de povo contente que atropela indiferente tudo aquilo que a negue...”(Chico Buarque de Holanda e Pablo Milanez)*

## Listas de Tabelas

Tabela 1 - Relação dos boticários da Comarca do Rio das Velhas na segunda metade dos oitocentos .....	p. 54
Tabela 2 - Relação de substâncias animais presentes nas boticas da Comarca do Rio das Velhas na segunda metade dos oitocentos.....	p.86
Tabela 3 - Preparações officinais e magistrais das boticas da Comarca do Rio das Velhas na segunda metade dos oitocentos.....	p.126
Tabela 4 - Minerais e preparações de origem mineral das boticas Comarca do Rio das Velhas entre 1850 e 1900 .....	p.130
Tabela 5 - Vegetais e substâncias de origem vegetal presentes nas boticas da Comarca do Rio das Velhas entre 1850 e 1900.....	p.131
Tabela 6 - Produtos e Preparações químicas presentes nas boticas da Comarca do Rio das Velhas entre 1850 e 1900.....	p.134
Tabela 7 - Substâncias de higiene pessoal e desinfecção, e perfumaria das boticas da Comarca do Rio das Velhas entre 1850 e 1900.....	p.137
Tabela 8 - Substâncias para alterar, moderar e evacuar os fluidos do corpo presentes nas boticas da Comarca do Rio das Velhas entre 1850 e 1900.....	p.138
Tabela 9 - Substâncias com propriedades outras das boticas da Comarca do Rio das Velhas entre 1850 e 1900.....	p.141
Tabela 10 - Vasilhames das boticas da Comarca do Rio das Velhas na segunda metade dos oitocentos.....	p.146
Tabela 11 - Aparelhos e instrumentos das Boticas da Comarca do Rio das Velhas entre 1850 e 1900.....	p.147
Tabela 12 - Outros pertences das boticas da Comarca do Rio das Velhas entre 1850 e 1900.....	p.148



### Lista de Ilustração

Figura 1 - Mapa da Comarca do Rio das Velhas.....	p.149
Figura 2 - Botica da Cidade de Sabará nos oitocentos. Foto do início da década de XX.....	p.150
Figura 3 - Pílulas Depurativas do Dr. Allan.....	p. 151
Figura 4 - Rob anti-sifilítico Laffecteur .....	p.151
Figura 5 - Purgante Le Roy.....	p.152
Figura 6 - Grãos de Saúde de Franck .....	p.152
Figura 7 - Xarope Labelonye.....	p.153
Figura 8 - Oleo de Fígado de Bacalhao Desinfectado.....	p.153
Figura 9 - Almofarizes e pistilo.....	p.154
Figura 10 - Alambique.....	p.154
Figura 11 - Máquina de água gasosa.....	p.155
Figura 12- Anúncio do Colar Elétrico.....	p.156

### Lista de Abreviaturas

AB/OB	- Avaliação de bens/Ordem dos bandeirantes
AHCBG/MO	- Arquivo Histórico Casa Borba Gato / Museu do Ouro
AN	- Arquivo Nacional
APM	- Arquivo Público Mineiro
BN	- Biblioteca Nacional
CEMEMOR	- Centro de Memória da Medicina /Universidade Federal de Minas Gerais
CMS	- Câmara Municipal de Sabará
CODES	- Coordenação de Documentos Escritos
CPO.CT	- Cartório do Primeiro Ofício. Conta Testamentária
CPON.I	- Cartório do Primeiro Ofício de Notas. Inventário
CSO.I	- Cartório do Segundo Ofício. Inventário
HPBH	- Hemeroteca Pública de Minas Gerais
JA	- Jornais Avulsos
JCHP	- Junta Central de Higiene Pública
LEL. OB	- Lista de Eleitores/Ordem dos Bandeirantes
SP/PP	- Seção Provincial /Presidência da Província

## RESUMO

Este trabalho analisou os boticários e boticas da Comarca do Rio das Velhas na segunda metade do século XIX, a relação deste indivíduo com a sociedade, com a legislação imperial de saúde pública, suas práticas e saberes sobre a medicina e a farmácia. Através de inventários de boticários, de receitas de remédios, de documentos de instituições de saúde pública oitocentista, da legislação sanitária e de bibliografia especializada, percebemos que os boticários constituíram-se elementos importantes para a configuração das práticas de cura no Brasil, e, no nosso caso, na sociedade estabelecida na Comarca do Rio das Velhas no período mencionado. Os boticários desempenharam papel de destaque na sociedade devido à importância de suas atividades. A botica dos oitocentos foi mais que um estabelecimento onde se produziam e vendiam remédios, era um ambiente social no qual as pessoas, com frequência, se encontravam para conversar, trocar idéias, discutir assuntos da vida social e política. Com relação à legislação imperial que tratava da saúde pública, os boticários dessa Comarca buscaram, na medida do possível, segui-la dentro dos seus conformes. Aqueles que não obtiveram seus saberes em instituições acadêmicas buscaram obter suas licenças ou títulos profissionais junto às autoridades do Império. No entanto, o fato de não seguir a legislação à risca ou de não possuir um diploma, não impediu que os serviços prestados por estes homens em suas farmácias fossem muito solicitados pela população e até mesmo pelas autoridades locais. Os boticários e boticas representaram elementos de fronteira entre os saberes populares de cura e os conhecimentos desenvolvidos pela ciência acadêmica ao propiciarem a interação entre estes.

**Palavras-chave:** Boticários/farmacêuticos; Boticas/farmácias; legislação imperial de saúde pública; medicina colonial; História da ciência.

## ABSTRACT

The present study investigates the apothecaries and their pharmacies from the Comarca do Rio das Velhas during the second half of nineteenth century, their connection with the society and with the imperial public health legislation, their practices and knowledge about medicine and pharmacology. Reading through apothecaries inventories, medicine prescriptions, some documents from public health institutions, sanitary legislation and specific literature, we founded that apothecaries constituted a relevant element to the establishment of healing practices in Brazil, and, in our case, in the Comarca do Rio das Velhas's society during the referred period. The apothecaries had a prominent position among population due to the importance of this activity in that society. Their pharmacy was more than a store where medicines were daily produced and sold; it was a place where a social environment was developed, in which people frequently met for close talking, and discussed about the social and political subjects. In order with the imperial public health legislation, the apothecaries from this Comarca sought to be in agreement with it, as much as possible. Those that did not get their knowledge from academic institutions had tried to achieve their professional license and degree from the imperial authorities. However, the fact of not being completely in agreement with the legislation or not having an academic degree did not prevent the apothecary's jobs from being asked by all population, including local authorities. The apothecaries and their pharmacy were bond elements between popular healing and academic scientific knowledge, since they provided their interaction.

**Key words:** apothecaries; pharmacy; public health imperial legislation, colonial medicine; history of science.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>p.14</b>
<b>2 CAPÍTULO I - Boticários e boticas na sociedade .....</b>	<b>p.23</b>
2.1 O boticário e a botica na sociedade oitocentista	p.23
2.2 O boticário e outras artes de curar	p.31
2.3 Posição financeira do boticário dos oitocentos	p.37
<b>3 CAPÍTULO II - Boticar: a prática legislada .....</b>	<b>p.42</b>
3.1 A aquisição de saber relativa à arte de botica	p.43
3.2 A legislação imperial de saúde pública sobre os boticários e suas boticas	p.48
3.3 Divergências e conflitos nas artes de curar	p.58
3.4 Divergências e conflitos entre boticários	p.65
<b>4 CAPÍTULO III - No interior das boticas da Comarca do Rio das Velhas 1: manuais e medicamentos .....</b>	<b>p.74</b>
4.1 As Farmacopéias e manuais de medicina	p.75
4.2 Os remédios	p.80
4.3 Preparações farmacêuticas	p.83
4.4 Substâncias vegetais, minerais e animais	p.85
4.5 As terapêuticas	p.90
4.6 Depurativos, purgantes, eméticos e sudoríficos	p.93
<b>5 CAPÍTULO IV - No interior das boticas da Comarca do Rio das Velhas 2: produtos de higiene, perfumaria, remédios sortidos e instrumentos .....</b>	<b>p.101</b>
5.1 Dentifrícios, perfumaria e desinfetantes nas boticas	p.102
5.2 Águas, Elixires, Pastilhas: o sortimento nas boticas nos oitocentos	p.109
5.3 Aparelhos, utensílios e outros objetos	p.115
5.4 Um balanço geral: as boticas eram sortidas, mas não homogêneas	p.120
<b>6 CONCLUSÃO .....</b>	<b>p.124</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>p.126</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>p.149</b>

**FONTES** ..... p.157  
**REFERÊNCIAS** ..... p.159

## Introdução

A segunda metade do século XIX no Brasil foi marcada por grandes transformações em vários setores. Segundo Boris Fausto, 1850 representou um ano em que várias medidas foram tomadas com o intuito de mudar o caráter do país e de transformá-lo naquilo em que o Governo acreditava ser uma nação moderna. Entre estas medidas temos o fim do tráfico de escravos, a promulgação das Leis de Terras, a centralização da Guarda Nacional e a aprovação do Código Comercial<sup>1</sup>. Podemos ainda citar a criação da Junta de Higiene, órgão responsável pelo controle e manutenção da higiene pública no Império e que em 1851 recebeu o nome de Junta Central de Higiene Pública<sup>2</sup>. Outros empreendimentos podem ser visualizados ao longo desse período como a reurbanização da Corte imperial, um forte incentivo à industrialização e à criação de instituições financeiras devido a liberação de recursos resultantes do fim do tráfico de escravos. Em torno das transformações de civilização<sup>3</sup>, a elite imperial construiu sua cosmovisão eurocêntrica na tentativa de superar seu “atraso colonial” e buscar a definição de uma nacionalidade brasileira, bem como de seu pleno reconhecimento pelas nações que para eles eram civilizadas, ou melhor, pelas nações européias<sup>4</sup>.

O olhar médico para a doença e a cura também começou a mudar nesse período, orientado pela medicina francesa. Para se ter uma idéia, a capital francesa passava por um processo de modernização urbana desde o século XVIII, que teve como pano de fundo o contexto da medicina social que surgia no período. De acordo com Foucault, a medicina social na França se desenvolveu a partir da reorganização das estruturas urbanas, ou seja, através da medicina urbana. Esta consistia na tentativa de controlar a circulação do ar, evitando a propagação de miasmas e cuidando da distribuição de água, impedindo a contaminação da mesma. A medicina urbana buscava controlar os espaços, impedindo o

---

<sup>1</sup> FAUSTO, B. *História do Brasil*. 2ª Ed. SP: EDUSP, Fundação de Desenvolvimento da Educação, 1995. p.197.

<sup>2</sup> Este órgão, criado pelo Governo, baixou normas que visavam o controle da formação e prática dos profissionais da cura, o controle das boticas por meio de visitas sanitárias, a restrição do exercício da cura somente a profissionais habilitados e outras normas relacionadas à saúde e higiene pública. Coleção das leis do Império. Decreto nº 598 de 14 de Setembro de 1850, artigo 3º e Decreto nº 828 de 29 de Setembro de 1851, artigo 1º.

<sup>3</sup> Para Norbert Elias, civilização refere-se a uma diversidade de fatos como o nível da tecnologia, o desenvolvimento dos conhecimentos científicos, as idéias religiosas, os costumes e maneiras de viver humanas e outros. Este conceito expressaria a consciência que o Ocidente tem de si, expressaria a sua "consciência nacional". O conceito de civilização seria usado para descrever aquilo que uma sociedade tem de importante e para expressar aquilo do que ela mais se orgulha. ELIAS, N. *O Processo civilizador*, Vol (1). RJ: Jorge Zahar Editor, 1994. p. 23.

<sup>4</sup> GOODWIN Jr, JW. *A princesa de Minas*. A construção de uma identidade pelas elites juizforanas. 1850-1888. (Dissertação de mestrado). Dep. História, FAFICH/UFMG, 1996. p.29.

acúmulo de elementos que pudessem provocar doenças como nos cemitérios e pântanos<sup>5</sup>. Para a medicina acadêmica, o maior agente externo responsável pelas doenças era o ar pútrido e por isso era necessário evitá-lo. Os médicos acadêmicos voltavam seus estudos cada vez mais para os princípios: anatomoclínicos, higienistas e climático-telúricos em substituição à patologia dos humores<sup>6</sup>. A medicina, que entendia a doença como a desorganização dos humores corporais, começou a identificar a moléstia através das alterações visíveis no tecido do corpo humano<sup>7</sup>.

Aqui no Brasil, para diminuir as doenças que ocorreram na segunda metade dos oitocentos, foram tomadas medidas de saneamento na Corte, intervindo assim no espaço urbano. Alguns projetos foram realizados para controlar a circulação do ar e impedir a concentração dos miasmas como a eliminação de pântanos e morros; ruas e praças seguiram o molde francês - largas e com traçados retilíneos - abrigando as mansões e casarões<sup>8</sup>. A sociedade mineira também passava por algumas tentativas de mudanças para acompanhar este “processo de civilização” que ocorria no Império. Quanto às empreitadas urbanas na Província de Minas, as casas e prédios deveriam obedecer às regras de alinhamento e as estradas deveriam ser construídas seguindo um planejamento geométrico<sup>9</sup>.

A tentativa de cuidar da saúde pública fez parte das mudanças das cidades. Para isso foi necessário tomar medidas que melhorassem as questões de salubridade e acabar com as freqüentes epidemias que tanto assolavam a população brasileira, especialmente a varíola, cólera e febre amarela, cujas causas foram associadas à concentração de imundície, aos ares pútridos, ao clima e à água suja. As fontes de água, chafarizes, encanamentos públicos, matadouros, açougues, lojas de negócios, cemitérios, hospitais, laboratórios ou fábricas de remédios e boticas foram alguns dos alvos da fiscalização pelas autoridades sanitárias, com o intuito de garantir a higiene e a salubridade, indispensáveis ao processo de civilização almejado<sup>10</sup>. Dessa forma, houve uma tendência da sociedade brasileira em praticar hábitos voltados à higiene pessoal e do espaço público para evitar os miasmas que causavam as

---

<sup>5</sup> FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. RJ: Edições Graal Ltda, 1979. p.87-93.

<sup>6</sup> EDLER, FC. A medicina acadêmica imperial e as ciências naturais. In: HEIZER. & VIDEIRA (orgs). *Ciência, Civilização e Império nos Trópicos*. RJ: Access, 2001. p. 97-122.

<sup>7</sup> FOUCAULT, M. *O nascimento da clínica*. 5ªed. RJ: Forense Universitária, 2001.p.155.

<sup>8</sup> NEVES, LMBP.; MACHADO, HF. *O Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.p.295-301; p.329-331 passim.

<sup>9</sup> DUARTE, RH. *Noites circenses*. Espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais o século XIX. Campinas: Ed. Unicamp, 1995. p.48-66; p.127 passim.

<sup>10</sup> Ibidem. p.61-63 passim. Coleção das Leis do Império do Brasil. Decreto Nº 828 de 29 de Setembro de 1851, artigo 48. De acordo com Regina Horta Duarte, algumas dessas medidas já eram realizadas na Província de Minas desde o segundo quartel do século XIX.



doenças. Porém, as idéias que guiavam a terapêutica anterior ainda estavam em voga nas práticas de cura da população.

No espaço da botica pudemos perceber que diferentes práticas de cura conviveram na população - o que vai de acordo com Nestor Canclini - segundo o qual os novos conhecimentos, aquilo que seria o moderno, não se sobrepunham aos saberes construídos culturalmente pela sociedade<sup>11</sup>. Logo, os saberes elaborados pelas instituições acadêmicas não faziam os conhecimentos da população sobre o curar desaparecerem; o que havia era a convivência, a interação entre os campos de saberes terapêuticos. Vemos, assim, que a construção do conhecimento sobre doença e cura, bem como sobre a prática de medicar não se daria apenas na academia, nem teria sido determinada por esses espaços. Tais saberes e práticas também foram construídos à maneira da população, que mesclava os diferentes conhecimentos sobre a cura. Os saberes terapêuticos não estavam restritos aos médicos formados nas academias, ao contrário, foram praticados pelos boticários, que tiveram um papel mediador entre os saberes acadêmicos e os exercidos pela população. Os boticários constituíram naquilo que Michel de Certeau<sup>12</sup> chama de “símbolos do intercâmbio e encontro”, entre os conhecimentos que guiaram a medicina praticada cotidianamente pela sociedade.

Nosso trabalho pretendeu contribuir para os estudos relativos à História da Farmácia e da Medicina no Brasil. Há uma bibliografia específica que trata a história da farmácia no Brasil, apesar de não ser abrangente<sup>13</sup>. Destaca-se neste conjunto de trabalhos a preocupação em descrever os primórdios da Farmácia de modo mais factual e menos analítico.

O médico Lycurgo Santos Filho, em suas produções sobre a História da Medicina no Brasil, dedica um capítulo à farmácia. Segundo o autor, o modelo de farmácia existente no Império era semelhante ao do século XVIII, diferindo-se somente em alguns aspectos, e em ambos os séculos, as boticas imitavam às de Portugal<sup>14</sup>. O autor acredita ter havido uma

---

<sup>11</sup> CANCLINI, NG. *Culturas híbridas*. Estratégias para entrar e sair da modernidade. SP: Ed. Universidade de São Paulo, 1997. p.206.

<sup>12</sup> CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano*. 1 Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994. p.214.

<sup>13</sup> Não são muitos os trabalhos que tratam especificamente sobre a História da Farmácia no Brasil. Entre outros autores que escreveram livros ou capítulos sobre a História da Farmácia e sobre boticas e boticários podemos destacar também: FIGUEIREDO, BG. *A arte de curar: cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2002.; DIAS, JR. *Apontamentos Históricos do Sesquicentenário da Escola de Farmácia de Ouro Preto*. 3 ed. rev. Ouro Preto, UFOP/Escola de Farmácia, 1989; RANGEL FILHO, AF. A evolução da indústria farmacêutica no Brasil. In: *Separata da Revista Brasileira de Farmácia*. Ano: XXXVIII. Nº1-2.RJ. 1957. p.25.

<sup>14</sup> SANTOS FILHO, L. *História Geral da Medicina Brasileira*. São Paulo: HUCITEC: Editora da Universidade de São Paulo, 1991. (2 vol.). p.62 do volume 2. SANTOS FILHO, L. Medicina Colonial. In: HOLANDA, SB(org). *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo I: A Época Colonial I. 2º volume, 2º ed. Reações e Transações. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968. SANTOS FILHO, L. Medicina no Período Imperial.

ruptura brusca no desenvolvimento da medicina e da farmácia, que somente se tornariam ciência depois da Revolução Pasteuriana na Europa e a partir da criação do Instituto de Manguinhos no Brasil. Antes disso, todo o conhecimento exercido pelos boticários e farmacêuticos teria sido uma “pré-ciência”.

De forma semelhante a Santos Filho, Raul Votta, em “Breve História da Farmácia no Brasil”, publicado em 1965, traçou um breve mapeamento do que foram as boticas e farmácias e os boticários no Brasil, da colônia ao século XX. O autor, cuja formação profissional é de farmacêutico, apresenta, em seu texto, uma ciência de desenvolvimento evolutivo e linear. Segundo ele, o surgimento de novas legislações ou escolas destinadas à arte de farmácia promoveria notáveis aprimoramentos no conhecimento farmacêutico. Ainda de acordo com Votta, a Farmácia no Brasil, no final dos oitocentos, passou pelo início de um novo ciclo, “o técnico-científico, em que sobressairiam inúmeros profissionais de alto gabarito<sup>15</sup>”.

Coriolano Carvalho<sup>16</sup> pôde contribuir de forma valiosa ao estudo de história da farmácia em nosso país. Ele produziu livros e folhetos voltados à História da Farmácia no Brasil e buscou levantar a história do farmacêutico e seu ofício, seu trânsito na comunidade farmacêutica, os medicamentos preparados por esses indivíduos, a forma como as boticas se apresentaram à população e o ensino da farmácia no Brasil.

Carlos Silva Araújo, médico e farmacêutico, começou a se dedicar à História da Medicina e da Farmácia brasileira e publicou obras importantes<sup>17</sup>. O autor como os anteriores, também visou levantar dados e mapear os grandes personagens e fatos que ao longo do tempo foram transformando a história da farmácia no Brasil. Em uma de suas obras, destaca a importância da influência francesa que se deu fortemente no século XIX, para a configuração da profissão farmacêutica imperial. Araújo afirma que a farmácia como ciência teria tido muito pouca expressão no Brasil<sup>18</sup>. No entendimento do autor, isso se devia ao fato de que qualquer boticário prático poderia obter um diploma sem precisar se matricular nas escolas

---

In: HOLANDA, SB (org). *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo II: A época imperial. 3º volume, 3ª ed. Reações e Transações. São Paulo: DIFEL., 1976.

<sup>15</sup> VOTTA, R. *Breve História da Farmácia no Brasil*. SP: Laboratório Enila, 1965. p.29

<sup>16</sup> CARVALHO, JC. *Da Pharmacia. Origem e evolução*. Memória para o Congresso Farmacêutico do Centenário. SP, 1922. CARVALHO, JC. *Eugênio Marques de Hollanda: Pioneiro da industria farmaceutica nacional. 1836-1892*. (Conferencia realizada na Sociedade de Pharmacia e Chimica de S.Paulo em 26 de Março de 1941. *Jornal do Commercio*). RJ, 1942.

<sup>17</sup> Entre elas destacamos: ARAÚJO, CS. *Fatos e personagens da história da medicina e da farmácia no Brasil*. RJ: Continente Editorial, 1979; e ARAÚJO, C S. *L'influence française sur la culture brésilienne. Sur la Pharmacie et la médecine, en particulier*. RJ: Gráfica Olímpica Editora LTDA, 1973.

<sup>18</sup> ARAÚJO, C S. *L'influence française sur la culture brésilienne. Sur la Pharmacie et la médecine, en particulier*. RJ: Gráfica Olímpica Editora LTDA, 1973. p.32

superiores; para Araújo a ciência farmacêutica só seria possível a partir de uma instituição acadêmica legalmente reconhecida.

Todas essas bibliografias possuem sua importância na medida em que tentam demonstrar, mesmo que de forma geral, os primeiros passos da história da farmácia no Brasil. Esta literatura ainda apresenta os personagens e suas práticas envolvidas na constituição do conhecimento farmacêutico, fornecendo importantes informações que auxiliam no desenvolvimento do trabalho proposto. No entanto, cabem algumas considerações. Quando Santos Filho apresenta sobre a influência da metrópole portuguesa, está generalizando, pois as boticas ao longo do século XIX foram sofrendo influências dos franceses, a ponto de a Farmacopéia francesa ser tomada como modelo imperial de exercício da arte boticária<sup>19</sup>. Acreditamos também que os saberes devam ser analisados de forma contextualizada, historicizada, pois foram práticas desenvolvidas em lugares e épocas específicas; assim, a expressão “pré-ciência” - para reforçar a idéia de que a ciência surgiu a partir de Pasteur e, no Brasil, com as instituições do século XX - padece de um grave anacronismo.

Por outro lado, Votta e Coriolano Carvalho realizam um tipo de trabalho no qual o conhecimento se apresenta com uma conformação linear, evolutiva, marcado por um ideal de progresso contínuo e ininterrupto; percebemos que esses trabalhos não consideram que a ciência se faz através de processos nos quais estão incluídas rupturas e continuidades. De forma semelhante, Carlos da Silva Araújo isola as práticas de cura de seus respectivos contextos históricos, à medida que acredita só ter sido possível a ciência quando saída das academias. Para estudarmos conhecimentos e práticas, faz-se necessário contextualizá-los, datá-los e localizá-los historicamente, percebendo sempre a existência de relações sociais e culturais<sup>20</sup>.

Segundo John Warner, os historiadores da medicina têm percebido cada vez mais que a ciência e as atividades técnicas da medicina apropriam-se de outras práticas culturais<sup>21</sup>. Para esse autor, a ciência na medicina pode ter múltiplos significados entre os diferentes praticantes da arte da cura e entre os que eram curados por aqueles e estas variedades de

---

<sup>19</sup> Decreto Nº828 de 29 de Setembro de 1851. Art 45: “Para a composição dos remédios officinaes seguir-se-ha a Farmacopéia Francesa, até que se ache organizado uma Farmacopéia Brasiliense...”

<sup>20</sup> CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano*. 1 Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994. p.38 e WARNER, JH. *The Therapeutic Perspective*. Medical Practice, Knowledge, and Identity in America, 1820-1885. Cambridge: Harvard University Press, 1986. p.VII; WARNER, JH. Science in (the Historiography) Medicine. *Osiris*. n.s 1:37-58, 1985. Reprinted in Sally Gregory Kohlstedt and Margaret. Rossiter, eds. *Historical writing on American science: Perspectives and Prospects*, John Hopkins University Press, 1986. p.58

<sup>21</sup> WARNER, JH. *The Therapeutic Perspective*. Medical Practice, Knowledge, and Identity in America, 1820-1885. Cambridge: Harvard University Press, 1986. p.VII.

significados acabam interagindo nas atividades de curar destes mesmos praticantes<sup>22</sup>. Diante disto, este trabalho visou também a contribuir para aquela historiografia que acredita que as práticas de cura fizeram parte de uma cultura datada e localizada historicamente e que estas mesmas práticas se deram pela mescla e por flexibilizações entre um saber acadêmico e um saber popular.

Figueiredo acredita que não há como trabalhar com uma noção dual manifestada por uma chamada cultura popular e por uma cultura acadêmica. Para a autora há entre ambas uma interação cultural que pode ser percebida através das práticas<sup>23</sup>. Para Regina Xavier as concepções de doença para a população eram diferentes daquela afirmada pelos médicos e por isso a população recorreria à terapêutica com a qual estava acostumada<sup>24</sup>. Essa terapêutica era aquela desenvolvida há muito tempo pelas gerações passadas, que mesclava a medicina popular com a medicina dos médicos. E as boticas da Comarca do Rio das Velhas (Fig. 1) podem nos demonstrar bem este encontro.

Como pensam alguns autores<sup>25</sup>, os boticários foram um dos maiores responsáveis pela circularidade cultural, intercâmbio e apropriação de práticas e saberes sobre a cura entre os populares e os acadêmicos. Um outro elemento que nos permite perceber a interação destes saberes em sua arte boticária e nas artes de cura daquela sociedade é o conjunto de livros que possuíam em suas boticas e que serviam de guia para suas práticas.

De acordo com Soares, os manuais de medicina popular resultaram da interação dos conhecimentos da ciência oficial com os saberes de uma sociedade, cujo pensamento sobre doença e cura passava por uma ordem diferente daquela construída pelas academias<sup>26</sup>. Pensamos que o verbo *resultar* seja forte para definir como foram produzidos estes manuais, mas concordamos que seus autores, profissionais diplomados, incorporaram ao domínio do saber construído nos espaços institucionais muitos saberes resultantes do conhecimento empírico-popular, estudando-os e classificando-os de acordo com a sua Ciência, conferindo-lhes novos significados.

---

<sup>22</sup> WARNER, JH. *The Therapeutic Perspective*. Medical Practice, Knowledge, and Identity in America, 1820-1885. Cambridge: Harvard University Press, 1986. p.VII; WARNER, JH. Science in (the Historiography) Medicine. *Osiris*. n.s 1:37-58, 1985. Reprinted in Sally Gregory Kohlstedt and Margaret. Rossiter, eds. Historical writing on American science: Perspectives and Porspects, John Hopkins University Press, 1986. p.58

<sup>23</sup> FIGUEIREDO, BG. *A arte de curar: cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais*. RJ:Vício de Leitura, 2002. p.20-21.

<sup>24</sup> XAVIER, R. Dos males e suas curas. Práticas médicas na Campinas oitocentista. IN: CHALHOUB, S. *Artes e ofícios de curar no Brasil. Capítulos de História Social*. Campinas: Unicamp, 2003.

<sup>25</sup> MARQUES, VRB. *Natureza em boiões: medicinas e boticários no Brasil setecentista*. Campinas: UNICAMP, 1999. p.29; SOARES, MS. *A doença e a cura: saberes médicos e cultura popular na corte imperial*. (Dissertação de Mestrado). Departamento de História da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 1999. p.339-340.

<sup>26</sup> SOARES, op cit .p.319, 335, 339-340 passim.

Vera Marques, em suas reflexões sobre as práticas farmacêuticas nos setecentos, demonstra que o desenvolvimento da farmácia no Brasil se deu a partir das trocas culturais entre os conhecimentos dos europeus e os conhecimentos dos nativos. A autora destaca a importância que os conhecimentos dos índios representaram para a constituição da farmacopéia colonial, ou como ela mesma disse, “para a constituição do que viria se chamar ciência farmacêutica”. A ciência farmacêutica brasileira foi para ela a interação das práticas dos nativos com as práticas dos farmacêuticos de formação estrangeira, que viria a se fundamentar somente em meados dos oitocentos<sup>27</sup>.

As concepções religiosas também conviviam no mundo da cura, num misto de magia e a santidade. Tanto famílias abastadas como a população pobre faziam uso das mezinhas, dos remédios secretos e de tudo aquilo que julgavam ser milagroso. Os remédios ditos milagrosos e secretos atendiam às concepções de cura que acompanhavam culturalmente os doentes. Ainda para esta autora, no século XVIII, a ciência médica e a magia teriam andado tão unidas que não se sabia onde terminava uma e começava outra<sup>28</sup>. Weber, ao estudar as artes de curar no Rio Grande do Sul no início da República, remetendo-se também ao século XIX, constata estes imbricamentos nas práticas de médicos acadêmicos. De acordo com a autora, a medicina não era só ciência, era também magia, segredo, milagre, religião. Até mesmo os médicos, acredita a autora, apelavam para o fascínio da religião para ajudar na cura já que para eles mesmos, a medicina ainda era limitada e a religião seria um meio de intervenção divina na cura dos doentes<sup>29</sup>. Acreditamos que para a população poderia não haver uma distinção entre magia, religião e ciência, porém, cremos que os acadêmicos sabiam separá-las.

Ao referir-se à arte médica portuguesa, Pedro Nava reconheceu que houve momentos em que foi difícil traçar um limite específico entre os saberes de cura da população e os saberes de cura dos médicos. Magia, superstição, feitiçaria, religiosidade e conhecimentos acadêmicos constituíam um “amálgama inseparável”<sup>30</sup>. Wissenbach partilhou do mesmo pensamento de Nava ao falar das práticas e saberes de cura setecentistas presentes no Erário Mineral de Luis Gomes Ferreira<sup>31</sup> e apontou que, do mesmo modo em que é sensível a

<sup>27</sup> MARQUES, VR.B. *Natureza em boiões: Medicinas e boticários no Brasil setecentista*. Campinas: UNICAMP, 1999. p.31

<sup>28</sup> Ibidem. p.262-284

<sup>29</sup> WEBER, BT. *As artes de curar: medicina, religião, magia e positivismo na República Rio Grandense, 1889-1928*, Santa Catarina Edusc/Ed. UFSC, 1999. p. 90-101

<sup>30</sup> NAVA, P. *Capítulos de História da Medicina no Brasil*. Londrina: Eduel; Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2003. p.174.

<sup>31</sup> O Erário Mineral foi um manual de medicina elaborado pelo cirurgião português Luiz Gomes Ferreira na região das minas no período colonial e editado em Portugal em 1835. FERREIRA, LG. *Erário Mineral*. FURTADO, JF (org.). Fundação João Pinheiro. RJ: Fiocruz, 2002.

separação entre essas maneiras de curar, elas deveriam ser percebidas em sua historicidade e manifestações plurais. Também para essa autora, as práticas curativas deveriam ser relacionadas a seu contexto, pois são datadas e localizadas historicamente, o que confere a elas singularidades<sup>32</sup>.

Buscamos compreender a arte boticária desenvolvida na Comarca do Rio das Velhas na segunda metade do século XIX. Por arte boticária ou arte de boticar entendemos todas as práticas e saberes que envolviam os boticários<sup>33</sup>. Essas práticas e saberes compreenderam a produção de remédios, o entendimento do farmacêutico sobre a terapêutica, o exercício de outras profissões de curar, sua relação com a sociedade e com a legislação, bem como o acompanhamento da ciência médica e farmacêutica.

Ao buscar conhecer a prática de boticar analisamos as receitas de remédios preparadas pelos boticários e seus inventários *post mortem*. Esses são documentos processuais que faziam um levantamento dos bens e dívidas dos indivíduos após seu falecimento. Assim sendo, tais documentos constituem-se fontes riquíssimas para a compreensão da terapêutica e da posição do boticário na sociedade da época, uma vez que possuíam descrito todo o material farmacêutico e terapêutico existente em seu estabelecimento.

O nosso estudo se passa durante toda a segunda metade do século XIX, na Comarca do Rio das Velhas, em torno dos marcos das legislações que visaram regulamentar as práticas dos farmacêuticos. Estudamos o que significaram o boticário e a botica no contexto em que os saberes de cura da população conviviam com o desenvolvimento da ciência médica e farmacêutica. Assim iremos trabalhar com todas as legislações sem delimitar com excessiva precisão os marcos cronológicos. A escolha das boticas da Comarca do Rio das Velhas como objeto do nosso trabalho se deu por já termos tido um contato anterior com a referida documentação, o que possibilitou nosso trabalho de análise dentro do prazo necessário.

As boticas desta Comarca nos possibilitam compreender como era a prática da farmácia e da cura, e como essa e seu executor, o boticário, foram influenciados pelo contexto sócio-cultural. Percebemos que estudar somente as boticas e as receitas de remédios não era suficiente para compreender a arte boticária. Afinal, se o boticário era um indivíduo que refletia em suas práticas as crenças de cura de uma sociedade, tornava-se indispensável entender a relação e a sua influência nessa. Os memorialistas, viajantes, exemplares de jornais

---

<sup>32</sup> WISSENBACH, MCC. Gomes Ferreira e os símplices da terra: experiências sociais dos cirurgiões no Brasil-Colônia. In: FERREIRA, LG. *Erário Mineral*. FURTADO, Júnia F. (org). RJ: FIOCRUZ, 2002. p.131.

<sup>33</sup> Nesta dissertação iremos nos referir de forma indistinta aos termos boticários e farmacêuticos, assim como boticas e farmácias.

correntes no período foram fontes utilizadas para compreender a idéia da inserção deste sujeito na sociedade e nos fizeram perceber a estreita comunicação e relacionamento dele com esta. A documentação de saúde pública presente na Secretaria da Província de Minas e na Câmara Municipal de Sabará, os exames e cartas profissionais da Fisicatura Mor e as legislações do Império, nos permitiram entender a posição legal destes homens como profissionais além do processo pelo qual adquiriram seus conhecimentos.

O presente estudo se divide em quatro capítulos. O Capítulo I trata do boticário e sua botica inseridos na sociedade oitocentista, na Comarca do Rio das Velhas. Analisamos o papel da botica e a relação do boticário com a população, a sua posição financeira na segunda metade do século XIX, assim como as outras atividades na arte da cura que ele praticava.

O Capítulo II se dedica a entender como a legislação imperial buscava regular o exercício do boticário e o funcionamento da botica, e como estes indivíduos se portavam diante dos regulamentos. Buscamos conhecer as possíveis formas de aquisição de saberes sobre farmácia disponíveis na época, as formas de obtenção de cartas, títulos e licenças profissionais para o exercício farmacêutico. Analisamos também querelas que envolveram os farmacêuticos.

O Capítulo III é uma visita às boticas da Comarca do Rio das Velhas nos oitocentos a partir de inventários dos boticários. Aqui conhecemos os medicamentos e suas preparações, os manuais de farmácia e de medicina utilizados. Analisamos os medicamentos do ponto de vista dos médicos acadêmicos e da população

O Capítulo IV dedica-se a outros pertences encontrados nestas boticas: produtos de asseio pessoal e desinfecção ligados ao pensamento higienista, bem como o moderno instrumental adquirido pelos boticários. A forma pela qual as boticas se apresentaram revelam-nos a preocupação dos boticários com sua atualização diante do desenvolvimento da ciência médica e farmacêutica.

Este trabalho não visou uma comparação minuciosa entre as boticas, tampouco se preocupou em fazer uma história dos remédios. Apresentamos os boticários, os medicamentos e os utensílios presentes nas boticas, contextualizando-os na sociedade e nos conhecimentos sobre medicina e farmácia disponíveis na época.

## 2. Capítulo I

### Boticários e boticas na sociedade

Neste capítulo, analisamos o boticário e sua botica<sup>34</sup> na sociedade oitocentista na Comarca do Rio das Velhas<sup>35</sup>, sua relação com a população local e seu papel social. Na referida Comarca, o farmacêutico, como também é citado o boticário por bibliografia especializada<sup>36</sup>, praticava também outras atividades na arte da cura como medicar, sangrar e vacinar e, em muitos momentos, tinha a preferência da população em detrimento dos doutores e de outros práticos da cura. Os motivos desta preferência e sua posição sócio-econômica nesta sociedade, na segunda metade do século XIX, também são aqui apresentados.

#### 2.1 O boticário e a botica na sociedade oitocentista

Naqueles tempos, de um passado não muito remoto, a cidade sem clubes sociais, a porta da farmácia era um ponto de reunião nas primeiras horas da noite. Ali se encontravam não somente os médicos, como também as pessoas importantes da cidade; bebericam um gole de licor de pequi, ou de jenipapo, vinho de Málaga ou mesmo elixir de Garus, e dissecavam os assuntos da cidade, do estado, do país e do mundo<sup>37</sup>.

O serviço do boticário era de grande préstimo à saúde da população, e era seu trabalho, na botica, que curava os doentes e concretizava também o triunfo do médico<sup>38</sup>. Na Comarca do Rio das Velhas, o farmacêutico foi tão ou mais importante que o médico e este não conseguiria executar bem o seu trabalho sem a ajuda daquele; o sucesso de um médico dependia da competência do outro.

As boticas dos oitocentos se apresentavam bem vistosas, com mobiliário de madeira e balcão vidrados, banquetas, boiões holandeses, livros da arte farmacêutica, objetos pintados e dourados, bem como grande riqueza de drogas e instrumental<sup>39</sup>(Fig.2). Costumavam ter uma sala da frente bem arrumada, onde ficavam expostos os medicamentos para a venda, com móveis em que os clientes poderiam aguardar sentados a preparação do medicamento<sup>40</sup>. As

---

<sup>34</sup> Nesta dissertação iremos nos referir de forma indistinta aos termos boticários e farmacêuticos, assim como boticas e farmácias.

<sup>35</sup> Para evitar repetições sequenciais, utilizaremos a denominação “Sabará e região” e “região do Rio das Velhas” como sinônimos de “Comarca do Rio das Velhas”.

<sup>36</sup> FIGUEIREDO, B. G. *A arte de curar: cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais*. RJ: Vício de Leitura, 2002; SANTOS FILHO, L. *História Geral da Medicina Brasileira*. São Paulo: HUCITEC: Editora da Universidade de São Paulo, 1991. Vol. 2. VOTTA, R. *Breve História da Farmácia no Brasil*. RJ: Laboratório Enila S. A., 1965.

<sup>37</sup> PAULA, H. *Em Montes Claros... a medicina do médico e a outra*. Montes Claros(s/e), 1982. p.372.

<sup>38</sup> Neste trabalho, tratamos por “médicos” os doutores em medicina.

<sup>39</sup> LUCCOCK, J. *Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil*. BH: Itatiaia. SP: Edusp, 1975.p.71; e inventários dos boticários listados no fim da dissertação.

<sup>40</sup> VOTTA, R. *Breve História da Farmácia no Brasil*. Rio de Janeiro: Laboratório Enila S. A., 1965. p.26.



boticas, assim conformadas, tornavam-se um local de encontros das pessoas da localidade; enquanto aguardavam o medicamento, conversavam, comentavam sobre assuntos diversos e espiavam a rua, para passar o tempo<sup>41</sup>. Enquanto o farmacêutico tinha o papel de anfitrião da cidade, de curador e de conselheiro de problemas cotidianos, na sua botica, participava-se de jogos, obtinham-se e transmitiam-se notícias, ao embalo de uma bebida.

Em alusão às boticas - no romance *Encarnação* - de José de Alencar, em 1893, cada bairro da Corte do Rio de Janeiro possuía seus parlatórios. Estes eram moinhos nos quais se triturava a matéria-prima para o fabrico da opinião pública. Alencar comenta, ainda, que as boticas foram as responsáveis também pela difusão de “mexericos<sup>42</sup>”. Com tom nostálgico, o memorialista Hermes de Paula disse que “Hoje, a farmácia perdeu a sua função social, até mesmo porque não há mais farmácias; há drogarias<sup>43</sup>”.

Em seu espaço de socialização, as boticas anteriores ao século XX, principalmente aquelas situadas nas pequenas cidades, poderiam mesmo se diferirem pouco de botequins<sup>44</sup>; afinal, também recorria-se a elas para tomar café, cerveja e bebida borbulhante<sup>45</sup>. O vinho espumoso e a limonada gasosa fabricada nestas farmácias, bem poderiam ter outro destino além do indicado pelo Formulário Chernoviz<sup>46</sup>.

As aguardentes, que também entravam na composição de alguns medicamentos, também teriam sido consumidas pelos clientes. Assim, tantas prateleiras com estas bebidas poderiam ser a justificativa encontrada por Coriolano de Carvalho comparar boticas e botequins<sup>47</sup>; soma-se a isso o fato de ela ser um dos únicos estabelecimentos com autorização para ter as portas abertas até às 22 horas<sup>48</sup>.

Os homens das mais variadas profissões reuniam-se naquele “centro social” para jogar cartas, dados e gamão<sup>49</sup>. Uma botica que pertencia à Congregação do Mosteiro de São Bento da Bahia foi, no período colonial, acusada de abrigar, além desses jogos, outros, que eram

<sup>41</sup> FIGUEIREDO, BG. *A arte de curar: cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais*. RJ:Vício de Leitura, 2002. p.189-210; SANTOS FILHO, LC. *História Geral da Medicina Brasileira*. São Paulo: HUCITEC: Editora da Universidade de São Paulo, 1991. Vol. 2. p.368.

<sup>42</sup> ALENCAR, J. *Encarnação*. (SL): Ed Tecnoprint, s.d. p.18.

<sup>43</sup> PAULA, H. *Em Montes Claros... a medicina do médico e a outra*. Montes Claros(s/e), 1982. p.372.

<sup>44</sup> CARVALHO, JC. *Da Pharmacia. Origem e evolução*. Memória para o Congresso Farmacêutico do Centenário. SP, 1922. Apud: RANGEL FILHO, A. A evolução da indústria farmacêutica no Brasil. In: *Separata da Revista Brasileira de Farmácia*. Ano: XXXVIII. Nº1-2. RJ. 1957. p.7.

<sup>45</sup> FIGUEIREDO, BG. *A arte de curar: cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais*. RJ:Vício de Leitura, 2002. p.195-196.

<sup>46</sup> O vinho espumoso e a limonada gasosa são medicamentos temperantes. Ver CHERNOVIZ, PLN. *Formulário e Guia medica*. 10ª edição. Pariz: Em Casa do Autor, 1879. p.178-179.

<sup>47</sup> CARVALHO, op cit.

<sup>48</sup> FIGUEIREDO. op cit. p.196.

<sup>49</sup> SANTOS FILHO, L. Medicina no período imperial. In: HOLANDA, SB. (org). *História Geral da Civilização Brasileira*. (A época imperial). Vol. 3. 3ª ed. Tomo II. Reações e transições.SP: Difel, 1976. p.483

proibidos a uma Congregação; jogos de apostas, os quais participavam pessoas não religiosas<sup>50</sup>.

Por outro lado, os farmacêuticos oitocentistas pareciam ser também pessoas religiosas. Eles possuíam livros e objetos relacionados ao catolicismo; alguns eram administradores de obras religiosas; o senhor Diniz Antônio Barboza, por exemplo, fez parte da Comissão encarregada de gerir as obras da Igreja Matriz da Freguesia de Congonhas do Sabará<sup>51</sup>. Em seu inventário foram encontrados bens como oratórios, imagens e pinturas de santos e livros, tais: Atlas de História Sagrada, Breviário, Novo Testamento, Flos Sanctorum em dois volumes. O Flos Sanctorum<sup>52</sup> era um livro presente na casa das famílias do século XIX que narrava várias histórias de vida de cada Santo, de acordo com suas datas onomásticas estabelecidas pela Igreja. Através da religiosidade, a relação dos farmacêuticos com uma pessoa doente se dava com mais proximidade, era certamente mais amigável e confortável naquela sociedade católica.

Muitas vezes, o boticário era a única pessoa disponível no momento e respeitada o suficiente para o desabafo dos moradores da localidade, talvez seu contato com a religião o legitimasse a auxiliar a população nos seus diversos problemas. Estabelecia-se assim uma relação de confiança, de amizade que ia além de uma respeitabilidade mútua existente entre um cliente e um fabricante de remédios.

Histórias de confiança das pessoas no farmacêutico podem ser encontradas na literatura. O boticário Crispim Soares, conhecido por seu silêncio constante, foi o confidente do segredo do alquimista no romance *O Alienista*, de Machado de Assis<sup>53</sup>.

Alguns livros de outras temáticas encontrados nas residências dos farmacêuticos nos autorizam a fazer algumas inferências sobre a conduta moral e familiar daquela sociedade. Cabe aqui esclarecer que, se por um lado a posse dos livros não significa sua leitura, por outro, algumas obras e autores indicam não apenas o perfil do leitor, mas ainda o perfil do proprietário de um objeto de consumo. Por lidarmos aqui com inventários, compreendemos o

<sup>50</sup> MARQUES, VRB. *Natureza em boiões: medicinas e boticários no Brasil setecentista*. Campinas: UNICAMP, 1999. p.217.

<sup>51</sup> Cartas de Patentes. SP/PP3,2. Caixa 22, Doc. 69. APM.

<sup>52</sup> Inventário CPON.I(25)694, CPON.I (36) 849 – 1872. AHCBG/MO. Sabará. Na província baiana, a memorialista Anna Bittencourt narra nos oitocentos que uma noviça lia para ela e sua mãe as histórias dos Santos presentes no Flos Sanctorum. O título completo desse livro é "*Flos Sanctorum, abreviado do compêndio das vidas dos Santos de especial veneração na Igreja de Deus, para se elegerem por advogados e protetores em qualquer dia do ano. Com várias reflexões, doutrinas morais e espirituais, exercícios para se imitarem as suas virtudes. E algumas devoções em benefício das almas do Purgatório.*" De autoria do Padre Francisco de Jesus Maria Sarmento(1713-1790) e publicado em Lisboa pela Tipografia da Academia Real de Ciências. BITTENCOURT, ARG. *Longos serões do campo*. Org. e notas de Maria Clara Mariani Bittencourt. RJ: Nova Fronteira, 1992. Vol.2. p.268.

<sup>53</sup> MACHADO de ASSIS. *O Alienista*. 33ªed. 5ª impressão. Série Bom Livro. SP: Ed. Ática, 2002. p.11-12, 21.

livro “não apenas em seu modo de produção, distribuição ou interesse intelectual”<sup>54</sup>. Além das obras de temas religiosos, alguns farmacêuticos como o Sr. Diniz Barboza e Romualdo Broxado, também possuíam livros<sup>55</sup> dedicados à família como os:

Livros de Conselhos à minha filha  
Livros de Guia dos Casados  
Livro de História do Dote de Suzana  
Livro Predileto da Infância

Alguns dos farmacêuticos tiveram muitos filhos e filhas. Diniz Antônio Barboza, por exemplo, teve dois filhos e quatro filhas, duas delas já eram casadas em 1856, ano em que o Sr. Barboza faleceu. O boticário João Xavier teve uma prole de oito, dois filhos e seis filhas<sup>56</sup>. Assim, tais livros, voltados às crianças, aos adolescentes e às futuras noivas seriam muito úteis para estas famílias; isso nos faz supor que os pais preocupar-se-iam em levar seus descendentes a um caminho condizente com os preceitos da boa família tradicional da sociedade mineira do Império, integrada no universo civilizatório dos livros. Uma onda de manuais dos meados do século XIX vinha instruir a juventude sobre a polidez na sociedade e recato religioso<sup>57</sup>.

Já comentamos acima que as boticas foram, além de suas originais atribuições, recintos onde se formavam opiniões; daí muitas vezes surgiam associações. As boticas da Itália, por exemplo, foram sedes de reuniões científicas, literárias e políticas. Nas boticas espanholas, importantes associações científicas originaram-se de reuniões literárias médicas<sup>58</sup>. Aqui no Brasil, alguns farmacêuticos puderam se agrupar em associações como a Sociedade Farmacêutica Brasileira de 1851, a Sociedade Farmacêutica do Maranhão de 1853, o Instituto Farmacêutico do Rio de Janeiro de 1858 e o Centro de Farmácia Mineiro de 1896<sup>59</sup>.

Marques observa que na ausência de órgãos de imprensa, as boticas do século XVIII foram espaços de circulação de idéias, opiniões e críticas<sup>60</sup>. Farmacêuticos e seus clientes foram, muitas vezes, formadores de opiniões e, em alguns locais, transformaram as farmácias em núcleos de agregação política<sup>61</sup>. Alguns memorialistas comentam que os boticários

<sup>54</sup> ARAÚJO, JS. *Perfil do leitor colonial*. Salvador: UFBA/Ilhéus: UESC, 1999. p.13.

<sup>55</sup> Os autores dos livros não são citados nos inventários.

<sup>56</sup> Inventários: CPON.I(25) 694 – 1856; CSO.I, Maço 102: 1880 / 1889- 1884 . AHCBG/MO.

<sup>57</sup> O padre francês José Inácio Roquette, por exemplo, além de ter escrito títulos para orientação religiosa, foi autor de outros sobre ortografia, história natural e manuais de comportamento. Um dos mais conhecidos é dirigido a pautar a diferença na educação de uma menina e um menino, na França do século XIX. Ver ROQUETTE, J. I. *Código do Bom-Tom*. SHWARCZ, L. M (org). SP: Cia. das Letras, 1997.

<sup>58</sup> MARQUES, VRB. *Natureza em boiões: medicinas e boticários no Brasil setecentista*. Campinas: UNICAMP, 1999.p.215.

<sup>59</sup> VOTTA, R. *Breve História da Farmácia no Brasil*. Rio de Janeiro: Laboratório Enila S. A., 1965.p.45

<sup>60</sup> MARQUES. op cit. p.221.

<sup>61</sup> O Desenvolvimento das Farmácias no Século XX. *Almanaque Renascimento*. 55ed., ano 2000.

entendiam de assuntos de política e até costumavam controlar a política do município<sup>62</sup>. Duarte nos relata que o farmacêutico Avelino Fóscolo, nos últimos anos do Império, se envolveu com a política da cidade de Taboleiro Grande, publicando - nos jornais - artigos polêmicos, contrários à escravidão e ao sistema monárquico<sup>63</sup>. Nos inventários de alguns boticários de Sabará e região, como Diniz Barboza e Romualdo Broxado, encontramos livros<sup>64</sup> com temáticas de política, geografia, Direito e outros.

Atlas do Globo  
Códigos das Leis Orfanológicas  
Dicionário Francês-Português  
Guia Prática do Povo<sup>65</sup>  
Livro de Código do Processo Criminal e Policial  
Livros de Coleção de Franklin  
Livro de Economia Humana  
Livros da Guarda Nacional<sup>66</sup>  
Livro de Aritmética  
Livros de O Fisionomista portátil  
Livro de Roteiro de Delegados  
Volumes de Código de Juízes de Paz

A posse de títulos relacionados à política, economia, geografia e direito apontam as predileções literárias da família e são indícios, à população, de que estes farmacêuticos eram homens cultos. Poderiam sugerir uma cultura que ia além dos seus saberes de botica, relacionados a um conhecimento eclético e sofisticado. Essa situação poderia proporcionar uma boa imagem do boticário junto à população, atribuindo a ele mais credibilidade, mais confiança e o aumento do fluxo de pessoas em sua botica.

O memorialista Hermes de Paula menciona alguns farmacêuticos de sua cidade que se destacaram na política e na sociedade, trabalhando como vereadores, presidentes e vices da Câmara Municipal como juiz municipal, jornalistas e fundadores de jornais<sup>67</sup>. Outros farmacêuticos também foram membros das Câmaras municipais<sup>68</sup>, além de terem sido eleitores. Na Paróquia de Nossa Senhora da Conceição do Sabará, no ano de 1868, havia quatro boticários qualificados para votar, o que significa que possuíam alguns requisitos para tal exercício. A Constituição de 1824, vigente em quase todo o século XIX, previa que o voto

<sup>62</sup> COELHO, GN. *Minas perpétua*. BH: SESC, 1986. p.182

<sup>63</sup> DUARTE, RH. *A imagem rebelde: a trajetória libertária de Avelino Fóscolo*. Campinas: Pontes / Editora Unicamp, 1991. p.32-40.

<sup>64</sup> Nos inventários não havia a autoria destes livros.

<sup>65</sup> Encontramos referência do *Guia Prática do Povo*, pertencente ao Sr. Diniz Barboza, no Almanak Laemmert, se tratando do Foro Civil e Crime Brasileiro. *Almanak Laemmert*. Livros modernos, 1851. p.263.

<sup>66</sup> Os livros da Guarda Nacional, pertencentes ao Sr. Romualdo Broxado, eram dedicados aos oficiais, praças e autoridades civis. *Almanak Laemmert*. Publicações modernas, 1859. p. 733.

<sup>67</sup> PAULA, H. *Em Montes Claros... a medicina do médico e a outra*. Montes Claros(s/e), 1982. p.364-372.

<sup>68</sup> Saúde Pública: SILVA, José Nunes Moreira. SP/PP1, 26. Cx.02; Doc.13. 1867. APM.

seria indireto, em dois níveis. No primeiro, as eleições seriam primárias de paróquia, das quais os farmacêuticos participavam para a composição de um corpo eleitoral, que por sua vez iria eleger os deputados, senadores e membros de Conselhos da Província. Além de indireto, o voto era também censitário e eram excluídos do direito de votar os menores de 25 anos, os religiosos regulares, os criados de servir e os que não possuíam uma renda anual de 100 mil réis<sup>69</sup>.

O restrito acesso ao ato de votar oferecia ao boticário um status que o autorizava a fazer parte da seleta parcela da população com direito de tomar decisões. De certa forma, o farmacêutico, com sua inserção na sociedade, poderia entender e talvez representar os desejos da população que não possuía acesso às decisões da cidade. Os boticários que - em 1868 - faziam parte da lista de cidadãos votantes da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição do Sabará eram João da Matta Xavier, Cyrilo Balthazar Xavier, Francisco Gonçalves Rodrigues Lima e Miguel Joaquim Pereira Junior<sup>70</sup>.

Dado seu status social, o farmacêutico instalava as boticas em locais privilegiados e centrais nas vilas e cidades, sempre nas vizinhanças das residências<sup>71</sup>. A proximidade geográfica com os moradores facilitava a obtenção de notícias e sua transmissão já que o boticário era um dos primeiros a obtê-las.

Nos momentos de dor física, era o boticário quem auxiliava e amparava o moribundo, ouvia suas dores e queixas, além de ser o responsável pelos primeiros cuidados, providenciando curativos e remédios<sup>72</sup>. De acordo com Fontoura, o farmacêutico de todos os tempos constituiu-se numa classe de sábios modestos e desinteressados, com uma série de atributos de valor:

A posição de destaque e de confiança do pharmaceutico na sociedade, bem como sua influencia sobre os que lhe pedem conselhos, exigem d'elle cultura geral, probidade, methodo, discreção, modestia, operosidade, ponderação, pontualidade, prudencia, alta moralidade, caridade e um subtil tacto, especialmente no tracto com os doentes<sup>73</sup>.

---

<sup>69</sup> NEVES, LMBP; MACHADO, HF. *O Império do Brasil*. RJ: Nova Fronteira, 1999. p.94.

<sup>70</sup> Livro de processo de qualificação de cidadãos votantes residentes na Parochia de Nossa Senhora da Conceição do Sabará. LEL. OB. 1868. AHCBG/MO.

<sup>71</sup> SOARES, MS. *A doença e a cura: saberes médicos e cultura popular na corte imperial*. Dissertação de Mestrado. Departamento de História da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 1999. p.28

<sup>72</sup> FIGUEIREDO, BG. *Artes de Curar*. Cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais. RJ: Vício de leitura, 2002. p.190.

<sup>73</sup> FONTOURA, C. *A Pharmacia no Brasil: ideias e sugestões a serem estudadas e discutidas na comemoração do I Centenario do ensino pharmaceutico no Brasil*. (S.L): (SN), (19-).p.10-11.

Fontoura finaliza o comentário dizendo que para complementar a tarefa do médico, o farmacêutico ainda deveria prestar apoio psíquico aos doentes, reforçando a confiança nas prescrições médicas. A omissão do auxílio do farmacêutico ao moribundo seria falta de ética profissional; dessa forma, a relação entre farmacêuticos e moribundos precisou ser trabalhada e cuidada para que a confiança permanecesse e, assim, os boticários mantivessem sua privilegiada posição na sociedade e perante outros que atuassem na cura.

Uma das formas para a sua popularidade foi o anúncio de seus serviços e/ou de botica na imprensa escrita. Os reclames nos jornais, também estabeleciam novas exigências de qualidade das boticas, estimulando a concorrência. Em algumas localidades, era possível encontrar apenas uma botica em uma rua, mas em outras poder-se-ia encontrar três<sup>74</sup>.

Em Sabará, o farmacêutico Américo Ferreira Passos anunciava em *O Contemporâneo*<sup>75</sup> a sua *Pharmacia Passos*, situada à Rua Direita. O reclame tinha a oportunidade de tornar público que a mesma se encontrava inteiramente reformada, dispondo de um completo sortimento de drogas, produtos químicos e farmacêuticos comprados nas melhores drogarias do Rio de Janeiro, com a disponibilidade de atender aos fregueses a qualquer hora da noite.

Em 1894 o jornal *O Contemporâneo* comunicava que,

O pharmacêutico Olympio Emilio da Silva participa aos seus numerosos fregueses e amigos, que tem constantemente grande sortimento de drogas e produtos químicos, achando-se portanto, nas condições de aviar toda e qualquer receita. Garante seus trabalhos e grande redução em preços.

O farmacêutico Olympio também tinha a sua farmácia situada na Rua Direita da Cidade de Sabará<sup>76</sup>, na mesma época que o dono da *Pharmacia Passos*. Num outro anúncio, o jornal comunicava que “o nosso velho amigo Antônio Machado Barbosa, inteligente e ilustrado pharmaceutico, residente em Páo Grosso”, retornará a cidade<sup>77</sup>. Tal recurso ao reclame na imprensa dá nova dimensão a fatos que poderia não ser facilmente percebidos pela população, como o retorno de um boticário.

Além de fornecer seus preparados à população, o boticário também fornecia drogas e medicamentos às boticas dos hospitais. Participavam de reuniões mensais, para deliberar sobre o fornecimento de medicamentos a preços módicos para a botica da Santa Casa da Misericórdia de Sabará. Neste hospital era bastante visível a concorrência entre os

<sup>74</sup> CMS: Impostos sobre lojas de 1893 e 1894. APM.

<sup>75</sup> *O Contemporâneo*, 28/06/1890. Nº40. Ano I. JA/Volume 83, 1890-1902. HPMG.

<sup>76</sup> *O Contemporâneo*, 09/09/1894. Nº29. AnoV. *O Contemporâneo*, 07/10/1897, JA/Volume 83, 1890-1902. HPMG. Trata-se de um jornal da Cidade de Sabará.

<sup>77</sup> *O Contemporâneo*, 27/11/1892. Nº142. Ano III. JA/Volume 83, 1890-1902. HPMG.

farmacêuticos, para a arrematação de seus remédios; assim os seus serviços ficavam expostos a todo o público. Da concorrência de 1856 da Santa Casa, por exemplo, participaram três boticários: Francisco Lima, Eduardo Moura e João da Matta Xavier. As propostas dos dois primeiros não foram aceitas por não corresponderem ao valor esperado, enquanto a do farmacêutico João Xavier, atendeu às expectativas do Hospital. Em Setembro de 1861, concorreram para o fornecimento de remédios na Santa Casa os boticários Américo de Paula Rocha e Francisco Gonçalves Rodrigues Lima. Venceu o último, pois ofereceu o medicamento e sanguessugas pelo preço de 900 réis<sup>78</sup>.

Outro serviço realizado pelo farmacêutico foi a avaliação de bens de boticas. A viúva de João da Mata Xavier, falecido em 1884<sup>79</sup>, nomeou o boticário Américo de Paula Rocha e o professor João Diniz Barboza como pessoas aptas a avaliarem os bens da farmácia do marido. Isso nos faz pensar que esses senhores já faziam parte do círculo de convivência social da viúva, estabelecido previamente por uma rede de comunicação entre os farmacêuticos. O inventário do falecido João Xavier nos apresenta informações sobre o professor João Diniz Barboza, filho do boticário Diniz Antônio Barboza. Apesar de ser professor de crianças numa Escola Normal, João Diniz provavelmente teria noções do ofício do pai, a ponto de ter sido escolhido para avaliar os bens da botica<sup>80</sup>.

O trabalho do boticário muitas vezes não era cobrado no momento em que foram prestados os serviços. Em alguns momentos, dispensavam da imediata remuneração para recebê-la dias, meses ou anos depois. O farmacêutico João da Matta Xavier manipulou cerca de sessenta receitas de remédios a um senhor enfermo durante oito meses e somente dois anos depois, inclusive já falecido o moribundo, o boticário de Sabará foi cobrar as dívidas da família<sup>81</sup>.

Além de João Xavier, Diniz Barboza e Francisco Lima<sup>82</sup> - da Comarca do Rio das Velhas - cobraram por seus serviços tempos depois da realização de seus trabalhos. Em geral, atitudes como estas eram reconhecidas pela população, que atribuíam aos farmacêuticos

---

<sup>78</sup> A nossa fonte não nos informa a quantidade de medicamento que o boticário deveria fornecer por este preço. PASSOS, ZV. *Notícia Histórica da Santa Casa de Sabará*. BH: Imprensa Oficial, 1929. p.158, 167.

<sup>79</sup> Inventário de João da Matta Xavier. I.CSO. Maço 102. 1880-1889. Fórum da Cidade Sabará.

<sup>80</sup> Inventário de Diniz Antônio Barboza. I.CPON(25)694 – 1856. ABG/MO; e VEIGA, José Xavier. *Efemérides Mineiras*. BH: Centro de Estudos Históricos e Culturais. Fundação João Pinheiro, 1998. p.713.

<sup>81</sup> Contas testamentárias: CPO.CT.TES(02)26. ABG/MO e CPON.I(36)846. ABG.MO.

<sup>82</sup> Execução Testamentária. OB/ABG. doc S/N, 1837;CPO/CTT(03), doc S/N, 1856. ; Avaliação de Bens, doc S/N, 1862.

predicados como: caridade, honestidade, pontualidade, prudência<sup>83</sup>, conduta regular, estimação pública, escrupulo, presteza e asseio no trabalho<sup>84</sup>.

## 2.2 O boticário e outras artes de curar

Realmente o boticário exerceu a Medicina – e por vezes a Cirurgia – por todo o decorrer do século XIX<sup>85</sup>.

A historiografia é unânime em afirmar que os farmacêuticos assumiram por muitas vezes as funções de médicos e de outros atuantes na cura durante o século XIX<sup>86</sup>. Essas eram práticas que acabavam acontecendo ao decorrer do tempo e com recorrência, principalmente naqueles lugares onde a presença de um médico se tornava difícil. À medida que os enfermos iam à sua farmácia buscar remédios, o farmacêutico observava os sintomas, comparava-os aos de outros pacientes que também passaram pela sua farmácia, relacionava-os aos possíveis remédios e, como tinha conhecimento dos componentes integrantes das fórmulas com maior aceitação, prescrevia<sup>87</sup>.

O exercício da medicina e de outras artes de cura pelos farmacêuticos da Comarca do Rio das Velhas corrobora a historiografia. O que percebemos é que o universo da cura ainda era ocupado por diferentes personagens, era ainda um campo em litígio e, do ponto de vista da população em geral, principalmente de quem vivia longe dos grandes centros, não havia uma delimitação clara entre as profissões, no século XIX. Podemos perceber ainda que esse universo envolvia, antes, crenças, religião, competência, amizade e confiança, do que ciência ou diploma profissional.

O comerciante Luccock, na Corte do Rio no início dos oitocentos, comentou que o saber dos farmacêuticos em diagnosticar e curar as doenças era pequeno, bem como era reduzido seus conhecimentos sobre o corpo humano<sup>88</sup>. O viajante Richard Burton, ao passar por Congonhas do Sabará em 1867, relatou que era estranho o fato de os homens do local

<sup>83</sup> FIGUEIREDO, BG. *A arte de curar: cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais*. RJ: Vício de Leitura, 2002. p.202

<sup>84</sup> Processo contra o boticário José Nunes da Silva. SP/PP1, 26. Documento 13, 1867. APM.

<sup>85</sup> SANTOS FILHO, L. *História geral da medicina brasileira*. SP: HUCITEC: Editora Universidade de São Paulo, 1991. vol.2. p. 369.

<sup>86</sup> *Ibidem*, vol.2; FIGUEIREDO, op cit.; SAMPAIO, GR. *Nas trincheiras da cura: as diferentes medicinas do Rio de Janeiro Imperial*. SP: Editora da Unicamp, 2001; NAVA, P. *Capítulos de História da Medicina no Brasil*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2003. Estas são apenas algumas das bibliografias que discorrem sobre o tema.

<sup>87</sup> FIGUEIREDO, BG. *A arte de curar: cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais*. RJ: Vício de Leitura, 2002. p.111.

<sup>88</sup> LUCCOCK, J. *Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil*. BH: Itatiaia. SP: Edusp, 1975. p.71



preferirem o atendimento dos boticários da região ao do médico da Companhia de Mineração do Morro Velho, que era gratuito. Segundo Burton, o farmacêutico naquele local nunca seria pobre, pois vendia medicamentos de má qualidade por um preço que o sustentaria pelo resto da vida. Esse viajante entendia que essas pessoas, ao abrirem mão do atendimento médico, escolhiam correr riscos de vida<sup>89</sup>.

Luccock e Burton, vindos da Europa, naturalmente comparariam as práticas de cura locais com o padrão da medicina européia; desconheciam as formas de curar praticadas pelos homens que aqui viviam e seus modos e hábitos particulares. No entanto, o que nos chama mais atenção nos relatos desses viajantes é, que de fato, os boticários assumiram o papel dos doutores e muitas vezes a população preferia os primeiros aos segundos no tratamento. Assim, podemos fazer algumas inferências em relação a esta predileção e encontraremos argumentos vários: a ausência de médicos, o valor do seu atendimento; a relação de proximidade entre farmacêutico e população; a forma pela qual as pessoas percebiam a doença e a cura, e a forma pela qual os boticários curavam.

Em muitos locais do território imperial havia grande dificuldade de se encontrar médicos. O romance *Inocência*, de Visconde de Taunay, narra a história de Cirino, um boticário prático que saiu andando pelo sertão do Brasil com um manual de medicina popular debaixo do braço. Assim, começou a medicar todos que encontrava pelo caminho e que, pela falta de médicos, não tinham a quem recorrer<sup>90</sup>. A mesma ausência de médicos pode ser sentida em outras localidades como na Comarca do Rio das Velhas. Em 1877, no Hospital da Santa Casa da Misericórdia da Cidade de Sabará, também não havia médico, aliás, neste período não havia médico na cidade:

Declara o Presidente ter convocado a prezente reunião para se tomar providencias sobre a falta de medico que trate dos doentes do Hospital, visto que o pharmaceutico Americo da Paula Rocha, que tem se prestado a acudir aos enfermos, n'ausencia absoluta de medico, como accode aos da cidade em geral inclusive autoridades judiciais e policiaes, não tem título que o habilite a exercer a medicina legalmente, comquanto seja muito habil, felis e prudente. A Mesa, depois de diversas considerações, girando todas em torno da difficuldade de se obter um medico para o serviço do hospital, não havendo um só residente na cidade, e considerando finalmente que a necessidade é a suprema lei, que rege acontecimentos anormaes, resolveo que o mesmo Pharmaceutico Americo de Paula Rocha continue a prestar soccorros aos doentes enquanto não se obtem medico [...]<sup>91</sup>

Encontramos ainda outro farmacêutico, na mesma instituição, que pelas mesmas razões atuava como médico e ao visitar os doentes não cobrava honorário: “Na ausencia de

<sup>89</sup> BURTON, RF. *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho*. SP: editora da USP, 1976. p.173.

<sup>90</sup> TAUNAY, A d'E. *Inocência*. Série Bom Livro. 8ª ed. SP: Ática, 1980. p.5-6.

<sup>91</sup> PASSOS, ZV. *Notícia Histórica da Santa Casa de Sabará*. BH: Imprensa Oficial, 1926. p.197-198.

medico, visitava os doentes o pharmaceutico Francisco Gonçalves Rodrigues Lima, que fazia gratuitamente<sup>92</sup>”. Era tido em tamanho apreço, que recebeu homenagens *post mortem* dos membros da Santa da Casa, em 1881:

O Tenente Coronel Francisco Gonçalves Rodrigues Lima foi casado com a Excelentíssima Senhora Dona Maria Jose Vaz de Lima. Pharmaceutico, figura bonissima de apostolo, prestou á pobreza sabarense serviços de larga benemerencia. Homem intelligente e probro, desempenhou com muito zelo, no antigo e novo regimen, cargos de responsabilidade[...]<sup>93</sup>.

Além dos boticários que forneciam cuidados médicos, muitos outros como Américo Ferreira Passos, também atuaram na Santa Casa, e prestaram seus serviços gratuitos<sup>94</sup>.

Rita Marques observa que os médicos que passaram pela Santa Casa desta cidade não eram numericamente suficientes para toda a população, o que se agravava mais nos arraiais. Outro ponto notado pela autora é que os hospitais ainda não haviam sido legitimados, naquela época, pela população em geral como espaço prioritário para se cuidar da saúde. O farmacêutico e os remédios de sua farmácia eram preferidos; se os remédios não faziam efeito, também não poderiam causar mal, afinal, melhor que nada era usar o medicamento<sup>95</sup>. Para a autora, a busca prioritária do boticário e sua botica, em relação ao um médico teria uma finalidade pragmática: na verdade, esta população estava mais interessada no alívio da dor do que na sua causa.

Entre os objetos farmacêuticos da Comarca do Rio das Velhas, havia alguns instrumentos e compêndios direcionados à atividade médica. Não podemos afirmar se os instrumentos eram usados pelos boticários para exercer a medicina, já que a farmácia era também local onde se vendiam instrumentos para a cura. De qualquer forma, objetos como lancetas, fios para curativos, seringas, termômetro e microscópio, podem significar o exercício da medicina pelos farmacêuticos, uma vez que apoiamos asserção em análises da historiografia e nos memorialistas já citados.

Na botica do Sr. Cândido Augusto da Rocha Cebollas, encontramos um “Altas de Anatomia ou estudo do organismo do homem e da mulher” e uma “Arte obstétrica ou Tratado completo dos partos<sup>96</sup>”. Este poderia ser de autoria do Dr. Langgaard, autor de um manual com o mesmo título. Na farmácia do Sr. Romualdo José Macedo Broxado constava um “Manual de Moléstias dos Olhos”. Os manuais poderiam estar ali para auxiliar esses

<sup>92</sup> Ibidem. p.207.

<sup>93</sup> Ibidem. p. 207.

<sup>94</sup> Ibidem. p.245, 248 passim. Este boticário dirigiu a botica da Santa Casa da Misericórdia de Sabará gratuitamente nos anos de 1897 a 1900.

<sup>95</sup> MARQUES, RC. *Imagem social do médico de senhoras no século XX*. BH: Coopmed, 2005. p.42.

<sup>96</sup> Os inventários não trazem a indicação dos autores das obras.

farmacêuticos em alguma atividade médica, para serem usados por um médico que atendesse nessas farmácias; ou ainda, esses compêndios, expostos, poderiam possuir apenas um efeito simbólico, indicativo da preocupação do boticário em adquirir informações aprofundadas da ciência médica, o que lhe conferia maior credibilidade.

Em outros pontos da Província e do Império poder-se-ia ver farmacêuticos atuando, em alguns momentos, como médicos, como na Vila do Pará, localizada na Comarca do Pará, onde não havia cirurgião nem médico. Dada essa ausência, era um boticário que, além de trabalhar com a sua arte, atendia a “população rica e pobre, salvando-os das enfermidades e das feridas, levando-os em um estado de saúde perfeita<sup>97</sup>”. Este mesmo farmacêutico era ainda convidado pelas autoridades policiais para fazer exame de corpo de delito em várias vítimas de crimes na região, pois era capaz de, segundo o delegado de polícia, classificar anatomicamente as partes do corpo humano<sup>98</sup>. Ou seja, essa situação nos faz pensar que era um agente de extrema importância para os moradores da região de onde residia, desde as pessoas comuns àquelas responsáveis pelo cumprimento das leis imperiais. A prática de prestar serviços de corpo de delito por parte dos farmacêuticos atravessou o século: no início do século XX ainda se encontravam, na nova capital mineira, Belo Horizonte, farmacêuticos exercendo esta função<sup>99</sup>.

Pedro Nava também concorda que a escassez do médico e a inacessibilidade dos preços cobrados por ele teriam sido os principais elementos que contribuíam para os boticários exercerem a cura<sup>100</sup>. Entretanto, talvez a explicação de Nava não seja a única, pois podemos destacar o conhecimento que o farmacêutico possuía sobre a terapêutica e a grande confiança da população em seu trabalho. O próprio Nava admitiu que a terapêutica sintomática do boticário não deixava de ter validade para quem não poderia dispor dos serviços médicos. O que pode ser percebido é que a medicina executada pelo farmacêutico era amplamente reconhecida pela população uma vez que possibilitava o alívio da dor ou a cura. Havia reconhecimento popular quanto à capacidade dos boticários em curar as moléstias daqueles que freqüentavam os balcões das boticas<sup>101</sup>. Portanto, mesmo atuando, em alguns momentos como médicos, sem o consentimento da lei, estes indivíduos possuíam credibilidade e o respaldo da população.

---

<sup>97</sup> Processo contra o boticário José Nunes da Silva. SP/PP1, 26. Documento 13, 1867. APM.

<sup>98</sup> Processo contra o boticário José Nunes da Silva. SP/PP1, 26. Documento 13, 1867. APM.

<sup>99</sup> MARQUES, RC. *Imagem social do médico de senhoras no século XX*. BH: Coopmed, 2005. p.44.

<sup>100</sup> NAVA, P. *Capítulos de História da Medicina no Brasil*. Londrina: Eduel; Cotia: Ateliê Editorial, 2003. p.208.

<sup>101</sup> SOARES, MS. *A doença e a cura: saberes médicos e cultura popular na corte imperial*. Dissertação de Mestrado. Departamento de História da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 1999. p.27

Outra razão para a preferência pela terapêutica do farmacêutico pode residir no fato dela estar mais próxima das concepções de doença e cura da população. Boticários poderiam saber traduzir melhor que outros profissionais da cura as aspirações e entendimentos de seus clientes sobre doença e cura<sup>102</sup>. Em geral, as concepções de doença e cura de parte da população oitocentista estava ainda mais voltadas ao sobrenatural, ao milagroso e maravilhoso, ao religioso<sup>103</sup>. A crença na terapêutica colonial, ainda tão enraizada nesta população dos oitocentos e que podia ser praticada nas boticas, poderia ter facilitado a aproximação entre estas pessoas.

Os farmacêuticos constituíam-se assim em homens de fronteira, que segundo Michel de Certeau queria dizer um terceiro que está “entre dois”, um espaço entre dois, um símbolo de intercâmbios e encontros entre os contrários<sup>104</sup>. Os farmacêuticos conseguiam ter acesso aos conhecimentos médicos-científicos da época e ao mesmo tempo executar a terapêutica que mais tinha a ver com as concepções da sociedade no período. Ele era capaz de absorver os saberes médicos que vinham das academias e entrecruzá-los na prática de curar com os saberes da medicina popular.

Não foi somente como médico que vimos os boticários atuando, em alguns momentos eles também sangraram, fizeram pequenas cirurgias e vacinaram. Desde o início do século é possível encontrar uma grande quantidade de documentos da Fisicatura-mor<sup>105</sup> concedendo cartas de aprovação a uma diversidade de homens que desejavam atuar, conforme a legislação, em um ofício de saúde. Na região que escolhemos para este estudo, foi possível encontrar, no período de 1811 a 1828, pelo menos nove agentes de cura que buscaram uma carta para a arte de farmácia<sup>106</sup>. Dentre esses, alguns também buscaram cartas para exercerem outras funções de curar.

---

<sup>102</sup> XAVIER, R. Dos males e suas curas. Práticas médicas na Campinas oitocentista. IN: CHALHOUB, S. *Artes e ofícios de curar no Brasil. Capítulos de História Social*. Campinas: Unicamp, 2003. p.345.

<sup>103</sup> SOARES, MS. *A doença e a cura: saberes médicos e cultura popular na corte imperial*. Dissertação de Mestrado. Departamento de História da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 1999. p.319-323 passim.

<sup>104</sup> CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano*. 1 Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994. p.213. Veremos melhor sobre o convívio de saberes sobre cura e o boticário como elemento de fronteira nos próximos capítulos.

<sup>105</sup> Este órgão atuou no Brasil de 1808 a 1828 e foi responsável pela concessão de cartas profissionais da área da saúde. Para mais detalhes ver: PIMENTA, TS. Barbeiros-sangradores e curandeiros no Brasil (1808-28). In: *História, Ciências, Saúde. Manguinhos*. V.1 n.1 (jul-Out. 1994). RJ: Fundação Oswaldo Cruz, Casa Oswaldo Cruz, 1997. Relação de boticários habilitados, 1811-1828.

<sup>106</sup> Documentos da Fisicatura Mor. CODES, Caixa 480; Pacote 4; AN. Veremos mais sobre este órgão e os boticários que ali buscaram suas cartas no capítulo II.

Diniz Antônio Barboza obteve, em 1826, sua carta de farmacêutico, o que será visto no próximo capítulo. Em 1820, foi perante as autoridades da Fisicatura requerer suas cartas de Artes de Sangria<sup>107</sup> e Cirurgia que foram escritas pelo mesmo órgão, da maneira a seguir:

Faço saber aos que a presente Carta de Exame virem que Diniz Antônio Barboza na Freguesia de Congonhas da Comarca de Sabará me representou por seu Requerimento que ele tinha praticado os annos da Ley, a Arte de Sangria, como mostrou pela Certidão que appresentou de seu Mestre, com quem tinha praticado, e porque queria huzar da mesma, me pedia (sic) que o admitisse a Exame na forma do Regimento, ao que não tenho duvida; por ser seu Requerimento justo, deferi e o admiti; e nomeei para Examinadores os cirurgiões confirmados: O Cirurgião Mor Antônio José Vieira Menezes, e Antônio Nogueira da Cruz, que prestarão juramento; e debaixo d'elle o examinarão, na minha presença, e da do Escrivão de meo Cargo, que esta sub-escreve; e depois de o argumentarem o tempo necessario, o derão por approved, Nemine descriptante [...]<sup>108</sup>

A Diniz Antônio Barboza se hade passar Carta de Confirmação de Cirurgia. Rio de 14 de Junho de 1820[...]<sup>109</sup>

Com as cartas de cirurgia e sangria, o Sr. Diniz Barboza, que somente mais tarde obteve sua carta de boticário, poderia prestar assistência aos moradores de Congonhas do Sabará, sangrando a população e fazendo pequenas intervenções. Percebemos a preocupação deste indivíduo em ascender profissionalmente. Ele primeiro buscou sua carta de sangrador, depois cirurgião e posteriormente, obteve sua carta de farmacêutico, considerada de *status* elevado junto à de médico, se comparada às demais<sup>110</sup>.

Alguns farmacêuticos da Comarca do Rio das Velhas como Romualdo Broxado e João Xavier aplicaram, em alguns momentos, as vacinas contra a varíola ou bexiga conforme denominação na época. Eles eram denominados Comissários Vacinadores. A legislação imperial de 1851, elaborada em virtude da criação da JCHP, ao discorrer sobre a inspeção da vacinação, determinava que nomeação dos comissários vacinadores municipais e paroquiais ficaria a cargo das comissões provinciais, subordinadas à Junta Central<sup>111</sup>. Desta forma, este órgão legislador entregou cargos de responsabilidade a esses farmacêuticos, indicando mais uma vez a confiança que a sociedade atribuía a estes homens.

Romualdo Broxado, ao escrever ao Inspetor Geral de Saúde Pública da Província, disse, logo no início de sua posse no posto de Comissário Vacinador, que ficou sabendo da

<sup>107</sup> Pelo Regimento da época, o exame da Arte de sangria exigia do pretendente ao ofício um tempo de prática de 2 anos. PIMENTA, TS. Barbeiros-sangradores e curandeiros no Brasil (1808-28). In: *História, Ciências, Saúde. Manguinhos*. V.1 n.1 (jul-Out. 1994). RJ: Fundação Oswaldo Cruz, Casa Oswaldo Cruz, 1997. p.358.

<sup>108</sup> Solicitação da carta de confirmação de Diniz Antônio Barboza nas Artes de Sangria. 1820. Fundo: Fisicatura – Mor. Seção de guarda: SDH. Código: 2 O CODES, Fichário 76, Gaveta: 06, Caixa 465, pacote 02. AN.

<sup>109</sup> Solicitação da carta de confirmação de Diniz Antônio Barboza nas Artes de Cirurgia. 1820. Fundo: Fisicatura – Mor. Seção de guarda: SDH. Código: 2 O CODES, Fichário 76, Gaveta: 06, Caixa 465, pacote 02. AN.

<sup>110</sup> PIMENTA, T. S. Barbeiros-sangradores e curandeiros no Brasil (1808-28). In: *História, Ciências, Saúde. Manguinhos*. V.1 n.1 (jul-Out. 1994). RJ: Fundação Oswaldo Cruz, Casa Oswaldo Cruz, 1997.

<sup>111</sup> Decreto Nº 828 de 29 de Setembro de 1851. Capítulo I, artigo 1º e Capítulo III.

existência de casos de bexigas em vários pontos de Minas Gerais. Ele comenta ainda que aplicou o pus vacínico em 427 moradores do município de Contagem e que, em virtude disso, precisava de mais tubos ou lâminas com vacina para aplicar na população e impedir que a doença se espalhasse. Fica, assim, bastante nítida sua preocupação e comprometimento profissional com a saúde da população e sua prontidão em tentar resolver o problema que afligia a sociedade<sup>112</sup>.

### **2.3 Posição financeira do boticário dos oitocentos**

Tentaremos agora conhecer um pouco de como foi a situação financeira dos boticários da Comarca do Rio das Velhas, na segunda metade do século XIX, numa sociedade que já não vivia mais o apogeu da mineração, mas que não deixou de ter uma economia dinâmica. Segundo a historiografia recente que estudou a economia mineira, o século XIX das Minas não foi estagnado pelo declínio do ouro; teve crescimento demográfico e econômico. A economia mineira possuía outras atividades econômicas além da mineração; era uma economia diversificada de abastecimento interno e externo. A economia da Província podia contar, por exemplo, com atividades agrícolas destinadas ao auto-consumo, ao mercado interno e a algumas províncias. Os setores da atividade industrial também foram importantes para a economia mineira como o setor têxtil e a siderurgia<sup>113</sup>. Sendo a economia assim diversificada e dinâmica, acreditamos que as farmácias, ao trabalharem com produtos de primeira necessidade, possuíam um fluxo, uma movimentação comercial. Logo, a renda dos farmacêuticos não poderia ser das piores, possibilitando-os a possuir bens de valor, no período.

As referências que temos a respeito da posição financeira dos boticários da cidade de Sabará e região, nos mostram que era a favor de uma posição econômica privilegiada naquela sociedade. Conforme já comentamos acima, Richard Burton relatou que na região do Morro Velho, “o boticário jamais era um pobre boticário. Duzentas libras de drogas de má qualidade lhe rendem £2.000 e o sustentam para o resto da vida<sup>114</sup>”. Esse viajante ficou impressionado com o fato de os farmacêuticos da região conseguirem se elevar financeiramente pela venda de seus remédios. Comenta, ainda, que entre os vinte estabelecimentos comerciais ali existentes havia mais de uma farmácia, o que nos faz pensar em alguma concorrência, que, no

---

<sup>112</sup> Saúde Pública: BROXADO, Romualdo José de Macedo. SP/PP1, 26. Cx.02; doc.37. 1870. APM.

<sup>113</sup> DUARTE, RH. *Noite Circenses: Espetáculos de Circo e Teatro em Minas Gerais no século XIX*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995. p.46-47. Ver também: LIBBY, DC. *Transformação e trabalho em uma economia escravista – Minas Gerais no século XIX*. SP: Brasiliense, 1988.

<sup>114</sup> BURTON, RF. *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho*. SP: Itatiaia. SP: USP, 1976. p.173.

entanto não os impedia de sobressaírem-se economicamente naquela sociedade do século XIX. De fato, havia uma grande demanda pelos serviços dos farmacêuticos, pois, como foi mencionado anteriormente, população preferia ser tratada pelo farmacêutico a receber os cuidados dos médicos<sup>115</sup>.

A memorialista Lúcia Machado observa que o Padre José Correia da Silva, “filho de um português abastado que tinha botica de remédios”, foi quem fez na Vila Real de Sabará, em 1773, uma das mais belas construções civis, o Solar do Padre Correia. O padre também era proprietário da Fazenda do Fidalgo<sup>116</sup>. Os bens do Padre, certamente, provinham da herança da família já que seu pai era um “abastado dono de botica de remédios”. Pelos inventários, notamos que alguns boticários podiam ter mesmo boas finanças. Chácaras, casas de sobrado e cobertas, casas de morada, casas de quintal em várias ruas, sítios, terras de cultura, ouro, prata, jóias em ouro, em prata e em brilhante, móveis de jacarandá e talheres em prataria são alguns dos bens que estes homens possuíam, além da farmácia e seus pertences<sup>117</sup>.

O senhor Romualdo Broxado, um dos farmacêuticos com mais posses entre os estudados, possuía, por exemplo, inúmeros escravos sadios e em bom estado: o preço mais elevado era o do escravo crioulo Malaquias de 28 anos, no valor de um conto e quinhentos mil réis. Na década de 70, a sua casa térrea de frente para o sobrado, com quintal cercado e plantado valia um conto e seiscentos mil réis. A sua botica inteira foi avaliada em seis contos de réis; a armação da botica, que incluía as prateleiras e o balcão vidrados, bem como a banquetta receberam o valor de duzentos mil réis. Broxado tinha ainda muitas peças em ouro, em prata, além de terras com plantações e outros bens de valor<sup>118</sup>.

Pensamos em três possibilidades de análise, sobre a origem da riqueza dos boticários. Uma delas seria outras fontes de renda, caso do farmacêutico João da Matta Xavier que, além da farmácia, possuía uma casa de secos e molhados e tinha autorização da Câmara Municipal de Sabará para mantê-los de portas abertas<sup>119</sup>. O Sr. Diniz Barboza também pode se enquadrar aí; além da botica, tinha, como o Sr. Romualdo Broxado, uma propriedade agrícola que tanto poderia servir para auto-consumo, como também para abastecer mercados locais. Este senhor possuía casas em várias ruas, escravos, peças em ouro e partes de outras terras, que, reunidos,

---

<sup>115</sup> BURTON, RF. *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho*. SP: Itatiaia. SP: USP, 1976. p.173

<sup>116</sup> ALMEIDA, LM. *Passeio a Sabará*. SP: Livraria Martins, 1956. p.39

<sup>117</sup> A relação dos inventários se encontra no final desta dissertação.

<sup>118</sup> Inventário Romualdo José de Macedo Broxado: CPONI(34)823, 1872; CPONI(36)849, 1876 – AHCBG/MO. Sabará.

<sup>119</sup> Registros de Licenças: XAVIER, João da Matta. CMS.202. 1845. APM.

constituíam um patrimônio de grande valor. Para termos idéia de valores, em 1856 a sua casa na Rua da Ponte valia um conto de réis; sua outra casa na Rua da Calsada, quinhentos mil réis; um de seus escravos valia duzentos e cinqüenta mil réis e uma de suas peças em ouro, que pesava 42 gramas, trinta e três mil e seiscentos réis<sup>120</sup>.

Outra fonte de riquezas vem das famílias abastadas, que deixam bens de valor como herança, aumentando assim o patrimônio destes boticários. Talvez esse tenha sido o caso de Cândido Cebollas, que era filho único e perdeu cedo seus pais. Além da herança dos pais, recebeu a herança do avô materno: a quantia de dois contos de réis, equivalente ao valor de quatro escravos e ouro lavrado na época. Este farmacêutico, apesar das heranças, não possuía tantas posses como casas e terrenos; talvez ele tenha investido consideravelmente em sua botica, que se apresentava bem equipada, com diversos remédios, livros e muito além do necessário a este estabelecimento. Em 1877, o estabelecimento deste senhor possuía, ainda, bens que, na época, não eram imprescindíveis a uma farmácia, como o microscópio no valor de oito mil réis e o termômetro de cinco mil réis. O valor do microscópio correspondia a quase duas vezes o valor da licença da botica e o termômetro ao valor de seis gramas de ouro na mesma época. Provavelmente ele estava mais interessado em suprir ao máximo seu estabelecimento e, assim, atrair a população<sup>121</sup>.

Sem dúvida, os boticários poderiam adquirir seus bens de valor com o próprio trabalho na farmácia e isso nos indica que ser farmacêutico neste período significava ter um *status* social. Cândido Cebollas não deixava de cobrar as dívidas contraídas pelos clientes de sua botica. Cobrou as dívidas de remédios do avô, no valor de quatrocentos e dez mil e quatrocentos e sessenta réis<sup>122</sup>, quantia próxima ao valor do escravo Martinho de 55 anos, pertencente ao avô. O boticário João Xavier também preparou mais de cinqüenta receitas a um senhor que se encontrava muito doente durante anos. Nenhuma delas foi paga durante o tempo em que o senhor permaneceu enfermo. Os remédios, no valor total de cinqüenta e oito mil e quatrocentos e quarenta réis, correspondente a uma casa de paiol com moinho, chiqueiro, quintal, cavalo e mais alguns pertences<sup>123</sup>, foram pagos somente após o falecimento do moribundo<sup>124</sup>. Outra família de um indivíduo doente também ficou devendo o preço das receitas de remédios aos farmacêuticos Francisco Gonçalves Rodrigues Lima, Eduardo José

---

<sup>120</sup> Inventário de Diniz Antônio Barboza: CPONI(25)694, 1856 – AHCBG/MO. Sabará.

<sup>121</sup> Inventário de Cândido Augusto da Rocha Cebollas: CPONI(37)856, 1877- AHCBG/MO. Sabará. No capítulo terceiro veremos mais sobre estes instrumentos.

<sup>122</sup> ANDRADE, José Maria. CPON.I(36)846. 1876 – AHCBG/MO. Sabará.

<sup>123</sup> Inventário de Angélica Albina Souza. CSOI(114)03. 1846 – AHCBG/MO. Sabará.

<sup>124</sup> Conta testamentária: Ano 1846. CPO-CT .Tes(02)26 – AHCBG/MO. Sabará.



de Moura e outros. Muitos outros boticários como os citados acima tiveram a atitude de fornecer os medicamentos sem receber a remuneração no momento da entrega; muitas vezes, porém, não deixavam de cobrá-las<sup>125</sup>.

Como chegamos a comentar, alguns destes farmacêuticos se mostravam generosos ao deixar as dívidas serem quitadas meses e anos depois; vimos também que outros não deixavam de cobrá-las. Os valores cobrados não eram módicos, e ficamos a pensar na relação destes boticários com a população pobre, que talvez compreendesse a maioria dos residentes nestas localidades. Para ficar mais claro o valor de um medicamento nos oitocentos, vamos detalhar alguns preços.

Em 1872, o preço de 120 gramas de jalapa, um purgante violento, custava dois mil réis, valor equivalente a um botão de ouro liso. Esse purgante era indicado na dose de um a cinco gramas, o que permitiria as pessoas tomarem no mínimo 24 de sua dose por este valor. Uma garrafa do anti-sifilítico robe de Laffecteur, muito famoso no período, valia dez mil réis, o que equivalia à metade da multa para quem abrisse botica sem licença<sup>126</sup>. O anunciante do Laffecteur relatava que para a cura da doença eram necessários dezenas de garrafas<sup>127</sup>, indicando que o paciente teria que gastar, durante o tratamento, no mínimo cem mil réis. Um vidro de óleo de fígado de bacalhau valia, no ano de 1877, dois mil e duzentos réis<sup>128</sup>.

Outro exemplo que podemos mencionar é o valor comercial da quina, um febrífugo poderoso e famoso. Temos informações de que ela não era uma casca de preço módico. Visconde de Taunay, em seu romance editado em 1872, menciona por meio de seu personagem Cirino que a quina era uma substância medicamentosa “cara” no comércio<sup>129</sup>. Os inventários do boticário Broxado da Comarca do Rio das Velhas, datado do mesmo ano do romance de Taunay, nos indica que 2,4 quilos de quina peruviana custavam onze mil e duzentos réis, o que correspondia ao valor aproximado de duas pequenas partes no pasto de um sítio pertencente ao mesmo farmacêutico<sup>130</sup>. No mesmo estabelecimento, oito gramas de sulfato de quinina, mais poderoso que a própria quina, valia mil e seiscentos réis<sup>131</sup>. Um adulto poderia tomar 0,8 centigramas desse sulfato entre os intervalos de febre e 8

<sup>125</sup> Conta Testamentária de VIANNA, Camilo Izidoro. Ano 1846. CPO-CT .Tes(02)26 – ABG/MO. BARBOSA, Francisco Xavier. CPO.CTT(03), 1856. Avaliação de Bens de 15/07/1862 (OB). AHCB/MO.

<sup>126</sup> Coleção das Leis da Assembléia Legislativa da Província de Minas Gerais. Resolução Nº1965 de 23/07/1873. artigo 84.

<sup>127</sup> *Almanak Laemmert*. Anúncios de Pariz, 1860.

<sup>128</sup> Inventário Cândido Augusto da Rocha Cebollas: CPONI(37)856, 1877- AHCBG/MO. Sabará.

<sup>129</sup> TAUNAY, A d'E. *Inocência*. 8ª ed. Série Bom Livro. SP: Editora Ática, 1980.p.20.

<sup>130</sup> Inventário Romualdo José de Macedo Broxado: CPONI(34)823, 1872 – AHCBG/MO. Sabará.

<sup>131</sup> CHERNOVIZ, PLN. *Diccionario de Medicina Popular e das sciencias acessorias*. 5ª edição. Pariz: Em Casa do Autor, 1878. vol. 2, p.664.

centigramas dariam para 10 doses<sup>132</sup>. Se a febre não cessasse nestas 10 doses, o doente teria que adquirir um pouco mais desse produto caro. Assim, vamos percebendo que o medicamento não era algo que poderia ser adquirido com facilidade na farmácia por pessoas que não possuíssem muitos recursos.

Se a população pobre não tinha como pagar por estes preços e os serviços prestados pelo boticário eram tão requisitados, como seria resolvida a questão do pagamento? Pensamos que esta questão possa ser explicada de duas maneiras. Uma seria, como já vimos anteriormente, a prestação de serviços de forma gratuita; e a outra possibilidade seria a retribuição, em forma de pagamento, através de trocas de produtos, em víveres ou favores<sup>133</sup>.

A necessidade de auxiliar o trabalho do médico, de manipular os remédios, de se ter um boticário em cada localidade e o próprio reconhecimento dessas necessidades pela sociedade foram definindo seu trabalho na sua botica como indispensável à população. Assim sendo, é possível compreender a grande inserção social destes agentes.

Mediante as informações de que os farmacêuticos constituíram-se em pessoas importantes para a sociedade, podemos fazer algumas outras indagações que nos ajudarão a conhecer mais sobre eles e seu ofício no capítulo 2. Como era a aquisição do saber farmacêutico que os ajudava a exercer sua profissão na sociedade? Como era a relação entre farmacêuticos que adquiriram seus saberes nas instituições acadêmicas e aqueles que aprenderam o ofício de maneira informal? O que os médicos faziam diante das atitudes dos farmacêuticos que exerceram, em alguns momentos, a medicina? Como a legislação imperial atuava sobre a atividade boticária e sobre o funcionamento da botica?

---

<sup>132</sup> CHERNOVIZ, PLN. *Diccionario de Medicina Popular e das sciencias acessorias*. 5ª edição. Pariz: Em Casa do Autor, 1878. vol.2, p.825.

<sup>133</sup> De acordo com Rita Marques, uma das formas que os clientes sem dinheiro encontraram para retribuir o atendimento dos médicos no início do século XX foi o fornecimento, em forma de pagamento, de víveres e outros bens, que iam de ovos a terrenos bem localizados. MARQUES, R. C. *Imagem social do médico de senhoras no século XX*. BH: Coopmed, 2005. Assim sendo, acreditamos que essa seria uma prática já executada pelo cliente na sua relação com boticário.

### 3. CAPÍTULO II

#### Boticar: a prática legislada

Neste capítulo, analisamos as legislações de saúde pública sobre a atuação dos boticários e o funcionamento das boticas. Investigamos as formas pelas quais os boticários estabelecidos na Comarca do Rio das Velhas no período oitocentista adquiriram seus conhecimentos. Nos dedicamos a analisar ainda a documentação na qual estão registrados os desentendimentos entre boticários acadêmicos e práticos, entre boticários e outros comerciantes e entre boticários e médicos. Observaremos também que as autoridades locais, por muitas vezes, permitiram ou facilitaram aos boticários o exercício da medicina ou da farmácia, ainda que não possuíssem títulos para tal.

Para entendermos as discussões e processos movidos entre os nossos diversos atuantes na cura na Comarca do Rio das Velhas na segunda metade do século XIX, foi necessário analisar a dinâmica das profissões com as quais tivemos contato naquela sociedade. Por um lado, foi difícil desvincular o objeto de estudo do afeto pessoal; por outro, ficou clara a necessidade de não cometermos avaliações judicativas das autoridades que os reprimiam ou daquelas que os defendiam. Da mesma forma, evitamos cometer equívocos no sentido de tornar ideológica a querela entre boticários e médicos ou entre boticários práticos e os de formação acadêmica, e configurar um quadro que só poderia ser explicado do ponto de vista reducionista da luta de categorias.

Ao longo desse capítulo, observamos uma documentação muito rica que, mais do que leis, processos e cartas, são documentos que nos fizeram refletir as diversas formas de nossos personagens transitarem nas suas redes de relações. Ora os boticários tiveram respaldo na população através de sua proximidade, amizade e confiança, ora foram favorecidos por aqueles que, em outros momentos, poderiam representar seus inimigos ou concorrentes. A flutuação das forças, às quais recorriam para manter suas farmácias abertas, variava também segundo as exigências da legislação sanitária e do aparato de que os boticários dispunham – clientelismo e “amizades”<sup>134</sup>. Tais recursos, que não eram excepcionais, servem para mostrar que a forma pela qual os boticários pautaram sua conduta, reflete seu traquejo em lidar com as normas sociais legitimadas no período.

---

<sup>134</sup> O historiador americano Richard Graham entende que *cliente* e *amigo* possam ter sido sinônimos ao longo do Império: “Depois da família vinha a clientela. Na maioria das vezes a palavra *amigo* significava protetor ou cliente. O protetor era *amigo* do cliente e vice-versa.” GRAHAM, R. *Clientelismo e política no Brasil do século XIX*. RJ: Ed. UFRJ. 1997. p. 304.

### 3.1 A aquisição de saber relativa à arte de boticar<sup>135</sup>

Os boticários adquiriram seus conhecimentos sobre sua arte de maneira formal ou informal. A informalidade predominava na época em que no território brasileiro ainda não existia escolas de farmácia, o que só vai ocorrer a partir da década de 1830. Mesmo após a criação das escolas de farmácia, persistia a informalidade no aprendizado do ofício, que se dava sob a orientação de um boticário e com o apoio dos manuais especializados no período. Por esta forma, muitos boticários realizavam exames práticos e teóricos junto aos órgãos legisladores a fim de obter cartas profissionais.

Florêncio Francisco dos Santos Franco, cirurgião mor do Reino, representante da Fisicatura Mor<sup>136</sup> da Capitania de Minas Gerais, procedeu ao exame do boticário Jerônimo Barboza da Comarca do Rio das Velhas<sup>137</sup>, que adquiriu seu saber por meio da prática em botica sob a orientação de um boticário:

[...]Certifico que Jerônimo Barboza Natural desta Villa Nova da Rainha Comarca de Sabará [...] me requereu por sua petição que o admetisse a Exame da Arte Pharmaceutica visto que havia praticado e estudado a mesma Arte não só os Annos do Regimento como inda mais com o Pharmaceutico aprovado Manoel da Silva de Azevedo[...]<sup>138</sup>.

Aprovado<sup>139</sup>, Jerônimo recebeu, após seis meses, sua Carta de Confirmação ou Carta de Boticário. As cartas profissionais eram permanentes e os pedidos de licenças eram provisórios e tinham validade de um a três anos conforme a análise do Físico Mor do Reino e de seus representantes<sup>140</sup>.

Os pedidos de oficialização dos ofícios da cura iniciavam um processo bem burocrático que consistia de solicitação pelo candidato para o exame, atestado do boticário aprovado com quem praticou o ofício, auto do exame realizado pela Fisicatura, e por fim,

<sup>135</sup> Como já foi dito anteriormente, os termos Boticar, Arte de boticar ou Arte boticária são usados para nos referirmos às práticas e saberes dos boticários.

<sup>136</sup> No capítulo I mencionamos que a Fisicatura Mor foi um órgão atuante no Brasil de 1808 a 1828 responsável pela concessão de cartas profissionais da área da saúde. Para mais detalhes ver: PIMENTA, TS. Barbeiros-sangradores e curandeiros no Brasil (1808-28). In: *História, Ciências, Saúde. Manguinhos*. V.1 n.1 (jul-Out. 1994). RJ: Fundação Oswaldo Cruz, Casa Oswaldo Cruz, 1997; ou PIMENTA, TS. *Artes de curar: um estudo a partir de documentos da Fisicatura-mor no Brasil do início do século XIX*.

<sup>137</sup> As Comarcas do Rio das Velhas e a de Sabará nem sempre possuíram o mesmo espaço físico; a Comarca de Sabará eventualmente era extinta e suas vilas passavam a pertencer a outras Comarcas. Quanto à criação e supressão de Comarcas, Cidades e Vilas, ver: CARVALHO, TF. *Comarcas e Termos: Creações, supressões, restaurações, incorporações e desmembramentos de comarcas e termos, em Minas Gerais (1709-1915)*. BH: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1922.

<sup>138</sup> Exame profissional de Jerônimo Barboza. GUIMARAES, Joaquim da Silva. 1811. Fundo: Fisicatura – Mor. Seção de guarda: SDH. Código: 2 O CODES, Fichário 76, Gaveta: 06, Caixa 465, pacote 02.

<sup>139</sup> O Regimento da época determinava que a prática em botica deveria ter a duração de 4 anos para requerer o exame. COELHO, EC. *As profissões imperiais: medicina, engenharia e advocacia no Rio de Janeiro, 1822- 1930*. RJ: Record, 1999. p.112-113.

<sup>140</sup> PIMENTA, TS. Barbeiros-sangradores e curandeiros no Brasil (1808-28). In: *História, Ciências, Saúde. Manguinhos*. V.1 n.1 (jul-Out. 1994). RJ: Fundação Oswaldo Cruz, Casa Oswaldo Cruz, 1997.p.351.

ordem para que fosse passada a carta ou a licença, que permitiria a livre prática no caso da arte de farmácia<sup>141</sup>.

O ritual de obtenção da Carta de Boticário de Diniz Antônio Barboza ilustra os trâmites desse processo. O examinador Ignácio Moreira, Comissário e Subdelegado da Fisicatura Mor, deferiu o pedido de exame do candidato:

Certifico em como por parte de Diniz Antonio Barboza Exposto ao Padre Joaquim Barboza Ferreira natural deste Arraial de Congonhas do Sabará [...] e nella morador me enviou a dizes (sic) por sua Petição por escripto o ademitisse a exame da Arte de Pharmacia, pella ter aprendido e praticado os annos que determina o Regimento, como me constou o pella justificação que perante mim fez: o que assim visto lhe deferi, que fazendo depozito na forma do Regimento observado neste Juizo lhe daria dia e hora para a tal exame [...]

O mesmo examinador descreveu, a seguir, as circunstâncias do exame propriamente dito, o resultado (aprovado) e o prazo (um ano) para Barboza apresentar em juízo a Carta:

[...] e como me constou telo feito lhe assignei o dia sete de março pellas oito horas da manham, e lhe nomeei para comigo o examinar por não haver outro Pharmaceutico, o Joaquim da Silva Guimaraes Boticario aprovado, e chegado o dia aprozado (sic) veio o suplicante perante mim em Cazas de minha residencia, e o dito Examinador por mim nomeado com o Escrivam deste Juízo e logo lhe deferi o Juramento dos Santos Evangelhos em hum Livro delles subcargo do qual lhe encarreguei, que bem na verdade, sem dollo, malicia ou affeição, examinacemos (sic) ao suplicante Diniz Antonio Barboza na Arte de Pharmacia e recebido debaixo delle assim o prometeo Cumprir; Logo por mim, e com elle lhe forão feitos as perguntas necessarias assim na Pratica, como na Theorica, com attenção aos pontos que se havia tirado, lhe forão dados na forma das leis e respondendo a tudo com prontidão, acerto e desembaraço, o havemos por aprovado. Nemine descripante, e mandei ao Escrivam do meo Cargo abaixo assignado lhe passou esta sedula, contra do mesmo theor para com ellas requerer sua Carta de Aprovaçam ao Ilustrissimo Excellentissimo Senhor Conselheiro Fizico Mor do Imperio, na forma do Estillo a quem satisfara seus devidos emolumentos, e de seos officiaes. E para apresentar neste Juizo a dita Carta, lhe concedo o tempo de hum anno, e esta vais por mim e examinados jurada e assignada[...]<sup>142</sup>

Pela descrição do exame, Diniz Barboza e Jerônimo Barboza aprenderam e praticaram o ofício num tempo igual ou superior a 4 anos. Aprenderam praticando com um boticário reconhecido. Assim, tantos boticários:

Aprenderam o ofício com os mais velhos, um pai ou avô ou com o antigo boticário da região. Muitos começaram seus trabalhos como auxiliares do farmacêutico: levavam o preparado aqui e ali, buscavam as matérias primas que faltavam,

<sup>141</sup> PIMENTA, TS. Barbeiros-sangradores e curandeiros no Brasil (1808-28). In: *História, Ciências, Saúde. Manguinhos*. V.1 n.1 (jul-Out. 1994). RJ: Fundação Oswaldo Cruz, Casa Oswaldo Cruz, 1997. p.351.

<sup>142</sup> Descrição Exame profissional de Diniz Antônio Barboza. GUIMARAES, Joaquim da Silva. 1826. Fundo: Fisicatura – Mor. Seção de guarda: SDH. Código: 2 O CODES, Fichário 76, Gaveta: 06, Caixa 465, pacote 02. O termo *Nemine Discrepante* era utilizado após o exame para demonstrar que o candidato havia sido aprovado nas arguições teóricas e práticas. Este termo vinha ainda escrito nas cartas profissionais dos aprovados. VOTTA, R. *Breve História da Farmácia no Brasil*. Rio de Janeiro: Laboratório Enila S. A., 1965. p.17.

observavam o mestre desenvolvendo o seu ofício, e desempenhavam o ofício como ajudantes<sup>143</sup>.

O ensino formal da Farmácia foi instituído oficialmente em 1832 no Rio de Janeiro e na Bahia, como anexo às respectivas escolas de medicina e com duração de 3 anos. Em 1839, cria-se a Escola de Farmácia de Ouro Preto<sup>144</sup>. Há indícios de que Cândido Augusto da Rocha Cebollas tenha sido formado pela Escola de Medicina do Rio de Janeiro: sabemos que ele se instalara na Corte com o fim de cursar os preparatórios que garantiriam seu ingresso nessa instituição. Cebollas teria se formado sob nova estrutura curricular, dada pela Reforma de Bom Retiro de 1854<sup>145</sup>. Por esta, o curso de Farmácia e os de Medicina e Obstetrícia tiveram o número de disciplinas ampliado, com a inclusão das cadeiras de Anatomia Geral e Patológica; Patologia Geral, Química Orgânica e Farmácia<sup>146</sup>.

Em 1839, na Província Mineira, foi criada a primeira Escola de Farmácia. Ali seria ensinado a Farmácia e a Matéria Médica, principalmente a brasileira. As condições para se freqüentar a Escola era saber ler e escrever as quatro operações de aritmética além de ter conhecimentos de francês<sup>147</sup>. No final do curso, os alunos faziam dois exames teóricos e um prático. Os teóricos tratavam dos princípios da arte, Botânica e História Natural das drogas simples; o prático consistia da realização de testes químicos e farmacêuticos, com descrição dos materiais, processos e resultados. O exame prático teria a duração de quatro dias<sup>148</sup>.

A partir de 1839, de acordo com a legislação provincial, ninguém poderia exercer a arte de farmácia sem o título dado pelos cursos oficiais. Os boticários que atuavam sem o título, a fim de estarem adequados à nova exigência, teriam seis meses para realizar os exames da Escola de Farmácia de Ouro Preto<sup>149</sup>. Porém, como era de se esperar, um grande número

<sup>143</sup> FIGUEIREDO, BG. *A arte de curar: cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais*. RJ: Vício de Leitura, 2002. p.207.

<sup>144</sup> VOTTA, R. *Breve História da Farmácia no Brasil*. Rio de Janeiro: Laboratório Enila S. A., 1965.p.28; EDLER, FC; FERREIRA, LO; FONSECA & MRF da. A Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro no século XIX: a organização institucional e os modelos de ensino. In: DANTE, MAM. *Espaços da Ciência no Brasil: 1800-1930*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001. p.65.

<sup>145</sup> No inventário do pai de Cândido Augusto Cebollas não havia menção do tempo em que o boticário permaneceu cursando no Rio de Janeiro, apenas que em 1858 ele já estava cursando os preparatórios para ingressar na escola de medicina da Corte: CEBOLLAS, Cândido Augusto (pai). CSOI(antigo)Maço 80(14). 1858. AHCBG/MO. Sabará.

<sup>146</sup> EDLER, FC; FERREIRA, LO; FONSECA & MRF da. A Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro no século XIX: a organização institucional e os modelos de ensino. In: DANTE, MAM. *Espaços da Ciência no Brasil: 1800-1930*. RJ: Editora Fiocruz, 2001. p.67.

<sup>147</sup> Coleção das Leis da Assembléia Legislativa da Província de Minas Gerais. Resolução N°140 de 04/04/1839. artigo N°7 (dispõe sobre o que seria ensinado) e N°9 (dispõe sobre a duração dos exames práticos).

<sup>148</sup> O aluno, para fazer os exames, teria que freqüentar por um ano a Escola de Farmácia de Ouro Preto. Coleção das Leis da Assembléia Legislativa da Província de Minas Gerais. Resolução N°140 de 04/04/1839. artigo N° 12, 1 e 2.

<sup>149</sup> Coleção das Leis da Assembléia Legislativa da Província de Minas Gerais. Resolução N°140 de 04/04/1839. artigo N°11, 16, 17.

de boticários sem diplomas manifestou seu descontentamento com a nova lei e, assim, os legisladores, em 1841, criaram uma Resolução provincial que dispensaria os boticários dos exames, desde que pudessem comprovar que, em 1839 já exerciam a profissão há seis anos<sup>150</sup>.

Na década de 1850, o curso em Ouro Preto continuava sendo ministrado em dois anos, de acordo com Dias, mas com novas disciplinas; no primeiro ano ensinavam-se Química e Farmácia, e, no segundo, eram Matéria Médica e Botânica. As aulas teóricas e práticas aconteciam em uma única sala, na qual os alunos dividiam espaço com a mobília e o material de ensino: copos, retortas, tubos e frascos de substâncias medicamentosas. No decorrer do curso, os alunos tinham obrigatoriamente que praticar o que aprenderam na Escola em farmácias da cidade de Ouro Preto. No final dos dois anos, se o proprietário julgasse que o aspirante estava apto a fazer o exame final, concederia um atestado de habilitação para a petição do exame<sup>151</sup>. Sob este currículo, formaram Cirillo Baltazar Xavier e José Marciano Gomes Baptista - farmacêuticos que atuaram na Comarca do Rio das Velhas<sup>152</sup>.

Em 1872, o curso foi ampliado para três anos, com a inclusão de novas disciplinas: Física e Mineralogia, além da exigência de exames de aritmética, geometria e francês para matrícula; dessa maneira as aulas já não aconteciam mais em uma única sala<sup>153</sup>. Em 1876, o curso de farmácia foi novamente reorganizado. Continuou a ser ministrado em três anos e cada cadeira passava a ter a duração semestral<sup>154</sup>. O farmacêutico Antônio Martinho Xavier, que participara das concorrências para abastecer a farmácia da Santa Casa de Sabará, comentadas no capítulo anterior, se formou sob este novo currículo<sup>155</sup>. Nas décadas de 1880 e 1890 houve cinco reformas: 1880, 1882, 1889, 1891 e 1893. Em 1882 passaram a sete o número de cadeiras aplicadas à medicina, lecionadas por cinco lentes. O curso permaneceu com a duração de três anos e o currículo ficou organizado da seguinte forma<sup>156</sup>.

1ºano: 1ª cadeira - Física e Zoologia

2ª cadeira - Química mineral e Mineralogia

---

<sup>150</sup> Os seis anos deveriam ser contados até a promulgação da lei de 4/4/1839. Ver DIAS, JR. Apontamentos Históricos do Sesquicentenário da Escola de Farmácia de Ouro Preto. 3 ed. rev Ouro Preto, UFOP/Escola de Farmácia, 1989. p.36.

<sup>151</sup> DIAS, JR. Apontamentos Históricos do Sesquicentenário da Escola de Farmácia de Ouro Preto. 3 ed. rev Ouro Preto, UFOP/Escola de Farmácia, 1989. p.37-38.

<sup>152</sup> Ibidem, p.135.

<sup>153</sup> Ibidem, 1989. p.38.

<sup>154</sup> Ibidem, p.38.

<sup>155</sup> Ibidem, p.136.

<sup>156</sup> Sobre as duas primeiras reformas ver Regulamento N°89 de 89 de 22/04/1880; Lei N°2904 de 9/11/1882; Regulamento N°97 de Abril de 1882 e DIAS, Ibidem. p.41.

2ºano: 1ª cadeira - Botânica  
2ª cadeira - Química Orgânica  
3ºano: 1ªcadeira - Toxicologia  
2ªcadeira - Matéria Médica  
3ªcadeira- Farmacologia

Esse novo currículo, quando comparado ao de 1839, teve mudanças significativas, que permitiram aos futuros boticários um conhecimento amplo da área médico-farmacêutica. No mesmo ano houve ainda um acontecimento importante para a Escola de Farmácia: o diploma de farmacêutico obtido pelas Escolas de Farmácias criadas pelas Assembléias Legislativas Provinciais, nessa categoria estava incluída a de Ouro Preto, passaria a ter validade em todo território nacional<sup>157</sup>. O boticário Américo Ferreira de Passos, que possuía botica estabelecida em Sabará e que também dirigiu a botica da Santa Casa desta cidade<sup>158</sup>, se formou sob este último modelo de currículo e a tempo de ter seu diploma válido para todo o País<sup>159</sup>. Eduardo José de Moura Filho, formado sob este último modelo curricular, em 1890, era filho do boticário Eduardo José de Moura, um dos que forneciam remédios à farmácia da Santa Casa de Sabará<sup>160</sup>. As reformas de 1889, 1891 e de 1893 instalaram novos laboratórios e ampliaram os que já existiam. Além disso, com a reforma de 1893, a Escola de Farmácia passou a fornecer diplomas de Farmacêutico e de Bacharel em Ciências Naturais e Farmacêuticas<sup>161</sup>.

Devido aos muitos regulamentos que reformularam o ensino farmacêutico, o ofício cada vez mais foi se especializando, enquanto cresciam as exigências para o ingresso no curso e os esforços dos próprios alunos das escolas. As pressões destes novos profissionais e as legislações sanitárias cada vez menos flexíveis contribuíram para que se fechasse o cerco dos boticários que praticaram sem um diploma. O decreto do Governo Provisório de 10 de Janeiro de 1891 proibia os indivíduos de atuarem em qualquer ramo da arte de cura, caso não houvesse se graduado ou não fossem licenciados pelas instituições oficiais de ensino<sup>162</sup>.

---

<sup>157</sup> Coleção das Leis do Império do Brasil. Decreto Nº3072 de 27/05/1882 e Coleção das Leis do Império do Brasil. Decreto Nº8950 de 9/06/1883. Desde a criação da Escola de Ouro Preto, os farmacêuticos ali formados só poderiam praticar nos limites da Província e Minas; a ampliação para o território nacional se dá pelo Decreto Nº3072 de 27/05/1882.

<sup>158</sup> PASSOS, ZV. *Notícia histórica da Santa Casa de Sabará*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1929,p.239.

<sup>159</sup> DIAS, JR. *Apontamentos Históricos do Sesquicentenário da Escola de Farmácia de Ouro Preto*. 3 ed. rev Ouro Preto, UFOP/Escola de Farmácia, 1989. p.137.

<sup>160</sup> *Ibidem*, p.140.

<sup>161</sup> *Ibidem*. p.43.

<sup>162</sup> *Ibidem*, p.43.



### 3.2 A legislação imperial de saúde pública sobre os boticários e suas boticas

Na década de 1850 foi criada a Junta Central de Higiene Pública no Império do Brasil, órgão consultor do Império para as questões de saúde pública. Em 1851, uma série de leis veio normatizar o exercício dos ofícios da cura e, dentre eles, o dos boticários<sup>163</sup>.

De acordo com o Regulamento de 1851<sup>164</sup>, as visitas sanitárias seriam feitas, no caso da Comarca do Rio das Velhas, por membros da Provedoria de Saúde Pública acompanhados pelo fiscal das câmaras municipais<sup>165</sup>. Nessas visitas seriam averiguados inúmeros quesitos:

- Se a botica estava devidamente sortida de remédios, vasilhames, instrumentos, utensílios e livros indicados pelas tabelas organizadas pela Junta Central de Higiene Pública<sup>166</sup>.
- Se alguma substância estava falsificada, corrompida ou alterada.
- Se os medicamentos e drogas estavam deteriorados ou já destituídos de seu vigor para produzir seus efeitos.
- Se as preparações foram feitas segundo as fórmulas prescritas pelo Código Farmacêutico e pelos médicos<sup>167</sup>.
- Se os boticários estavam com seus diplomas, licenças, lista dos nomes dos médicos que prescreviam receita, tabelas de substâncias venenosas e as farmacopéias indicadas pela JCHP<sup>168</sup>.

Como as visitas sanitárias ocorriam pelo menos uma vez no ano e em épocas não definidas<sup>169</sup>, estes estabelecimentos deveriam estar em qualquer época, de acordo com a legislação para que não fossem multados ou fechados. Fechadas, só poderiam ser reabertas após nova inspeção<sup>170</sup>.

<sup>163</sup> Coleção das Leis do Império do Brasil. Decreto N°828 de 29/09/1851.

<sup>164</sup> Segundo Coelho o Regulamento de 1851 foi talvez a última regulação imperial importante quanto à regulação do exercício profissional, pois as subseqüentes conservaram a essência dela. COELHO, EC. *As profissões imperiais: medicina, engenharia e advocacia no Rio de Janeiro, 1822- 1930*. RJ: Record, 1999. p.138.

<sup>165</sup> Coleção das Leis do Império do Brasil. Decreto N°828 de 29/09/1851, artigo N°58.

<sup>166</sup> Tabella dos medicamentos, vasilhames, instrumentos, utensis e livros, organizada em virtude do art. 57 do Regulamento da Junta Central d'hygiene Publica de 29 de Setembro de 1851 para as Boticas do Império. RJ: Typographia Nacional, 1852. SDE. Rel. 15. JCHP (1851-53). Ofícios e documentos diversos. Fundo:Série saúde. Gabinete do Ministro. AN e Tabella dos medicamentos, vasilhame, instrumentos, utensilios e livros, organizada, em virtude do art. 56 do Regulamento de 19 de Janeiro de 1882, pela Junta de Hygiene Publica para as pharmacias do Império do Brazil. Decisões do Governo: N°16 - Em 14 de Setembro de 1882.

<sup>167</sup> Coleção da Leis do Império. Decreto N°. 828 de 29/09/1851, artigo N°. 59.

<sup>168</sup> Coleção da Leis do Império. Decreto N°. 828 de 29/09/1851, artigo N°. 64.

<sup>169</sup> Coleção da Leis do Império. Decreto N°. 828 de 29/09/1851, artigo N°. 48.

<sup>170</sup> Coleção da Leis do Império. Decreto N°. 828 de 29/09/1851, artigo N°. 66. Nas próximas páginas veremos, a partir da documentação da Provedoria de Saúde Pública, exemplos de como as leis atuaram na Província de Minas e em específico na Comarca do Rio das Velhas.

O regulamento de 1851 previa que ninguém poderia exercer a medicina, ou qualquer dos seus ramos, sem título conferido pelas Escolas de Medicina do Brasil. A partir daí, de acordo com o regulamento, nenhum boticário sem o diploma poderia trabalhar<sup>171</sup>. Aqueles que já possuíam diplomas teriam que apresentá-lo à Junta de Higiene Pública na Corte do Rio de Janeiro, e, quem não residisse na capital federal, poderia dirigir-se à Comissão e Provedoria de Saúde Pública nas Províncias. O boticário seria matriculado nestas instituições e, no verso do diploma *o visto* seria lançado e assinado<sup>172</sup>.

A matrícula e o visto no diploma tornaram-se essenciais para o exercício legal da farmácia<sup>173</sup>. Cumprindo as exigências da Junta Central de Higiene, em 1869, o farmacêutico Guilhermino Estevão do Nascimento, morador de Santa Luzia na Comarca do Rio das Velhas, apresentou seu diploma para o visto do Doutor Inspetor de Saúde Pública<sup>174</sup>. Feita a matrícula, o boticário não precisaria requerer licença das câmaras municipais para exercer o ofício ou abrir farmácia; o importante era estar matriculado. A matrícula não precisava ser refeita se o boticário fosse mudar de localidade dentro da mesma Província, mas caso se transferisse para outra, a autoridade que o havia matriculado deveria lançar um *Passe* no verso do diploma, a fim de que fosse provada a identidade do boticário e a posse do documento<sup>175</sup>.

O controle dos boticários e de suas boticas era realizado pelas câmaras municipais que deveriam enviar os nomes dos boticários matriculados em cada localidade à Junta de Higiene e a seus órgãos subordinados<sup>176</sup>. A câmara municipal fixava em lugares públicos os editais elaborados pela Inspetoria de Saúde Pública das Províncias, solicitando a apresentação das licenças e matrículas:

O Doutor Domingos Nogueira Inspector Interino de Saude Publica em cumprimento ao officio do Exm. Governo da Provincia pelo presente edital faz publico, que todos os Boticarios, que obtiverão licença do Ministerio do Imperio para ter botica aberta, e que ainda a não apresentarão a Exm Presidencia para por o competente – cumpra-se -, - o deverão fazer dentro do prazo de tres mezes, sem o que não terão assaz licenças vigor; e assim tambem á esta Inspectoria para ser matriculadas como é exegido (sic) pelos Decretos nº828 de 29 de Setembro de 1851, e de nº1959 de 22 de Agosto de 1857<sup>177</sup>.

Os distritos, ao receberem os Editais, respondiam:

Accuzo o recepção do officio de VSª datado de 29 de Abril proximo findo, o que acompanhou o Edital para ser ffixado no lugar mais publico deste Districto o que

<sup>171</sup> Coleção da Leis do Império. Decreto Nº. 828 de 29/09/1851, artigo Nº25.

<sup>172</sup> Coleção da Leis do Império. Decreto Nº. 828 de 29/09/1851, artigo Nº28.

<sup>173</sup> Coleção da Leis do Império. Decreto Nº. 828 de 29/09/1851, artigo Nº29.

<sup>174</sup> PP1, 26. Cx.02. APM

<sup>175</sup> Coleção da Leis do Império. Decreto Nº.828 de 29/09/1851, artigo Nº31.

<sup>176</sup> Coleção da Leis do Império. Decreto Nº. 828 de 29/09/1851, artigo Nº32.

<sup>177</sup> Documentos diversos. SP/PP1, 26. Caixa 02, Doc. 12; 1869. APM.

emmediatamente o fis comprir. Quanto porem a relação junto a este [?] so dous existem e huma casa de Droga que não faz a manipulação [...]  
 Lista de Boticários que tem no Sabará de portas abertas são os seguintes:  
 Rua do Fogo, João da Matta Xavier, Não Matriculado  
 Rua [?], Francisco Gonsalves Rodrigues Lima, Matriculado  
 Rua Direita, Manoel de Abreo Lusitano, Droguista não [matriculado]<sup>178</sup>

Em 1869, no Distrito de Congonhas do Sabará, havia três farmácias abertas: a do Capitão Eduardo José de Moura; a do Sr. Manoel Correia Lima e a do Sr. Joze Maria Pereira da Silva. Havia também uma botica de propriedade da Companhia do Morro Velho, porém sem boticário. O Sr. João Baptista Teixeira de Souza Júnior, que nela trabalhava, havia se retirado para Ouro Preto<sup>179</sup>. O distrito de Contagem respondeu à Provedoria que lá existia o boticário Romualdo de Macedo Broxado. Este possuía licença assinada pelo Ministério do Império desde 1860, registrada na Secretaria de Estado e na Secretaria da Província, e apresentada ao Inspetor de Saúde Pública na cidade de Sabará.

Em 1872, a Câmara Municipal de Sabará apresentava a seguinte relação de boticários legalmente habilitados:

Cidade de Sabará: João da Matta Xavier; Francisco Gonçalves Rodrigues Lima  
 Congonhas do Sabará: Capitão Eduardo José de Moura; Manoel Correa Lima  
 Curral d'El Rey: Jacintho Pereira da Silva  
 Contagem: Romualdo José de Macedo Broxado (Fallecido)  
 Venda Nova: Jose Marciano Gomes Baptista  
 Santa Quiteria: Francisco da Silva Lopes<sup>180</sup>

Os nomes dos boticários, depois de enviados pelas Câmaras Municipais à Provedoria de Saúde Pública, eram lançados no livro de matrícula, publicados e remetidos à Junta de Higiene<sup>181</sup>. Todos aqueles já matriculados nas Câmaras estariam aptos a exercer sua profissão, independentemente de nova matrícula<sup>182</sup>.

Para manter suas boticas abertas, os boticários não habilitados de toda a Província faziam requerimento ao Inspetor Interino de Saúde Pública, como ocorreu com um boticário da Comarca de Pitangui, Pedro Epiphanio Pereira, na Província de Minas, que verificava alguns quesitos:

- se sua botica estava aberta no local antes da promulgação do Regulamento de 1851 da Junta Central de Higiene Pública.

<sup>178</sup> Documentos diversos. SP/PP1, 26. Caixa 02, Doc. 13; 1869. APM.

<sup>179</sup> Documentos diversos. SP/PP1, 26. Caixa 02, Doc. 13; 1869. APM.

<sup>180</sup> Documentos diversos. SP/PP1, 33. Caixa 225, pacote 21, 1872. APM.

<sup>181</sup> Coleção das Leis do Império do Brasil. Decreto N°828 de 29/09/1851, artigo N°34.

<sup>182</sup> Coleção das Leis do Império do Brasil. Decreto N°828 de 29/09/1851, artigo N°35.

- se havia a necessidade de sua conservação no mesmo local.
- se não havia botica dirigida por boticário habilitado na região.
- se sua botica apresentava-se regularmente sortida dos medicamentos, drogas mais procuradas e indispensáveis às aplicações terapêuticas mais urgentes.
- a habilidade na prática boticária e o modo como executava a manipulação<sup>183</sup>.

Esses quesitos se relacionavam ao Decreto Imperial N°2055 de 19 de Dezembro de 1857, que estabelecia que os farmacêuticos não habilitados poderiam receber licenças para permanecer com suas farmácias de portas abertas, desde que elas já existissem antes do Regulamento de 1851. A mesma legislação que restringia o exercício da profissão aos não formados, também liberava a atuação dos práticos já em exercício que cumprissem as exigências estabelecidas.

Os boticários Armando Belisário de Freitas e João Xavier cumpriram tal norma da legislação. João Xavier não estava matriculado na Câmara Municipal de Sabará em 1869, embora já tivesse licença para manter uma botica há muitos anos<sup>184</sup>; três anos depois, ele estava devidamente habilitado<sup>185</sup>. O Sr. Armando Belisário de Freitas pediu a licença ao Inspetor Interino de Saúde Pública de Minas Gerais para manter a farmácia aberta, mas não foi possível saber se ele a obteve ou não, nem se sua botica continuou aberta<sup>186</sup>.

Entre as exigências que a legislação de saúde pública impunha aos boticários para sua habilitação estava uma certidão dos médicos da região, com o fim de comprovar o domínio da prática e o sortimento da farmácia<sup>187</sup>. A polícia sanitária visitaria as boticas anualmente para fiscalizar as condições de salubridade e verificar se os boticários administravam apenas uma farmácia. Pelo artigo N°52 do Regulamento de 1851, os boticários não poderiam administrar mais de uma botica, nem abrir outra sem colocar ali outro profissional habilitado. Outra tarefa a cargo da polícia sanitária era fiscalizar se os boticários aferiam os pesos, medidas e balanças, e se os rótulos estavam devidamente colocados nos vasilhames ou nos envoltórios nos quais se guardavam os remédios. De acordo com o artigo 53 do mesmo Regulamento, as substâncias venenosas ativas deveriam ser colocadas em locais separados das outras e guardadas à chave, que seria de responsabilidade do boticário ou de seu ajudante<sup>188</sup>. Infelizmente, os inventários dos boticários<sup>189</sup> não nos permitem visualizar como estas drogas

<sup>183</sup> Documentos diversos. SP/PP2,4. caixa 01, Documento 33, 1870. APM.

<sup>184</sup> Registro de licença. CMS. 202, 1845; Profissões urbanas. CMS. 220, 1853. APM.

<sup>185</sup> Documentos diversos. SP/PP1, 26. caixa 02, documento 13. 1869; PP1,33. caixa 225, pacote 21, 1872.

<sup>186</sup> Documentos diversos. SP/PP1, 26. caixa 02, pacote 6. 1871.

<sup>187</sup> Coleção das Leis do Império do Brasil. Decreto N°828 de 29/09/1851, artigo N°57.

<sup>188</sup> Coleção das Leis do Império do Brasil. Decreto N°828 de 29/09/1851, artigo N°53.

<sup>189</sup> A referência dos inventários está indicada no fim desta dissertação.

venenosas estavam dispostas dentro das boticas, também não encontramos indícios de que o Regulamento tivesse sido observado nesse item.

A partir de 1853, a Câmara Municipal de Sabará ordenava que seus Fiscais e os subdelegados dos distritos visitassem duas vezes por ano os estabelecimentos farmacêuticos. Durante a visita seria verificado se os pesos e balanças estavam padronizados. Em 1878, por exemplo, o padrão deveria ser dado em gramas e quilogramas, e não mais em grãos e onças. O fiscal da Câmara municipal, Manoel Rodriguez Vasconcellos, em 1878, visitara no Distrito de Congonhas do Sabará a farmácia do Sr. José de Miranda Correia, que ainda não havia apresentado seu título de boticário. O fiscal Vasconcellos que dera o prazo de oito dias para que o Sr. Corrêia apresentasse o título, recebeu deste o comentário<sup>190</sup>:

Ilmo Sr. Presidente e mais vereadores. Illma Câmara da digníssima da Cidade Sabará. Cheio de contentamento recebi hoje um officio do Fiscal deste Destricto transmittindo-me por copia, o que recebeu de VSS com datta de 9 do corrente, ordenando-lhe que me marcasse o praso de 8 dias para dentro delle apresentar eu o Titulo que tenho e pelo que me julgo habilitado para exercer a Arte de Pharmaceutico. Digo que cheio de contentamento, por ver que a Camara deste Municipio supposto que tande procura cumprir com seo dever, e so tenho de lamentar que ela não seja igual nesta exigencia; porque sendo eu o ultimo que aqui cheguei, dos que se dão a est'arte, fui o primeiro de quem ella se lembrou, tendo-lhe o presente guardado silencio quanto a diversos Medicos da Companhia Inglesa, que curão publicamente à Brasileiros; à um Boticario que aqui existe; à outro Boticario impregado na mesma Cia e a outros que haverão para fora do Destricto; cujos nenhum previllegio tem para se lhes dispensar esta justa, e legal exigencia, na qual a Ley nos compreende à todos, e que lhe apresente so se exerceona (sic) minha pessoa. Incluso apresento meo Titulo para em concideração o reparo que tomo a liberdade apresentar à respeito dos indicados<sup>191</sup>.

Esse boticário enviou seu título conforme requereu a autoridade. Problemas e rusgas como os citados pelo boticário José serão analisados no próximo tópico.

Uma das formas de controlar o exercício da profissão pelo órgão legislador era, sem dúvida, os impostos e os pagamentos de licenças de ofícios e de seus estabelecimentos. Na década de 1850, cada uma das farmácias de Sabará teria que pagar 4.000 réis de licença para continuar com as portas abertas. Para pagar esta licença, o Sr. Barboza poderia vender 1,200 quilos de medicamentos anti-sifilíticos de sua botica.

Em 1873 o rigor da legislação de saúde pública crescia; a Câmara Municipal de Sabará cobraria de cada boticário habilitado que abrisse botica sem licença a multa de 20 a 30.000 réis<sup>192</sup>. Os farmacêuticos que vendessem, mesmo que em doses miúdas, substâncias venenosas e suspeitas, ou remédios ativos, a escravos ou pessoas desconhecidas, sem as

<sup>190</sup> Documentos diversos. SP/PP1, 33. Caixa 250, pacote 59. APM.

<sup>191</sup> Documentos diversos. SP/PP1, 33. Caixa 250, pacote 60. APM.

<sup>192</sup> Coleção das Leis da Província Mineira. Resolução N°645 de 14 de Junho de 1853 e Resolução N°1965 de 23/07/1873. artigo N°84.

prescrições médicas, seriam punidos com multas de 15 a 30.000 réis<sup>193</sup>. A quantidade e a qualidade de veneno deveria ser declarada em um livro específico, com o nome do comprador, o dia e a hora da venda<sup>194</sup>. A multa para as drogas e remédios adulterados e expostos para a venda também era de 15 a 30.000 réis e duplicada nas reincidências<sup>195</sup>.

Os boticários tinham a permissão para vender substâncias corrosivas, mas somente sob a receita de um médico. Caso a venda fosse por conta própria – falta gravíssima - ele seria multado em 20.000 réis e 8 dias de prisão; nas reincidências, a pena seria dobrada<sup>196</sup>.

Quando necessário, os fiscais seriam acompanhados por médicos de partido nas visitas às boticas para melhor averiguar o estado das substâncias e do estabelecimento. Se o boticário se opusesse a esta visita, pagaria multa de 20.000 réis e a visita seria feita à sua revelia. Nestas condições, se fossem detectadas irregularidades quanto aos medicamentos, o farmacêutico pagaria de 45 a 150.000 réis de multa<sup>197</sup>. Na documentação consultada, não encontramos boticários da Comarca do Rio das Velhas que se opuseram às visitas. Muito pelo contrário, a documentação consultada nos tem indicado que pelo menos parte deles cumpria com as exigências impostas pela legislação sanitária. Vejamos a seguir a situação legal dos farmacêuticos levantados na Comarca do Rio das Velhas.

---

<sup>193</sup> Coleção das Leis da Província Mineira. Resolução N°645 de 14 de Junho de 1853 e Resolução N°1965 de 23/07/1873. artigo N°85.

<sup>194</sup> Coleção das Leis do Império do Brasil. Decreto N°828 de 29/09/1851, artigo N°70. Nas páginas seguintes veremos que alguns comerciantes da Província mineira também vendiam as substâncias corrosivas.

<sup>195</sup> Coleção das Leis da Província Mineira. Resolução N°645 de 14 de Junho de 1853 e Resolução N°1965 de 23/07/1873. artigo N°88.

<sup>196</sup> Coleção das Leis da Assembléia Legislativa da Província de Minas Gerais. Resolução N°645, 14/06/1853, artigo N°4.

<sup>197</sup> Coleção das Leis da Província Mineira. Resolução N°645 de 14 de Junho de 1853 e Resolução N°1965 de 23/07/1873. artigo N°87.

**Tabela 1: Relação dos boticários da Comarca do Rio das Velhas na segunda metade dos oitocentos**

Boticários	Botica aberta	Posição legal	Localidade
Américo Ferreira Passos	Sim	Diplomado pela Escola de Farmácia de Ouro Preto em 1884. Fornecia remédios à botica da Santa Casa da Misericórdia de Sabará	Rua Direita, Cidade de Sabará. 1884, 1893
Américo de Paula Rocha	Sim	Sem informação. Fornecia remédios à botica da Santa Casa da Misericórdia de Sabará	Comarca de Sabará. 1861
Américo Pereira da Silva	Sim	Licenciado e de formação prática. Trabalhou na botica da Santa Casa de Sabará	Comarca de Sabará. 1894
Antônio Severino de Castro e Silva	Sim	O fato de acusar um boticário de atuar ilegalmente, nos sugere que possui posição profissional legal	Matosinhos de Santa Luzia. 1888
Antônio Martinho Xavier	Sim	Diplomado pela Escola de Farmácia de Ouro Preto em 1878 e fornecia remédios à Santa Casa da Misericórdia de Sabará	Comarca de Sabará. 1878
Armando Belisário de Freitas	Sim	Provavelmente possuía posição profissional legal, pois aparece na documentação como requerente de licença para sua botica.	Cidade de Santa Luzia. 1871
Bernardino de Miranda Lima	—	Provavelmente possuía posição profissional legal. Foi farmacêutico da farmácia da Santa Casa de Sabará	Cidade de Sabará. 1894
Cândido Moreira Pinto	Sim	Provavelmente sim, ele consta na documentação como também Comissário Vacinador.	Santa Quitéria. 1871
Cândido Augusto da Rocha Cebollas	Sim	Provavelmente se formou na Escola de Medicina do Rio de Janeiro	Freguesia de Contagem. 1877
Cândido José Coutinho da Fonseca	Sim	Diplomado pela Escola de Medicina do Rio de Janeiro e fornecia remédios à botica da Santa Casa de Sabará	Comarca de Sabará. 1879
Carlos Martins	Sim	Licenciado	Cidade de Sabará. 1888
Cassiano Nunes Moreira	Sim	Licenciado	Arraial de Contagem.
Cirillo Balthazar Xavier	Sim	Diplomado pela Escola de Farmácia de Ouro Preto em	Paróquia de Nossa Senhora da Conceição do Sabará. 1865-66

		1866 e fornecia remédios à botica da Santa Casa de Sabará. Já exercia o ofício de botica antes de se diplomar.	
Diniz Antônio Barboza	Sim	Licenciado e tem carta de farmacêutico desde 1826 pela Fisicatura Mor	Congonhas do Sabará. 1852, 1856
Eduardo José de Moura	Sim	Carta de farmacêutico desde 1827 pela Fisicatura Mor. Fornecia remédios à botica da Santa Casa da Misericórdia de Sabará Também foi Comissário Vacinador .	Congonhas do Sabará. 1871
Estanislau Luiz Moreira	Sim	Licenciado e de formação prática	Cidade de Sabará. 1852
Francisco da Silva Lopes	Sim	Licenciado e de formação prática	Arraial de Contagem. 1872
Francisco Gonçalves Rodrigues Lima	Sim	Licenciado e Matriculado. Fornecia remédios à botica da Santa Casa da Misericórdia de Sabará	Rua São Pedro, Cidade de Sabará. 1872, 1893
Francisco da Silva Lopes	Sim	Licenciado	Santa Quitéria. 1872
Guilhermino Estevão do Nascimento	A documentação nos permite acreditar que sim.	Diplomado e acreditamos que foi licenciado e matriculado, uma vez que apresentou seu diploma à Inspeção de Saúde para obtenção do <i>Visto</i> .	Santa Luzia, Sabará. 1869
Jacinto Heliodoro da Costa	A documentação nos permite acreditar que sim.	Carta de farmacêutico desde 1827 pela Fisicatura Mor	Cidade de Sabará.
Jacinto Pereira da Silva	Sim	Licenciado	Curral d'El Rey, 1872
Jerônimo José da Silva kalazans	—	Sem informação, mas possui formação prática em boticas e trabalhou na botica da Santa Casa de Sabará., dirigindo-a durante um ano.	Cidade de Sabará. 1892
João da Matta Xavier	Sim	Licenciado. Matriculado após 1869. Fornecia remédios à botica da Santa Casa da Misericórdia de Sabará	Rua do Fogo, Cidade de Sabará 1845, 1853, 1869, 1872, 1884
João Batista Teixeira de Souza Junior	Sim	—	Congonhas do Sabará. 1869
João Damaceno Diniz Moreira	Sim	Licenciado	Arraial de Contagem. 1893-94.
João Miranda Lima	Sim	Licenciado	Rua Direita, Cidade de Sabará. 1893



José Maria Pereira da Silva	Sim	Licenciado	Congonhas do Sabará. 1869
José de Miranda Corrêa	Sim	Titulado	Congonhas do Sabará. 1853
José Marciano Gomes Baptista	Sim	Diplomado pela Escola de Farmácia de Ouro Preto em 1866 e fornecia remédios à botica da Santa Casa de Sabará	Venda Nova. 1866, 1872
José Nunes Moreira	—	Obteve a Carta de Farmacêutico pela Fisicatura Mor em 1811	Sabará
José de Oliveira Campos	—	Carta de farmacêutico desde 1827 pela Fisicatura Mor	Cidade de Sabará. 1872
Manoel Alves de Macedo	A documentação nos sugere que ele era um boticário que possuía uma casa de negócios na qual também vendia remédios, além de outros artigos.	—	Paróquia de Nossa Senhora da Conceição do Sabará. 1855
Manoel de Abreo Lusitano	Sim	Não matriculado	Rua Direita, Sabará. 1869
Manoel Correia Lima	Sim	Licenciado	Congonhas do Sabará. 1854
Miguel Joaquim Pereira Junior	—	—	Paróquia de Nossa Senhora da Conceição do Sabará. 1868
Olimpio Emilio da Silva	Sim	Licenciado	Rua Direita, Cidade de Sabará. 1893
Paulo Antônio Avellar	—	Carta profissional pela Fisicatura Mor em 1812	Vila do Sabará. 1812
Romualdo José de Macedo Brochado	Sim	Carta de Farmacêutico concedida pelo Governo Provincial em 1859 e Licenciado	Arraial de Contagem. 1872
Tertuliano Luiz Moreira	Sim	Acreditamos que seja licenciado, pois acusa outro boticário por atuar ilegalmente	Cidade de Sabará. 1888

FONTE: **APM**, SP/ PP1, 26 e PP2,4, 1850-1886; CMS 1851-1894. Coleção das Leis da Assembléia Legislativa da Província de Minas Gerais Nº1042 de 6/07/1859; **AN**, Fisicatura Mor, 2 O, CODES, Cx.480, Pac. 04; **AHCBG/MO**, Inventários, Contas testamentárias, Relação de Cidadãos votantes; **Memorialistas**: PASSOS, ZV. *Notícia histórica da Santa Casa de Sabará*. BH: Imprensa Oficial, 1929; DIAS, JR. *Apointamentos Históricos do Sesquicentenário da Escola de Farmácia de Ouro Preto*. 3ª Ed Ouro Preto: Rev. Ouro Preto, UFOP, 1989. Ver a descrição dos mesmos nas referências, no final da dissertação. As datas mencionadas nesta relação de boticários se referem ao período no qual encontramos os registros dos mesmos.

Por meio deste quadro, o que percebemos é que de um total de 40 farmacêuticos levantados na segunda metade do século XIX, 70% (28) possuíam habilitações, em 20% (8)

deles não encontramos informações, porém a documentação consultada nos permite sugerir que estavam legais profissionalmente; 7,5% (3) não possuíam informações e a documentação não nos permite inferir a situação legal, somente 2,5% (1)<sup>198</sup> não estava matriculado conforme a legislação, no período em que encontramos sua documentação. Assim, concluímos que grande parte desses boticários buscava ter uma situação regular quanto às leis que regulavam a profissão.

Em 1882, a Junta Central de Higiene Pública criou um novo Regulamento a partir do qual nenhum farmacêutico prático receberia mais licença para abrir botica<sup>199</sup>; os privilégios dos já licenciados seriam mantidos. O diploma de farmacêutico torna-se condição *sine qua non* para o exercício da profissão:

D'ora em diante a nenhum prático se concederá licença para ter botica. Havendo reclamação dos habitantes de algum lugar onde não haja botica, a respectiva Camara Municipal, si julgar procedente a reclamação, providenciará com os meios a seu alcance para que alli se estabeleça um pharmaceutico legalmente habilitado<sup>200</sup>.

Caso houvesse a necessidade de botica em algum local onde não residisse boticário habilitado, a câmara municipal não abriria exceções: buscaria alguém com as respectivas habilitações para estabelecer a farmácia. Todavia, nos é indicado que mesmo com esta proibição os não habilitados continuaram a exercer, o que pode ter provocado, anos mais tarde, uma nova reorganização da legislação, mudando este item.

O Decreto Nº.9554 de 3 de Fevereiro de 1886, que reformulou o Regulamento de 1882, reverteu o panorama a favor dos práticos não habilitados. O novo Regulamento extinguiu a Junta Central de Higiene Pública, criou a Inspeção Geral de Higiene e assistiu-se, no Império, até o final do século, a uma grande retomada dos boticários pelas licenças especiais<sup>201</sup>. Esse decreto em seu artigo 65 permitia que farmacêuticos práticos obtivessem licenças para atuarem nas localidades onde não houvesse farmácia dirigida por profissionais habilitados. Entretanto, o farmacêutico teria que certificar, por documentos, sua capacidade e integridade profissional, após a comprovação da necessidade de uma botica no local.

Requerida a licença, a Inspeção de Higiene publicaria no Diário Oficial e no jornal oficial da Província de onde partiu o pedido, que um prático pretendia estabelecer-se na localidade; caso nenhum farmacêutico formado viesse a requerer a licença para se estabelecer

<sup>198</sup> Os valores percentuais são aproximativos.

<sup>199</sup> Coleção das Leis do Império do Brasil. Decreto Nº8387 de 19/01/1882, artigo Nº73 e Coleção das Leis do Império do Brasil. Nº7 de 22/05/1882.

<sup>200</sup> Coleção das Leis do Império do Brasil. Decreto Nº.8387 de 19/01/1882, artigo Nº.73.

<sup>201</sup> Documentos diversos. SP/PP1, 26; nos anos de 1886 a 1890, por exemplo.

no mesmo local, o prático estaria licenciado permanentemente<sup>202</sup>. A licença deste boticário só teria validade no local em que sua botica fosse estabelecida; a transferência de local exigia novo trâmite para a obtenção da autorização<sup>203</sup>.

Em 1891, boticários práticos atuaram nas farmácias de instituições como a da Santa Casa de Sabará, por recomendação de médicos e Delegados de Higiene municipais:

O Presidente comunica à Casa o falecimento do Farmacêutico José Marciano Gomes Batista e pede providências da Mesa para a sua substituição, fazendo ler uma carta do Doutor Joaquim Aureliano Sepúlveda, Delegado de Higiene do Município e Médico da Santa Casa, onde diz do prático que, atualmente serve na Farmácia: que as habilitações do senhor Comendador Jerônimo Kalazans o colocam a par dos mais hábeis profissionais. Resolve-se contratar o prático comendador Jerônimo pagando-se-lhe a gratificação anual de setecentos e vinte mil réis<sup>204</sup>.

A comunicação foi dirigida a todos os médicos e farmacêuticos que prestavam serviços ao hospital. Numa situação “excepcional”<sup>205</sup>, Jerônimo Kalazans, sem diploma, certificara sua capacidade de trabalhar na farmácia da Santa Casa da Misericórdia de Sabará através da sua inserção na pequena rede de relações sociais do local. Não somente o prático Kalazans assumiu a direção da botica daquele hospital; muitos boticários práticos ali exerceram seu ofício até o início do século XX.

Entre os inúmeros artigos dos Regulamentos da Junta de Higiene, havia um específico para averiguação de todos os itens necessários a uma botica. Para ter este estabelecimento sortido de remédios e utensílios necessários naquela época, os farmacêuticos deveriam seguir as tabelas de medicamentos e instrumentos propostas pela Junta Central de Higiene Pública. Mudanças e reorganizações dos regulamentos restringiam a prática da arte farmacêutica e apontaram para a urgência da formação acadêmica e do diploma para o exercício da farmácia.

### 3.3 Divergências e conflitos nas artes de curar

Como vimos anteriormente, o farmacêutico José de Miranda Corrêa, ao mostrar seu título à Câmara Municipal de Sabará, aproveitou para manifestar sua profunda indignação a respeito de médicos e farmacêuticos atuarem sem terem apresentado seus títulos<sup>206</sup>. Nesta Comarca, havia conflitos de todos os tipos: entre médicos e boticários, entre boticários e negociantes, e entre boticários habilitados e aqueles chamados de práticos.

<sup>202</sup> Coleção das Leis do Império do Brasil. Decreto Nº.9554 de 03/02/1886, artigo Nº.66.

<sup>203</sup> Coleção das Leis do Império do Brasil. Decreto Nº.9554 de 03/02/1886, artigo Nº.68.

<sup>204</sup> PASSOS, ZV. *Notícia histórica da Santa Casa de Sabará*. BH: Imprensa Oficial, 1929. p.226.

<sup>205</sup> Digo excepcional partindo do princípio de que a regra seria seguir o artigo 43 do Decreto Nº169 de 18 de Janeiro de 1890, mas acreditando que as autoridades locais se fariam prevalecer, mormente nas pequenas vilas.

<sup>206</sup> Saúde Pública: CORRÊIA, José de Miranda. SP/PP1, 33. Cx.250; pac. 60. 1853. APM.

O convívio entre médicos e farmacêuticos nem sempre foi amistoso, era comum as autoridades receberem denúncias e pedidos de averiguações sobre o exercício ilegal da medicina e da farmácia. Em 1853, por exemplo, o Fiscal do Distrito de Congonhas de Sabará recebeu um ofício do Presidente da Câmara Municipal de Sabará para tomar providências quanto ao fato de os boticários estarem exercendo a medicina. O Fiscal, que se comprometera a tomar providências para conter tal irregularidade<sup>207</sup>, deveria multar o infrator em 100 mil réis. No caso de reincidência, a multa seria duplicada e o indivíduo passaria 15 dias na cadeia<sup>208</sup>.

Em 1866 na Santa Casa da Misericórdia de Sabará, o médico do partido que ali prestava assistência, havia criado incômodos ao boticário do hospital. Francisco Gonçalves Rodrigues Lima havia sido contratado para fornecer os medicamentos prescritos em um livro confeccionado pelo médico, e receberia por este serviço um valor fixo, estipulado no contrato, mas o médico acabou produzindo outro livro, no qual as fórmulas resultavam em medicamentos com preços superiores aos inicialmente estabelecidos. O farmacêutico, que se prejudicaria com a produção dos novos remédios, sentindo-se perseguido pelo médico, comunicou ao Hospital que iria rescindir o contrato. Os membros da Irmandade constataram a irregularidade do médico e o demitiram. Quanto ao boticário, este continuou a exercer sua arte na Santa Casa de Sabará<sup>209</sup>. No capítulo anterior, vimos que este farmacêutico, na ausência de médico, também assistia aos doentes desse hospital<sup>210</sup>.

Sem dúvida, o fato de muitos boticários exercerem o ofício dos médicos era o motivo de sérias brigas. No entanto, durante todo o Império, o universo da cura ainda era um vasto campo ocupado por diferentes personagens, diplomados ou não; era um campo em constante litígio, no qual, uns buscavam sua afirmação e legitimidade através da fiscalização profissional e procuravam suprimir de seu caminho outros, que os impediam de atingir seus objetivos. Por isso foram tão freqüentes denúncias e exigências do cumprimento da lei.

Contra os farmacêuticos pesariam acusações de exercício ilegal da profissão e de não seguirem as exigências estabelecidas pela legislação quanto à manipulação de medicamentos:

---

<sup>207</sup> Saúde Pública: CORRÊIA, José de Miranda. SP/PP1, 33. Cx.250; pac. 59. 1853. APM.

<sup>208</sup> Coleção das Leis do Império do Brasil. Decreto N°828 de 29/09/1851, artigo N°25.

<sup>209</sup> Nesta época, como já mencionamos no capítulo anterior, o Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Sabará não tinha botica. Os boticários da cidade se reuniam na instituição para concorrerem à arrematação de fornecimento de medicamentos. Aquele que fornecesse os medicamentos constantes no livro de fórmulas pelo valor mais acessível às condições financeiras da instituição, venceria a concorrência e produziria os remédios em sua própria botica para fornecer-lhes ao Hospital. A botica na Santa Casa foi instalada somente em 1879. PASSOS, ZV. *Notícia histórica da Santa Casa de Sabará*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1929. p.174, 200.

<sup>210</sup> *Ibidem*. p.202

Communico a VS que indo a casa do Sr. Antônio dos Santos e Silva, ahi deparei com um vidro de remedio que remetto a VS e que foi aviado na pharmacia do sr. Antonio Severino de Castro e Silva, residente n'esta Freguesia. Examinando o rótulo desse vidro, VS não encontrará ahi, nem o nome do doente, nem o do medico. Ora, sou o unico clinico d'esta Freguesia. Não me consta que tenha sido chamado antes medico para vêr esse doente. Portanto, VS queira ter a bondade de averiguar se esse remédio foi formulado por medico, ou por algum alheio a arte de curar<sup>211</sup>.

Na denúncia da irregularidade do farmacêutico Antônio Severino de Castro e Silva, o médico reclamante, Emílio Gomes da Costa Miranda, aproveitou o momento para se identificar como o único clínico da Freguesia.

O decreto Nº 9554 de 3 de Fevereiro de 1886, em seu artigo 55, determinava que os boticários deveriam transcrever em rótulos as receitas que fossem manipular. No rótulo deveria constar também o nome do farmacêutico e de sua botica, o modo de usar o medicamento, o nome da pessoa que iria fazer uso da substância e o nome do médico que fez a fórmula do remédio. Assim, além de infringir o artigo 55, o senhor Antônio Severino estaria infringindo, o artigo 41 ao receitar e formular medicamentos.

A providência tomada pelo inspetor Alfredo Sepúlveda para o caso foi enviar um ofício ao seu superior, o inspetor Manoel Gesteira, descrevendo detalhadamente a denúncia do Dr. Miranda, como veremos a seguir.

Illmo sr. Incluso remette-o a VS um officio do Illmo sr. Dr. Emilio Miranda médico clinico em Mattosinhos denunciando o pharmaceutico Castro e Silva por exercer a arte de curar sem titulo que o habilite; existe tambem em meo poder um vidro lacrado com [...] rotulo [...] [que] esta contra o artigo 55 do Regulamento sanitario [?] pois não tem o nome do medico nem do doente<sup>212</sup>.

O inspetor prossegue em seu relato:

[...] peço a VS mas (sic) ordens, pois se um médico não pode reger uma pharmacia, um pharmaceutico muito menos pode exercer a ardua e dificil tarefa de curar. Desejo para o Doutor Miranda a justiça [...]. O pharmaceutico Castro e Silva; não sendo este punido pelas leis higienicas, quero desde já a minha demissão. O pharmaceutico Castro e Silva não pode receitar e nem aviar formulas sem a responsabilidade do medico [...]<sup>213</sup> (Grifo meu)

O exercício da medicina era um campo a ser conquistado pelos próprios médicos, era uma área que ainda passaria por um processo de delimitação e legitimação profissional. A antítese entre médicos e outros que atuavam na cura devia ser considerada também no âmbito

<sup>211</sup> Saúde Pública: CASTRO e SILVA, Antônio Severino. SP/PP1, 26. Cx.11; doc. 12. 1888. APM.

<sup>212</sup> Saúde Pública: CASTRO e SILVA, Antônio Severino. SP/PP1, 26. Cx.11; doc. 12. 1888. APM.

<sup>213</sup> Saúde Pública: CASTRO e SILVA, Antônio Severino. SP/PP1, 26. Cx.11; doc. 12. 1888. APM. O mais interessante nesta denúncia é que o acusado, o farmacêutico acadêmico Castro e Silva, está presente em outra denúncia, mas como acusador. Ele acusa, um mês antes de acontecer a denúncia contra ele, um boticário por não possuir Título de Farmacêutico. Sobre este caso, veremos nas divergências entre boticários habilitados e aqueles supostamente sem as habilitações.

político/legislativo. Ao buscar seu próprio espaço de atuação, os médicos se defendiam com o saber científico a fim de se diferenciar dos demais atuantes na cura<sup>214</sup>. Sem dúvida, protagonistas desta história, os médicos oitocentistas precisavam ainda convencer a população de que eram os únicos autorizados, por lei, e talvez pela capacitação acadêmica, a exercer a medicina. Para essa população, por enquanto, o médico era apenas mais um atuante na arte da cura<sup>215</sup>.

Um dos problemas da situação dos médicos foi que levantar a bandeira de sua ciência, para a população, nada significava, até porque, uma população sem recursos financeiros teria dificuldades em buscar um médico. Por outro lado, não era somente a condição financeira e a escassez de médicos que faziam a população procurar um não médico; o modo de elaborar a cura e a pensar a doença fazia com que as pessoas buscassem um prático da medicina<sup>216</sup>. A população entendia a doença e a cura de um modo que passava mais pelas questões religiosas e sobrenaturais<sup>217</sup> do que patológicas e anatômicas; as práticas de cura estavam mais próximas dessa realidade<sup>218</sup>. E nesse sentido, era o boticário quem, muitas vezes, diminuía a aflição entre a dor e a cura desta população, fazendo o diagnóstico, indicando os meios para se curar e preparando os remédios a preço mais acessível<sup>219</sup>, e por vezes, poderia saber traduzir melhor o entendimento de doença e cura de acordo com as concepções da população.

Outro ponto de conflito com os boticários envolvia os negociantes de outros gêneros que também faziam o comércio de drogas. Os farmacêuticos denunciavam todos aqueles que colocavam drogas à venda em estabelecimentos destinados a outros fins, como casas de secos e molhados; entretanto os donos de vendas e de lojas<sup>220</sup> que vendiam drogas também eram amparados pela legislação de saúde pública. Pela Resolução N°1604 de 3 de Agosto de 1868, ficou permitido que as casas de negócios do município de Sabará tivessem licença anual para vender drogas e outros medicamentos não manipulados. Muitos tinham licenças e pagavam

<sup>214</sup> XAVIER, R. Dos males e suas curas: práticas médicas na campinas oitocentista. In: IN: CHALHOUB, S. *Artes e ofícios de curar no Brasil. Capítulos de História Social*. Campinas: Unicamp, 2003. p.343.

<sup>215</sup> MARQUES, RC. Imagem social do médico de senhoras no século XX. BH: Coopmed, 2005. p.42.

<sup>216</sup> XAVIER, op cit. p.342. A bibliografia nos indica que as famílias mais abastadas também buscavam pessoas não médicas para realizar os processos terapêuticos. SOARES, MS. *A doença e a cura: saberes médicos e cultura popular na corte imperial*. Dissertação de Mestrado. Departamento de História da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 1999.p.322.

<sup>217</sup> SOARES, MS. *A doença e a cura: saberes médicos e cultura popular na corte imperial*. Dissertação de Mestrado. Departamento de História da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 1999.p. 319 e XAVIER, op cit. p.344.

<sup>218</sup> Ibidem, p.345.

<sup>219</sup> FIGUEIREDO, BG. *A arte de curar: cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais*. RJ:Vício de Leitura, 2002. p.201.

<sup>220</sup> De acordo com Clotilde Andrade Paiva, as *Vendas* faziam o comércio de aguardente e de molhados; já a *Loja*, estabelecimento de maior porte, era responsável pelo comércio de aguardente, secos, molhados e remédios e outros produtos. Apud: CHAVES,CMG. *Perfeitos negociantes: mercadores das Minas Setecentistas*. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais,1995. p.60.

impostos para vender estas substâncias em seus estabelecimentos como foi o caso do comerciante Manoel Pereira de Mello e do Sr. Gabriel Arcanjo Semeão Estelita<sup>221</sup>. Tais licenças teriam, a partir desta resolução, o valor de 2.000 réis, além dos impostos<sup>222</sup>. Por outro lado, a legislação proibia que estas casas de negócios colocassem à venda substâncias corrosivas, narcóticas e drásticas como as preparações mercuriais e antimoniais<sup>223</sup>.

O boticário Eduardo José de Moura, em 1870, sentindo-se lesado pelos negociantes que vendiam drogas pedia providências:

[...] Permita-me V<sup>a</sup>S<sup>a</sup> que lhe dirija este unicamente para pedir a V<sup>a</sup>S<sup>a</sup> na qualidade de comissário da saúde pública para que hoje de proteger a Classe Pharmaceutica principalmente neste Municipio de Sabara onde somos tão guerriados em Fazenda, molhados, Ferragens, calçado e Perfumaria e objetos de Armarinho, todos negocião tambem em drogas vendendo purgantes de saes oleos e todas qualidades de especiarias, preparações Quimicas Pharmaceuticas, especialmente aquelas que os jornaes continuamente anuncião à venda, muitos delles athe vendem medicamentos corrozivos como seja Solimão, Arsenico, Opio, tartaro, mercurio, pos de Joanes e muitas Drogas das mais treviaes, tirando assim o direito e interesse aos Pharmaceuticos [...]<sup>224</sup>

Os negociantes estavam vendendo substâncias corrosivas como solimão, arsênico, ópio, tártaro emético, mercúrio e pós de Joannes, que faziam parte das listas de substâncias perigosas, elaboradas pela Junta de Higiene<sup>225</sup>. Essas substâncias, se administradas em doses excessivas, poderiam causar danos já que algumas eram narcóticas como o ópio, outras cáusticas como os pós de Joannes<sup>226</sup> e o solimão - uma massa composta de azougue, sal amoníaco, salitre e vitríolo sublimado - um veneno letal<sup>227</sup>. No artigo 70 do Regulamento de 1851 da mesma Junta de Higiene, essas substâncias, por serem tão perigosas, somente poderiam ser vendidas quando misturadas a substâncias inertes. A venda de substâncias perigosas - que exigia um conhecimento especializado para saber administrá-las, manipulá-las e vendê-las - pelos negociantes indignava o farmacêutico, pois, esta situação acabava tirando

<sup>221</sup> Profissões urbanas: LIMA, Manoel Corrêa. CMS. 229. 1869, e Produtos comerciados: ESTELLITA, Gabriel Arcanjo Semeão. CMS.229. 1869. APM, respectivamente.

<sup>222</sup> Coleção das Leis da Assembléia Legislativa da Província de Minas Gerais. Resolução N°1604 de 03/08/1868. artigo N°3. Os impostos pagos na Província mineira por estas Casas de negócio eram referentes às mercadorias de secos e molhados, no valor de 10.000 a 14 .000 réis, mais o valor de 5.000 réis para as drogas. No mesmo período, as boticas pagavam de imposto a quantia de 8.000 réis. Resolução N°1462 de 31/12/1867. artigo N°141.

<sup>223</sup> Coleção das Leis da Assembléia Legislativa da Província de Minas Gerais. Resolução N°1:459 de 31/12/1867. artigo N°97.

<sup>224</sup> Saúde Pública: MOURA, Eduardo José. SP/PP1, 26. Cx.03; pac. 05. 1871. APM.

<sup>225</sup> Coleção das Leis do Império do Brasil. Decisões do Governo N°12 de 19/06/1882.

<sup>226</sup> CHERNOVIZ, PLN. *Diccionario de Medicina Popular e das ciencias acessorias*. 5ª edição. Pariz: Em Casa do Autor, 1878. vol.2, p.450 e 391 respectivamente.

<sup>227</sup> FAGUNDES, BFL. (org). et al. Glossário. In: FERREIRA, LG. *Erário Mineral*. FURTADO, JF (org.). BH: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; RJ: Fiocruz, 2002. p. 801.

dos farmacêuticos aquilo que lhes era de direito bem como de interesse e que caberia somente a eles.

O boticário Moura ainda expõe:

[...] As Posturas deste Municipio nunca permitirão a venda de Drogas aos Negociantes em lugares em que houvessem Boticas, porém elles forão abusando, não se importando com Posturas, e como isto tem feito aquelas pessoas de maior importancia das localidades, os Fiscais temem de cumprir seus deveres comprometendo-se com elles, de maneira que não há pejo algum em negociarem em drogas, athe mesmo muitas de que não tem conhecimento[...]<sup>228</sup>.

Outro ponto apresentado na denúncia foi o fato de o Código de Posturas de Sabará, daquele período, proibir a venda de drogas pelas casas de negócios onde existissem boticas. No entanto, de acordo com o farmacêutico, a lei não era cumprida porque muitos Fiscais da Câmara Municipal de Sabará tinham medo de se comprometerem com os grandes negociantes da região, para não sofrerem represálias de homens tão influentes. Mas o boticário lesado reclamava mais:

[...]Hum imposto novo se vai lançar nas Boticas que venderem drogas, cobrando-se 66.000 réis nas Cidades e Villas e 50.000 réis nos Arraiaes, nós que somos da Arte, conhecemos a Materia Medica, Pharmacia e Quimica para podermos vender drogas devemos pagar 66.000 réis e 50.000 réis de imposto, entretanto que homens ignorantes sem conhecimento algum podem vender drogas sem responsabilidade nenhuma, pagando somente o que lhe é imposto em seos negocios. Como é possivel não poder o Pharmaceutico vender drogas e os negociantes venderem purgantes de saes oleos, manná tamarindos e tudo quanto é consernente a uma botica. Se V<sup>a</sup>S<sup>a</sup> como nosso cheffe nos não proteger, estamos perdidos, não temos na Provincia outro recurso só V<sup>a</sup>S<sup>a</sup> poderá nos livrar dos Abutres<sup>229</sup>[...].

Situações similares podiam ser vistas em outros pontos da Província como na Cidade de Formiga, na Comarca do Rio Grande em 1870<sup>230</sup>:

[...] O abaixo assignado tendo já representado a essa Inspectoria sobre os abusos tolerados no exercicio da medicina, e nenhum resultado colhido de sua representação (...), vêm á presença de VS reclama-las, rogando respeitosaente se digne cohibir esses abusos attentatórios dos direitos dos Pharmaceuticos[...]<sup>231</sup>.

O farmacêutico Joaquim Carlos Ferreira Pires já denunciara à Inspetoria as irregularidades quanto ao exercício da medicina e seus ramos, e nenhuma atitude havia sido tomada. O Sr. Joaquim dará ao seu descontentamento, agora, um tom mais incisivo:

[...] Aqui, como em muitos pontos da Província, há, por assim diser, tantas boticas quantos negocios de fazendas, molhados, louça estabelecidas; porque não contentes

<sup>228</sup> Saúde Pública: MOURA, Eduardo José. SP/PP1, 26. Cx.03; pac. 05. 1871. APM.

<sup>229</sup> Saúde Pública: MOURA, Eduardo José. SP/PP1, 26. Cx.03; pac. 05. 1871. APM. As boticas, além de venderem os medicamentos manipulados, podiam vender as drogas utilizadas para produção dos mesmos.

<sup>230</sup> Saúde Pública: PIRES, Joaquim Carlos Ferreira. SP/PP1, 26. Caixa 02, doc. 36; 1870. APM.

<sup>231</sup> Denúncia feita pelo farmacêutico Joaquim Carlos Ferreira Pires à Inspetoria de Saúde Pública da Província mineira em 1870. (Documentos diversos; SP/PP1, 26; caixa 02. Documento 36; APM).



de negociarem nestes generos, os seus administradores trahem do Rio de Janeiro sortimentos de drogas e remedios compostos na importancia de um e dois contos de réis.

Quem deve merecer mais attenção? A saude publica, ou os negociantes especuladores em prejuizo d'ella? A Ley de Egiene Publica é morta? Toda tolerancia é permittida em bem dos negociantes e contra os pharmaceuticos que exercem uma arte, contra as quaes a dita Ley fulmina penas muito severas, quando sáhem da prescrição dela?

Como póde, Illmo Snr, um pharmaceutico se alimentar e ter uma botica bem montada, menosprezado das autoridades e supplantando por taes especuladores? Comparai, Illmo Snr, e vê de se entre os negociantes e pharmaceutico é possível um equilibrio, o que paga o pharmaceutico de direitos geraes e provinciais, que tem um só genero de negocio demandando estudo; finalmente uma séria habilitação, e sujeito á penas mais ou menos graves, e que não acumula, e por ley não póde acumular outro modo de interêsse<sup>232</sup>.

De uma maneira geral, as queixas do Sr. Joaquim Pires são semelhantes às do Sr. Eduardo Moura: venda de medicamentos por comerciantes sem respeito à lei, a falta de fiscalização incisiva por parte das autoridades (a ponto de indagarem: “*A ley de Egiene Publica é morta?*”); propina e temor na relação entre comerciantes e fiscais<sup>233</sup>, impostos e penas severas aos farmacêuticos e a falta de conhecimento dos negociantes sobre as drogas:

A medicina deve estar ao alcance? A estar, ou dever estar, então féchem-se as Academias, não hajão Medicos e Pharmaceuticos, deixe-se ao pôvo o livre exercício da medicina, então haverá saude publica.

Como póde viver o pharmaceutico sómente de preparações, perdendo e empatando remédios de altos preços, pondo fora annualmente medicamentos por deteriorados causado por semelhantes abusos?

[...] é necessário um paradeiro, é necessário uma compensação aos pharmaceuticos que tem imensa responsabilidade, um trabalho insano que são a salvaguarda da saude publica, sendo fácil haver propinações ainda que indirectas, não obstante ser um crime, por estar a medicina ao desdem.

Deve prevalecer o interêsse particular em detrimento da saude publica? [...] porque os negociantes são mais garantidos, sem carregarem o onus aos pharmaceuticos que é: o longo e fastidioso estudo, a consciencia illibada que se requer, a devida aptidão para um laboratório de que a saude publica é carecedora.

Em que é compensado o pharmaceutico que á todas as horas da noite é obrigado a estar as ordens dos doentes para os soccorrer, embóra com interêsse? (...) Quem quer, vende remédios indistintamente, applica-os sem habilitação alguma, e vai-se frouchamente consentindo como que a saude publica seja uma quiméra<sup>234</sup>.

No final da denúncia do farmacêutico Joaquim Pires, o último apelo:

[...] Snr, damos a cada um o seo ramo; quem quiser se prover de remédios, assim como nos provemos, quem de lles precisarem que se provenhão nas pharmacias, não

<sup>232</sup> Denúncia feita pelo farmacêutico Joaquim Carlos Ferreira Pires à Inspetoria de Saúde Pública da Província mineira em 1870. (Documentos diversos; SP/PP1, 26; caixa 02. Documento 36; APM).

<sup>233</sup> O vínculo entre negociantes e fiscais nos indica uma ligação de interesses, uma relação estabelecida pelos homens poderosos da região que subornavam os funcionários públicos. Este tipo de relação pode ser vista desde os tempos coloniais. FAORO, R. *Os donos do poder*. Formação do patronato político brasileiro. 8ªed. Ed. Globo, 1989.

<sup>234</sup> Denúncia feita pelo farmacêutico Joaquim Carlos Ferreira Pires à Inspetoria de Saúde Pública da Província mineira em 1870. (Documentos diversos; SP/PP1, 26; caixa 02. Documento 36; APM).

fação por assim diser um monopólio, nem queirão abarcar o Mundo com as pernas<sup>235</sup>.

Um negociante não poderia vender remédios e muito menos um farmacêutico poderia vender objetos que não fossem ligados à botica. Mas em algumas localidades era impossível que isso não ocorresse, pois certos lugares não possuíam boticas, apenas algumas vendas, onde poder-se-ia encontrar sempre um medicamento. A própria legislação, como já mencionamos, permitia a venda de remédios por estes estabelecimentos nos lugares onde não existia botica. Além de lutarem contra aqueles que não eram do ofício, os farmacêuticos da Comarca do Rio das Velhas também enfrentavam problemas com seus pares.

### 3.4 Divergências e conflitos entre boticários

Muitos boticários habilitados denunciaram seus colegas sem documentação. Um jornal da época, o *Noticiador de Minas*, em 1869, alertava à sociedade sobre a contratação de práticos que trabalharam na farmácia da Companhia de Mineração. Ao ler a notícia, o representante da Companhia munuiu-se de explicações à Junta de Higiene:

Ilustríssimo snr Presidente da Junta de Higiene Publica. O Noticiador de Minas de 15 do corrente, rezára uma publicação datada da Cidade de Sabará [...] ceçurando as Compia (sic) Inglezas instaladas no Brasil, por ter empregados não titulados em suas Pharmacias, e com quanto o Pharmaceutico desta Compia (sic) seja titulado, tem por encomodos de saude mandado um substituto somente pratico faser suas vezes emquanto se acha enfermo: se porem, VS<sup>a</sup> entender que ha nisto alguma cousa de inconveniente, com seo avizo tomarei as precisas providencias<sup>236</sup>.

Curiosamente, a Companhia depositava alguma credibilidade no prático, a ponto de interceder por ele perante o órgão de saúde. Nesta época era permitido aos práticos adquirirem as licenças especiais para exercerem o ofício de forma legal, desde que comprovassem ter boticas anteriores a 1851, mas parece não ter sido o caso deste farmacêutico<sup>237</sup>. Outro problema que pode ser mencionado, ocorrido na cidade de Sabará em 1888, foi entre dois boticários e um médico. Como veremos a seguir:

Mandei [...] informar-me a suspeita da denuncia dada por Tertuliano Luiz Moreira contra Antônio da Rocha Santos por exercer a arte pharmaceutica ilegalmente. Quanto a denuncia dada pelo pharmaceutico Silva e Castro contra Carlos Martins, tenho a responder a vossa senhoria o seguinte: [exigindo] para apresentar-me o seu título de pharmaceutico competentemente legalizado, o senhor Carlos Martins apresentou-me somente um Diario Official, que traria um Decreto que lhe concede licença e a outros para continuar com a pharmacia aberta independente de outra e qualquer licença; não quis acceitar semelhante decreto como Título, ele porem pediu-me um prazo para ir a Côrte buscar os seus documentos [...] concedi-lhe o

<sup>235</sup> Denúncia feita pelo farmacêutico Joaquim Carlos Ferreira Pires à Inspeção de Saúde Pública da Província mineira em 1870. (Documentos diversos; SP/PP1, 26; caixa 02. Documento 36; APM).

<sup>236</sup> Documentos diversos. SP/PP1, 26. Caixa 02; Documento 13. Ano 1869. APM.

<sup>237</sup> Coleção das Leis do Império do Brasil. Decreto Nº2055 de 19/12/1857.

prazo conservando porem a pharmacia fechada, ate exhibirme sua licença. O doutor Emiliano, medico Clinico no Arraial de Mattosinhos, officiou-me pedindo abertura da pharmacia pois della sahião os medicamentos com prestesa, asseio e cuidado ainda mais que faria grande falta aos pobres [...] a pharmacia que os socorreu gratuitamente; respondi-lhe que podia ficar a pharmacia aberta porem, da gerencia e responsabilidade do mesmo Doutor Miranda. Em toda essa questão ha paixão e entregas. Consta-me que o senhor Carlos Martins ja ha muito exerce a arte Pharmaceutica e que fornece os seus medicamentos da primeira qualidade, com especialidades aos pobres, a quem ele os fornece gratuitamente<sup>238</sup>.

Infelizmente, o documento não apresenta seqüência, impedindo-nos de conhecer o desfecho de tal caso. Podemos pensar que o médico que o defendia fosse sócio da botica ou tivesse algum acordo profissional com o denunciado, a ponto de a botica ter-se mantido aberta.

Como já foi discutido no capítulo anterior, o universo da cura envolvia elementos diversos da formação acadêmica e da posse do título. Neste universo estão incluídos também a competência profissional, que muitas vezes não era garantida pela posse de um diploma, a confiança e a acessibilidade destes profissionais à população somadas à visão de mundo particular da sociedade e dos mesmos profissionais, além de interesses de várias ordens.

Problemas como esses podem ser vistos em outras localidades da Província e do Império:

Transmittindo a Vmce. a incluza copia do Aviso do Ministerio do Império datado de Novembro findo, acompanhada de diversos documentos, dos quaes se vê que Jose Nunes Moreira e Silva obtivera ob e subrepticamente na Faculdade de Medicina um diploma de Pharmaceutico calando maliciosamente o cognome - Silva -, afim de aproveitar-se de um auto de exame pertencente a seu tio José Nunes Moreira, tenho a recomendar que dê as necessarias providencias, a fim de que tenham inteiro cumprimento ás ordens do dito ministério [...] <sup>239</sup>.

Esta denúncia partiu da Comarca do Pará, na Província de Minas, mas envolvia diretamente farmacêuticos que atuaram na Comarca do Rio das Velhas. Acusações como essa eram constantes no século XIX em todo o Império, mas este caso nos chama particularmente a atenção pela extensão e profundidade da situação. Trata-se de um longo processo de autoria do farmacêutico Cândido José Coutinho da Fonseca que obtivera seu diploma na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e que – como já foi visto anteriormente – fornecia seus remédios à botica da Santa Casa da Misericórdia de Sabará na década de 1870<sup>240</sup>. Com a posse do diploma, mudou-se com sua família para a Vila do Pará, para montar botica e,

<sup>238</sup> Denúncias apresentadas pelo Delegado de Higiene da Cidade de Sabará, Alfredo Magno Sepúlveda, ao Inspetor Geral de Higiene, Manoel de Aragão Gesteira em 1888. (Documentos diversos; SP/PP1, 26. Caixa 11; Documento 12. APM).

<sup>239</sup> Saúde Pública: SILVA, José Nunes Moreira. SP/PP1, 26. Cx.02; Doc.13. 1867. APM.

<sup>240</sup> PASSOS, ZV. *Notícia histórica da Santa Casa de Sabará*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1929. p. 201.

quando ali chegou, encontrou um concorrente muito requisitado pela população, era o prático José Nunes Moreira e Silva. Por prestar assistência a toda a população, Nunes Moreira não deixava freguês para aquele acadêmico, além de gozar-se de reputação exemplar na cidade onde ocupou importantes cargos:

Este cidadão Nunes he homem maior de 50 annos, aqui reside cazado, e Pai de menor e família, de regulares condutas, e estimação pública, [h]a trinta e sete annos mais, ou menos, tem tido Botica aberta neste lugar com toda aceitação, durante o tempo maior de 33 annos mais ou menos não teve outra. Neste lugar ele vem mostrando conhecimentos na arte, e mesmo tendo-se exonerado tem ganho um conceito publico digno de confiança a ponto de no tempo mencionado não existir Medico ou Cirurgião; elle por humanidade os tem prestado muitos dignos socorros aos ricos, e aos pobres salvando aos acometidos de q. qq. enfermidade ou feridas por armas, ou instrumentos perfurantes levando-os a perfeita saúde, sempre foi chamado como perito pelas Authoridades de q. qq. seita para factura (sic) de autos [de corpo de Delito] clacificando tudo em termos anatomicos, e consta nos autos que tem corrido este tempo por ser escrupuloso, em suas declaraçoins, e nunca se deo a alcolizar-se, he assim que se tem ganhado estima e consideração, de sorte que tem merecido exercer o lugar de segundo substituto de Juiz Municipal, Eleitor, Camarista, que ainda o hé, e Tenente Cirurgião deste 15º Batalhão [...] <sup>241</sup>.

O delegado de polícia local segue expondo a conduta ilibada do boticário:

[...] Ora o Snr Dr Candido aqui chegado a pouco com Butica, o qual de acordo com um afillhado do Pde José Marciano o qm o Snr Dor proteja, logo qui aqui chegou foi convidado para ver enfermos, e este não obtendo milhoras, e preços caros de remedios, havendo nesta para chamorasas (sic) reflexoins e com isto retirou-se a concorrencia, he de notar qe. o dito Nunes he comedido pa. com todos como ja expendido fica; sendo certo qe. o senhor Dor. recebe da Camara um ordenado para tratar a pobreza, e a pouco foi chamado para ver um prezo pobre, enfermo, negou-se, e recorri ao dito Nunes para trata lo na Cadéia, promptamente o socorro; e assim outros casos [?]. Neste lugar e Termo existem outros de menos conhecimentos, e não estão no caso do Dor. Nunes que tem prestado como dito fica. O dito Nunes, quando os enfermos lhe procurão mdo.[?] para o dito Dor. [Cândido], e estes recusam a cura do dito Dor. [Cândido] aceitando a cura do dito Nunes, e outros preferem não tomarem do m[?] remedios [do Doutor Cândido] [...] <sup>242</sup>.

Segundo o delegado, o denunciado Doutor Cândido não tinha uma reputação tão elevada junto à população. Negava-se a atender os feridos na cadeia, elegia as pessoas a quem iria prestar assistência, cobrava caro por seus remédios, os doentes não tinham resultados benéficos:

[...] nestes termos suspendo o meo Juizo, e levo a alta concideração de VS certificando que o dito Nunes está com a porta de sua Botica feixada, e [h] a do povo infinitas reclamaçoins[?]; acresse que o dito Dor [Cândido] sahe para fora como para Sabara, e demora-se, e as imfermidades não admitem espera, [...]. O dito Nunes soffrendo gravissimos prejuizos com sua Botica feixada tratou de enviar seos documentos a essa capital acompanhado de um nós abaixo assinados das milhores pessoas deste lugar, e fazendeiros, espera obter a conservação de sua Botica, e apresentou-me Cartas de pessoas dessa Capital. Nestes termos suspendo qualquer execução a respeito, e espera que VS tomara em alta concideração a respeito; afinal

<sup>241</sup> Saúde Pública: SILVA, José Nunes Moreira. SP/PP1, 26. Cx.02; Doc.13. 1869. APM.

<sup>242</sup> Saúde Pública: SILVA, José Nunes Moreira. SP/PP1, 26. Cx.02; Doc.13. 1869. APM.

ordenar-meio que lhe parecer justo; o certo he que o povo, a excepção de poucos individuos, soffre, e soffrerá com a falta da Botica, e remedios do dito Nunes, embora a Camara ou parte della proteja ao Sr Dor Candido<sup>243</sup>.

Independentemente da confirmação da denúncia, a população e a autoridade daquela cidade buscavam o retorno de Nunes, em quem depositavam confiança havia 37 anos.

A situação foi se tornando cada vez mais tensa, a ponto de ser constituída uma Comissão de professores da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro para estudar o ocorrido. A mesma Comissão julgou o caso do boticário “grave e melindroso” por se referir a “direitos adquiridos por ventura” e porque dizia respeito “a um ato emanado d’esta mesma Faculdade”. Esse acontecimento se tornou algo muito sério para aquela Escola, que acabou traçando um longo histórico de como tudo teria ocorrido:

Em requerimento [...] dirigido à Directoria d’esta Faculdade o nosso distincto collega, o Snr Dor. Luiz Carlos da Fonseca, como procurador de José Nunes Moreira e Silva, sollicitou uma Carta de Pharmaceutico para este ultimo, allegando ter elle sido approvado em Pharmacia no tempo da Physicatura Mor do reino e achar-se estabelecido com botica ha cargos annos na Comarca do Rio das Velhas na Província de Minas Gerais, onde exerce a sua profissão com zêlo e caridade, o que tudo provou com documentos.

Apesar dos documentos exhibidos, e de procedentes estabelecidos em cazos identicos, o Exmo. Snr. Conselheiro Jobim dignou-se consultar esta Faculdade, o que teve lugar em Sessão de Congregação[...] A vista disto passou-se o diploma solicitado.

Não mais pensava-se em semelhante questão, quando em dias do mez de Julho o Snr Dor. Candido Jose Coitinho (sic) da Fonseca, graduado por esta Faculdade e domiciliado na Província de Minas Gerais, dirigiu um requerimento ao Exmo. Snr. Conselheiro Director, representando contra o Diploma conferido a José Nunes Moreira e Silva, e pedindo que seja elle cassado, visto ter sido obtido ob e subrepticamente (sic). Para provar a verdade do que allega, o supplicante apresenta as seguintes razões, que transcreveremos[...]<sup>244</sup>

A Carta de farmacêutico passada pela Fisicatura Mor era o suficiente para ser concedido um diploma, e é claro que a semelhança dos nomes do tio e do sobrinho facilitou a ação do boticário para adquirir tal documento. Segundo a lista de boticários que receberam a carta de confirmação por este órgão, o senhor José Nunes Moreira – o tio – recebeu a sua em 23 de Julho de 1811 em Sabará, após ter feito um exame de perguntas teóricas e práticas sobre a Arte boticária<sup>245</sup>. Outra situação que facilitou a obtenção do Título de Farmacêutico foi o fato de Nunes e Silva não ter ido à Faculdade pessoalmente, enviando em seu lugar um médico formado, o que indicaria certa credibilidade na relação de ambos. O Doutor Luiz Carlos da Fonseca foi o procurador de José Nunes Moreira e Silva e quem entregou os

<sup>243</sup> Saúde Pública: SILVA, José Nunes Moreira. SP/PP1, 26. Cx.02; Doc.13. 1869. APM.

<sup>244</sup> Saúde Pública: SILVA, José Nunes Moreira. SP/PP1, 26. Cx.02; Doc.13. 1869. APM.

<sup>245</sup> Relação dos boticários providos das cartas profissionais pela Physicatura Mor do Brasil. MOREIRA, José Nunes. 1811. Fundo: Fisicatura – Mor. Seção de guarda: SDH. Código: 2 O CODES, Fichário 76, Gaveta: 06, Caixa 480, pacote 04.

documentos que comprovavam aos órgãos fiscalizadores sua regularidade na profissão farmacêutica. O fato de receber os documentos pelas mãos de um procurador distinto parece não ter dado motivos à Faculdade para desconfiar. A Comissão de Professores da Faculdade de Medicina da Corte descreveu as provas que o Doutor Cândido apresentara contra os argumentos de José Nunes Moreira e Silva:

1ª razão: Houve no Antigo Arraial de Patafufo, hoje Villa do Pará, um individuo de nome Jose Nunes Moreira [?], irmão do cirurgião Manoel Nunes Moreira e Silva, pae do impetrante Jose Nunes Moreira e Silva. Aquele Jose Nunes Moreira, tio do impetrante, mudou-se para Campo Bello, onde exerceu a profissão de boticário[...] A Camara Municipal affirma com efeito que Jose Nunes Moreira e Silva, unico que existe com este nome, sempre usou o agnome = *Silva* = e que existiu na Vila do Tamanduá, outro individuo de nome José Nunes Moreira, irmão do Cirurgião Manoel Nunes Moreira, pai de José Nunes Moreira e Silva. Affirma mais a mesma Camara que Jose Nunes Moreira e Silva, teve botica no Municipio de Tamanduá, segundo pessoas fidedignas, ao passo que este ultimo abriu botica na Villa do Pará; vê-se que Jose Nunes Moreira e Silva sempre assignou assim. A Commissão querendo esclarecer melhor o seo juizo a fim de descobrir a verdade, recorreo aos numerosos documentos que acompanhão a petição dirigida á Directoria d'esta Faculdade pelo distincto Snr Doutor Luiz Carlos da Fonseca, como procurador do impetrante, e em todos estes documentos encontrou sempre a assignatura de José Nunes Moreira e Silva [...]; sendo notavel que na propria procuração figura a assignatura de Jose Nunes Moreira e Silva dando poderes á terceiros para tirar um Titulo de pharmaceutico que por direito pertence a Jose Nunes Moreira[...]<sup>246</sup>.

Sampaio mostrou que muitos acadêmicos, além de reclamarem da ação dos práticos, denunciavam também a ineficácia das leis. Segundo eles, as leis eram muito brandas e acabavam permitindo o exercício de muitos daqueles que não adquiriam conhecimentos em uma Escola<sup>247</sup>. Além de as leis serem consideradas ineficientes, a própria atuação dos funcionários destas instituições não era considerada muito eficaz pelos médicos. Por outro lado, a autora observa que era comum autoridades não concordarem com os regulamentos que impediam os farmacêuticos de exercerem o ofício de botica sem diploma ou de exercerem a medicina já que esta era uma prática comum para a população<sup>248</sup>. Na verdade, tais autoridades reconheciam o valor e a necessidade do trabalho destes indivíduos para a sociedade, por isso se mostravam tão tolerantes e não punitivos ou ineficazes. Nesse sentido, percebemos que estas leis, na prática, possuíam muito mais um caráter controlador que rígido ou punitivo.

A segunda razão apresentada pelo denunciante era de que, ao demonstrar o atestado de aprovação de exame de farmacêutico, no tempo da Fisicatura Mor, José Nunes Moreira e Silva teria omitido o sobrenome *Silva* para enganar a Faculdade de Medicina; dessa forma, ele

<sup>246</sup> Saúde Pública: SILVA, José Nunes Moreira. SP/PP1, 26. Cx.02; Doc.13. 1869. APM.

<sup>247</sup> SAMPAIO, GR. *Nas trincheiras da cura: as diferentes medicinas do Rio de Janeiro Imperial*. SP: Editora da Unicamp, 2001. p. 54.

<sup>248</sup> *Ibidem*. p.124- 125.

provaria que já tinha a aptidão nas Matérias de Farmácia. A Comissão concluiu que José Nunes Moreira e José Nunes Moreira e Silva eram, de fato, pessoas distintas<sup>249</sup>. Na terceira razão,

Allegou o impetrante [José Nunes Moreira e Silva] e exhibio documento de um exame feito na Villa Real de Sabará. O Título de Villa Real de Sabará foi substituido pelo de Fidelissima por Alvará de 17/03/1823. Ora tendo ele 55 annos de idade, como se prova com o documento [...], torna-se evidente que foi o dito exame feito quando tinha apenas a idade de 8 annos. O documento [...] que serve de prova á esta allegação é uma certidão de Baptismo [...] em que o respectivo Parocho declara que em 7/02/1814 baptisou em caza, por se achar em perigo de vida o innocente José [...] Ora, como nesta certidão não se declara o dia do nascimento, a Commissão não pode affirmar que se tratava de um recém nascido, que deveria ter hoje 55 annos, como argumenta o supplicante [Dr. Cândido da Fonseca], se bem que o zêlo e o espirito religioso muito desenvolvidos na Província de Minas levem os paes a baptisar muito cêdo as crianças; admittindo porem que tivesse um ou dous ao tempo em que foi baptisado, ainda assim o exame teria sido feito aos 9 ou 10 annos, o que é inadmissível.

4ª razão: Allegou mais o impetrante, servindo-se do mesmo exame, que elle foi feito em presença do Juiz Delegado Physico Mor do Reino. O Brasil foi elevado a Cathogoria de Imperio em fins do anno de 1822, logo d'esta época em diante desapareceu essa entidade chamada Physicatura Mor do Reino; do que resulta que o exame foi feito o mais tardar no anno de 1822, e teria então o impetrante 8 annos de idade. Aceitando a argumentação do supplicante por ser logica, porem admittindo que o innocente José baptisado em 7/02/1814, tivesse então 2 annos, chegaríamos então a conclusão de que prestou elle o exame de Pharmacia aos 10 annos, de que não é possível.

5ª razão: Allegou tambem o impetrante que um dos examinadores foi o pharmaceutico Manoel de Paiva Moreira, mas este faleceo em 15/11/1826, como se prova com o documento [...]. Consequientemente n'essa epocha tinha 12 annos, idade em que estaria apprendendo ainda as primeiras letras. Provavelmente o exame não seria feito no anno do fallecimento do examinador Paiva, e então menor seria a idade do impetrante. A legislação patria não permite que um menor de 12 annos exercite a profissão de pharmacêutico. 6ª razão: A certidão [...] da qual consta o exame de José Nunes Moreira, vem confirmar o que o supplicante tem allegado, isto é, que o impetrante não é o indivíduo examinado e aprovado nemine discrepante no ano de 1817 ou 1818 por que n'essa ephoca tendo apenas de idade 3 ou 4 annos não podia estar habilitado para a melindrosa e tão importante profissão pharmaceutica, maxime na Província de Minas, onde só na Capital existe uma Escola de Pharmacia, que o impetrante nunca frequentou [...]<sup>250</sup>.

As informações do acusado eram sempre contrárias aos documentos que ele apresentava:

[...] O documento nº 4 a que se refere o supplicante é uma certidão passada pelo digno secretario d'esta faculdade do acto de exame feito por Jose Nunes Moreira, perante o cirurgião Florencio Francisco dos Stos. Como consta d'este documento, o papel esta rasgado e completamente destruido no lugar em que existia a dacta, podendo-se porém pôr alguns traços conhecer que o exame tivera lugar em 1817 ou em 1818, quando o impetrante devia ter 3 ou 5 annos de idade. Diante de tudo isso, conclue o supplicante que o individuo examinado em 1817 ou 1818 foi o tio do impetrante José Nunes Moreira, que do Patafufo se mudou para Campo Belo, onde exerceo a profissão de boticario, e que José Nunes Moreira e Silva, residente da Vila do Para, supprimio do seo apelido o agnome – *Silva* – para fazer-se passar por José

<sup>249</sup> Saúde Pública: SILVA, José Nunes Moreira. SP/PP1, 26. Cx.02; Doc.13. 1869. APM.

<sup>250</sup> Saúde Pública: SILVA, José Nunes Moreira. SP/PP1, 26. Cx.02; Doc.13. 1869. APM.

Nunes Moreira, seu tio; que o exame em que se fundou, foi falso em relação a sua individualidade e por conseguinte o diploma foi obtido ob e subreptiamente (sic)<sup>251</sup>.

De acordo com a lista de boticários aprovados pela Fisicatura Mor, o tio de José Nunes e Silva havia recebido sua Carta de Farmacêutico em 1811<sup>252</sup>. Quando José Nunes e Silva nasceu, o tio já exercia a profissão há três anos. As razões do acusador Doutor Cândido Fonseca somadas às provas de José Nunes Moreira e Silva acabaram por convencer a Comissão de professores:

O diploma de Pharmaceutico passado por esta Faculdade pertence a Jose Nunes Moreira, e não ao indivíduo que firmou uma procuração e numerosos documentos com a assignatura de Jose Nunes Moreira e Silva, illudindo grosseiramente ao honrado Snr. Dor. Luis Carlos da Fonseca, e a propria Faculdade. Opinando por este modo a Comissão não pode deixar de propor que se officie d'esde já ao Governo de SM Imperial referindo-se o ocorrido, e pedindo que faça cassar meios legaes o Diploma expedido [...]<sup>253</sup>

Mais tarde, a mesma Comissão faz uma emenda à conclusão já exposta,

A vista das observações da Commissão sendo liquido que José Nunes Moreira e Silva, impetrante do diploma em questão, o obteve illudindo a Faculdade, propondo que seja o diploma considerado nullo, e que nesse sentido se officie á Junta de Hygiene e ao Governo para tomar as providencias que for convenientes<sup>254</sup>.

E em outro documento, apresenta (um dia depois) a decisão de anular o diploma:

[...]esta Faculdade reconhece liquido de José Nunes Moreira e Silva, impetrante do Diploma em questão o obteve illudindo a Faculdade, e considera nullo o mesmo Diploma[...]<sup>255</sup>

A documentação e a bibliografia especializada, para o século XIX, mencionam alguns adjetivos, que comentamos no capítulo anterior, relacionados à figura dos boticários: confiáveis, prestativos, caridosos com os pobres, habilidosos, escrupulosos, estimados, honesto, conscientes, discretos, modestos, probos, pontuais, prudentes, o ofício farmacêutico era nobre e honroso<sup>256</sup>. No entanto, outros predicados também cunharam sua imagem:

<sup>251</sup> Saúde Pública: SILVA, José Nunes Moreira. SP/PP1, 26. Cx.02; Doc.13. 1869. APM.

<sup>252</sup> “Relação dos boticários providos das competentes cartas Profissionais pela Fisicatura Mor do Brasil, compreendendo os que obtiveram por exames feitos antes da independência Nacional, em Portugal e seus Domínios”. 1811-1828. Fundo Fisicatura Mor. CODES; Caixa 480; Pacote 4. AN.

<sup>253</sup> Saúde Pública: SILVA, José Nunes Moreira. SP/PP1, 26. Cx.02; Doc.13. 1869. APM.

<sup>254</sup> Saúde Pública: SILVA, José Nunes Moreira. SP/PP1, 26. Cx.02; Doc.13. 1869. APM.

<sup>255</sup> Saúde Pública: SILVA, José Nunes Moreira. SP/PP1, 26. Cx.02; Doc.13. 1869. APM.

<sup>256</sup> Saúde Pública: SILVA, José Nunes Moreira. SP/PP1, 26. Cx.02; Doc.13. 1869; MARTINS, Carlos; CASTRO e SILVA. Cx. 11. Doc. 12, 1888; APM. FIGUEIREDO, BG. *A arte de curar: cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais*. RJ:Vício de Leitura, 2002. p.194, 202 passim.



charlatão, falador; imperito, ignorante, mentiroso, inescrupuloso, explorador da incredulidade pública, usurpador<sup>257</sup> e dulcamara<sup>258</sup>.

Verônica Velloso mostra que este termo passou a ser apropriado pelos membros das associações farmacêuticas, na segunda metade dos oitocentos, para denunciar aqueles que consideravam charlatães. Essa associação passou a ser feita a partir da ópera bufa italiana chamada *Elixir de Amor*, de Gaetano Donizetti, em que um de seus personagens, *Dulcamara*, era vendedor de elixires capazes de curar várias doenças, até mesmo as doenças do coração. A autora chama a atenção para o fato dessa associação estar ligada ao objetivo dos acadêmicos em desqualificarem o trabalho dos práticos e buscarem assim a construção de uma identidade profissional; desta forma, tinham o propósito de legitimarem-se junto à população como “profissionais da ciência”, o que para eles os diferenciavam daqueles que não tiveram nenhum tipo de formação formal<sup>259</sup>.

Os conflitos, os nomes pejorativos, as leis e os descontentamentos entre aqueles que atuavam na arte da farmácia compunham o cenário no qual os farmacêuticos da Comarca do Rio das Velhas executavam seu ofício. Percebemos que através das rugas com não habilitados e negociantes de gêneros, os habilitados almejavam a sua projeção neste campo profissional, por isso “*damos a cada um o seu ramo*”<sup>260</sup>. A delimitação mais nítida do espaço de trabalho começou a se concretizar apenas no século XX, com o crescente número de farmacêuticos formados pelas faculdades brasileiras e a conseqüente diminuição numérica dos boticários aprovados<sup>261</sup>. Na comunidade farmacêutica imperial, travou-se um debate a respeito da imagem negativa dada pela associação da profissão boticária às atividades meramente comerciais<sup>262</sup>.

Outro ponto que parece ter incomodado estes indivíduos, mais para o fim dos oitocentos, era a denominação *Boticário*. Boticário e farmacêutico foram termos usados

---

<sup>257</sup> FIGUEIREDO, BG. *A arte de curar: cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais*. RJ: Vício de Leitura, 2002. p.61; SOARES, MS. *A doença e a cura: saberes médicos e cultura popular na corte imperial*. Dissertação de Mestrado. Departamento de História da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 1999. p.295.

<sup>258</sup> Dulcamara era uma planta medicinal com propriedades sudoríficas, indicada para o tratamento da sífilis e moléstias da pele. CHERNOVIZ, PLN. *Diccionario de Medicina Popular e das ciencias acessorias*. 5ª edição. Pariz: Em Casa do Autor, 1878. vol.1, p.870.

<sup>259</sup> VELLOSO, VP. Farmacêuticos, médicos, e as representações do charlatanismo. In: FIGUEIREDO, BG; JEFFERSON, B; VITORINO, JC (coords). *Seminário nacional de História da Ciência e da Tecnologia*. SP: Sociedade Brasileira de História da Ciência, 2005. p.47-48. Este é um trabalho de doutorado que ainda está sendo desenvolvido pela autora.

<sup>260</sup> Denúncia feita pelo farmacêutico Joaquim Carlos Ferreira Pires à Inspeção de Saúde Pública da Província mineira em 1870. Documentos diversos; SP/PP1, 26; caixa 02. Documento 36; APM.

<sup>261</sup> VOTTA, R. *Breve História da Farmácia no Brasil*. RJ: Laboratório Enila S. A., 1965. p.29.

<sup>262</sup> FIGUEIREDO, op cit. p.202.

indistintamente durante a segunda metade do século XIX<sup>263</sup>. Entretanto, nos últimos anos do Império, a palavra *boticário* passou a ser empregada como apelido ao indivíduo sem diploma, relacionando-o à época colonial e à idéia de atraso. Certamente a conotação charlatanesca do boticário passava ao largo da população e das próprias autoridades. A troca oficial dos termos somente ocorreu no Regulamento de 1886<sup>264</sup>.

Nos próximos capítulos veremos como eram as boticas da referida comarca - seus medicamentos, utensílios, objetos e livros - e perceberemos o encontro dos saberes da medicina colonial e do conhecimento da ciência médica e farmacêutica.

---

<sup>263</sup> FIGUEIREDO, BG. *A arte de curar: cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais*. RJ: Vício de Leitura, 2002. p. 226.

<sup>264</sup> VOTTA, R. *Breve História da Farmácia no Brasil*. RJ: Laboratório Enila S. A., 1965. p.29.

## 4 Capítulo III

### No interior das boticas da Comarca do Rio das Velhas 1: manuais e medicamentos.

Neste capítulo estudaremos as boticas da Comarca do Rio das Velhas nos oitocentos e os seus pertences. Aqui buscaremos, a partir de inventários dos boticários, conhecer quais eram as drogas e medicamentos presentes. E para compor o universo de tais espaços é importante investigar estes materiais com apoio dos manuais de farmácia e de medicina possíveis de serem ali encontrados. Assim, será possível entendermos um pouco mais da organização da botica e da prática de boticar na segunda metade do século XIX<sup>265</sup>.

Por meio de relatos de viajantes, é possível se ter idéia de como eram as boticas no século XIX. O comerciante Luccock, percorrendo caminhos na Corte no início desse século, relata que elas eram bem vistosas, com balcões ornamentados assemelhando-se a altares pintados, com boiões holandeses e manuais da arte de curar<sup>266</sup>. A bibliografia consultada nos informa que as boticas eram divididas em dois espaços; o primeiro era o ambiente externo, no qual ficava a armação da botica com suas prateleiras e balcão vidrados, os remédios expostos para a venda e os clientes. O segundo espaço era o local destinado à manipulação dos medicamentos, onde se reuniam os vasilhames, instrumentos, aparelhos e substâncias destinadas à produção medicamentosa. As informações que temos são de que nas boticas costumavam ter uma sala da frente bem arrumada e sortida de objetos e substâncias medicamentosas, com uma armação bem atraente ao público e cadeiras, nas quais os clientes poderiam aguardar a preparação do remédio; havia também uma grade de madeira ou de ferro que separava esta sala do público<sup>267</sup> (Fig. 2). Veremos adiante o que foi possível encontrar nas boticas da Comarca do Rio das Velhas na segunda metade dos oitocentos.

---

<sup>265</sup> Este capítulo foi desenvolvido a partir das boticas encontradas na Comarca do Rio das Velhas durante a segunda metade do século XIX. Foram usados 5 inventários *post mortem* e pouco mais de 60 receitas de remédios elaboradas por boticários instalados na mesma Comarca. Para nos auxiliar no entendimento das funções das drogas e utensílios na terapêutica oitocentista e na prática de farmácia, foram usados com maior frequência o Dicionário de Medicina Popular e o Formulário ou Guia Medica do Dr. Pedro Luiz Napoleão Chernoviz, nas suas várias edições. A referência de todas estas fontes se encontra no final do texto.

<sup>266</sup> LUCCOCK, J. *Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil*. BH: Itatiaia. SP: Edusp, 1975. p.71.

<sup>267</sup> SANTOS FILHO, L. Medicina no Período Imperial. In: HOLANDA, SB (org). *História Geral da Civilização*. Tomo II. Vol. III. O Brasil Monárquico. Reações e Transações. 6º ed. São Paulo. DIFEL. 1976. p. 482; VOTTA, R. *Breve História da Farmácia no Brasil*. RJ: Laboratório Enila S. A., 1965. p.26; RANGEL FILHO, A. *A evolução da indústria farmacêutica no Brasil*. RJ: Separata da Revista Brasileira de Farmácia. Jan-Fev. 1957. p.7.

#### 4.1 As Farmacopéias e manuais de medicina<sup>268</sup>

Quase todos os fazendeiros [...] têm algo de médico, também, sempre dispostos a receitar salsaparrilha e outros símplies e a prescrever dietas. No tempo de Gardner, os livros que consultavam eram a *Domestic Medicine* de Buchan, traduzida para o português; agora, o *Formulário de Chernoviz* deve ter feito fortuna; faz agora parte do próprio mobiliário das casas [...]<sup>269</sup>.

O viajante Richard Burton, ao passear pelas redondezas de Santa Luzia na Comarca do Rio das Velhas em 1867, percebeu que era freqüente o encontro de manuais de medicina, como os de autoria de Buchan e de Chernoviz nas residências e fazendas<sup>270</sup>.

A presença de manuais nas farmácias da segunda metade dos oitocentos era freqüente e alguns deles eram obrigatórios, a partir da década de 80, como os do próprio Chernoviz e o do Dr. Langgaard<sup>271</sup>. Era possível encontrar muitos manuais e formulários médicos e farmacêuticos nesses recintos, tais como<sup>272</sup>:

Arte obstétrica ou Tratado Completo dos Partos (cujo título nos sugere ser do autor Theodoro Langgaard)  
 Atlas de Anatomia do Corpo Humano  
 Código Farmacêutico Lusitano ou Tratado de Farmaconomia de Albano Pinto  
 Dicionario de Medicina Popular de Pedro Luiz Napoleão Chernoviz  
 Dicionario de Medicina Doméstica e Popular de Theodoro Langgaard  
 Dicionario de Plantas Medicinaias Brasileiras (cujo título nos sugere ser do autor Nicolau Moreira)  
 Elementos de Botânica Geral e Médica (que poderia ser de autoria de Joaquim Caminhoá)  
 Formulario e Guia Médico de Pedro Luiz Napoleão Chernoviz.  
 Formulario de Cordeiro  
 Formulario de Mealhe  
 Formulario de Reis  
 Formulario de Ildefonso Gomes  
 Manual de Anatomia ou Estudo do Organismo do Homem e da Mulher  
 Manual do Fazendeiro ou Tratado Doméstico (cujo título nos indica ser do autor Jean Baptiste Imbert)  
 Manual de Moléstias dos Olhos  
 Nouveau Formulaire Magistral de Apollinaire Bouchardat  
 Novo Formulário Médico e Farmacêutico ou Vademecum do Medicum de Theodoro Langgaard

<sup>268</sup> Aqui daremos ênfase àquele manual que segundo a historiografia alcançou grande popularidade, que foi o manual de Chernoviz; mas também falaremos sobre a obra de Langgaard que era muito semelhante ao de Chernoviz. Para saber mais sobre os formulários de Chernoviz e Langgaard e outros manuais de medicina dos oitocentos ver: GUIMARÃES, MRC. *Civilizando as artes de curar: Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências da Saúde) - Casa Oswaldo Cruz, FIOCRUZ, 2003; FIGUEIREDO, BG. *O doutor da capa preta: Chernoviz e a medicina no Brasil no século XIX*. In: [http://www.fafich.ufmg.br/~scientia/art\\_beta2.htm](http://www.fafich.ufmg.br/~scientia/art_beta2.htm); NAVA, P. *Capítulos de História da Medicina no Brasil*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2003; SANTOS FILHO, LC. *História Geral da Medicina Brasileira*. São Paulo: HUCITEC: Editora da Universidade de São Paulo, 1991. Vol. 2.

<sup>269</sup> BURTON, R.F. *Viagem de canoa de Sabará ao Oceano Atlântico*. SP: Editora da USP, 1977. p.48.

<sup>270</sup> O manual de Buchan, médico escocês, teve sua primeira edição em 1774 e seu sucesso pôde ser medido pelo fato de ter sido traduzido para as línguas européias e porque em cem anos ele teve uma média de uma edição por ano. Já no século XIX, o livro de sucesso foi o do Dr. Chernoviz. GUIMARÃES, M.R.C. *op cit.* p.38; 54 passim.

<sup>271</sup> Pedro Luiz Napoleão Chernoviz, polonês e membro da Academia Imperial de Medicina no Brasil desde 1840, buscou dedicar as diversas edições do seu Formulário, aos profissionais da arte de cura, enquanto que seu Dicionário de Medicina Popular foi destinado mais à população em geral. Theodoro Langgaard, médico dinamarquês aqui chegado em 1842, também publicou obras como Chernoviz. Ele foi autor do Novo Formulário Médico e Farmacêutico com primeira edição em 1868 e do Dicionário de Medicina Doméstica e Popular em duas edições no Império. Ver: GUIMARÃES, *op cit.*

<sup>272</sup> Livros retirados dos inventários de boticários entre as décadas de 1850 a 1880. A referência de tais inventários se encontra no final desta dissertação.

Pharmacopée universelle de Antoine Jourdan  
 Traité de Matière medicale et de Thérapeutique de François Foy  
 Traité de Pharmacie de Soubeiran  
 Volumes de História Natural

As boticas da Comarca do Rio das Velhas não tinham todos os livros aqui relacionados e nem todos aqueles que eram exigidos pela Junta Central de Higiene Pública. A Junta de Higiene, na década de 50 dos oitocentos, estabelece os livros obrigatórios nas boticas:

Código Francês  
 Conspecto das Farmacopéias de Antoine Jourdan  
 Matéria Médica Formulário de Bouchardat  
 Farmacopéia Geral  
 Farmacopéia de Foy  
 Código Farmacêutico e Farmacografia de Agostinho Pinto (última edição)

Na tentativa de se estabelecer uma vigilância na prática dos boticários, eram exigidos pela mesma legislação dois livros de registros:

Um livro para registro das receitas  
 Um livro para assentamento das substâncias venenosas que se venderem, sua qualidade e quantidade, nome do comprador e dia da venda<sup>273</sup>.

A lista de livros a partir de 1882 é aumentada:

A Oficina ou Repertório Geral de Farmácia Prática de Dorvault  
 Anuário Farmacêutico de Méhu  
 Anuário de Terapêutica de Bouchardat  
 Codex Medicamentarius – Farmacopéia Francesa  
 Compêndio de Farmácia Prática de Deschamps (d'Avallon)  
 Dicionário das Alterações e Falsificações de Chevallier e Baudrimont  
 Formulas Prediletas dos Médicos Franceses e Estrangeiros de Gallois  
 Formulário de Chernoviz  
 Formulário de Langgaard  
 Formulário Magistral de Bouchardat  
 Formulário Oficial e Magistral de Jeannel  
 Formulário dos Medicamentos Novos de Réveil  
 Formulário Terapêutico de Fonsagrives  
 Guia Prática para o Exame das Preparações Farmacêuticas de Codex de Le Page e Patrouillaud  
 Tratado de Farmácia de Souberan  
 Vade Mecum do Farmacêutico na Oficina e no Laboratório de Ferrand<sup>274</sup>

De um total de seis manuais e dois livros de registros, a lista agregou dez manuais, totalizando 16 compêndios obrigatórios. As Farmacopéias de Jourdan, Foy e Agostinho Pinto

<sup>273</sup> Tabella dos medicamentos, vasilhames, instrumentos, utensis e livros, organizada em virtude do art. 57 do Regulamento da Junta Central d'hygiene Publica de 29 de Setembro de 1851 para as Boticas do Império. RJ: Typographia Nacional, 1852. SDE. Rel. 15. JCHP (1851-53). Ofícios e documentos diversos. Fundo: Série saúde. Gabinete do Ministro. Arquivo Nacional.

<sup>274</sup> Tabella dos medicamentos, vasilhames, instrumentos, utensilios e livros, organizada, em virtude do art. 56 do Regulamento de 19 de Janeiro de 1882, pela Junta de Hygiene Publica para as pharmacias do Império do Brazil. *Decisões do Governo*: N°16 - Em 14 de Setembro de 1882.

havia sido suprimidas da tabela de 1882 e foram adicionados de Dorvault, Soubeiran, Langgaard e Chernoviz.

O repertório de títulos e autores variava de botica para botica. Por exemplo, na botica do Sr. Barboza havia um formulário da autoria de Foy, um formulário de Chernoviz e onze livros de farmácia sem a descrição de seus títulos e dos respectivos autores. No recinto farmacêutico do Sr. Broxado havia 19 livros de Farmácia. Entre os formulários exigidos havia na botica deste senhor os de autoria de Foy, de Bouchardat, de Jourdan e os códigos farmacêuticos lusitanos. Esse boticário<sup>275</sup> possuía ainda muitos livros que não eram indicados pela tabela de 1852: os formulários de Mealhe, que foi professor associado à Faculdade de Medicina de Paris e farmacêutico do Imperador francês<sup>276</sup>, os formulários de Cordeiro, o formulário de Ildefonso Gomes, de Reis, de Langgaard e de Chernoviz. Esse farmacêutico possuía dois dicionários português-francês que contribuem para mostrar que a literatura das farmácias oitocentistas estava dividida entre autores franceses e portugueses.

O farmacêutico Cebollas possuía livros para sua prática e outros ligados à medicina. Em sua botica, bem como na do Sr. Broxado, havia um Atlas de Anatomia do Corpo Humano. Sabemos que um dos atlas correntes no período foi o de autoria do Doutor Bock, lente de Anatomia na Real Universidade de Leipzig, traduzido por Langgaard e publicado em 1853<sup>277</sup>.

O Sr. Cebollas possuía ainda um manual de Anatomia ou Estudo do Organismo do Homem e da Mulher; volumes de Elementos de Botânica - nas suas 5ª e 7ª edições, Manual do Fazendeiro ou Tratado Doméstico<sup>278</sup>, Arte Obstétrica ou Tratado Completo dos Partos, Dicionário de Plantas Medicinais, Novo Formulário Geral, Código Farmacêutico, Formulário de Bouchardat e de Langgaard, e na fazenda de seu avô, onde existia uma botica familiar, possuía o dicionário e o formulário de Chernoviz.

Segundo Guimarães, os compêndios do Dr. Chernoviz, assim como os demais do século XIX, possuíam um novo aspecto quanto à sua forma e concepções médicas se comparados aos do século XVIII. Apresentaram-se mais acessíveis ao uso da população, eram mais atentos aos pressupostos higiênicos, climáticos e anatomoclínicos, orientados para uma

---

<sup>275</sup> O inventário deste boticário datava da década de 70.

<sup>276</sup> *Almanak Laemmert*. Anúncios de Paris, 1859.

<sup>277</sup> BOCK, CE. *Atlas Completo da Anatomia do Corpo Humano*. RJ: Eduardo e Henrique Laemmert, 1853. Theodoro Langgaard foi um médico dinamarquês que chegou ao Brasil em 1842. Assim como Chernoviz, publicou formulários e dicionários de medicina. Para mais detalhes sobre Langgaard e Chernoviz, consultar: GUIMARÃES, MRC. *Civilizando as artes de curar: Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências da Saúde) - Casa Oswaldo Cruz, FIOCRUZ, 2003.

<sup>278</sup> Possivelmente de autoria de Imbert. Ver GUIMARÃES, op cit.

nova forma de se praticar a medicina<sup>279</sup>. A medicina começava a voltar seus estudos para o leito do paciente por meio de exames clínicos e a doença começa a ser identificada através de lesões visíveis nos órgãos do corpo humano<sup>280</sup>.

Compêndios como dos autores Chernoviz e Langgaard assumiram grande importância para a medicina executada pela população nos oitocentos, pois por meio deles tinha-se acesso a um tipo de informação, produzida e sistematizada em espaços acadêmicos, e transformada em linguagem fácil de ser compreendida. A posição dos órgãos reguladores era bastante favorável à utilização de vários destes manuais nas boticas, como atestam os próprios regulamentos da prática boticária, que passou a indicá-los obrigatoriamente a partir de 1882<sup>281</sup>. Os formulários e dicionários de medicina seguiam basicamente a mesma estrutura, continham a descrição dos medicamentos, suas propriedades, os casos em que eram empregados e suas doses segundo a idade e o sexo do paciente. Eram descritas também as substâncias incompatíveis, as plantas medicinais indígenas, as águas minerais, a arte de formular, um memorial terapêutico e um índice alfabético português-francês das substâncias medicinais simples<sup>282</sup>.

Por possuírem característica pedagógica, os manuais contribuíram para que muitos boticários pudessem aprender e praticar seu ofício. Como exemplo, para a utilização dos almofarizes (Fig. 9), a fim executar a pulverização - uma operação farmacêutica - o Formulário de Chernoviz explicava as diferentes formas de realizar tal processo:

- Contusão: Em que se empregava perpendicularmente a ação da mão do almofariz sobre as substâncias, em geral as mais resistentes como os lenhos, as cascas e raízes.
- Trituração: Era efetuada comprimindo-se a substância com esforço proporcionado à resistência que ela opõe, entre as paredes do almofariz e do pistilo, movendo este circularmente sobre aquelas.
- Porfirização: Que poderia ser do tipo seco e úmido (pulveriza a substância com a adição de água).
- Fricção: Era empregado para pulverizar as substâncias muito leves ou muito pesadas, como magnésia e alvaiade que não trituravam com facilidade. Assim, esfregavam-se

<sup>279</sup> GUIMARÃES, MRC. *Civilizando as artes de curar: Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências da Saúde) - Casa Oswaldo Cruz, FIOCRUZ, 2003. p.43.

<sup>280</sup> FOUCAULT, M. *O nascimento da clínica*. 5ªed. RJ: Forense Universitária, 2001. p.155. Falaremos mais calmamente sobre isto mais adiante.

<sup>281</sup> Tabella dos medicamentos, vasilhame, instrumentos, utensilios e livros, organizada, em virtude do art. 56 do Regulamento de 19 de Janeiro de 188, pela Junta de Hygiene Publica para as pharmacias do Império do Brazil. *Decisões do Governo*: N°16 - Em 14 de Setembro de 1882.

<sup>282</sup> CHERNOVIZ, PLN. *Formulário e Guia medica*. 10ª edição. Paris: Em Casa do Autor, 1879. p.III.

as substâncias sobre um peneiro apertado que era estendido debaixo do pistilo do almofariz.

- Intermédio: Eram substâncias, como o açúcar e o álcool que seriam adicionadas a outras, quando qualquer outro meio de pulverizar não fosse possível<sup>283</sup>.

Tudo indica que as obras de Chernoviz preocupavam-se em acompanhar o desenvolvimento da ciência médica e farmacêutica, o que pode ser percebido pelas suas reedições, que sempre passavam por modificações. Como exemplo, o doutor Chernoviz, preocupando-se com a modificação da legislação, publicou a 4ª edição de seu Formulário em 1856, visando acompanhar o artigo 56 do Regulamento de 29 de Setembro de 1851. Segundo o autor,

Tendo decretado o Governo do Império do Brasil em 29 de Setembro de 1851, que para a composição dos medicamentos officinaes servisse o Código Pharmaceutico Francez, necessário se tornava o fazer grandes modificações e muitos accrescimos na presente edição. Com effeito, achão-se transcriptas do Código Francez neste livro não só as formulas e as manipulações mais importantes dos medicamentos officinaes, taes como os extractos, emplastos, xaropes, etc., mas ainda são modificadas conforme essa colecção legal as preparações dos medicamentos magistraes, como infusões, cozimentos, poções, etc [...]<sup>284</sup>.

Outro ponto que nos permite perceber que os autores destes manuais se preocupavam com o desenvolvimento desta ciência foi o fato de incorporarem em seus verbetes e explicações, objetos que iam surgindo ao longo do século XIX, permitindo aos boticários terem acesso ao conhecimento destas novidades e aprenderem a utilizá-los. Algumas dessas novidades se mostravam muito raras nas boticas da Comarca do Rio das Velhas como o termômetro e o aparelho de fazer água gasosa (Fig. 11), instrumentos só incorporados à medicina no século XIX<sup>285</sup>.

Manuais de medicina popular e formulários de diferentes autores basicamente versavam sobre os mesmos temas. Todavia, de acordo com Guimarães, algumas diferenças podem ser estabelecidas, por exemplo, entre as obras de Chernoviz e Langgaard. O primeiro teria ido à frente nas questões de pesos e medidas, pois incluiu no seu Dicionário do ano de 1862 o sistema decimal português de pesos, adotado em 1860. Anos mais tarde em seu formulário, Chernoviz apresentou uma tábua de conversão ao sistema decimal dos pesos e

<sup>283</sup> CHERNOVIZ, PLN. *Formulário e Guia medica*. 10ª edição. Paris: Em Casa do Autor, 1879. p.43.

<sup>284</sup> Idem. 1856. p. VI.

<sup>285</sup> Veremos com mais detalhes sobre estes objetos no capítulo IV.



medidas usados nas farmácias do Brasil. A introdução desse sistema decimal, segundo o neto do próprio Langgaard, foi significativa para a supremacia da obra de Chernoviz<sup>286</sup>.

Outro ponto que distingue as obras dos dois autores é o fato de, ao contrário de Chernoviz, Theodoro Langgaard ter pretendido formar práticos de medicina: ao falar de amputação e outras cirurgias<sup>287</sup>, fornecia informações e desenhos detalhados sobre veias, artérias, tecidos, nervos e tudo que fosse necessário para a realização de tais procedimentos<sup>288</sup>.

O fato de as obras do Dr. Chernoviz terem se notabilizado tanto neste período em relação a outros compêndios, despertou a atenção de estudiosos que produziram artigos e dissertações<sup>289</sup>. Diante de elevada popularidade nos oitocentos, que nos indica sua importância para a terapêutica imperial, justificamos nossa utilização das obras deste autor, pois foi possível uma melhor compreensão das boticas e da terapêutica do período.

Esses compêndios, sem dúvida, colocaram os farmacêuticos a par dos conhecimentos mais recentes da época aplicados à farmácia e medicina, auxiliando no exercício de suas tarefas terapêuticas junto à população. No entanto, percebemos que os boticários sofreram as influências da medicina colonial, profundamente enraizada na sociedade imperial. Da mesma forma, os manuais que os auxiliavam, mesmo trazendo uma concepção diferente da antiguidade do que seriam os humores, continham os recursos utilizados para purgar, sangrar, vomitar, ao mesmo tempo em que apresentavam uma orientação anatomoclínica<sup>290</sup>, característica da ciência acadêmica do século XIX.

## 4.2 Os remédios

Apresentamos a partir daqui parte dos remédios e substâncias encontrados nas boticas, suas formas farmacêuticas, suas classificações e as idéias médicas que envolviam a terapêutica oitocentista na Comarca do Rio das Velhas<sup>291</sup>.

No século XIX a palavra *Farmácia* era entendida como “a arte que ensina a conhecer, escolher, preparar, unir ou combinar os remédios<sup>292</sup>”. Em meio a estes conceitos, estavam

---

<sup>286</sup> GUIMARÃES, MRC. *Civilizando as artes de curar: Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências da Saúde) - Casa Oswaldo Cruz, FIOCRUZ, 2003. p.75.

<sup>287</sup> LANGGAARD, TJH. *Dicionário de Medicina Doméstica e Popular*. 2ª ed. Rio de Janeiro: E & Laemmert, 1873.

<sup>288</sup> GUIMARÃES, MRC. op cit. p.52-53.

<sup>289</sup> Como por exemplo: FIGUEIREDO, ibidem; GUIMARÃES, ibidem.

<sup>290</sup> Veremos mais adiante sobre os humores e a anatomoclínica.

<sup>291</sup> Neste trabalho seria impossível mencionarmos todos os medicamentos e objetos presentes nas boticas investigadas. Sendo assim, no final, apresentamos em anexo tabelas dos medicamentos presentes nas boticas e nas receitas da Comarca do Rio das Velhas.

implícitos muitos outros conhecimentos que o farmacêutico deveria possuir para executar com prontidão suas tarefas. As boticas oitocentistas possuíam inúmeras drogas simples com origens distintas e era a partir da *Materia Medica*, que o farmacêutico aprendia os conhecimentos sobre estas drogas. A *Materia Medica*, que era dividida em Reino vegetal, mineral e animal, permitia ao boticário conhecer a natureza das drogas simples usadas na medicina.

Os remédios ou medicamentos eram entendidos, na época, como todos aqueles meios que, aplicados interna ou externamente, tinham a capacidade de provocar modificações benéficas no organismo vivo<sup>293</sup>. O farmacêutico deveria saber escolher bem as drogas e conservá-las antes de serem utilizadas para a preparação de algum medicamento. Na preparação, era necessário saber como e que tipo de droga simples deveria ser misturada ou combinada umas às outras, para delas se obter os remédios<sup>294</sup>.

Os remédios se dividiam em simples e compostos. Os simples eram aqueles que a natureza oferecia e eram aplicados sem sofrerem modificações, eram apenas submetidos a preparações ligeiras<sup>295</sup>: a alface ingerida crua facilitava o corrimento das urinas e favorecia o sono<sup>296</sup>. Os remédios compostos resultavam da mistura das drogas simples<sup>297</sup>; assim misturava-se a raiz de ipecacuanha e o tártaro emético para obter um vomitório<sup>298</sup>.

Pedro Chernoviz preferia os remédios simples aos compostos, pois a mistura de diversas drogas poderia muitas vezes causar reações químicas incompreensíveis; a simplicidade era uma das condições essenciais nas preparações medicamentosas. Misturavam-se as drogas tanto para aumentar a ação da substância principal de uma composição como para diminuir e corrigir a ação de um medicamento<sup>299</sup>.

Os remédios se dividiam em officinais e magistrais<sup>300</sup>. Os officinais eram aqueles que já se encontravam prontos nas boticas para serem utilizados; eram os xaropes, as tinturas, os unguentos e os extratos. Dentro das boticas investigadas, encontramos o extrato de guaranhen, o unguento de alteia, e o xarope de digitalis de Labelonye (Fig. 7), indicados como

---

<sup>292</sup> SOUZA PINTO, AJ. *Elementos de Pharmacia, Chymica e Botânica*. Nova edição. Ouro Preto: Typografia de Silva, 1837. p.1.

<sup>293</sup> SOUZA PINTO, loc cit.

<sup>294</sup> SOUZA PINTO, loc cit.

<sup>295</sup> SOUZA PINTO, loc cit.

<sup>296</sup> CHERNOVIZ, PLN. *Diccionario de Medicina Popular e das ciencias acessorias*. 5ª edição. Pariz: Em Casa do Autor, 1878. vol.1, p.112.

<sup>297</sup> SOUZA PINTO, loc cit.

<sup>298</sup> CHERNOVIZ, PLN. *Formulário e Guia medico do Brazil*. RJ: Typografia nacional, 1841. p.CXL.

<sup>299</sup> Ibidem. p.CXLI.

<sup>300</sup> Idem, 1856. p.1.

adstringente e tônico, emoliente, diurético e calmante, respectivamente<sup>301</sup>. Havia officinais que, além de indicarem a substância com a qual foram preparados, apresentavam o autor da fórmula, como o xarope de digitalis de Labelonye, talvez para dar credibilidade ao medicamento e favorecer a venda.

Os medicamentos magistrais eram aqueles cujas fórmulas eram passadas pelos médicos e enviadas ao farmacêutico para serem aviadas. No balcão da botica, o boticário aguardava as receitas dos clientes para posteriormente manipulá-las e dispensá-las. A receita que se segue, retirada da conta testamentária de um sabarense, é um medicamento magistral<sup>302</sup>.

Receita : Acetato de morfina ----- 1 grama  
 Extrato de valeriana ----- 18 gramas  
 para que se faça 6 pílulas

Por meio dos manuais de medicina correntes no século XIX, podemos inferir qual foi a indicação das pílulas: o acetato de morfina, presente no ópio, era empregado para provocar sono e aliviar as dores. O extrato de valeriana possuía propriedades semelhantes. A mistura das substâncias resultaria em uma pílula sedativa.

Ao preparar esses medicamentos era necessário alguns cuidados, sobretudo na mistura das drogas simples, pois uma poderia não ser miscível à outra. Quando isso acontecia, o boticário deveria empregar um medicamento *intermédio*, quer dizer, um componente que ajudaria as substâncias a se combinarem, tomando forma e tornando-se consistente. Ao misturar certas substâncias, o farmacêutico deveria também conhecer bem a ação química delas, para não exercerem ação umas sobre as outras e resultarem em um composto não desejado<sup>303</sup>.

Ao colocarem o preparado no recipiente, os boticários deveriam escrever no rótulo, entre outras informações, se o produto era de uso interno ou externo, afinal a arte de boticar era regulada por uma legislação. O artigo 59 do Decreto Nº. 8387 de 1882, previa que:

[...] os pharmaceuticos terão um livro destinado a registrar as receitas aviadas, e transcreverão textualmente as mesmas receitas nos rotulos que devem acompanhar os medicamentos fornecidos; as vasilhas ou os envoltórios, que as contiverem, serão lacrados e marcados com o nome e logar de residencia do pharmaceutico; nos rotulos indicar-se-ha com toda a clareza o nome do medico, o modo de administração dos remedios e o seu uso interno ou externo, havendo rotulo especial para os de uso externo.

<sup>301</sup> CHERNOVIZ, PLN. *Diccionario de Medicina Popular e das sciencias acessorias*. 5ª edição. Pariz: Em Casa do Autor, 1878. vol.1, p.402; vol.2, p.1114; *Almanak Laemmert*. Anúncios de Paris, 1860.

<sup>302</sup> Conta testamentária: Ano 1846. CPO-CT .Tes(02)26 – Arquivo Casa Borba Gato. Sabará.

<sup>303</sup> CHERNOVIZ, PLN. *Formulário e Guia medico do Brazil*. RJ: Typografia nacional, 1841.p. CXXXIX.

As preparações de uso externo poderiam ser cataplasmas, pomadas, unguentos, emplastos, cerotos, injeções e supositórios<sup>304</sup>. Enquanto que as preparações farmacêuticas destinadas ao uso interno seriam os arrobes, cápsulas, cozimentos, águas destiladas, tinturas, bálsamos, alcoolatos, xaropes, extratos, pós, pílulas, pastilhas<sup>305</sup>.

### 4.3 Preparações farmacêuticas

As águas destiladas eram formas de medicamentos resultantes da destilação por meio de retorta, vapor ou alambique (Fig. 10), da água sobre as plantas. Esse processo permitia que a água contivesse as partes voláteis e odoríferas das plantas. Segundo Chernoviz, a água destilada se tornava uma forma farmacêutica importante, uma vez que constituía o excipiente ou a parte ativa e consistente de colírios e injeções<sup>306</sup>. Várias águas eram obtidas por meio da destilação como a água de flor de laranjeira e a água de alface, encontrada nas boticas estudadas. A primeira poderia ser usada tanto como anti-espasmódica quanto calmante, da mesma maneira que a segunda poderia entrar na preparação de soluções calmantes<sup>307</sup>.

Os arrobes ou robes eram os sumos de frutos reduzidos pela evaporação à consistência de mel. Nas boticas estudadas encontramos o robe anti-sifilítico e o robe anti-escorbútico<sup>308</sup>. Os bálsamos também eram preparações que podiam ser tinturas alcoólicas muito carregadas de resina e de substâncias aromáticas e óleos medicinais ou pomadas<sup>309</sup>. O bálsamo de Tolú, por exemplo, era indicado nas moléstias pulmonares e recebeu esse nome por que emanava de uma árvore própria da região da cidade de Tolú, na América Meridional; já o bálsamo tranqüilo era uma preparação composta de um conjunto de substâncias narcóticas capazes de tranqüilizarem as dores reumáticas<sup>310</sup>, como o próprio nome sugere.

Os emplastos, assim como os unguentos, possuíam como substância um corpo gorduroso, que podia ser a banha e o óleo, e aderiam à pele sem se derreter<sup>311</sup>. Os cerotos eram preparações com consistência semi-líquida, também destinadas ao uso externo. Eram compostos de óleo e cera e outras substâncias mais ativas<sup>312</sup>. Os boticários prepararam em suas boticas o ceroto simples, à base de óleo de amêndoas e cera branca, destinado a servir de

<sup>304</sup> CHERNOVIZ, PLN. *Formulário e Guia medico do Brazil*. RJ: Typografia nacional, 1841. p.CXLV a CL. Aqui citamos apenas alguns deles.

<sup>305</sup> CHERNOVIZ. op cit. p.CL a CLVI. Aqui citamos apenas alguns deles.

<sup>306</sup> Idem 1856. p.12.

<sup>307</sup> Idem. 1878. vol.1, p.56 e 113 respectivamente.

<sup>308</sup> Idem. 1856. p.15

<sup>309</sup> Ibidem. p.15.

<sup>310</sup> Idem. 1878. vol.1, p.299-300.

<sup>311</sup> Idem. 1856. p.31.

<sup>312</sup> Ibidem. p.18.

base a outras preparações, e o ceroto espermacete feito de ceroto simples e de espermacete, uma substância proveniente do cachalote<sup>313</sup>.

As cápsulas eram envoltórios de forma e tamanho semelhante ao de uma azeitona e feitas de gelatina e de massa de jujubas, que são frutos da maceira d'anafega. Essas cápsulas eram indicadas para facilitar a ingestão dos medicamentos de cheiro e sabor desagradável<sup>314</sup>. A copaíba e o apiol eram substâncias de origem vegetal que em cápsula, tornavam-se mais aceitáveis; na botica do Sr. Broxado havia um vidro de cápsulas de copaíba, um adstringente e na Sr. Cebollas, quatro vidros de apiol, para favorecer a menstruação.

O cozimento, outra forma farmacêutica, era um método pelo qual substâncias eram transformadas em medicamentos pela fervura de certas plantas com a água<sup>315</sup>. Entre os cozimentos preparados pelos boticários na Comarca do Rio das Velhas temos o cozimento da planta alteia usada para moléstias do peito, o de sementes de cevada para inflamações no estômago e intestino, e o antifebril feito de substâncias que atuavam contra as febres intermitentes<sup>316</sup>. Extratos, encontrados em abundância nessas boticas, eram produtos da evaporação de um suco natural até uma consistência mole, firme ou seca. Eles poderiam ser ainda soluções obtidas de uma substância vegetal ou animal com a água, o álcool ou éter<sup>317</sup>. Havia em algumas farmácias da Comarca do Rio das Velhas extratos vegetais de ruibarbo, de arnica e o extrato animal de fel de boi.

As pastilhas e tabelas eram remédios de forma redonda, quadrada ou rombóide e compostos de diversas matérias medicamentosas ligadas, respectivamente, por meio de açúcar ou mucilagem<sup>318</sup>. As pílulas eram formadas de pós misturados e incorporados por meio de um xarope, mucilagem, mel, conserva e outros produtos com forma globular e o peso de um a seis grãos<sup>319</sup>.

Os pós eram obtidos por meio da pulverização de certas substâncias em um almofariz. As tinturas eram soluções de éter ou álcool, que poderiam receber o nome de espirituosas<sup>320</sup>. Os xaropes eram os medicamentos líquidos doces e considerados agradáveis, preparados por meio da dissolução do açúcar na água pura ou carregados de princípios

---

<sup>313</sup> CHERNOVIZ, P. L. N. *Diccionario de Medicina Popular e das ciencias acessorias*. 5ª edição. Pariz: Em Casa do Autor, 1878. vol.1, p.550, 993.

<sup>314</sup> Idem, 1856. p.18; Idem, 1878. vol.2, p.234.

<sup>315</sup> Idem, 1879. p.32.

<sup>316</sup> Idem. 1878. vol.1, p.136, 563, 209 respectivamente.

<sup>317</sup> CHERNOVIZ, PLN. *Formulário e Guia medica*. 4ª edição. RJ: Eduardo & Henrique Laemmert, 1856. p.27.

<sup>318</sup> Ibidem. p.34.

<sup>319</sup> Ibidem. p.34.

<sup>320</sup> Ibidem. p.45.

medicamentosos<sup>321</sup>. Nas boticas da Comarca do Rio das Velhas havia, por exemplo, o xarope de digitalis de Labelonye, de salsaparrilha e da substância morfina.

As formas de se fazer essas preparações se encontravam indicadas nos formulários médicos e compêndios farmacêuticos que circulavam na época e faziam parte das boticas, além da orientação prática com mestre, dono de botica ou com professores nas academias.

#### 4.4 Substâncias vegetais, minerais e animais<sup>322</sup>

Nas boticas, as substâncias de origem vegetal estavam sempre em maior quantidade (56, 62%), seguidas das minerais (34,44%) e, por último, das de animais (8,94%)<sup>323</sup>.

Havia também grande quantidade de substâncias químicas, o que diferenciava bastante estas farmácias das do século anterior, nas quais o número destes produtos era bem pequeno<sup>324</sup>. A ciência química vinha tomando forma desde o século XVIII na Europa e, unida ao desenvolvimento da fisiologia, o estudo dos medicamentos foi viabilizado. Os experimentos fisiológicos realizados em laboratório teriam permitido entender os efeitos de algumas drogas no organismo dos animais, além de ter possibilitado a identificação do princípio ativo de alguns medicamentos. Até então, este princípio ativo era tido como uma construção intelectual dos filósofos modernos, mas, a partir dos estudos em laboratório, tornou-se uma substância cristalina visível, de composição conhecida como a que poderia ser conservada em frascos de vidros<sup>325</sup>. Assim foi possível identificar que o princípio ativo da semente de noz vômica era a estricnina, da raiz ipecacuanha a emetina, das folhas da digital a digitalina. Do ópio surgiu a morfina, da casca peruviana a quinina e do café a cafeína<sup>326</sup>. O próprio Império brasileiro produzia produtos químicos terapêuticos provenientes de vegetais, mas insuficientes para abastecer o mercado nacional. A maioria desses produtos vinha da Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos<sup>327</sup>.

<sup>321</sup> CHERNOVIZ, PLN. *Formulário e Guia medica*. 4ª edição. RJ: Eduardo & Henrique Laemmert, 1856. p.48.

<sup>322</sup> Para tentarmos classificar os medicamentos da Comarca do Rio das Velhas no século XIX utilizamos como apoio o Formulário do Dr. Chernoviz, editado em 1879; o seu Dicionário de Medicina Popular (1878); e o capítulo escrito por Edward Shorter no livro de Roy Porter; cujas referências se encontram na bibliografia.

<sup>323</sup> Estes números foram baseados na análise dos inventários das boticas da Comarca do Rio das Velhas na segunda metade do século, referenciados no final da dissertação.

<sup>324</sup> Esta comparação foi feita com inventário e algumas receitas de medicamentos do final do século XVIII no mesmo espaço geográfico, também referenciados no final deste trabalho. Aí se encontra em anexo algumas das substâncias de origem vegetal, minerais e as químicas que faziam parte das boticas da segunda metade dos oitocentos localizadas na Comarca do Rio das Velhas.

<sup>325</sup> WEATHERALL, M. Tratamento por drogas e surgimento da Farmacologia. In: PORTER, R. *Cambridge - Historia Ilustrada da Medicina*. RJ: Livraria e Editora Revinter, 2001. p.255.

<sup>326</sup> Ibidem. p.257; CHERNOVIZ, PLN. *Diccionario de Medicina Popular e das ciencias acessorias*. 5ª edição. Pariz: Em Casa do Autor, 1878. vol.2, p.858.

<sup>327</sup> RIBEIRO, MAR. Saúde pública e as empresas químico-farmacêuticas. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, volVII(3): 607-626, nov.2000-fev.2001. p.610.

De acordo com a abordagem de Maria Ribeiro, a produção de substâncias de origem mineral começou mais tarde no Brasil, provavelmente porque, para se ter um segmento industrial de substâncias químicas derivadas de minerais era exigido maior complexidade científica e tecnológica do que a disponível naquele momento no Império. Acrescido ao fato apontado acima, a referida autora afirma que no período não havia produção de matéria prima no mercado nacional, assim dependendo da importação. No entanto, no país formou-se cedo (1831) um segmento industrial químico baseado nas substâncias vegetais<sup>328</sup>.

A redução da preparação de remédios feitos a partir de produtos animais está muito ligada a concepções que relacionavam estes produtos ao imundo, ao sujo, ao podre e à doença<sup>329</sup>. As substâncias de origem animal, muitas vezes consideradas excrementos e produtos pútridos, iam contra a concepção higienista que a nova geração de médicos levantava como bandeira. Desta forma, muitos produtos animais foram aos poucos deixando de fazer parte da lista de substâncias das boticas e, conseqüentemente, da preparação de remédios. Substâncias de origem animal foram encontradas nas boticas da Comarca do Rio das Velhas:

**Tabela 2: Relação de substâncias animais presentes nas boticas da Comarca do Rio das Velhas na segunda metade dos oitocentos**

Almíscar	Espermacete
Açúcar de leite	Extrato de fel de boi
Âmbar cinzento	Galha
Banha humana	Óleo animal de Dippel
Banha de porco	Óleo de Baleia
Cantáridas	Óleo de Fígado de Bacalhau
Castóreo em pó	Óleo de minhocas
Carvão animal	Olhos de caranguejo
Chifre de veado calcinado	Pepsina
Cochonilha (extrato e pó = carmin)	Pontas de chifre de veado
Cola de peixe	Raspas de chifre de veado
Coral rubro	Sebo de cabrito

FONTE: Inventários dos boticários da Comarca do Rio das Velhas. As referências se encontram no final da dissertação.

A banha humana, presente em uma das boticas, foi uma substância muito particular para os padrões médico-farmacêuticos oitocentistas. Esse produto deve ter tido um significado particular entre a população e nas boticas, porque sua utilização nas práticas de cura

<sup>328</sup> RIBEIRO, MAR. Saúde pública e as empresas químico-farmacêuticas. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, volVII(3): 607-626, nov.2000-fev.2001. p.610-611.

<sup>329</sup> CORBIN, A. *Saberes e Odores: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX*. SP: Cia das Letras, 1987. p. 270-275.

enfrentava princípios religiosos, por se tratar de parte do corpo humano morto. Em 1872, na botica do Sr. Broxado, encontramos 38 gramas de banha humana. As referências que encontramos sobre o uso de produtos como a banha do homem, datam dos setecentos e das primeiras décadas do século XIX, sendo utilizados principalmente pela chamada medicina popular.

No período setecentista, recomendava-se o óleo humano ou óleo feito do unto do homem que tinha morrido esquartejado, ou sem frio e sem febre, a fim de tratar as manchas da pele causadas pela varíola<sup>330</sup>. A banha humana foi usada ainda para desfazer cicatrizes do rosto e das mãos, bem como empregada pela população para estimular o nascimento de cabelos na cabeça. Esta gordura humana poderia ser encontrada nas boticas do século XVIII conforme explica Luiz Gomes Ferreira<sup>331</sup>. Encontramos também informações da utilização desta gordura no século XIX. Durante o período regencial, a população fazia um unguento com a banha de escravos e de outros indivíduos executados em sentença criminal, para prevenir a queda de cabelo<sup>332</sup>.

Outra substância de origem animal encontrada em uma das boticas da Comarca do Rio das Velhas foi o óleo de minhocas<sup>333</sup>, na quantidade de 60 gramas. No período colonial este óleo era usado nos casos de deslocamento do ombro e do quadril, para molificar as partes inchadas e facilitar a colocação do osso em seu local<sup>334</sup>. Mas outros preparados foram feitos à base de minhocas no século XVIII como o sugerido no Erário Mineral, que indicava para a cura dos panarícios, minhocas machucadas colocadas em saquinhos, nos quais deveriam ser inseridos os dedos enfermos<sup>335</sup>. Nos oitocentos, o viajante Ewbank presenciou no Rio de Janeiro, em meados do século, a prática de fritar minhocas em óleo de oliva para ser aplicado como um emplasto para remover panarícios<sup>336</sup>.

Essa substância, mesmo encontrada em uma única botica e em pequena quantidade, nos indica que práticas oriundas da chamada medicina colonial atravessaram o século XVIII.

---

<sup>330</sup> FERREIRA, LG. *Erário Mineral*. FURTADO, JF (org.). BH: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; RJ: Fiocruz, 2002. p.355.

<sup>331</sup> O Erário Mineral foi um manual de medicina elaborado pelo cirurgião português Luiz Gomes Ferreira na região das minas no período colonial e editado em Portugal em 1835. Ibidem, p.375.

<sup>332</sup> ALENCASTRO, LF(coord). *Vida Privada e Ordem Privada no Império*. In: NOVAIS, FA (org). *História da vida privada no Brasil*. vol.2. SP: Cia das Letras, 1997. p.76.

<sup>333</sup> Possivelmente a utilização das minhocas está ligada à teoria das assinaturas, à analogia. Partindo de uma concepção religiosa, de que a natureza continha os remédios para todas as doenças, esse anelídeo, por seu aspecto mole e flexível, produziria amolecimento nos tecidos. Ver: SANTOS, CFM. *Uma Cosmologia do Novo Mundo: Os Diálogos Geográficos de Joseph Barbosa de Sáa no Anno de 1769*. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História das Ciências da Saúde. COC/Fiocruz, RJ, 2005.

<sup>334</sup> FERREIRA, op cit, 2002. p.453.

<sup>335</sup> O panarício era um pequeno tumor dolorido que nascia nas pontas dos dedos dos pés e mãos. Ibidem. p.365.

<sup>336</sup> EW BANK, T. *A vida no Brasil ou Diário de uma visita ao país do cacau e das palmeiras*. RJ: Conquista, 1973. p.232.



Tais práticas, tidas pela medicina acadêmica como incomuns, foram preservadas pelos boticários. Em sintonia com a análise de Michel de Certeau, na qual “cada individualidade é o lugar onde atua uma pluralidade incoerente (e muitas vezes contraditória) de suas determinações relacionais<sup>337</sup>”, o comportamento do boticário não estaria fora dos contextos sociais e relacionais da população do Rio das Velhas. Muito pelo contrário, teriam sido informados pelas crenças e costumes desta sociedade.

O século XIX marca, de diversas formas, uma ruptura com a medicina que se praticava no Brasil colonial. Como já comentamos, verificamos um aumento da participação nos medicamentos de produtos químicos e de substâncias oriundas da flora, em detrimento da fauna. E encontrava-se cada vez menos a indicação de medicamentos produzidos a partir de animais: fezes, urinas, secreções nasais, sangue e bezoárticos já não eram comuns às boticas<sup>338</sup>. No entanto, ainda se via que alguns dos produtos considerados impuros pela medicina acadêmica, extraídos dos animais, permaneciam nestes espaços e conseqüentemente nas práticas de cura.

Outros produtos extraídos de animais encontrados nas boticas foram a pepsina (retirada dos estômagos de carneiros), considerada digestiva e agia nas dores de estômago<sup>339</sup>; o óleo animal de Dippel, um anti-espasmódico indicado nas perturbações nervosas. Era um óleo volátil feito dos chifres do veado *Cervus elaphus*, que passava por muitos processos de destilação. Raramente era empregado<sup>340</sup>, o que talvez justificasse sua presença rara nas boticas da Comarca do Rio das Velhas. No entanto, os chifres do veado e suas raspas, usados para fazer muitos outros preparados farmacêuticos, se encontravam nas boticas. Essas substâncias foram tidas como indispensáveis a qualquer botica regular do Império brasileiro pela JCHP<sup>341</sup>. Os chifres de veado eram utilizados para compor remédios contra diarréias<sup>342</sup>, mas se associados a gotas de banha de jacaré, curavam as mordeduras de cobra. Parece que

<sup>337</sup> CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano*. 1 Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994. p.38

<sup>338</sup> Sobre a utilização da medicina dos excretos de animais na terapêutica consultar: CARNEIRO, H. *Filtros, Mezinhas e Triacas*. As drogas do Mundo Moderno. 1ªed. SP: Xamã VM Editora e Gráfica LTDA, 1994; HOLANDA, SB. *Boticas da natureza*. In: *Caminhos e fronteiras*. RJ: Livraria José Olympio Editora, 1957. p.85-104; MARQUES, VRB. *Natureza em boiões: medicinas e boticários no Brasil setecentista*. Campinas: UNICAMP, 1999; RIBEIRO, MM. *A ciência dos trópicos : a arte médica no Brasil do século XVIII*. São Paulo : Hucitec, 1997.

<sup>339</sup> CHERNOVIZ, PLN. *Diccionario de Medicina Popular e das ciencias acessorias*. 5ª edição. Pariz: Em Casa do Autor, 1878. vol.2, p.640.

<sup>340</sup> Idem, 1879. p.672.

<sup>341</sup> Tabella dos medicamentos, vasilhames, instrumentos, utensis e livros, organizada em virtude do art. 57 do Regulamento da Junta Central d'hygiene Publica de 29 de Setembro de 1851 para as Boticas do Império. RJ: Typographia Nacional, 1852. SDE. Rel. 15. JCHP (1851-53). Ofícios e documentos diversos. Fundo: Série saúde. Gabinete do Ministro. Arquivo Nacional.

<sup>342</sup> CHERNOVIZ, PLN. *Diccionario de Medicina Popular e das ciencias acessorias*. 3ª edição. Pariz: Em Casa do Autor, 1862. vol.1, p.744.

para os índios do Brasil, chifres com esta banha seriam a fórmula capaz de absorver todo o veneno da cobra<sup>343</sup>.

Os chifres de veado, o mel e o leite estariam mais distantes da imundície do que a banha utilizada para a confecção de remédios<sup>344</sup>. Havia uma hierarquia entre os produtos de origem animal: os aceitáveis como o leite e o mel (a medicina acadêmica considerava que o mel era de origem animal) e os impuros como fezes, urina, esperma, secreções nasais e sexuais. Substâncias extraídas das vísceras como a pepsina e a banha de porco e de locais próximos aos órgãos sexuais - como o castóreo, o almíscar - estavam elencados na tabela dos produtos necessários a qualquer botica do Império elaborada pela Junta de Higiene<sup>345</sup>.

Como já comentamos, a utilização de excrementos animais pela medicina dos miasmas foi entrando em declínio, devido à associação com o pútrido. Se, ainda poucas, as substâncias de origem animal eram encontradas nas boticas da Comarca do Rio das Velhas, podemos perceber que havia alguma demanda desses produtos, sobretudo na prática cotidiana da população que não absorvia as mudanças paradigmáticas da ciência médica na mesma velocidade em que eram produzidas. Alain Corbin percebeu que a crença popular francesa no valor terapêutico das secreções ainda era inabalável no século XIX, inclusive entre alguns acadêmicos<sup>346</sup>. O mundo acadêmico e o mundo do cotidiano das práticas, aparentemente opostos, estabelecem áreas de diálogo que se misturam e não são completamente definidas.

Ao possuírem estas substâncias dentro de seus estabelecimentos farmacêuticos, e inseridos em uma sociedade que possuía crenças de curar particulares, os boticários da Comarca do Rio das Velhas se tornaram elementos de fronteira<sup>347</sup> entre os conhecimentos acadêmicos, a legislação de sua profissão e os saberes populares. Pois, afinal, as práticas individuais estão sujeitas a influenciarem e a serem influenciadas pelo comportamento social.

---

<sup>343</sup> MARTIUS, CFP. von. *Natureza, Doenças, Medicina e Remédios dos índios brasileiros (1844)*. Brasileira. Vol.154. SP: Companhia Editora Nacional, 1939. p.225.

<sup>344</sup> SOARES, MS. *A doença e a cura: saberes médicos e cultura popular na corte imperial*. Dissertação de Mestrado. Departamento de História da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 1999. p.240.

<sup>345</sup> Tabella dos medicamentos, vasilhames, instrumentos, utensis e livros, organizada em virtude do art. 57 do Regulamento da Junta Central d'hygiene Publica de 29 de Setembro de 1851 para as Boticas do Império. RJ: Typographia Nacional, 1852. SDE. Rel. 15. JCHP (1851-53). Ofícios e documentos diversos. Fundo: Série saúde. Gabinete do Ministro. Arquivo Nacional; Tabella dos medicamentos, vasilhame, instrumentos, utensilios e livros, organizada, em virtude do art. 56 do Regulamento de 19 de Janeiro de 1882, pela Junta de Hygiene Publica para as pharmacias do Império do Brazil. Decisões do Governo: N°16 - Em 14 de Setembro de 1882.

<sup>346</sup> CORBIN, A. *Saberes e Odores: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX*. SP: Cia das Letras, 1987. p.272.

<sup>347</sup> CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano*. 1 Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994. p.213-14.

#### 4.5 As terapêuticas

Para o pensamento colonial, as causas das doenças poderiam ser agentes internos - fermentação ou excesso dos humores - e externos - o ar viciado, as influências de astros, os alimentos e os pecados. Esta medicina era baseada na harmonia dos quatro humores<sup>348</sup> do corpo que seriam a bile amarela, a melancolia, o sangue e a fleuma<sup>349</sup>. Quando não estavam em perfeito equilíbrio, o indivíduo adoecia. Para que os humores voltassem às mesmas proporções, era preciso retirar o excesso ou repor a falta do humor que provocou o desequilíbrio.

A terapêutica incluía uma dieta moderada e um ambiente favorável ao restabelecimento da saúde. Não se esperava que as drogas fossem recursos definitivos, mas que auxiliassem a natureza a devolver o equilíbrio ao corpo<sup>350</sup>. Os métodos para o equilíbrio podiam ser a alteração, a moderação e a evacuação dos fluidos do corpo<sup>351</sup>. Daí fazia-se uso de medicamentos com as propriedades purgativas, eméticas, diaforéticas e outros que viessem a restabelecer as forças como preparações tônicas e estimulantes.

Na Europa, na virada do século XVIII para o XIX, a medicina começou a voltar seus estudos para o leito do paciente por meio de exames clínicos. Surgia aí a anatomoclínica em contraposição às idéias humorais<sup>352</sup>. A orientação médica entre os acadêmicos passa a ser influenciada mais pelos pressupostos higiênicos, climáticos e anatomoclínicos<sup>353</sup>, pelos quais a doença era identificada nas alterações visíveis dos órgãos<sup>354</sup> e gerada principalmente por fatores externos como o ar corrompido, os miasmas e o clima. Sendo assim, a terapêutica estaria mais ligada às mudanças de hábitos como a necessidade de higiene pessoal, uso de métodos anti-sépticos para feridas, desinfecção do ar e do ambiente a fim de destruir as emanções pútridas que viessem a causar doenças<sup>355</sup>.

Ao longo do século XIX é notório o aumento das divisões e especificações da classificação de medicamentos de acordo com suas utilidades. Percebemos aí uma grande

---

<sup>348</sup> A teoria dos humores é atribuída a Hipócrates (c. 460 - 377 a.C) e ampliada por Galeno (129 - c. 201 d.C). Foi a base para os saberes sobre a doença, sobre o corpo e a cura durante a Idade Média e o Renascimento e continuaria exercendo certa influência sobre a medicina moderna praticada pela população.

<sup>349</sup> COELHO, RS. O Erário Mineral divertido e curioso. In: FERREIRA, LG.; FURTADO, JF. (org.) *Erário Mineral*. RJ: FIOCRUZ, 2002. p.156-157.

<sup>350</sup> PORTER, R. *Das Tripas Coração*. Uma breve História da Medicina. RJ: Record, 2004. p.127.

<sup>351</sup> SOARES, MS. *A doença e a cura: saberes médicos e cultura popular na corte imperial*. (Dissertação de Mestrado). Departamento de História da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 1999. p.61.

<sup>352</sup> FOUCAULT, M. *O nascimento da clínica*. 5ªed. RJ: Forense Universitária, 2001. p.155.

<sup>353</sup> EDLER, FC. A medicina acadêmica imperial e as ciências naturais. in: HEIZER & VIDEIRA. *Ciência, Civilização e Império nos trópicos*. RJ: Ed. Access, 2001.p.104, 101.

<sup>354</sup> FOUCAULT, M. loc cit.

<sup>355</sup> SOARES, MS. *A doença e a cura: saberes médicos e cultura popular na corte imperial*. (Dissertação de Mestrado). Departamento de História da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 1999. p.64-71.

inclusão de substâncias relacionadas à higiene e de medicamentos que curavam doenças de climas quentes tropicais, diretamente relacionadas ao ambiente miasmático<sup>356</sup> como produtos de higiene pessoal, perfumarias e desinfetantes.

Notemos que, ainda que haja uma ruptura metodológica nos modos de se enxergar e tratar a doença pelas instituições acadêmicas, as terapêuticas coloniais ainda eram realizadas pela população oitocentista. Queremos aqui deixar claro que a permanência da medicina da Colônia na população não significava o espelho da academia, pois a população pensava à sua maneira. Já o saber médico, de acordo com Edler, buscava a rejeição do legado colonial da Fisicatura-mor<sup>357</sup>.

A medicina acadêmica oitocentista buscava afirmar-se como conhecimento científico. Dentro dos princípios do período, a legitimação de um conhecimento como ciência se daria pela aplicação de leis matemáticas, como a estatística clínica<sup>358</sup>. O médico francês Pierre Louis, nas primeiras décadas do século XIX, concluiu que tais métodos matemáticos poderiam ser aplicados com sucesso na construção do raciocínio diagnóstico, mas a terapêutica permanecia um “calcanhar de Aquiles”. Havia um vácuo entre os avanços da medicina experimental e a matéria médica, base da terapêutica que permanecera praticamente inalterada<sup>359</sup>. Na literatura médica intensificaram-se as dúvidas quanto aos remédios consagrados pela população. Diante de drásticas medidas terapêuticas como a sangria, as purgas, os eméticos, que freqüentemente conduziam ao óbito, generalizou-se certo ceticismo quanto à eficácia do instrumental alopático.

Grande parte dos medicamentos encontrados nas boticas da Comarca do Rio das Velhas possuía propriedades purgativas, eméticas, depurativas, sudoríficas. Esse tipo de medicamento nos faz pensar na contemporaneidade de duas concepções terapêuticas para o século XIX: aquela herdada dos tempos coloniais pela população, que remeteria ao equilíbrio dos fluidos corporais, e a dos acadêmicos oitocentistas, para quem estes mesmos recursos

---

<sup>356</sup> PORTER, R. O que é doença? In: PORTER, R. Cambridge - *Historia Ilustrada da Medicina*. RJ: Livraria e Editora Revinter, 2001.p.186.

<sup>357</sup> EDLER, FC. A medicina acadêmica imperial e as ciências naturais. in: HEIZER & VIDEIRA. *Ciência, Civilização e Império nos trópicos*. RJ: Ed. Access, 2001. p.104- 108. Como já vimos no capítulo anterior, a Fisicatura Mor foi um órgão responsável pelos exames e concessões de cartas e licenças para o exercício dos ofícios da arte de curar no período de 1808 a 1828 no Brasil. Entre os boticários da Comarca do Rio das Velhas que passaram pela Fisicatura Mor mencionamos o boticário Diniz Antônio Barboza, com botica estabelecida em Congonhas do Sabará.

<sup>358</sup> EDLER, op cit. p.107

<sup>359</sup> PORTER, op cit.. p.174-176.

terapêuticos teriam bases antomoclínicas, higiênicas e climático-telúricas, distantes dos princípios de organização dos fluidos<sup>360</sup>.

Os anúncios de remédios, relatos de médicos e os medicamentos das boticas nos permitem perceber, entre a população, a persistência dos pressupostos humorais; “a tradição convivia com o moderno”<sup>361</sup> da época. Segundo Canclini, a “modernidade não tinha a tendência de provocar o desaparecimento das culturas tradicionais”<sup>362</sup>; ocorreria uma transformação, uma interação entre o moderno e a tradição.

Ao flexibilizarem suas práticas entre o moderno e o tradicional, ou entre o saber chamado de oficial e o popular, o farmacêutico não poderia ser considerado um indivíduo enquadrado numa medicina dita erudita, ou seja, naquele conjunto de profissionais que produzia e instituía os saberes a serem praticados, tampouco poderia ser inserido na medicina considerada popular. O boticário e sua botica constituíam-se em símbolos de fronteira<sup>363</sup>, de encontros e intercâmbios dos diversos conhecimentos sobre a medicina, a doença, a cura, a dor e os remédios de uma sociedade. Por isso mesmo, acreditamos que seus pertences localizados nas boticas são capazes de nos fornecer indícios sobre o ofício boticário e as formas de curar de uma sociedade.

Segundo Ferreira, alguns médicos cariocas, mesmo considerando a persistência e o caráter anacrônico dos pressupostos humorais na cura, reconheceriam positivamente o valor da mesma para a terapêutica. Um desses médicos, ao falar de certo purgante<sup>364</sup>, tentava explicar a preferência da população pelos remédios humorais e a persistência destas idéias no campo da arte de cura imperial. Segundo o médico, a prática médica brasileira era pautada em uma “medicina mais evacuante”, por isso ele recomendava a seus colegas que também fizessem uso destes medicamentos. Outro acadêmico justificava a permanência da terapêutica dos humores na sociedade pela sua eficácia imediata e pelo conceito de doença que possuía,

<sup>360</sup> Queremos aqui deixar claro que os humores, para os acadêmicos do século XIX, não teriam o sentido concebido por Hipócrates na Antiguidade. Acreditando que foram reinterpretados pelo pensamento médico dos oitocentos, pensamos, assim, evitar possíveis anacronismos. Apenas à guisa de exemplo, para Hipócrates, a bile negra ou melancolia - um dos quatro humores - era um líquido escuro, que, em excesso, seria responsável pelo escurecimento de outros fluidos, como as fezes e o sangue. Ver, para mais detalhes, PORTER, R. *Das Tripas Coração*. Uma breve História da Medicina. RJ: Record, 2004. p.42. No século XIX, este humor tinha causas morais, estaria ligado à sensibilidade humana; a pessoa portava uma tristeza profunda e delírios. Ver também CHERNOVIZ, PLN. *Diccionario de Medicina Popular e das ciencias acessorias*. 5ª edição. Pariz: Em Casa do Autor, 1878. vol.2, p.368 passim. Acreditamos, assim, que também a terapêutica oitocentista, com base na purgação, nos vomitórios e na sangria, pelo menos por parte de acadêmicos, possa ter outras concepções teóricas que não as da antiguidade, que, por sua vez, não estaria totalmente descartada.

<sup>361</sup> CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano*. 1 Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994. p.87-88.

<sup>362</sup> CANCLINI, NG. *Culturas híbridas*. Estratégias para entrar e sair da modernidade. SP: Ed. Universidade de São Paulo, 1997. p.218, p.206 passim.

<sup>363</sup> Ver conceito de fronteira em CERTEAU, M. op. cit. p.87-88

<sup>364</sup> Nesta citação, o purgante de que se trata o médico é o purgante de Le Roy (Fig.4), a ser discorrido brevemente. FERREIRA, op cit. p.114.

próximo ao conceito humoral<sup>365</sup>. O médico acadêmico carioca nos sugere que a população oitocentista enxergava a doença como o excesso de algo ruim presente em seu corpo e que necessitava ser eliminado para que a saúde fosse restabelecida. Daí a necessidade de usar das purgas, dos eméticos e de outros meios para recuperar o equilíbrio corporal<sup>366</sup>. A prática de expurgar foi recorrente na sociedade imperial e pode ser observada, segundo Tânia Andrade Lima, na sociedade carioca e na Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro. Este hospital teria prescrito, segundo a autora, em um dia, sangria para alguns pacientes e purga para outros. Noutro dia, o mesmo hospital apenas inverteria as prescrições: aqueles que tomaram a purga fariam a sangria, e vice-versa<sup>367</sup>.

#### 4.6 Depurativos, purgantes, eméticos e sudoríficos

Nas boticas da Comarca do Rio das Velhas encontramos muitos depurativos, que segundo a medicina humoral, tinha a capacidade de purificar o sangue<sup>368</sup>. Segundo Chernoviz, a prática de depurar o sangue foi com o decorrer do tempo criando raízes profundas na concepção de cura da população<sup>369</sup>. Nessas havia as Drágeas depurativas de Fortin, indicadas ao tratamento sífilítico<sup>370</sup>, a Essência depurativa do Dr. Ermeto e as Pílulas do Dr. Allan (Fig. 3). No recinto farmacêutico do Sr. Cebollas, havia cinco dúzias e meia de vidros destas pílulas depurantes; enquanto que na botica do Sr. Broxado encontramos uma caixa com doze vidros desse medicamento.

A quantidade destas substâncias é grande, no entanto, pode nos sugerir duas possibilidades de análise. A primeira é que poderia ali haver certo estoque nas boticas, nos indicando que essas poderiam ser bem requisitadas pela população da época; a outra possibilidade era que estes remédios, por não serem utilizados com frequência, ficavam “encalhados” nas dispensas. No entanto, dada a ainda permanência das idéias de depurar o sangue nesta sociedade, acreditamos que havia uma grande demanda por estes produtos. Na

---

<sup>365</sup> FERREIRA, LO. Medicina impopular. Ciência médica e medicina popular nas páginas dos periódicos científicos (1830-1840). IN: CHALHOUB, S. *Artes e ofícios de curar no Brasil. Capítulos de História Social*. Campinas: Unicamp, 2003. p.114-115.

<sup>366</sup> SOARES, MS. *A doença e a cura: saberes médicos e cultura popular na corte imperial*. (Dissertação de Mestrado). Departamento de História da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 1999. p.251.

<sup>367</sup> ANDRADE LIMA, T. Humores e odores: ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, século XIX. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, II(3): 44-96, Nov. 1995 -Fev. 1996.p.51.

<sup>368</sup> CHERNOVIZ, PLN. *Diccionario de Medicina Popular e das sciencias acessorias*. 5ª edição. Pariz: Em Casa do Autor, 1878. vol.1, p.807.

<sup>369</sup> Ibidem, vol.1, p.807.

<sup>370</sup> Idem, 1879. p.401; *Almanak Laemmert*. Notabilidades, 1861.

botica do Sr. Cebollas encontramos ainda três dúzias, mais sete vidros de pílulas vegetais depurativas de Bristól<sup>371</sup>.

O Robe Sifilítico de Laffecteur (Fig. 4) e o Xarope de Salsa Parrilha do Dr. Ayer eram produtos depurativos do sangue indicados ao tratamento da sífilis. O interessante é perceber que boa parte dos remédios contra a sífilis eram depurativos, cuja função era purificar o sangue do agente sifilítico<sup>372</sup>. O Robe anti-sifilítico de Laffecteur poderia ser adquirido, por exemplo, nas boticas do Sr. Cebollas e na do Sr. Broxado. Outros anti-sifilíticos eram purgativos. Entre esses, mencionamos as pílulas mercuriais simples ou azuis e as pílulas purgativas de Belloste, presentes nessas boticas, nas quais as bases medicamentosas eram o mercúrio, muito empregado contra a sífilis<sup>373</sup>.

Ao analisar as boticas percebemos que a maior parte dos purgantes aí presentes pertenciam ao reino vegetal. Do reino mineral, podiam-se extrair os purgantes de apenas alguns sais e águas salinas, enquanto que o reino animal não possuía nenhuma substância purgativa<sup>374</sup>. Eles eram divididos em três categorias, de acordo com a força com que atuavam no organismo, podendo ser laxativos, catárticos e drásticos. Entre esses citamos o mel, ruibarbo, a jalapa ou batata purga, a magnésia calcinada, o cremor de tártaro, os sais d'Epson, de Seignette e os óleos de eufórbio lateris, de cróton tiglium e de rícino<sup>375</sup>. Este último era muito recomendado para expulsar os vermes do corpo<sup>376</sup>. Segundo Tânia Andrade Lima, o óleo de rícino era produzido por diversos fabricantes e importado pelo Império brasileiro. No entanto, a autora relata que em 1866 já havia notícias da existência de uma fábrica do dito laxante com depósito de distribuição único, instalado na Corte<sup>377</sup>.

A autora chama a atenção ainda para o fato de que em meados do século XIX, somente itens de primeira necessidade eram produzidos no Rio de Janeiro e que a instalação dessa fábrica reforçava a idéia de importância desse gênero de medicamento para a sociedade oitocentista<sup>378</sup>. Na botica do Sr. Cebollas, somente para exemplificar, poderíamos encontrar

<sup>371</sup> ANDRADE LIMA, Humores e odores: ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, século XIX. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, II(3): 44-96, Nov. 1995 -Fev. 1996. p.58 - 96 passim.

<sup>372</sup> CHERNOVIZ, PLN. *Diccionario de Medicina Popular e das ciencias acessorias*. 5ª edição. Pariz: Em Casa do Autor, 1878. vol.1, p.210

<sup>373</sup> Idem, 1879. p.600.

<sup>374</sup> Idem, 1878. vol.2, p.782.

<sup>375</sup> A quantidade de alguns laxantes encontrados na botica do Sr. Cebollas, instalada na Freguesia de Contagem da cidade de Sabará, chamam a atenção. Ali era possível encontrar cinco quilos de tamarindos em duas latas, avaliadas em 8.600 réis; o óleo de amêndoas doces em duas latas possuía oito quilos a 2.400 réis.

<sup>376</sup> CHERNOVIZ, op cit.. vol.2, p.1164.

<sup>377</sup> ANDRADE LIMA, op cit. p.59.

<sup>378</sup> ANDRADE LIMA, op cit. p.58-59.

sete garrafas e meia do óleo de rícino. Outro purgativo muito comum às boticas era o calomelano, empregado para matar e ao mesmo tempo eliminar os vermes<sup>379</sup>.

Alguns purgantes já se encontravam preparados nas boticas de Sabará e regiões próximas, como era o caso dos Purgantes de Le Roy<sup>380</sup>(Fig. 5). O uso deste na sociedade carioca, considerado abusivo na década de 30 por alguns médicos, foi motivo de um debate entre eles, promovido pela Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro conforme demonstrou Ferreira<sup>381</sup>. Para Le Roy, autor destes famosos remédios e do compêndio “*La Medicina curativa, ó La Purgación*” (1829), as enfermidades possuíam apenas uma causa. Elas provinham sempre da desorganização dos humores e para que eles pudessem voltar a seu estado natural de harmonia, o uso dos purgantes era necessário. E entre tantos, mereciam a preferência os de sua autoria, pois seriam os únicos capazes de fazer os efeitos necessários (evacuações), sem representar perigo algum às pessoas<sup>382</sup>. No entanto, seus purgantes eram elaborados com escamônea e jalapa<sup>383</sup>, ambos considerados muito violentos<sup>384</sup>.

A fama deste medicamento, bem como de outros com o intuito de eliminar os fluidos do corpo foi aguçada pelas propagandas impressas na época como do Almanak Laemmert, importante veículo de divulgação de novidades parisienses e brasileiras no Império, inclusive de remédios e utensílios terapêuticos. Obviamente, ao ter contato com anúncios de remédios famosos, boticários de todo o Império recorriam à Corte para abastecer suas boticas, o que não seria diferente aos farmacêuticos da Comarca do Rio das Velhas. Em 1862, no caderno *Anúncios de Paris*, esse almanaque divulgou o “verdadeiro de Le Roy” produzido em Paris na Pharmacie Cottin. A propaganda afirmava sobre a eficácia do remédio, como foi visto acima, da seguinte forma:

---

<sup>379</sup> CHERNOVIZ, PLN. *Diccionario de Medicina Popular e das sciencias acessorias*. 5ª edição. Pariz: Em Casa do Autor, 1878. Vol.2, p.391.

<sup>380</sup> Este purgante não foi encontrado em todas as boticas desta Comarca, para exemplificar, não os encontramos na botica do sr. Barboza, mesmo sendo considerados indispensáveis às boticas pela Junta Central de Higiene Pública. *Tabella dos medicamentos, vasilhames, instrumentos, utensis e livros, organizada em virtude do art. 57 do Regulamento da Junta Central d’hygiene Publica de 29 de Setembro de 1851 para as Boticas do Império*. RJ: Typographia Nacional, 1852. SDE. Rel. 15. JCHP (1851-53). Ofícios e documentos diversos.Fundo:Série saúde. Gabinete do Ministro. Arquivo Nacional.

<sup>381</sup> FERREIRA, LO. Medicina impopular. Ciência médica e medicina popular nas páginas dos periódicos científicos (1830-1840). IN: CHALHOUB, S. *Artes e ofícios de curar no Brasil. Capítulos de História Social*. Campinas: Unicamp, 2003. p.251.

<sup>382</sup> LE ROY. *La Medicina curativa, ó La Purgación*. Valencia: Ildefonso Mompié, 1829.p.421-422.

<sup>383</sup> Ibidem. p.453.

<sup>384</sup> A escamônea e a jalapa foram consideradas por Chernoviz purgantes drásticos, os mais violentos entre as outras duas categorias purgativas. CHERNOVIZ, PLN. *Formulário e Guia medica*. 10ª edição. Pariz: Em Casa do Autor, 1879. p. 805.



O PURGANTE LE ROY é, d'entre os remédios congêneres, o único de experimentada e incontestável efficacia para a cura das affecções provenientes da alteração dos humores [...]<sup>385</sup> (Grifo meu)

Notemos que no anúncio vem descrito *alteração dos humores*, que significa doença para a medicina humoral. Está aí sugerida a ainda permanência da terapêutica dos humores na segunda metade do século XIX na sociedade imperial brasileira. Ainda havia a popularidade daquela medicação destinada ao equilíbrio dos humores. Na botica do Sr. Cebollas encontramos o Purgante Le Roy do segundo grau e uma garrafinha do Le Roy francês<sup>386</sup> sem informar o grau; enquanto que na botica do Sr. Broxado era possível encontrar o mesmo purgante, porém do terceiro e quarto graus. Nas boticas desta Comarca encontramos ainda outros purgantes também anunciados pelo Almanak Laemmert como os Grãos de Saúde de Franck (Fig. 6), composto de aloes sucotrino e outros<sup>387</sup>, que também reuniam as propriedades aperientes e depurativas; os pós purgativos de citrato de magnésia entre tantos outros<sup>388</sup>.

Outras pílulas purgativas, além daquelas indicadas como anti-sifilíticas, estavam nas boticas de meados do século XIX, como as Pílulas Vegetais ou Populares encontradas na botica do Sr. Barboza. Existiam ainda as pílulas purgativas preparadas pelos boticários. O farmacêutico João Xavier, por exemplo, preparou diferentes delas para um enfermo<sup>389</sup> em meados dos oitocentos. Um dos tipos de pílulas era composto de calomelanos e extrato de ruibarbo; outro tipo foi composto de infusão de sene, sulfato de magnésia, tintura de jalapa, calomelano e extrato de ruibarbo. Além das pílulas, esse boticário preparou pós e soluções. Enfim, das 58 receitas elaboradas por esse farmacêutico, 25 delas baseavam-se em efeitos purgantes. As preparações restantes eram antiflogísticas, diuréticas, eméticas e outras que poderiam ser utilizadas como adstringentes, anti-espasmódicas, emolientes, febrífugas entre outras. Com isto verificamos que a terapêutica evacuante, especialmente a purgativa, estava, em maior frequência nestes locais, indicando sua importância para a sociedade.

Devemos aqui considerar que esta importância se deve ao fato de tais práticas estarem enraizadas nas crenças terapêuticas da sociedade. Sem dúvida, os farmacêuticos, especialmente aqueles que tiveram uma formação prática e adquiriram suas cartas de ofício na época da Fisicatura Mor, ainda “carregavam”, na segunda metade dos oitocentos, a medicina

<sup>385</sup> *Almanak Laemmert*. Anúncios de Paris. 1862.

<sup>386</sup> Conforme denominou o escrivão do inventário.

<sup>387</sup> CHERNOVIZ, PLN. *Diccionario de Medicina Popular e das sciencias acessorias*. 5ª edição. Pariz: Em Casa do Autor, 1878. vol.1. p.134.

<sup>388</sup> *Almanak Laemmert*. Anúncios de Paris, 1873; *Almanak Laemmert*. Notabilidades, 1875, respectivamente.

<sup>389</sup> VIANNA, Camillo Izidoro. Ano 1846. CPO-CT .Tes(02)26 – Arquivo Casa Borba Gato. Sabará.

colonial e a transmitia à população por meio de suas receitas e substâncias presentes em seus estabelecimentos. Ao mesmo tempo, apropriavam-se das novidades terapêuticas acadêmicas.

Os medicamentos que provocavam a eliminação de fluidos pela boca eram conhecidos como eméticos ou vomitivos, os que provocavam a expulsão pelo nariz poderiam ser os expectorantes, que ajudavam a eliminar as secreções do pulmão, embora algumas vezes esses fluidos pudessem ser eliminados também pela boca, por meio dos escarros. Os eméticos podiam ser o sal tartrato de antimônio e potassa<sup>390</sup>, a ipecacuanha e suas preparações (foi considerada por Martius um dos melhores eméticos encontrados no Brasil<sup>391</sup>), o Vomitivo de Le Roy e o sulfato de zinco (que poderia ser utilizado nos casos de envenenamento, prática essa recorrente na Colônia)<sup>392</sup>. Os emeto-catárticos<sup>393</sup> provocavam simultaneamente a eliminação de secreções pelos orifícios superiores e inferiores do corpo. Eles poderiam ser o extrato aquoso da raiz de cainca<sup>394</sup> e composições da mistura do tártaro emético com o sulfato de magnésia e da água com soda purificada.

Tânia Andrade Lima, em seu estudo sobre a permanência do humorismo nas práticas de cura da sociedade carioca, salienta os hábitos presentes na população imperial de expelir secreções bucais e nasais. Trabalhando em sítios arqueológicos, a autora comenta que foram encontrados inúmeros artefatos associados à excreção de substâncias pelos orifícios superiores do corpo, como a cuspeira e a escarradeira<sup>395</sup>. Os recursos utilizados pela população para provocar a eliminação destes resíduos do corpo poderiam estar associados ao intuito de equilibrar os humores. Eram os expectorantes e os diaforéticos. Os primeiros eram estimulantes que agiam sobre a membrana mucosa do aparelho pulmonar, favorecendo a expulsão dos resíduos contidos nos brônquios<sup>396</sup>. Com esta propriedade encontramos nas boticas da Comarca do Rio das Velhas o kermes mineral<sup>397</sup>; as folhas de hera terrestre<sup>398</sup>; o

---

<sup>390</sup> CHERNOVIZ, PLN. *Diccionario de Medicina Popular e das sciencias acessorias*. 5ª edição. Pariz: Em Casa do Autor, 1878. vol.1, p.906.

<sup>391</sup> MARTIUS, CFP. von. *Natureza, Doenças, Medicina e Remédios dos índios brasileiros (1844)*. Brasiliana. Vol.154. SP: Companhia Editora Nacional, 1939. p.250.

<sup>392</sup> CHERNOVIZ, op cit. vol.2, p.1207.

<sup>393</sup> Idem, 1879. p.796.

<sup>394</sup> Idem, 1878. vol.1, p.423.

<sup>395</sup> ANDRADE LIMA, T. Humores e odores: ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, século XIX. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, II(3): 44-96, Nov. 1995 -Fev. 1996.p. 66.

<sup>396</sup> CHERNOVIZ, PLN. *Diccionario de Medicina Popular e das sciencias acessorias*. 5ª edição. Pariz: Em Casa do Autor, 1878. vol.1, p.1036.

<sup>397</sup> Ibidem. vol.2, p.237.

<sup>398</sup> Ibidem. vol.2, p.133.

alcatrão, também diurético, entre tantas<sup>399</sup>. Alguns bálsamos eram empregados como expectorantes, como o bálsamo peruiano e o de Tolú<sup>400</sup>.

Os aperientes ou desobstruentes, originados do latim *aperire*, com significado de abrir, consistiam em abrir as vias biliares e urinárias, dessa forma, grande parte dos aperientes eram laxativos e diuréticos<sup>401</sup>. Os Grãos de Saúde do Dr. Franck foram considerados medicamentos aperientes aprovados pela Junta de Higiene, ao mesmo tempo em que eram indicados como purgantes e depurativos conforme mostra o Almanak Laemmert de 1876 (Fig.6). Vegetais como espargos, raiz de gilbarbeira e substâncias como o nitro, também eram aperientes. Entre as receitas de remédios elaboradas pelo boticário João da Matta Xavier, em meados dos oitocentos, encontramos o cozimento de raízes aperientes e o xarope aperiente.

Os sudoríficos ou diaforéticos eram indicados para constipação<sup>402</sup>, moléstias cutâneas, reumatismo, sífilis<sup>403</sup>. Nas boticas da Comarca encontramos o amoníaco líquido e vegetais como as flores de sabugueiro, o guaiaco, a raiz da China, a dulcamara<sup>404</sup>. Na botica do Sr. Cebollas encontramos os Pós de ipecacuanha compostos, conhecidos também como Pós Sudoríficos de Dower, que adquiriu grande reputação desde sua formulação nos setecentos por sua propriedade diaforética. Esse medicamento foi elaborado por um médico pirata de nome Thomas Dower, que ao sofrer de tosses secas, preparou uma mistura em pó de ipecacuanha com ópio<sup>405</sup>. Chernoviz nos indica que na sua composição havia também nitrato de potassa, sulfato de potassa e alcaçuz<sup>406</sup>. Remédios que estimulavam o fluxo menstrual, os emenagogos<sup>407</sup>, poderiam ser adquiridos em todas as boticas e podiam ser infusões de arruda, de macela galega<sup>408</sup> e as cápsulas de apiol<sup>409</sup>.

A terapêutica que combatia a inflamação também foi remetida à idéia de equilíbrio dos fluidos. Eram os antiflogísticos<sup>410</sup> e os rubefacientes os medicamentos com esse fim. Tratar

<sup>399</sup> CHERNOVIZ, PLN. *Diccionario de Medicina Popular e das ciencias acessorias*. 5ª edição. Pariz: Em Casa do Autor, 1878. vol.1. p.109.

<sup>400</sup> Fornecido pela árvore *Myrospermum Pereirae* da América Central e pelo extraído da árvore *Myrospermum toluiferun*, encontrada na América Meridional, respectivamente. Ibidem. vol.1. p.299-300.

<sup>401</sup> CHERNOVIZ, op cit. vol.1, 215; Idem, 1879. p. 789.

<sup>402</sup> Constipação é um incômodo que determina sintomas no corpo como cansaço doloroso, fadiga em todos os membros, lentidão dos movimentos, apatia, dor de cabeça, fastio e outros. Idem. 1878. vol.1, p.671.

<sup>403</sup> CHERNOVIZ, PLN. *Diccionario de Medicina Popular e das ciencias acessorias*. 5ª edição. Pariz: Em Casa do Autor, 1878. vol.2, p.988.

<sup>404</sup> Idem, 1879. p.806.

<sup>405</sup> WEATHERALL, M. Tratamento por drogas e surgimento da Farmacologia. In: PORTER, R. Cambridge - *Historia Ilustrada da Medicina*. RJ: Livraria e Editora Revinter, 2001. p.255.

<sup>406</sup> CHERNOVIZ, op cit. p.542.

<sup>407</sup> Idem, 1878. vol.2, p.908.

<sup>408</sup> Ibidem. vol.1, p.387.

<sup>409</sup> Ibidem. vol.1, p.219.

<sup>410</sup> Idem, 1862. vol.1, p.209.

antiflogisticamente consistia em empregar ventosas sarjadas<sup>411</sup>, limonadas, infusão e cataplasma de linhaça, cozimento de cevada, mistura salina, sal amoníaco, semente de marmelo para a liberação das substâncias nocivas que provocavam tal inflamação<sup>412</sup>. Tais produtos estavam presentes nas boticas da região do Rio das Velhas. Os tratamentos da inflamação poderiam ser feitos ainda com os rubefacientes<sup>413</sup> e escaróticos<sup>414</sup> que exerciam irritação ou contra-irritação na pele. Por meio dessas terapêuticas era possível a eliminação de fluidos prejudiciais dos locais profundos do corpo como nas inflamações profundas dos seios, estômagos, intestinos e rins<sup>415</sup>. As substâncias com essas funções podiam ser o ácido sulfúrico, o clorídrico, amoníaco líquido, o óleo de croton-tiglium, a essência de terebentina e pez de borgonha<sup>416</sup>. Outra propriedade medicamentosa que nos indicam a permanência da terapêutica humoral na população era o alterante. Este era indicado para modificar a natureza dos humores<sup>417</sup>. Dos alterantes presentes nas boticas investigadas, mencionamos alguns como os ioduretos de ferro, de enxofre, de potássio, os arseniatos de potassa, de ferro, de amoníaco e o óleo de fígado de bacalhau (Fig. 8).

Os diuréticos, que aumentavam a secreção urinária<sup>418</sup>, eram empregados em casos de hidropisias, gota, areia e outras enfermidades do sistema urinário. Do reino vegetal, algumas das substâncias diuréticas que encontramos nas boticas foram a cainca e a scilla que podiam ser também purgativas e eméticas; e o espargo, erva tostão, sementes de linho, gilbarbeira entre outras.

Na botica do Sr. Broxado encontramos uma garrafa de Xarope de Labelonye, já citado e anunciado no Almanak Laemmert<sup>419</sup>. O anúncio afirmava que o xarope tinha como base a digitalis, sendo então um “poderoso diurético” preparado pelo Dr. Labelonye. Se formos seguir os exemplares do Almanak Laemmert durante a segunda metade dos oitocentos, veremos uma seqüência de anúncios do dito xarope e de muitos outros medicamentos como purgantes, diuréticos e depurativos que indica que entre a população, a terapêutica do equilíbrio ainda estava presente<sup>420</sup>. Apoiando nossas análises nas propagandas e na grande

<sup>411</sup> Sobre as ventosas, ver o item “Aparelhos, utensílios e outros objetos” do próximo capítulo.

<sup>412</sup> CHERNOVIZ, PLN. *Diccionario de Medicina Popular e das sciencias acessorias*. 5ª edição. Pariz: Em Casa do Autor, 1878. vol.1, p.209.

<sup>413</sup> Idem, 1879. p.805.

<sup>414</sup> Ibidem. p.798.

<sup>415</sup> SHORTER, E. Cuidados Primários. In: PORTER, R. Cambridge - *História Ilustrada da Medicina*. RJ: Livraria e Editora Revinter, 2001. p.125.

<sup>416</sup> CHERNOVIZ, loc cit. p.805-806.

<sup>417</sup> Idem, 1878. vol. 1, p.136.

<sup>418</sup> Ibidem. vol.1, p.860.

<sup>419</sup> *Almanak Laemmert*. Anúncios de Paris, 1860.

<sup>420</sup> Para isto, consultar os exemplares do Almanak Laemmert editados na segunda metade do século XIX.

quantidade de remédios com esses fins, nas boticas da Comarca do Rio das Velhas, percebemos quão importante era esta terapêutica para a população.

As idéias de depurar e provocar a eliminação de fluidos permaneceram ainda por décadas na sociedade mineira. Alguns jornais da Província na virada do século XIX para o XX anunciam remédios como *Magnésia fluida*; *Óleo de rícino*<sup>421</sup>; o *Elixir Depurativo de Manso Sayão*<sup>422</sup>; *Pílulas anti-dispépticas do Dr. Heinzlmann* - purgante suave eficaz e grande purificador do sangue<sup>423</sup>. O memorialista Hermes de Paula também nos informa sobre a permanência destes medicamentos na primeira metade do século XX em Montes Claros. Segundo ele, “outros processos vindos do passado, ainda estavam em voga” nas farmácias da cidade, tais como purgativos, vomitórios, clisteres e lavagens intestinais<sup>424</sup>.

Mesmo diante de todas estas assertivas em torno da permanência das práticas terapêuticas coloniais na sociedade do Rio das Velhas, a partir dos componentes das boticas, nos é sugerido ainda que esta população poderia se preocupar com os preceitos higiênicos e com os miasmas para a manutenção da saúde. Ao mesmo tempo em que há a importância para a população da terapêutica de evacuar, alterar e moderar os fluidos do corpo, houve também uma prática ligada à tentativa de conter ou disfarçar os maus cheiros, as emanções pútridas e eliminar a sujeira. De acordo com Andrade Lima, a palavra *desobstruente* poderia caracterizar as tentativas de manter o organismo saudável por meio do equilíbrio dos humores e pela higiene pessoal nos oitocentos<sup>425</sup>.

Veremos no próximo capítulo os produtos destinados às práticas higiênicas, pessoais ou do ambiente e muitos outros remédios encontrados nas prateleiras das boticas da Comarca do Rio das Velhas. Serão vistos ainda os utensílios utilizados e os objetos disponíveis ali na época.

---

<sup>421</sup> Imparcial, O. São Domingos do Prata. 1910.

<sup>422</sup> Capital, A. Belo Horizonte. 1897.

<sup>423</sup> Jornal do Povo. São Sebastião do Paraíso, 1904.

<sup>424</sup> PAULA, HA. *A medicina dos médicos e a outra*. Montes Claros: Imprensa Universitária, 1982.p.316.

<sup>425</sup> ANDRADE LIMA, T. Humores e odores: ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, século XIX. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, II(3): 44-96, Nov. 1995 -Fev. 1996. p.79.

## Capítulo IV

### No interior das boticas da Comarca do Rio das Velhas 2: produtos de higiene, perfumaria, remédios sortidos e instrumentos

Neste capítulo analisamos o significado de outros pertences encontrados nas boticas da Comarca do Rio das Velhas nos oitocentos, tais como os produtos usados no asseio pessoal - que nos remete à tradição do pensamento miasmático e higienista - variados remédios, os utensílios e aparelhos que nos indicam o sortimento destes estabelecimentos<sup>426</sup>.

Ao longo do século XIX até o estabelecimento da medicina pastoriana, que cria um novo paradigma relativo às principais doenças também de nosso meio, a Europa foi marcada pela preocupação com a doença associada à pobreza. Os higienistas franceses dos anos de 1840 investigavam a doença como consequência da densidade populacional e da sujeira das principais cidades. Na Inglaterra, incorporavam-se as idéias de poluição ambiental e de contato na explicação da transmissão das doenças<sup>427</sup>.

A higiene no Brasil passa pelos debates médicos sobre a insalubridade da cidade, a mortalidade infantil na Corte, pela gravidez e parto, pela procriação, pela preocupação com as “moléstias das mulheres”, com a prostituição, as doenças venéreas, as epidemias e as doenças dos escravos<sup>428</sup>. A associação entre clima e doença – manifesta no importante livro de Sigaud “*Du climat et des maladies de Brésil, ou statistique médicale de cet Empire*” (1844)<sup>429</sup> e em diversos outros tratados – faz um diagnóstico do clima como principal agente de degradação das pessoas e das coisas<sup>430</sup>. Faziam parte, também, da Higiene, alguns debates como o que opõe a teoria da geração espontânea à teoria na qual as doenças seriam causadas por “germes” ou “venenos”<sup>431</sup>.

---

<sup>426</sup> Este capítulo foi desenvolvido a partir das boticas encontradas na Comarca do Rio das Velhas durante a segunda metade do século XIX. A referência dos inventários *post mortem* e das receitas de remédios se encontra no final deste trabalho, no qual é possível encontrar ainda, em anexo, tabelas dos medicamentos e objetos presentes nas boticas da Comarca do Rio das Velhas.

<sup>427</sup> FEE, E & PORTER, D. Public Health, preventive medicine and professionalization: England and America in the nineteenth century. IN: WEAR, A. *Medicine and Society*. London: Cambridge University Press. 1998. p. 249-275.

<sup>428</sup> ALENCASTRO, LF(coord). Vida Privada e Ordem Privada no Império. In: NOVAIS, FA (org). *História da vida privada no Brasil*. vol.2. SP: Companhia das Letras, 1997. p.11-92.

<sup>429</sup> SANTOS FILHO, L. *História Geral da Medicina Brasileira*. São Paulo: HUCITEC: Editora da Universidade de São Paulo, 1991. Vol. 2. p.234.

<sup>430</sup> Para ilustrar a degeneração, nos cadáveres ver o prefácio de BOCK, CE. *Atlas Completo da Anatomia do Corpo Humano*. RJ: Eduardo e Henrique Laemmert, 1853.

<sup>431</sup> Vale ressaltar que o conceito pré-pastoriano de germes ou venenos era desvinculado dos conceitos de bactérias e microorganismo. Ver WORBOYS, M. Germs, malaria and the invention of Mansonian Tropical

Se por um lado a Higiene se preocupava com uma constituição miasmática maior, que causava doenças e mortes, preocupava-se também com a prevenção das doenças no indivíduo: hábitos e comportamentos eram objetos de conselhos pelos médicos e demais práticos de cura.

### **5.1 Dentifrícios, perfumaria e desinfetantes nas boticas**

As boticas nos demonstram vários produtos que poderiam ser destinados à limpeza bucal, à desinfecção, à perfumaria e nos indicam essa preocupação de eliminação da sujeira, dos miasmas, da podridão, dos fedores, por parte da sociedade mineira. Num período em que os acadêmicos da medicina acreditavam que as doenças provinham do ar pútrido, ocasionado pela decomposição de matéria orgânica, pelo amontoamento de lixo e falta de asseio pessoal e do espaço público, medidas foram tomadas no território imperial para a conservação de um “ar limpo”.

[...] o ar de um lugar é um caldo pavoroso no qual se misturam as fumaças, os enxofres, os vapores aquosos, voláteis, oleosos e salinos que exalam da terra, e, se for o caso, as matérias fulminantes que ela vomita, a morrinha que sai dos pantanaís, os insetos minúsculos e seus ovos, animálculos espermáticos, e, muito pior ainda, os miasmas contagiosos que se elevam dos corpos em decomposição<sup>432</sup>.

Conforme vimos no início desta dissertação, o Império do Brasil, pelo menos em alguns pontos do imenso território, destruiu cortiços e pântanos, construiu avenidas largas visando a melhor circulação do ar, proibiu o sepultamento em igrejas, fiscalizou matadouros, cemitérios e boticas para que o ar pudesse circular e os miasmas fossem dissipados.

Durante o século XIX, as emanações fétidas resultantes das atividades internas do corpo humano passaram a não ser mais toleradas. O corpo exalava o mau hálito e os gases intestinais, saíam suores fétidos, catarros e outros excrementos mal cheirosos que corrompiam o ar puro e disseminavam doença. Desta maneira como nos lembra Andrade Lima, a concepção higienista que aos poucos foi se instalando provocou mudanças que visavam conter esses hábitos e estimular outros. A prática da toalete se ritualizava<sup>433</sup> e, assim, os produtos relacionados à higiene pessoal iam sendo encontrados com mais frequência nos estabelecimentos comerciais e farmacêuticos; as boticas da Comarca do Rio das Velhas não ficariam de fora destas novas formas de ver doença e cura.

---

Medicine: From ‘Diseases in the Tropics’ to ‘Tropical Diseases’. IN: ARNOLD, D. *Warm climates and western medicine: the emergence of tropical medicine, 1500-1900*. Amsterdam/Atlanta, 1996. p.181-183 passim.

<sup>432</sup> CORBIN, A. *Saberes e Odores: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX*. SP: Cia das Letras, 1987. p.21.

<sup>433</sup> ANDRADE LIMA, T. Humores e odores: ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, século XIX. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, II(3): 44-96, Nov. 1995 -Fev. 1996. p.83.

Era comum encontrarmos anúncios de produtos ligados à higiene como pós dentifrícios, águas aromatizantes, essências de vegetais e sabão para banhos. Na Corte, havia depósitos de distribuição de medicamentos, vasilhames e outros utensílios, onde os boticários poderiam adquirir, por exemplo, a “Água Vegetal Econômica” indicada contra caspa, os “Sabonetes de aréa” para amaciar as mãos e a “Pasta de Lyrio de Florença para a alvura e brilho dos dentes”<sup>434</sup>. Vejamos adiante os produtos relacionados à higiene pessoal encontrados nas boticas de Sabará e região.

#### *Cuidados bucais: dentifrícios*

O hálito do homem é mortal para o homem<sup>435</sup>.

Para muitos médicos dos oitocentos a respiração humana era capaz de corromper o ar. Sendo assim, o mau hálito poderia destruir o ar puro<sup>436</sup>. De acordo com Corbin, o hálito era considerado por alguns franceses do final do século XVIII o maior veículo de disseminação miasmática e de fedores, com conseqüências mortíferas<sup>437</sup>.

O hálito fétido poderia ter muitas causas e entre elas, a falta de higiene<sup>438</sup>. Para conter o mau cheiro havia vários produtos passíveis de serem adquiridos nas boticas do Rio das Velhas. O cheiro fétido bucal resolver-se-ia momentaneamente pelos gargarejos de água comum com algumas gotas de água de Labarraque, que poderia ser adquirida na botica do Sr. Cebollas<sup>439</sup>. No entanto, era o uso contínuo dos dentifrícios e das águas dentifrícias o indicado para higienizar os dentes, diminuir o mau hálito e preservar a boca das doenças.

No decorrer da segunda metade dos oitocentos havia, pelo menos entre médicos, certa consciência sobre a necessidade de cuidar dos dentes e preservá-los de possíveis danos. Doutor Chernoviz mostra a seus leitores a necessidade da preservação dental por meio dos

---

<sup>434</sup> *Almanak Laemmert*. Notabilidades, 1875 e *Almanak Laemmert*. Notabilidades, 1873, p.22. Diversos outros anúncios de produtos higiênicos podem ser vistos no mesmo almanaque, como no depósito e drogaria do Sr. Janvrot na Corte imperial. *Almanak Laemmert*. Notabilidades, 1873; p.21-23, por exemplo. Estes produtos citados não foram encontrados nos inventários das boticas estudadas.

<sup>435</sup> ROUSSEAU. Ver em DAGOGNET, François. *La cure d'air sur L'histoire d'une idéé en thérapeutique médicale.* Thales, 1959, p.87. Apud. CORBIN, A. *Saberes e Odores: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX*. SP: Cia das Letras, 1987. p.311-312.

<sup>436</sup> CHERNOVIZ, PLN. *Diccionario de Medicina Popular e das sciencias acessorias*. 5ª edição. Pariz: Em Casa do Autor, 1878. vol.2, p.395-396.

<sup>437</sup> CORBIN, A. *Saberes e Odores: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX*. SP: Cia das Letras, 1987. p. 67.

<sup>438</sup> CHERNOVIZ, op cit. vol.2, p. p.101.

<sup>439</sup> *Ibidem*. vol.2, p.102.



verbetes *dente*, *dentifrícios* e *água dentifrícia*<sup>440</sup> e descreve o que ocorre devido a falta de asseio dental:

Ninguem ignora que se depoe sobre os dentes e perto das gengivas uma materia mais ou menos abundante. Esta materia torna-se dura, accumulando-se irrita e despega as gengivas, descarna os dentes, produz uma deterioração da bocca, e é a causa do máo hálito [...] O asseio é o remédio e o preservativo d'este estado grave<sup>441</sup>.

As boticas da Comarca do Rio das Velhas ofereciam à população uma quantidade variada de produtos dentifrícios que eram os preparados sob a forma de pós e opiatos<sup>442</sup>. Para começar a higiene bucal, era possível encontrar comumente nas boticas analisadas a chamada greda preparada, uma variedade do subcarbonato de cal e, como todos os pós dentifrícios, corada com o carmim da cochonilha e aromatizada com essências como as de hortelã pimenta e de cravo da Índia.<sup>443</sup> O sândalo rubro, o sangue drago, o coral rubro, a pedra hume, a pedra pomes, a goma laca, a magnésia calcinada, eram também dentifrícios presentes nestas boticas da Comarca.

Outro dentifrício indicado mas nem sempre encontrado nessas boticas era o carvão vegetal, obtido pela combustão incompleta da lenha; entre suas muitas utilidades agia contra o mau cheiro<sup>444</sup>. O carvão de vegetal, por possuir capacidade absorvente, tornava-se um excelente dentifrício ao absorver o mau cheiro dos dentes cariados<sup>445</sup>. Nas boticas do Sr. Broxado e do Sr. Cebollas encontramos vidros de carvão vegetal de Belloc e bocetas de pastilhas do mesmo carvão. O carvão de Belloc era feito da combustão dos ramos da árvore *Choupo* e diferenciava-se dos outros porque era administrado pelo seu formulador, o Dr. Belloc, na dose de quatro a cinco colheres de sopa por dia, misturados a um pouco de água.

As pastilhas de carvão de Belloc eram preparadas com carvão de Choupo em pó, açúcar e mucilagem de goma alcatira. Para acabar com o mau hálito era necessário chupar de quatro a oito pastilhas de Belloc diariamente. Chernoviz dizia que esse remédio realizava curas maravilhosas<sup>446</sup>. Na botica do Sr. Broxado encontramos mais pastilhas, as de hortelã, também indicadas para o mau hálito, feitas do óleo essencial da hortelã pimenta. Este mesmo óleo, muito comum às boticas trabalhadas, foi considerado um dos melhores para aromatizar a

<sup>440</sup> CHERNOVIZ, PLN. *Diccionario de Medicina Popular e das ciencias acessorias*. 5ª edição. Pariz: Em Casa do Autor, 1878. vol.1, p.792, 806, 55 passim.

<sup>441</sup> Ibidem. vol.1. p.806.

<sup>442</sup> Opiatos são preparações farmacêuticas de consistência mole, obtida pela mescla de um ou diversos pós com mel de abelhas ou xarope. Ibidem. vol.1, p.806; Vol.2, p.508.

<sup>443</sup> CHERNOVIZ, PLN. *Diccionario de Medicina Popular e das ciencias acessorias*. 5ª edição. Pariz: Em Casa do Autor, 1878. vol.1, p.796, 806 passim.

<sup>444</sup> Ibidem. vol.1, p. 501.

<sup>445</sup> Idem, 1879. p.791.

<sup>446</sup> Ibidem, p.354.

água dentifrícia. O cato, um extrato preparado a partir de árvores indianas, também era muito comum às boticas e foi usado para fazer pastilhas que ao mesmo tempo em que consolidavam os dentes, combatiam o mau hálito<sup>447</sup>.

Nas boticas da Comarca do Rio das Velhas foi possível encontrar variadas substâncias para manter a assepsia e bom cheiro do corpo. Estamos falando dos perfumes e dos produtos para banhos aromatizantes.

### *Perfumes e banhos aromatizantes*

“Perfumar-se exageradamente é preservar-se, purificar o ambiente<sup>448</sup>”.

No século XIX, o termo perfume também significava “cheiro aromático, agradável, mais ou menos sutil, que se exala de qualquer substância, e, sobretudo das flores<sup>449</sup>”. Do ponto de vista dos médicos das concepções miasmáticas, o perfumar, o aromatizar e o desinfetar ocupavam dois papéis importantes para a saúde na sociedade. Os perfumes possuíam a capacidade de corrigir o ar das emanações nocivas à saúde; os cheiros agradáveis assumiam funções terapêuticas, aumentando a resistência do organismo. Na Europa em meados do século XVIII, os médicos buscavam cada vez mais anti-sépticos odoríferos que fossem eficazes contra a ação dos miasmas que corrompiam os humores. Nessa terapêutica, as substâncias aromáticas propiciavam a circulação “do espírito balsâmico” do sangue, reprimindo assim o progresso da putrefação<sup>450</sup>.

No decorrer deste período, as substâncias odoríferas foram muito utilizadas pelos europeus como preventivos de doenças e como meios de corrigir o ar miasmático. E mesmo após o avanço da química medicinal, na segunda metade dos oitocentos, os europeus continuavam com a crença de que os perfumes seriam capazes de preservá-los das doenças e de dissipar as emanações pútridas<sup>451</sup>. No Império brasileiro não seria diferente. Na Rua das Violas, na Corte do Rio de Janeiro, havia um Armarinho de Modas e Perfumaria que colocava à disposição dos clientes “cópia vastíssima de perfumarias inglesas e francezas magníficas, de consumo do mundo elegante, dos mais acreditados e afamados autores”<sup>452</sup>. As grandes

<sup>447</sup> CHERNOVIZ, PLN. *Diccionario de Medicina Popular e das ciencias acessorias*. 5ª edição. Pariz: Em Casa do Autor, 1878. vol.1, p. 524.

<sup>448</sup> CORBIN, A. *Saberes e Odores: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX*. SP: Cia das Letras, 1987. p.87.

<sup>449</sup> CHERNOVIZ, PLN. *Diccionario de Medicina Popular e das ciencias acessorias*. 5ª edição. Pariz: Em Casa do Autor, 1878. vol.2, p.642.

<sup>450</sup> CORBIN, op cit, 1987. p.87.

<sup>451</sup> CORBIN, op cit. p.88.

<sup>452</sup> *Almanak Laemmert*. Notabilidades, 1867.

drogarias da Corte também recebiam as perfumarias francesas e se encarregavam de distribuí-las às boticas espalhadas pelo Império<sup>453</sup>.

Os perfumes como os remédios<sup>454</sup>, podiam ser produzidos a partir de alguns animais, mas provinham em geral dos vegetais. Substâncias animais podiam exalar um cheiro aromático agradável como o almíscar e o âmbar cinzento, extraídos respectivamente, do cabrito da espécie *Mochó* e do cachalote<sup>455</sup>. Curiosamente, tanto o almíscar como o âmbar cinzento passaram a ser substâncias pútridas para alguns europeus<sup>456</sup>: ambos eram secreções do reino animal. O primeiro era extraído das proximidades dos órgãos sexuais do cabrito e o segundo era encontrado flutuando no mar, já que era eliminado junto às fezes do cachalote<sup>457</sup>. Alguns diziam que o cheiro de almíscar se assemelhava ao de estábulos e currais de ovelhas e outros afirmavam que os excrementos humanos digeridos e fermentados em banho-maria cheiravam a almíscar<sup>458</sup>.

Mesmo sofrendo tantas críticas na Europa, na Comarca do Rio das Velhas, o Sr. Romualdo Broxado e o Sr. Cândido Cebollas faziam uso do almíscar em suas práticas, bem como do âmbar cinzento. Tais substâncias, provenientes do reino animal, eram também utilizadas pelos perfumistas do Império brasileiro na segunda metade dos oitocentos<sup>459</sup>.

Após o declínio dos perfumes animais na Europa, o uso de perfumes extraídos das mais finas flores primaveris tornou-se moda. Conta-se que na Corte de Luiz XV a etiqueta era usar fragrâncias diferentes a cada dia. A partir daí, os aromas delicados provenientes de vegetais foram relacionados às práticas de asseio do corpo<sup>460</sup>. Mas nas primeiras décadas do século XIX, alguns acadêmicos europeus já demonstravam seu ceticismo quanto ao poder terapêutico dos perfumes na eliminação dos miasmas e na preservação da saúde. Porém, ninguém negava que o agradável aroma das flores exercia um papel benéfico à população, contrapondo-se ao odor das emanações pútridas<sup>461</sup>. Além disso, na preparação de remédios, os boticários também poderiam utilizar as substâncias perfumantes como adjuvantes<sup>462</sup>.

---

<sup>453</sup> Para exemplificar, os boticários poderiam abastecer suas boticas com as perfumarias da Drogaria do Sr. Janvrot e do Sr. Luiz Mendes, citados anteriormente. *Almanak Laemmert*. Notabilidades, 1873 e 1875, respectivamente.

<sup>454</sup> Ver capítulo III.

<sup>455</sup> CHERNOVIZ, PLN. *Diccionario de Medicina Popular e das ciencias acessorias*. 5ª edição. Pariz: Em Casa do Autor, 1878. vol.1, p. 134; Idem 1879. p.260-261, respectivamente.

<sup>456</sup> CORBIN, op cit. p.92.

<sup>457</sup> CHERNOVIZ, op cit, vol.1, p. 134; CHERNOVIZ, op cit. p.260-261, respectivamente.

<sup>458</sup> CORBIN, loc cit. p.92.

<sup>459</sup> CHERNOVIZ, op cit. vol.1. p. 135, 149 passim.

<sup>460</sup> CORBIN, A. *Saberes e Odores: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX*. SP: Cia das Letras, 1987. p.101.

<sup>461</sup> CORBIN, op cit. p.96.

<sup>462</sup> Ibidem. p.96. Adjuvantes aumentavam as virtudes da base principal.

O espírito de Neroli, encontrado nas boticas da Comarca do Rio das Velhas, era um perfume líquido extraído das flores de laranjeira. Recebeu esse nome devido à princesa Nerola, a primeira a fazer uso desse perfume que ficou conhecido pelo mundo<sup>463</sup>. A essência de cravo também era empregada como perfume<sup>464</sup> e poderia ser adquirida em algumas boticas da Comarca como a do Sr. Broxado. A alfazema, planta da família Labiada, também era muito empregada na perfumaria; com ela se fazia a Tintura de alfazema, um perfume preparado com sua essência e a de alecrim, canela, noz moscada e sândalo rubro<sup>465</sup>. A essência da alfazema era empregada também para a preparação da Água de Colônia, geralmente cosmética. A planta alfazema era usada principalmente nos banhos aromáticos para atuarem como estimulantes<sup>466</sup>.

Para evitar o processo de putrefação ocasionado pela falta de asseio pessoal, conhecedores do assunto passaram a recomendar que lavassem algumas partes do corpo como mãos, pés e rosto. Para a sociedade europeia no período higienista, o “cascão”, proveniente da falta de asseio, fechava os poros da pele, impedindo a eliminação das secreções humorais, o que favorecia a putrefação<sup>467</sup>. Por falar em “secreções humorais” no Brasil, alguns historiadores perceberam a existência simultânea, na sociedade oitocentista, das práticas de cura humorais e dos princípios higienistas<sup>468</sup>. O banho dos fins do século XVIII passou a ser visto na capital francesa como um exercício terapêutico. A utilização dos perfumes torna-se assim ligada à prática do banho<sup>469</sup>, à prática de asseio e ao combate à imundície e ao mau cheiro que propiciavam a doença ao impedir a saída dos maus fluidos corporais.

Assiste-se, no território brasileiro, a uma rápida penetração das práticas de higiene pessoal na segunda metade do século XIX<sup>470</sup> e a prática de se banhar, mais do que limpar o corpo, foi se transformando em atividade terapêutica. Houve, espalhados no Império do Brasil, inúmeros anúncios de casas de banhos terapêuticos com águas alcalinas, salinas e

---

<sup>463</sup> CHERNOVIZ, P. L. N. *Diccionario de Medicina Popular e das ciencias acessorias*. 5ª edição. Pariz: Em Casa do Autor, 1878. vol.2, p.462.

<sup>464</sup> Ibidem. vol.1, p. 746-747.

<sup>465</sup> Idem. 1879. p.842.

<sup>466</sup> Idem. 1878. vol.1, p.114.

<sup>467</sup> CORBIN, A. *Saberes e Odores: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX*. SP: Cia das Letras, 1987. p.97.

<sup>468</sup> FERREIRA, LO. Medicina impopular. Ciência médica e medicina popular nas páginas dos periódicos científicos (1830-1840). IN: CHALHOUB, S. *Artes e ofícios de curar no Brasil. Capítulos de História Social*. Campinas: Unicamp, 2003; ANDRADE LIMA, T. Humores e odores: ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, século XIX. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, II(3): 44-96, Nov. 1995 -Fev. 1996.

<sup>469</sup> CORBIN, op cit. p.98.

<sup>470</sup> ANDRADE LIMA, T. Humores e odores: ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, século XIX. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, II(3): 44-96, Nov. 1995 -Fev. 1996. p.79.

sulfurosas<sup>471</sup>. Chernoviz indicava para o asseio e a frescura da pele, banhos do corpo, pelo menos uma ou duas vezes por mês, além de banhos de meio corpo ou locais<sup>472</sup>. Os banhos terapêuticos poderiam ser aromatizados com óleos essenciais e plantas aromáticas como alecrim, alfazema, absinto e hortelã pimenta, encontrados nestas farmácias. Eram indicados, por exemplo, às crianças fracas e mulheres com problemas no fluxo mensal<sup>473</sup>.

No interior das boticas da Comarca, encontramos também produtos destinados à desinfecção de objetos e ambiente. A própria alfazema foi muitas vezes queimada nos quartos de enfermos com a finalidade de espantar os miasmas, porém, segundo Chernoviz, suas propriedades não faziam efeito algum sobre as emanções pútridas; ela consistia apenas em perfumar o ambiente. A alfazema, seca à sombra, poderia ainda ser colocada nos armários de roupas para dar um cheiro especial e espantar os bichos que destruíam os tecidos de lã<sup>474</sup>. Produtos como a mirra, a cânfora, a serpentária e flores de camomila foram considerados pelos europeus os desinfetantes mais eficazes<sup>475</sup>.

Acreditava-se que os produtos desinfetantes eram capazes de destruírem os miasmas que acabavam por corromper o ambiente. Clorureto de cal, sulfato de ferro, sulfato de zinco, carvão em pó eram alguns dos tipos de desinfetantes presentes na Comarca do Rio das Velhas que poderia destruir o ar venenoso concentrado nas latrinas; bem como o sulfato de ferro e o sulfato de zinco<sup>476</sup>. O carvão vegetal, citado como dentifrício, era utilizado para tirar o mau cheiro da água e de diversos vasilhames<sup>477</sup>. O carvão em pó, também encontrado sob o nome de carvão animal, foi elaborado na França em 1825 pelo químico Salmon, que calcinou matérias animais com substâncias terrosas, resultando numa cinza que seria capaz de desodorizar de forma instantânea as matérias orgânicas em processo de decomposição<sup>478</sup>.

No decorrer de 1820, o farmacêutico francês Labarraque descobriu que a dissolução do clorato de cal na água destruíam os ares pútridos provenientes da decomposição de cadáveres. Mais tarde, para destruir o cheiro horrível de hospital, Labarraque desenvolveu

---

<sup>471</sup> *Almanak Laemmert*. Banhos, 1861.

<sup>472</sup> CHERNOVIZ, PLN. *Diccionario de Medicina Popular e das ciencias acessorias*. 5ª edição. Pariz: Em Casa do Autor, 1878. vol.1, p.736-737.

<sup>473</sup> *Ibidem*. vol.1. p.307.

<sup>474</sup> CHERNOVIZ, PLN. *op cit.* vol.1, p.114.

<sup>475</sup> CORBIN, A. *Saberes e Odores: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX*. SP: Cia das Letras, 1987. p.87. Estes produtos poderiam ser adquiridos também nas boticas da região do Rio das Velhas.

<sup>476</sup> CHERNOVIZ, *op cit.*, vol. 1. p. 811.

<sup>477</sup> *Ibidem*. vol.1, p.501, 811 *passim*.

<sup>478</sup> CORBIN, *op cit.*, p.161.

um licor cloritado<sup>479</sup> conhecido como “Água de Labarraque”, produto indispensável a qualquer botica do Império<sup>480</sup> e que poderia ser adquirida na botica do Sr. Cebollas.

Nestes estabelecimentos encontramos também alguns anti-sépticos de feridas como a própria água de Labarraque e a Tintura aromática sulfúrica, também indicada para impedir putrefações de partes do corpo durante o desenvolvimento de moléstias como o escorbuto<sup>481</sup>. Com relação a esta doença, agrupamos os antiescorbúticos nesta parte sobre os medicamentos ligados à higiene pessoal pelo fato de na época a doença estar ligada à falta de asseio. Chernoviz em seu formulário editado em 1879 escreveu que nada adiantaria o tratamento com os remédios aconselhados se o doente não estivesse em um ambiente higienizado<sup>482</sup>. Além do tratamento habitual feito com o uso de substâncias cítricas, robes antiescorbúticos, quina, ruibarbo, genciana e outros encontrados nestas boticas, dever-se-ia também colocar os enfermos em locais onde pudessem respirar um ar puro e seco, preservados da umidade.

## 5. 2 Águas, Elixires, Pastilhas: o sortimento nas boticas nos oitocentos

O século XIX foi um período em que muitos e variados medicamentos estiveram disponíveis à população. Muitas das preparações medicamentosas setecentistas permaneceram nas prateleiras das boticas oitocentistas, e muitas outras foram desenvolvidas nesse mesmo século. Já vimos que o crescimento de estudos sobre as drogas e o aumento de laboratórios farmacêuticos, sobretudo os estrangeiros, possibilitou que grande volume de remédios fosse lançado ao mercado no Império do Brasil e utilizado pela população.

É importante aqui ressaltar que, à medida que adquiriam as novidades lançadas pelas empresas estrangeiras, os boticários mostravam-se a par do desenvolvimento da ciência da medicina e da farmácia na época. O ingresso deste grande sortimento de remédios no Império pode ser percebido pelos constantes anúncios em almanaques e jornais, em sítios arqueológicos e especialmente nas boticas. Aqui discorreremos sobre aqueles remédios que, criados ou não nos oitocentos, faziam parte das farmácias da Cidade de Sabará e região.

<sup>479</sup> CHERNOVIZ, PLN. *Formulário e Guia medica*. 10ª edição. Pariz: Em Casa do Autor, 1879. p.383.

<sup>480</sup> CORBIN, op cit., p.159-160; Idem, 1878. vol.1, p.56, 810 passim; *Tabella dos medicamentos, vasilhames, instrumentos, utensis e livros, organizada em virtude do art. 57 do Regulamento da Junta Central d'hygiene Publica de 29 de Setembro de 1851 para as Boticas do Império*. RJ: Typographia Nacional, 1852. SDE. Rel. 15. JCHP (1851-53). Ofícios e documentos diversos. Fundo: Série saúde. Gabinete do Ministro. Arquivo Nacional; *Tabella dos medicamentos, vasilhame, instrumentos, utensilios e livros, organizada, em virtude do art. 56 do Regulamento de 19 de Janeiro de 1882, pela Junta de Hygiene Publica para as pharmacias do Império do Brazil. Decisões do Governo: N°16 - Em 14 de Setembro de 1882.*

<sup>481</sup> CHERNOVIZ, op cit. p.163.

<sup>482</sup> Ibidem. p.789.

Encontramos remédios capazes de fortalecer a função de alguns órgãos: algumas pastilhas e águas eram digestivas. As águas francesas de Vick, por exemplo, encontradas na botica do Sr. Cebollas, fortificavam o aparelho digestivo, diminuindo a acidez e propiciando uma boa digestão<sup>483</sup>. As suas pastilhas, também indicadas para o mesmo fim, eram consideradas agradáveis até às crianças, porque eram açucaradas<sup>484</sup>. Outra pastilha digestiva, também com sabor agradável, era a de hortelã<sup>485</sup>. Havia uma preocupação dos fabricantes em agradar o enfermo, visando a diminuir o sabor ruim de alguns dos medicamentos, especialmente aqueles considerados nauseantes como a copaíba e o óleo de fígado de bacalhau. O primeiro, como já comentamos, poderia ser encapsulado e o óleo de fígado de bacalhau, como veremos adiante, tentou-se melhorar o paladar. Para fortalecer o estômago receitava-se o Elixir Santo feito com ruibarbo, aloés, cardomomo e aguardente<sup>486</sup>.

Entre os medicamentos tônicos e analépticos - que restabelecem as forças dos convalescentes<sup>487</sup> - citamos o ferro e suas preparações, o Elixir amargoso de Peyrilhe à base da amarga genciana<sup>488</sup> e as triagas. Os nomes de triagas que encontramos nas boticas foram *Triaga magna*, *Triaga de Lisboa* e simplesmente *Triagas*. No século XIX esse medicamento não tinha uma associação com panacéia ou antídoto universal como em épocas anteriores, pelo menos para a medicina acadêmica<sup>489</sup>. Manuais de medicina da época nos informam que a triaga era raramente empregada e que os médicos já não a prescreviam mais. No entanto, a população do Rio das Velhas poderia adquiri-la nas boticas.

O óleo de fígado de bacalhau também tinha a função de restabelecer as forças dos debilitados. Era muito comum encontrarmos nas boticas grande quantidade desse produto, com e sem nome de fabricante. Um dos tipos de óleo que encontramos, anunciado no Almanak Laemmert, foi o *Oleo de Fígado de Bacalhao Desinfectado* do Sr. Chevrier<sup>490</sup> (Fig. 8). Neste anúncio, tal óleo era considerado diferente dos outros, pois era “desinfetado”; seu autor teria conseguido dar a ele um cheiro e sabor agradável, sem perder suas virtudes terapêuticas. Este novo óleo de fígado de bacalhau teria feito tanto sucesso que rendeu ao Sr. Chevrier uma “Medalha de Honra”.

<sup>483</sup> CHERNOVIZ, PLN. *Diccionario de Medicina Popular e das ciencias acessorias*. 5ª edição. Pariz: Em Casa do Autor, 1878. vol.2, p.1169-1172.

<sup>484</sup> Ibidem. p.1176.

<sup>485</sup> Ibidem. p.615.

<sup>486</sup> Idem, 1879. p.255; Idem, 1878. vol.1, p.173.

<sup>487</sup> Idem, 1879. p.785-6, 1071 passim.

<sup>488</sup> Idem, 1879. p.497.

<sup>489</sup> Ibidem. p.637-638.

<sup>490</sup> *Almanak Laemmert*. Anúncios de Paris, 1870.

De fato, ao que nos é indicado, o sabor do óleo de fígado de bacalhau era tema para ser divulgado na Folha Sabarense:

Emulsão de Scott de oleo puro de figado de Bacalhão com hypophosphitos de cal e soda. Tão agradável ao paladar como o leite<sup>491</sup>.

Outro anúncio apresentava um medicamento alternativo ao óleo, o Extrato Natural de Fígado de Bacalhau do Dr. Vivien, “muito fácil de ser administrado e mais agradável que o óleo do fígado”, e com todas as suas virtudes<sup>492</sup>.

Substâncias e preparados calmantes e sedativos estavam presentes aos montes nestes estabelecimentos. As substâncias à base de ópio eram todas destinadas a fins calmantes como o laudano opiado, por exemplo, solução misturada ao açafreão que foi considerada o melhor calmante nos oitocentos<sup>493</sup>. Além do laudano, o Elixir Paregórico, que também possuía cânfora e era indicado nas perturbações nervosas<sup>494</sup>, e as pílulas calmantes da planta *cynoglossa* eram produzidos à base de ópio<sup>495</sup>.

A dor recebeu muita atenção dos médicos químicos no século XIX. Segundo Porter, o fato de os médicos não conseguirem impedir a morte pressionava-os a aliviar a dor. Inúmeras substâncias narcóticas e analgésicas foram colocadas no mercado ao longo de todo o século XIX<sup>496</sup>. O Resolutivo Renovador do Doutor Radway (R.R.R), *Radways Ready Relief*, que se traduz por “pronto alívio de Radway”, foi um calmante e analgésico muito popular na segunda metade dos oitocentos<sup>497</sup>. O cloral hidratado, uma mistura da reação entre gás cloro e álcool absoluto com água destilada<sup>498</sup>, foi usado como sonífero a partir de 1869<sup>499</sup>. Anestésicos<sup>500</sup> como o éter sulfúrico e o clorofórmio, considerados por alguns como as melhores descobertas do século XIX, trazendo muitos benefícios e alívio a quem era submetido a cirurgias, também não ficavam de fora das boticas de Sabará e região. O clorofórmio, um ano após ter chegado ao Brasil, em 1848, passou a ser utilizado no Hospital

---

<sup>491</sup> *Folha Sabarense*, A. Sabará. 1888. Este tipo específico de óleo de fígado de bacalhau não aparece nos inventários pesquisados.

<sup>492</sup> *Folha Sabarense*, A. Sabará. 1889. Este tipo específico de extrato não aparece nos inventários pesquisados.

<sup>493</sup> CHERNOVIZ, PLN. *Diccionario de Medicina Popular e das ciencias acessorias*. 5ª edição. Pariz: Em Casa do Autor, 1878. vol.1, p.567, vol.2, p.517.

<sup>494</sup> Idem, 1879. p.637.

<sup>495</sup> Idem, 1878. vol.1, p.778.

<sup>496</sup> PORTER, R. *Das Tripas Coração*. Uma breve História da Medicina. RJ: Record, 2004. p.57.

<sup>497</sup> ANDRADE LIMA, T. Humores e odores: ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, século XIX. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, II(3): 44-96, Nov. 1995 -Fev. 1996. p.65.

<sup>498</sup> CHERNOVIZ, op cit., vol.1, p. 563.

<sup>499</sup> PORTER, R. *Das Tripas Coração*. Uma breve História da Medicina. RJ: Record, 2004. p.57.

<sup>500</sup> CHERNOVIZ, op cit., vol.1, p. 183-184.



da Santa Casa da Misericórdia de Sabará, o que nos indica que cidades como Sabará acompanhavam as novidades vindas do exterior<sup>501</sup>.

Medicamentos para moléstias cutâneas também se fizeram presentes. O licor arsenical de Fowler, por exemplo, à base de ácido arsenioso e carbonato de potassa era indicado na lepra e na morféia<sup>502</sup>. Esse medicamento, obrigatório nas boticas, não foi encontrado em todas; ou não era tão requisitado pela população, ou era muito solicitado a ponto de faltar nas prateleiras.

A água mineral sulfurosa de Caldas da Rainha era outro medicamento indicado para as moléstias da pele, tanto na forma de banho como para ingestão. A fonte destas águas situava-se em Portugal, no distrito de Leiria. A Vila onde se encontrava essa fonte recebeu o nome de Caldas da Rainha devido à Rainha Dona Leonor, esposa de D. João II, que no século XV mandou construir um estabelecimento de banhos e um hospital no local em que se encontravam essas águas sulfurosas<sup>503</sup>.

Na botica do Sr. Broxado havia um vidro dessa água. Em Portugal, costumava-se engarrafar as águas de Caldas da Rainha para serem transportadas a várias localidades, mas para quem não pudesse adquiri-la, um manual de medicina reeditado em Ouro Preto, na primeira metade do século XIX, indicava opções às águas minerais naturais<sup>504</sup>. A Matéria Médica, de Souza Pinto, fornece fórmulas para a composição de águas minerais artificiais que seriam de grande utilidade aos enfermos que iniciavam o tratamento com as águas naturais, mas não conseguiam dar continuidade devido à sua ausência<sup>505</sup>.

A terapêutica à base de água foi uma prática corrente na segunda metade do século XIX no território imperial. Havia boa quantidade de anúncios de vendas de diversas águas terapêuticas, que também comunicavam os horários dos banhos medicinais e os locais especializados<sup>506</sup>. O manual “Prática Elementar de Hydro-Sudo-Therapia” do Dr. Ildefonso Gomes mostra como a água fria e os suadouros curavam as doenças<sup>507</sup>. As práticas de cura associadas aos banhos foram incrementadas pela difusão da necessidade de asseio pessoal nos moldes higienistas nos oitocentos<sup>508</sup>.

---

<sup>501</sup> SANTOS FILHO, L. Medicina no Período Imperial. In: HOLANDA, SB(org). *História Geral da Civilização*. Tomo II. Vol. III. O Brasil Monárquico. Reações e Transações. 6º ed. São Paulo. DIFEL. 1976. p.482; PASSOS, ZV. *Notícia histórica da Santa Casa de Sabará*. BH: Imprensa Oficial, 1929. p. 140.

<sup>502</sup> CHERNOVIZ, PLN. *Formulário e Guia medica*. 10ª edição. Pariz: Em Casa do Autor, 1879. p.287.

<sup>503</sup> Idem vol.1, 1878. p.81-83 passim.

<sup>504</sup> SOUZA PINTO, AJ. *Materia Medica*. Nova edição. Ouro Preto: Typografia de Silva, 1837. p.234.

<sup>505</sup> SOUZA PINTO, op cit. p.234.

<sup>506</sup> *Almanak Laemmert*. Banhos, 1861, Anúncios, 1865, p.77 e Águas Minerais, 1857, p20.

<sup>507</sup> *Almanak Laemmert*. Livros Modernos, 1852.

<sup>508</sup> CORBIN, A. *Saberes e Odores: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX*. SP: Cia das Letras, 1987. p.97.

Além da hidroterapia, percebemos outro método terapêutico, embora possa ser notado em apenas uma das boticas investigadas. A dosimetria, que não teve muitos seguidores, foi - no século XIX - mais uma novidade terapêutica desenvolvida juntamente à medicina dos alopatas e da medicina popular, o que nos informa que os boticários estavam à par das novidades da ciência médica da época. Essa terapêutica era baseada na administração de medicamentos sob a forma de grânulos que continham os princípios ativos de substâncias medicinais<sup>509</sup>. Como medicamentos dosimétricos, encontramos na botica do Sr. Cebollas os grânulos de bismotimetil e os grânulos antimonialis.

Os preparados à base da quina, considerada um dos recursos mais importantes na Matéria Médica dos oitocentos por suas propriedades febrífugas<sup>510</sup>, podiam ser encontrados com abundância nas boticas de Sabará e região. A quina e seus preparados eram indicados contra as febres intermitentes<sup>511</sup>, atribuídas às emanações lodosas provenientes dos pântanos, ao ambiente miasmático<sup>512</sup>. A partir desse vegetal, em 1820, isolou-se uma substância específica - a quinina, que possuía ação antimalárica<sup>513</sup>. No século XIX, a malária (de *mal aria*, ar ruim)<sup>514</sup> - doença comum ao ambiente de clima tropical - estava associada ao ambiente miasmático. Segundo o pensamento acadêmico da época, o clima quente produzia febres e tendência à putrefação<sup>515</sup>. Segundo Porter, esta explicação baseava-se, em última instância, nos ensinamentos hipocráticos, em que o calor produzia a deterioração das matérias orgânicas, gerando as febres. Ainda de acordo com o autor, esse pensamento começa a ser contestado somente no último quartel dos oitocentos pelo escocês Patrick Manson, com a teoria dos germes<sup>516</sup>.

Por meio de experiências, a quinina foi misturada ao ácido sulfúrico, dando origem ao sulfato de quinina, que, em pequena quantidade, possuía muito as propriedades da casca da

---

<sup>509</sup> SANTOS FILHO. *História Geral da Medicina Brasileira*. São Paulo: HUCITEC: Editora da Universidade de São Paulo, 1991. Vol. 2. p.402-403.

<sup>510</sup> CHERNOVIZ, PLN. *Diccionario de Medicina Popular e das ciencias acessorias*. 5ª edição. Pariz: Em Casa do Autor, 1878. vol.2, p.819-820.

<sup>511</sup> Ibidem. vol.1, p.824.

<sup>512</sup> Ibidem. p.1050.

<sup>513</sup> MARQUES, VRB. *Natureza em boiões: medicinas e boticários no Brasil setecentista*. Campinas: UNICAMP, 1999. p.238.

<sup>514</sup> PORTER, R. *Das Tripas Coração*. Uma breve História da Medicina. RJ: Record, 2004. p.113.

<sup>515</sup> SHORTER, E. Cuidados Primários. In: PORTER, R. Cambridge - *Historia Ilustrada da Medicina*. RJ: Livraria e Editora Revinter, 2001. p.186-187.

<sup>516</sup> PORTER, op cit, 2004. p.113. ver também WORBOYS, M. Germs, malaria and the invention of Mansonian Tropical Medicine: From 'Diseases in the Tropics' to 'Tropical Diseases'. IN: ARNOLD, D. *Warm climates and western medicine: the emergence of tropical medicine, 1500-1900*. Amsterdam/Atlanta, 1996. p.193.

quina. De acordo com Chernoviz, dez centigramas de sulfato de quinina correspondiam a cerca de quatro gramas da quina<sup>517</sup>.

A ficção literária oitocentista também registra que o sulfato de quinina era infalível nas febres. Esse medicamento, misturado ao café, salvou a personagem Inocência, heroína do romance homônimo de Visconde de Taunay<sup>518</sup>. Dentre os preparados de quina destas boticas, encontramos o sulfato de quinina, a Água da Inglaterra e o Vinho quinium Labarraque - que seria a mistura de quinium<sup>519</sup> ao vinho de Málaga - todos indicados nas febres intermitentes.

Analisando as boticas e os exemplos expostos, percebemos que eram muitos os tipos de produtos com as seguintes funções: estimular ou acalmar o funcionamento dos órgãos, diminuir a dor, restabelecer as forças das pessoas fracas, baixar a febre, conter hemorragias, higienizar, desinfetar e expulsar do corpo as substâncias nocivas. Conseqüentemente, como também já comentamos, assistimos a um aumento da variedade de substâncias e preparações de medicamentos com estas propriedades colocados no mercado - o que não pode ser percebido no século anterior - impulsionados pelo aumento dos laboratórios farmacêuticos estrangeiros e pelo incremento dos estudos sobre as drogas e suas propriedades. Seguindo as publicações do Almanak Laemmert deste período, é possível ver anúncios de medicamentos para todo tipo de doença e muitos eram apresentados como milagrosos. Grande parte desses novos medicamentos anunciados podia ser adquirida nas boticas da Comarca do Rio das Velhas, pois eram muito populares nas práticas de cura daquele local.

As substâncias indicadas neste capítulo reafirmam-nos que na sociedade da Comarca do Rio das Velhas diferentes práticas terapêuticas coexistiam. A mesma sociedade que utilizava os métodos de higiene para conter os miasmas e o ambiente pútrido era a que fazia uso das substâncias animais consideradas imundas pela medicina acadêmica. E era também a mesma população que fazia uso dos produtos que, para ela, tinham o objetivo de alterar, moderar e evacuar os maus fluidos do corpo para restabelecer o equilíbrio. Dessa forma podemos concluir que as práticas de cura naquela mesma sociedade se davam pela mistura das terapêuticas existentes no período. A população ao mesmo tempo em que exercia as práticas curativas enraizadas culturalmente, apropriava-se das novas terapêuticas colocadas pelo pensamento miasmático.

---

<sup>517</sup> CHERNOVIZ, PLN. *Diccionario de Medicina Popular e das ciencias acessorias*. 5ª edição. Pariz: Em Casa do Autor, 1878. vol.2, p.825.

<sup>518</sup> TAUNAY, A d'E. *Inocência*. 8ª ed. Série Bom Livro. SP: Editora Ática, 1980. p.44.

<sup>519</sup> Quinium era o extrato alcoólico de quina obtido através da cal. CHERNOVIZ, op cit. vol.2, p.826. Idem, 1879. p.691.

Neste momento percebemos que os boticários dessa região eram homens fronteira. Esses indivíduos e suas boticas representavam um ponto de encontro e intercâmbio de diferentes idéias<sup>520</sup>, da chamada medicina popular e daquela produzida pela academia.

### 5.3 Aparelhos, utensílios e outros objetos<sup>521</sup>

Neste item veremos os vasilhames, os instrumentos e utensílios que eram encontrados nestas boticas da segunda metade do século XIX.

#### *Vasilhames*

A quantidade, tamanho, capacidade, cores, materiais dos vasilhames presentes nas boticas da Comarca do Rio das Velhas variavam muito; contudo, era uma quantidade bem grande. De acordo com o farmacêutico Souza Pinto, em seu manual *Elementos de Pharmacia*, havia dois tipos de vasos principais utilizados na arte boticária. Uns eram instrumentos que serviam para a feitura dos remédios e os outros eram aqueles utilizados para conservação dos medicamentos<sup>522</sup>.

Para a produção dos medicamentos utilizava-se como vasilhames, por exemplo, os almofarizes (Fig. 9), os alambiques (Fig. 10) e a retorta com garrafa para destilar, que era um vaso de vidro, de barro, de porcelana ou metal de forma ovóide<sup>523</sup>. Nestas boticas foram encontrados alambiques de cobre, de ferro e de pedra. Os almofarizes também eram de diversos tipos de materiais como mármore, latão, ferro, vidro, porcelana, bronze. Os outros vasilhames eram cápsula de porcelana, as bacias de prata, de cobre, de ferro, de barro, de vidro, panelas e tachos que variavam de acordo com as formas, tamanhos e quantidade.

Os outros tipos de vasilhames utilizados pelos boticários eram aqueles que serviam para a conservação dos medicamentos como potes, boiões, frascos e garrafas<sup>524</sup>. Quanto a estes, as boticas os tinha em quantidade enorme e feitos de variados materiais. Eles podiam ser de louças brancas ou de outra cor, grandes e pequenos. Como exemplo, para conservar seus medicamentos, o Sr. Xavier possuía 63 vasos de louças grandes, sendo 32 desses, pintados. O Sr. Cebollas possuía duzentos e vinte e cinco boiões de barro no tamanho “mindinho” e o Sr. Broxado possuía cento e seis boiões pequenos e sessenta maiores para

<sup>520</sup> CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano*. 1 Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.p.213-214.

<sup>521</sup> Todo o material encontrado nas boticas da Comarca do Rio das Velhas poderá ser visto na tabela de vasilhames e utensílios que se encontra no final desta dissertação.

<sup>522</sup> SOUZA PINTO, AJ. *Elementos de Pharmacia, Chymica e Botânica*. Nova edição. Ouro Preto: Typografia de Silva, 1837.p.13-14.

<sup>523</sup> CHERNOVIZ, PLN. *Formulário e Guia medica*. 10ª edição. Pariz: Em Casa do Autor, 1879. p.35.

<sup>524</sup> SOUZA PINTO, op cit. p.5.

ungüento. Este possuía ainda um total de oitocentos e nove vidros de diferentes tamanhos, sendo que alguns deles já haviam sido preenchidos com as substâncias medicamentosas. As garrafas eram de diferentes cores, para melhor conservação dos remédios. No que diz respeito às garrafas encontramos centenas nas cores azuis e pretas nas boticas da Comarca do Rio das Velhas.

### *Instrumentos*

Diversos outros pertences, além dos já citados, faziam parte do interior das boticas. Alguns eram utilizados na prática farmacêutica, outros na prática médica e ainda outros, destinados à venda para a população em geral.

Um dos instrumentos utilizados pelos boticários para realizar suas atividades era o areômetro utilizado para medir a densidade de um líquido durante uma operação farmacêutica<sup>525</sup>. Nas boticas do século XIX, poder-se-iam encontrar areômetros específicos para a medição do teor de determinadas substâncias líquidas como o *pesa álcool*, o *pesa licor* e o *pesa espírito* empregados em líquidos menos densos. Quanto às balanças, foram encontradas em variedade nestas boticas quanto aos modelos e quantidade de medição. De acordo com as tabelas da Junta Central, as farmácias dos oitocentos deveriam possuir balanças grandes, balanças granataria<sup>526</sup>, balanças para quilograma, para pesar até cinco centigramas; e sensível a um miligrama<sup>527</sup>. Nas farmácias de Sabará e região, encontramos balanças com marcos e tamanhos variados. O boticário Cebollas possuía uma balança granataria e outra romana com seus respectivos ternos de pesos diferentes. Os aparelhos de fazer pílulas (piluladores) também eram comuns às boticas e obrigatórios de acordo com as tabelas da Junta de Higiene. Em uma das boticas foi encontrado uma máquina de espremer limão.

Alguns instrumentos raros para a época estavam nestas boticas. O termômetro, encontrado na farmácia do Sr. Cebollas, por exemplo, foi idealizado e introduzido na medicina por volta de 1850 pelo médico alemão Ludwig Traube<sup>528</sup>. O fato de ter sido aplicado

<sup>525</sup> CHERNOVIZ, PLN. *Formulário e Guia medica*. 10ª edição. Pariz: Em Casa do Autor, 1879. p.12.

<sup>526</sup> Tabella dos medicamentos, vasilhames, instrumentos, utensis e livros, organizada em virtude do art. 57 do Regulamento da Junta Central d'hygiene Publica de 29 de Setembro de 1851 para as Boticas do Império. RJ: Typographia Nacional, 1852. SDE. Rel. 15. JCHP (1851-53). Ofícios e documentos diversos. Fundo: Série saúde. Gabinete do Ministro. Arquivo Nacional.

<sup>527</sup> Tabella dos medicamentos, vasilhame, instrumentos, utensilios e livros, organizada, em virtude do art. 56 do Regulamento de 19 de Janeiro de 1882, pela Junta de Hygiene Publica para as pharmacias do Império do Brazil. *Decisões do Governo*: N°16 - Em 14 de Setembro de 1882.

<sup>528</sup> SHORTER, E. Cuidados Primários. In: PORTER, R. Cambridge - *Historia Ilustrada da Medicina*. RJ: Livraria e Editora Revinter, 2001.p.140-141.

na medicina somente na segunda metade do século XIX, na Europa, pode explicar sua tardia penetração nas farmácias da Comarca do Rio das Velhas. E não somente nas boticas desta região houve tardia aquisição desse instrumento, pois, a tabela do Regulamento da Junta de Higiene passa a exigir a presença do termômetro nas boticas brasileiras somente em 1882, nos sugerindo que até este momento eram poucos estabelecimentos que poderiam possuí-lo.

O aparelho gasogênico ou máquina de fazer água gasosa (Fig. 11) também não era um utensílio comum nestas boticas. Embora formulários médicos já indicassem sua existência e função e os almanaques - como o Laemmert - o anunciasse, a sua introdução na arte farmacêutica, de uma maneira geral - aqui no Brasil - parece ter sido tardia. O fato de a tabela da Junta de Higiene começar a exigí-lo somente a partir do novo Regulamento em 1882 nos permite pensar desta forma. Mas mesmo assim, um dos boticários da Comarca, o Sr. Broxado, parece ter ido à frente, pois este aparelho estava presente em seu estabelecimento<sup>529</sup>.

Podemos ainda citar um instrumento mais raro ainda que os já citados, que não encontramos referências dele nos manuais como os de Chernoviz, mas estava presente em uma das boticas da dita Comarca. Este instrumento era o microscópio, que pertencia ao Sr. Cebollas, na década de 70 do século XIX. Esta rara presença nestas farmácias pode ser percebida também nas escolas de medicina da Europa, pois o microscópio teria chegado a estas universidades somente por volta de 1840. Tais instrumentos estavam muito vinculados à anatomopatologia como o principal recurso utilizado para se conhecerem as causas de morte nas amostras de tecidos retirados durante as autópsias<sup>530</sup>. Aqui no Brasil não poderia ser diferente; ao acompanharem a chegada desta nova orientação médica, os microscópios, aos poucos, foram sendo acrescentados ao instrumental dos médicos e boticários. Mas ainda assim eram raros. Com a *Reforma Bom Retiro*, de 1854, referente ao ensino de medicina da Faculdade do Rio de Janeiro, foi possível obter apenas um ou dois microscópios destinados às práticas dos alunos, o que nos sugere a raridade destes aparelhos até mesmo nas academias<sup>531</sup>.

Além disso, o microscópio poderia também ter finalidades distintas quando estivesse em posse dos médicos de família, nos consultórios, ou dentro da própria botica. Nesses casos, teria como fim o estudo de espécimes: em exames de sangue para averiguar anemia ou

---

<sup>529</sup> Na época, existiam basicamente dois tipos de máquinas gasogênicas; a mais simples, para a produção de água em pequena quantidade e a mais sofisticada, para uma produção em série. ver os tipos de aparelhos na Formulário de Chernoviz. CHERNOVIZ, PLN. *Formulário e Guia medica*. 10ª edição. Pariz: Em Casa do Autor, 1879. p.177-178.

<sup>530</sup> SHORTER, Cuidados Primarios. In: PORTER, R. Cambridge - *Historia Ilustrada da Medicina*. RJ: Livraria e Editora Revinter, 2001. p.140-141

<sup>531</sup> EDLER, FC; FERREIRA, LO; FONSECA & MRF da. A Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro no século XIX: a organização institucional e os modelos de ensino. In: DANTES, MAM. *Espaços da Ciência no Brasil: 1800-1930*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001, p. 67.

dimensão e formato das células; em exames de urina para constatar a presença de pus em casos de infecções urinárias; no escarro, para detectar bactérias nos casos de bronquite, pneumonia e tuberculose. A presença do microscópio, por ser uma novidade, permitia à população depositar mais confiança e credibilidade nos médicos<sup>532</sup>. Acreditamos que, dessa mesma forma, a população da Comarca do Rio das Velhas poderia confiar mais no potencial terapêutico do Sr. Cebollas.

A partir destas aparelhagens (algumas, como já vimos, raras nestes locais), percebemos a necessidade de um conhecimento específico, um saber especializado para saber manejá-los, que nem todos deteriam. Em épocas nas quais o saber científico buscava ganhar terreno, grande parcela dos oficiantes das artes de curar foram se afastando do compartilhamento dessa “verdade”. Os instrumentos médicos e farmacêuticos representaram a *ciência* na medicina dos oitocentos<sup>533</sup>. Os boticários, sejam eles de formação prática ou acadêmica, ao adquirirem tais instrumentos e certa *expertise* para manuseá-los, iam cada vez mais se distanciando daqueles que possuíam o saber popular como os tradicionais práticos da cura: os barbeiros, as parteiras, os sangradores, os feiticeiros e os raizeiros. Aproximavam-se, dessa forma, da prática e do saber médico mais especializados, na época.

Os diversos aparelhos a que nos referimos possuíam também uma espécie de valor simbólico, representando as últimas novidades da ciência médica e sua posse criaria, diante da população e dos seus pares, a imagem de um profissional que acompanhava de perto o desenvolvimento médico e farmacêutico no período. O valor simbólico de que falamos está ligado ao processo de “civilizar” a ação de cura através do conhecimento originado nas academias de medicina do Brasil e da Europa, transmitido pela literatura consultada no Império como os manuais já citados. Além dos manuais, lidos e interpretados de diversas formas, de acordo com a formação e as aspirações dos boticários, a presença de um instrumental variado, indicativo de inovação – microscópios, areômetros, termômetros, entre outros – os diferenciava também de seus próprios concorrentes e os aproximava progressivamente dos médicos e da anatomoclínica, o que modificava, de forma nítida, seu *status*. Ainda que alguns dos nossos boticários nunca tivessem freqüentado instituições acadêmicas, seu saber também se especializava, e o valor simbólico que a sofisticação

---

<sup>532</sup> SHORTER, Cuidados Primários. In: PORTER, R. Cambridge - *Historia Ilustrada da Medicina*. RJ: Livraria e Editora Revinter, 2001. p.140-141.

<sup>533</sup> PORTER, R. O que é doença? IN: PORTER, R. Cambridge - *Historia Ilustrada da Medicina*. RJ: Livraria e Editora Revinter, 2001. p.174

crescente de seus materiais representava, permitiria sua associação à moderna ciência médica imperial.

Outros instrumentos úteis aos farmacêuticos encontrados foram os funis de vidro e louça, as peneiras de cabelo e de metal, o aperta rolhas - que naquela época possuía a forma de jacaré. Havia ainda as pedras de mármore para pílulas e as de porcelana, que poderiam estender emplastos e unguentos, as espátulas de osso, marfim, aço ou de vidro de diversos tamanhos. O Sr. Broxado, por exemplo, possuía seis espátulas de aço sortidas, enquanto o Sr. Xavier possuía um total de dezoito espátulas de diversos tamanhos.

### *Outros pertences*

Encontramos muitos outros produtos que poderiam ser vendidos a outros atuantes nas artes da cura e à população em geral. Porém esses que agora citaremos não eram comuns a todas boticas, poderia ser encontrada em uma ou outra daquelas que foram investigadas. Como exemplo as seringas, encontradas em diferentes tamanhos, materiais e fins; poderiam ser de vidro, de borracha e de chumbo. Elas poderiam ser utilizadas para clisteres e injeções<sup>534</sup>. Na botica do Sr. Broxado, por exemplo, havia três caixas de seringas, mais três seringas de vidro para uretras; na do Sr. Cebollas, foram encontradas vinte e quatro seringas de borracha preta, mais quatro de vidros de diferentes tamanhos.

As ventosas, também produtos à venda nestes locais, faziam um vácuo na superfície da pele, com o fim de atrair o sangue ao lugar no qual era aplicado. Havia ventosas de diferentes espécies como a de chifre - furada no ápice por onde o ar era sugado - e a de vidro. Estas funcionavam com o vácuo produzido pela combustão de um algodão ou pedaço de papel embebido em aguardente aplicado à pele<sup>535</sup>. As ventosas que encontramos nas boticas investigadas foram a de borracha, de chumbo, de vidro e as sarjadas. Estas últimas retiravam certa quantidade de sangue do corpo através de incisões (sarjas) com lancetas ou navalhas. Depois de fazer os furos colocava-se novamente a ventosa até que o sangue escorresse por seu interior em torno de dez a quinze minutos<sup>536</sup>. Esses instrumentos nos indicam a herança da prática de eliminação de secreções do corpo, nos remetendo ao pensamento humoral na sociedade mineira do século XIX.

As fundas e pessarios eram dois tipos de objetos terapêuticos destinados à venda para a população em geral. As fundas eram empregadas nas hérnias; podiam ser simples, para

---

<sup>534</sup> CHERNOVIZ, PLN. *Diccionario de Medicina Popular e das sciencias acessorias*. 5ª edição. Pariz: Em Casa do Autor, 1878. vol.2, p.957.

<sup>535</sup> *Ibidem*, vol.1. p.1155.

<sup>536</sup> *Ibidem*, vol.1. p.1156.



apenas uma das virilhas - ou duplas<sup>537</sup>. Na botica do Sr. Broxado havia quatro pares de fundas duplas enquanto que na botica de Sr. Cebollas havia apenas simples. Esse boticário forneceu a seu avô uma funda no ano de 1873. Os pessarios eram aparelhos destinados a manterem o útero em seu estado natural quando ocorria relaxamento. Esses instrumentos poderiam ser de linho, seda ou lã, marfim, borracha e de metal<sup>538</sup>. Na botica do Sr. Broxado, por exemplo, encontramos cinco pessarios.

Nas boticas ainda estavam postos à venda os anéis e colares elétricos (Fig. 12). Na segunda metade do século XIX a eletricidade era um dos recursos aplicados à terapêutica no Império. O uso medicinal da eletricidade ocorreu nas forma de correntes voltaicas e de indução<sup>539</sup>. Os anéis elétricos eram constituídos de pilhas voltaicas e indicadas contra moléstias como enxaquecas, nevralgias, congestões, câimbras e hemorróidas conforme aponta o Almanak Laemmert<sup>540</sup>. O colar elétrico era destinado aos cuidados dos bebês e deveria ser colocado no pescoço deles como preservativos contra as convulsões e para ajudar na dentição<sup>541</sup>. Estes aparelhos poderiam, por exemplo, ser adquiridos na botica do Sr. Broxado.

Mesmo diante de tantos medicamentos, instrumentos e tanto sortimento, o que veremos adiante é que as boticas não eram homogêneas quando comparadas e nem possuíam exatamente tudo o que era exigido pelas tabelas de produtos da Junta Central de Higiene Pública. Percebemos que elas possuíam grande parte das substâncias medicamentosas e dos materiais constantes e não constantes nas mesmas tabelas, no entanto, não eram uniformes.

#### **5.4 Um balanço geral: as boticas eram sortidas, mas não homogêneas**

Analisando as boticas da Comarca do Rio das Velhas, nos deparamos com inúmeros instrumentos, utensílios, variadas substâncias medicamentosas, objetos terapêuticos e livros. Cada botica do Império para funcionar deveria seguir uma série de regras.

Em 1851, o decreto Imperial de Nº 828 dizia em seu artigo 57 que nenhuma botica seria aberta se não estivesse suficientemente sortida de remédios, vasilhames, instrumentos, utensílios e livros listados em uma tabela. Essa foi publicada em 1852 pelo Governo Imperial em 7 de outubro e elaborada em sua maior parte pelos membros da Junta de Higiene. Na

---

<sup>537</sup> CHERNOVIZ, PLN. *Diccionario de Medicina Popular e das ciencias acessorias*. 5ª edição. Pariz: Em Casa do Autor, 1878. vol.1, p.1210-1214.

<sup>538</sup> Ibidem. vol.2, p.682-683.

<sup>539</sup> Idem, 1862. vol.1, p.103-106 passim.

<sup>540</sup> *Almanak Laemmert*. Anúncios de Paris, 1867.

<sup>541</sup> *Almanak Laemmert*. Anúncios de Paris, 1867.

década de 1880 houve a publicação de outra tabela, em virtude de um novo regulamento<sup>542</sup> que, diferentemente da tabela de 1852, vinha com a recomendação de muito mais substâncias medicamentosas, produtos officinais, vasilhames, instrumentos e livros. A nova exigência é natural, uma vez que havia trinta anos entre as duas tabelas, período suficiente para a incorporação de novidades nos ofícios de farmácia e medicina.

As boticas da região do Rio das Velhas, mesmo estando bem sortidas quando comparadas às tabelas organizadas pela Junta de Higiene, nem sempre possuíam todo o exigido e também não apresentavam homogeneidade. Existiam produtos encontrados ora em todas as boticas, ora em algumas, ou em apenas uma. Vejamos alguns exemplos.

Os produtos destinados à perfumaria e higiene como o sabão medicinal e as preparações de alfazema e alecrim poderiam ser encontrados em todas as boticas analisadas enquanto o perfume de Neroli, o óleo de bergamota e o sândalo citrino estavam apenas na botica do Sr. Broxado; o serpão e a Maria Preta somente no recinto do Sr. Cebollas. A greda preparada, o espírito de coclearia, o cato, o óleo ou água de hortelã pimenta eram alguns dos produtos para higiene bucal comuns a estes recintos farmacêuticos enquanto que as pastilhas de Belloc e as de hortelã, para o mesmo fim, só estavam presentes na botica do Sr. Broxado.

Em todos os estabelecimentos boticários encontramos ruibarbo, calomelanos, cremor de tartaro, jalapa, aloes sucotrina, mel, antimônio; todas eram substâncias purgativas. As pílulas populares ou vegetais e a goma lacre foram somente encontradas na botica do Sr. Barboza e a preparação de calomelano, jalapa e o sal de Glauber foram encontrados apenas no recinto farmacêutico do Sr. Cebollas.

Todas estas boticas possuíam remédios anti-helmínticos e anti-sifilíticos, porém determinados remédios com estas funções não estavam presentes em todos estes estabelecimentos. Os anti-helmínticos como feto macho, óleo de Santa Maria e casca de raiz de romeira, por exemplo, estavam na botica do Sr. Broxado enquanto a santonina podia ser adquirida em todas. O mesmo poderia ser dito dos anti-sifilíticos como mercúrio, sublimado, salsaparrilha e pós de Joannes. No entanto, outros anti-sifilíticos como o Licor de Van-Swieten e as Cápsulas azuis estavam somente na botica do Sr. Broxado. O depurativo Xarope de Salsa Parrilha de Ayer estava no estabelecimento do Sr. Cebollas e a pomada mercurial e as pílulas mercuriais azuis foram encontradas somente na botica do Sr. Barboza. O Xarope de

---

<sup>542</sup> SANTOS FILHO, LC. *História Geral da Medicina Brasileira*. São Paulo: HUCITEC: Editora da Universidade de São Paulo, 1991. Vol. 2. p.366. Tabella dos medicamentos, vasilhame, instrumentos, utensílios e livros, organizada, em virtude do art. 56 do Regulamento de 19 de Janeiro de 1882, pela Junta de Hygiene Publica para as pharmacias do Império do Brazil. *Decisões do Governo*: Nº16 - Em 14 de Setembro de 1882.

Labelonye (Fig. 7), um poderoso diurético e considerado o melhor calmante, foi encontrado apenas na farmácia do Sr. Broxado. Tônicos como óleo de fígado de bacalhau de diferentes fabricantes podia ser encontrado em abundância em todas as boticas investigadas.

Comparando as boticas da Comarca com as Tabelas, é possível perceber também algumas diferenças. Muitas substâncias exigidas pela tabela de 1851 não estavam presentes em algumas de nossas boticas. A cola de peixe, por exemplo, não foi encontrada no recinto do Sr. Cebollas, nem no do Sr. Broxado mesmo sendo indispensável às boticas. O clorofórmio também não estava presente no estabelecimento do Sr. Broxado. O castóreo faltava às boticas do Sr. Barboza e do Sr. Cebollas. O extrato de fel de boi, o de guaranhem, o licor de Van-Swieten, o clorureto de bário, indicados na Tabela de 1851, não estavam nos recintos do Sr. Barboza, nem do Sr. Cebollas.

Quanto aos utensílios, instrumentos e vasilhames, podemos dizer o mesmo; havia objetos que não estavam em todas as boticas e nem todas estas possuíam exatamente tudo o que era exigido pelas tabelas. Na botica do Sr. Xavier, por exemplo, cujo inventário datava de 1884, faltava certa quantidade de materiais quando comparada à tabela de 1882. Naquele recinto não encontramos copos de graduar e para-gotas, tachos, cápsulas, panelas (Fig. 10) e a máquina de água gasosa.

Analisando as boticas das décadas de 50 a 70 com a tabela de 1851, é possível perceber também algumas destas diferenças. No inventário do Sr. Cebollas não havia nenhum alambique, pelo menos em 1877. No estabelecimento do Sr. Barboza e do Sr. Cebollas não encontramos peneiras. As espátulas também não estavam na botica do Sr. Barboza. As pedras de posferizar se encontravam somente nos estabelecimentos do Sr. Broxado e do Sr. Barboza.

O fato de muitas das substâncias e utensílios serem indispensáveis a qualquer botica conforme determinaram as tabelas da Junta de Higiene, não significou o cumprimento por parte dos boticários. Neste sentido, nos é indicado que houve duas possibilidades de montagem de um estabelecimento farmacêutico neste período. Uma possibilidade seria o cumprimento das determinações dos órgãos legisladores. A outra possibilidade, que parece ser a mais próxima da realidade das farmácias da região do Rio das Velhas, era aquela que se adequava às condições e exigências culturais ou financeiras destes boticários.

No entanto, mesmo com algumas destas falhas, as boticas continuaram abertas e em plena atividade. Como já discutimos no capítulo II, todas aquelas leis não eram tão rígidas ou punitivas como se mostravam, pelo menos na prática. Essas tinham mais um papel controlador e os fiscais se mostravam muito mais tolerantes que ineficientes, porque entendiam a importância que boticários e boticas possuíam na sociedade.

Analisando de uma forma geral estas boticas, é possível tirar algumas conclusões para aquele período e espaço histórico. Percebemos que nelas era possível encontrar muitos e variados objetos, desde simples fios para curativos a máquinas gasogênicas. Esses estabelecimentos possuíam medicamentos e objetos que nos sugerem legados da terapêutica colonial entre a população; ao mesmo tempo, outros de seus componentes nos sugerem que esta sociedade era orientada pela idéia dos miasmas e da anatomoclínica. E por fim, nos é permitido inferir que os boticários, ao deixarem de possuir alguns dos itens exigidos pelas legislações da época e ao possuírem outros que não estavam, compunham a sua própria botica, privilegiando suas condições e orientações e a cultura da sociedade em detrimento da legislação do Império.

## 6. Conclusão

Boticários e boticas da Comarca do Rio das Velhas, na segunda metade dos oitocentos, representaram um importante papel no cotidiano da população. Formados em instituições acadêmicas ou adquirindo saberes de modo informal, transmitidos ao longo de gerações, os boticários foram, em vários aspectos, referências sociais positivas para a sociedade desse local no século XIX.

Foi possível perceber, especialmente pela análise dos inventários, que os boticários investigados tiveram uma destacada posição sócio-econômica, se considerarmos a estrutura de suas boticas e a quantidade de bens de alto valor em seu poder. Seus recursos financeiros tanto poderiam ser adquiridos no trabalho na botica como por heranças e outros meios que lhes rendiam dinheiro, tais como outros estabelecimentos comerciais e terras de cultura. No entanto, essa situação privilegiada não fazia com que os boticários se distanciassem da maioria da população, que muitas vezes não tinha como pagar pelo medicamento. Comumente, realizavam gratuitamente seu trabalho da mesma maneira que aceitavam receber os pagamentos dias depois.

O possível conhecimento que os boticários de Sabará e região tinham sobre religião, família, política e justiça teria auxiliado na relação estreita com a sociedade local. Tais farmacêuticos, além de boticar, executaram outras habilidades na arte da cura; medicaram, vacinaram, sangraram e elaboraram curativos, ou pequenas cirurgias.

Na Comarca do Rio das Velhas o boticário foi tão ou mais importante que o médico e este não conseguiria executar bem o seu trabalho sem a ajuda daquele; o sucesso de um dependia da competência do outro. Apoiados ou não pela legislação, eles foram, por muitos momentos, preferidos aos médicos porque sua relação com os enfermos era mais próxima; compartilhavam saberes e práticas de cura. Não podemos deixar de perceber que o fato de alguns deles terem exercido tantas funções sem o respaldo das leis não os fizeram viver totalmente à margem dos regulamentos da época. Quer dizer, o fato de um boticário ter exercido a medicina não significou que ele desrespeitou as demais normas legislativas relacionadas à profissão farmacêutica.

Os farmacêuticos da referida Comarca buscaram, na medida do possível, seguir as legislações que incidiam sobre a prática farmacêutica bem como no funcionamento da botica e obtiveram, assim, suas licenças e títulos profissionais. Quando não possuíam as habilitações necessárias para exercer as atividades que executaram no período, souberam se relacionar

com as pessoas que poderiam lhes apoiar. O boticário se respaldou tanto na população como nas autoridades e nos médicos. Da história da ciência da saúde, dentro de uma abordagem cultural, isso significa entender que as manifestações de estruturação de um determinado campo profissional e a construção da sua legitimidade, perpassam os conflitos com grupos (médicos, legislação), a inserção social (visibilidade do conjunto diversificado dos boticários, a forma como a sociedade os recebia, a forma como eles se apresentavam socialmente) e a formação acadêmica.

Esses indivíduos estavam atualizados com os avanços das ciências e adquiriram, além de medicamentos, vários livros e um instrumental moderno condizente ao espírito civilizador informado pelas Luzes. As boticas que foram muito sortidas - apesar de nem sempre terem possuído todos os produtos indicados pela JCHP - atenderam a demanda da população oitocentista.

Sem dúvida alguma, boticários e boticas do período e do local trabalhados configuraram-se nos elementos-símbolos de trocas entre diferentes saberes médicos. Ao mesmo tempo em que conservavam produtos da medicina popular em seus estabelecimentos, os farmacêuticos acompanhavam os avanços da ciência médica e farmacêutica. Eles nos permitiram perceber que os novos saberes construídos pelas instituições acadêmicas não eliminavam, e tampouco se sobrepunham aos saberes e práticas da população, mas se transformavam, interagiam<sup>543</sup> e se flexibilizavam. Os boticários e seus estabelecimentos, que constituíram a fronteira<sup>544</sup> entre os saberes populares e os acadêmicos, conseguem nos indicar as formas de praticar a cura daquela época.

---

<sup>543</sup> CANCLINI, NG. *Culturas híbridas*. Estratégias para entrar e sair da modernidade. SP: Ed. Universidade de São Paulo, 1997. p.218, p.206 passim.

<sup>544</sup> CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano*. 1 Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994. p.213-14.

## APÊNDICE I

**Tabela 3 - Preparações officinais e magistrais das boticas da Comarca do Rio das Velhas na segunda metade dos oitocentos<sup>545</sup>**

Água de alface (Tridacio)	Cozimento antifebril
Água de cal	-- de alteia
Água destilada de hortelã	-- de cevada
Água de flor de laranjeira	-- de flores de papoula
Água de goma	-- de guaiaco
Água da Inglaterra	-- de herva tostão
Água de Labarraque (clorureto de soda)	-- de musgo
Água de louro cereja	-- peitoral
Água vegetal	-- de raízes aperientes
Água Vienense	Drageas de lactato de ferro
Aguardente do Reino	-- -- -- e manganês
Álcool volátil	Elixir amargoso de Peyrilhe
Alcoolato de erva doce	-- de Garus
-- vulnerário	-- Paregórico
Alcoolio de ópio	-- Santo
Arrobe antiscorbutico de Portal	Emplasto anestésico
-- Syphilitico Laffectuer	-- de cantáridas
Bálsamo de arcêo	-- de cicuta
-- de copaíba e folha	-- confortativo
-- de Fioravanti	-- de Pez de Borgonha
-- de Genoveva	-- vesicatório
-- nerval	Emulsão arábica
-- de opodeldoch	-- bálsamo de copaíba
-- de peruviano	-- comum
--de tranqüilo	Espírito alcaravia
-- de Tolú	-- de alecrim
Cápsulas de apiol	-- alfazema
-- azuis	-- de cidra
-- de copaíba	-- cochlearia
-- vegetais de Matico	-- croton
Cataplasma de linhaça	-- de hortelã pimenta
Ceroto saturno	-- de Neroli
Cigarro de estramônio	-- de nitro doce

<sup>545</sup> Todas estas tabelas foram preparadas a partir dos medicamentos encontrados nos inventários de boticários e receitas de remédios presentes em contas testamentárias da Comarca do Rio das Velhas. Para sabermos a finalidade deles e a origem dos mesmos utilizamos os livros de Chernoviz e o Glossário organizado por Fagundes anexo à atual edição do Erário Mineral, cujas referências se encontram no fim deste texto. O símbolo (--) significa repetição de palavras.

Espirito de nitro de sal	Extrato doce amarga/ dulcamara
Espirito noz moscada	-- dormideira
-- retificado	-- de fumaria
-- volátil ammoniacal aromatico	-- de genciana
-- volátil de pontas de veado	-- de goma de ammoniaco
Essência de alfazema	-- guaiaco
--de âmbar	-- heleboro negro
-- aniz	-- ipecacuanha
-- de arruda	-- junipero
-- balsâmica	-- de linhaça
-- canela	-- de lupulos
-- de cravo	-- marroio
-- cidra	-- meimendro
-- depurativa do Doutor Ermeto	-- mulungú
-- de escamonea	-- de noz moscada concreto
-- de lima	-- de nozes
-- de rosas superiores	-- noz vomica
-- de terebentina (água raz)	-- opio
-- de zinco	-- quina do Peru
Extrato de absinto	-- ratanhia
-- de aconito	-- ruibarbo
-- alcaçuz	-- sabina
-- aloes e folha	-- de salsa parrilha
-- angélica	-- saponaria
-- arnica	-- senne
-- arruda	-- scilla
-- artemisia	-- taraxaco
-- de bagas de louro	-- trevo aquatico
-- bardana	-- de valeriana
-- beladona	-- de zimbro
-- cainca	Glicerina
-- calumba	Goma alcatira
-- catartico	-- ammoniaco
-- centaurea	-- ammoniaco em lagrima
-- cicuta	-- arabica
-- de cochlearia	-- bdelio
-- cochonilha	-- capal
-- colchico	-- elemi
-- de coloquintidas	-- fetida
-- de cubebas	-- galbano



Goma gutta	Óleo de macela gallega
-- kino	-- de mana
-- laca	-- de minhocas
-- mirra	-- de oliveira
-- opopanaco	-- de ricino
Grágeas de Fortin	-- de rosas
Granulos de bismothimetil	-- de rosmaninho
-- antimoniais	--de Santa Maria
Grãos de saúde de Frank	Pastilhas de carvão de Belloc
Linimento anodino	-- de hortelã
Licor arsenical de Fowler	-- jujubas
Licor de Van-swieten	-- de Palerson (?)
Magnesia de Henry	-- de puaia
Manteiga de cacau	-- de tolú
Massa para pílulas de Fuller	-- de Vick
-- para pílulas mercuriais de Belloste	Pílulas de Bristól
-- para pílulas scilliticas	-- do depurativas Doutor Allan
-- vesicatória	-- do Doutor Ayer
Mistura comum	-- ferruginosas de Blaud
-- salina de altéia	-- ferruginosas de Vallet
-- salina simples	-- gamosas de P.
Óleo de amêndoas doces	-- mercuriais azuis
-- de aniz	-- mercuriais purgativas de Blancard
-- de arruda	-- populares ou vegetais
-- de bergamota	-- reguladoras do Doutor Radway
-- de buchu	Pomada mercurial
-- de cajeput	-- stibiada
-- de casca de laranja	Pós sudoríficos de Dower
-- de copaiba	Purgativos de Le Roy
-- de cravo	Resolutivo Renovador do Dr Radway
-- de cravo da India	Sabão hespanhol
-- de creosota	Sabão medicinal
-- de croton tigliun	Tintura açafraão
-- de euforbio lateris	-- de aconito
-- de fígado de bacalhau	-- de aloes
-- de Fígado de Bacalhau do Dr Chevrier	-- de arnica
-- de Fígado de Bacalhau do Dr Jongh (?)	-- aromática sulfúrica
-- de hortelã	-- de baunilha
-- de hortelã pimenta	-- de beladona
-- de limão	-- de benjoin

Tintura de calumba	Tintura valeriana
-- de canela	--volátil
-- de cantáridas	Triagas
-- de cato	-- de Lisboa
-- de cascas de limão	Triaga Magna
-- de castoreo	Ungüento de alteia
-- de colchico	-- de basilicão
-- de dulcamara	-- de estramonio
-- etterica	-- de espermacete
-- de ferro muriático	-- de fezes de ouro
-- de genciana	Vinagre de Lisboa
-- de guaiaco	Vinho de antimônio
-- de iodureto de ferro	-- colchico
-- de iodo	-- Quinium de Labarraque
-- de junipero	Vomitivo de Le Roy
-- de kino	Xarope de acadio
-- de losna	-- aperiente
-- de marte tartarizada	-- balsâmico de Tolú
-- de mirra	-- de digitalis de Labelonye
-- de noz vomica	-- de essencia balsamica
-- de ópio	-- de iodureto de ferro de Dupasquier
-- de pipi e valeriana	-- de morfina
-- de pipi	-- de salsa parrilha de Ayer
-- de quina	-- de salsa parrilha
-- de ruibarbo	-- de soda
-- de scilla	

**Fonte:** Inventários e receitas de remédios. (As referências estão no final deste trabalho) AHCBG/MO.

**Tabela 4 – Minerais e preparações de origem mineral das boticas Comarca do Rio das Velhas entre 1850 e 1900**

Acetato neutro de chumbo	Enxofre em bostão
Alumen calcinado/ pedra hume ou sulfato de alumina e potassa	-- sublimado
Alvaiade/chumbo	Ferro
Antimônio cru	Ferro reduzido pelo hidrogeneo
-- de potassa	Fezes de ouro
-- de potassa e granito	Flores de zinco
Arsenico puro	Hypophosphito de cal
Arseniato de iodo	Iodureto de arsenico
-- de ferro	-- de chumbo
-- ammoniaco	-- de enxofre
-- de potassa	-- de ferro
-- de soda	Kermes mineral
-- de mercúrio	Lactato de ferro
Benzina	Leite de enxofre
Bicarbonato de soda	Manteiga de antimonio
Cal virgem	Magnesia calcinada
Calomelano (Clorureto a vapor)	-- granular
Carbonato de ferro	-- granular não inteirado
-- de calcario	Mercurio metallico
-- de soda cristalizada	-- vivo
Carvão de pedra	Nitrato de potassa
Cinabrio	-- de prata cristalizada
Citrato de ferro	-- -- fundido
-- de ferro amoniacal	Nitro puro
-- de ferro e magnesia	Óxido negro de ferro (Ethiops marcial)
-- de potassio	-- de ferro/limalha de ferro
Cloreto de ouro	-- de zinco
-- de zinco	Pedra lipes/ sulfato de cobre
Clorureto de ferro	Perclorureto de ferro
-- de cal	-- -- líquido
Cremor em pedra	Peróxido de manganés
Cristal mineral	Phosphato de ferro puro
Cyanureto de mercúrio	-- de cal
-- de ferro	Phosphoreto de ferro solúvel
Deuto iodureto de mercúrio	Pílulas de Protoiodureto de ferro
Deuto sulfureto de mercúrio	Pílulas de iodureto de ferro de Blancard
Deutoiodureto de mercúrio	Pirophosphato de ferro
	Precipitado rubro/ Pós de Joanes/ Óxido

de mercúrio	Sulphureto de antimônio
Protoiodureto de mercurio	Sulphato
Protosulfureto de antimônio	-- de ferro
Sal de chumbo	-- de cal
Solução de iodureto de ferro de Dupasquier (xar)	Tartrato de ferro
Subacetato de chumbo líquido	-- -- e potassa
Sublimado corrosivo	Trincal
Sulphato de ferro	Turbith mineral
Sulphato de zinco	Verdete imperial
Sulphureto rubro de mercurio	Verdete em pedra

**Fonte:** Inventários e receitas de remédios. (As referências estão no final deste trabalho) AHCBG/MO.

**Tabela 5 - Vegetais e substâncias de origem vegetal presentes nas boticas da Comarca do Rio das Velhas entre 1850 e 1900**

Açafrão oriental	Beladona
Ácido acético	Benjoim
-- benzoico ou de flores de benjoim	Brucina
-- cianídrico/ hidrociano/ prússico medicinal	Bulbos de colchico
-- cítrico	Cafeína
-- cítrico cristalizado	Cainca
-- tanico	Calumba
Aconitina	-- em pó
Aconito	Cammomila romana
Água de louro cereja	Campeche rasurado
Alcaçuz	Camphora
-- contuso	Canela
Alcatrão	-- branca
Alecrim	Capsulas de copaíba
Aloes	-- de Matico
Altéia	Carapiá
-- em pó	Cardo Santo
Almecega	Carvão de Belloc
Aniz estrelado	Carvão vegetal
Assafetida	Casca de simaruba
Atropina	--de raiz de romeira
Avenca	-- de angola
Azeite doce	-- de carvalho
Bagas de Louro	Cascarrilha
Cato/ terra japônica	Centeio espigado

Cevada	Folhas de violeta
Cicuta	-- de beladona
Cigarro de estramônio	-- de meimendro
Cloridrato de cafeína	Galbano
-- de morfina	Genciana
Colchico em pó	-- em pó
Coloquintidas	Gengibre
Collodio	Gilbarbeira
Coral rubro	Guaco
Cravo da India	Guarana em pó
Creosota	Hera terrestre
Cubebas	Herva tostão
-- em bagas	Heleboro branco
Cundurango	-- negro
Curcuma pura	Iodo
Drageas de cubebas e copaíba	Jalapa
Digitalina	Jatobá
Digitalis	Junipero
Dormideira	Lactucario puro
Dulcamara	Laudano
Elaterio	Leite ammoniacal
Ergotina	Lycopodio
Erva doce nova	Limão
-- -- velha	Lobelia inflada
Escamonea	Losna
Espargos	Lupulos
Espécies amargas	Maná
Espinha cervina	Maria Preta
Estoraque	Meliloto
Estramonio	Meimendro em pó
Eter acético	Morfina
Euphorbio	Musgo colchico
Euphorbio em pó	-- da Córsega
Favas de Santo Inácio	-- Islandico
Flores de alfazema	Mustarda branca
-- de arnica	-- inglesa
-- de borragens	Myrra
-- peitorais	Noz moscada
de rosas brancas	Noz vomica
-- de sabugueiro	Ópio

Parietaria	Rosa rubra
Pez de Borgonha	Sabina
Pimenta do Reino	Sais de valeriana
-- da Jamayca	Salepo
Podophilina	Salsa parrilha
Poligala	Sandalo rubro
Polpa de canafistula	Sandalo amarelo
-- de tamarindos	Sangue drago
Pontas de espargos	Saponaria
Puaia em ramas	Scilla seca/ contusa/ em pó
Quina do Peru	Semente de Alexandria
-- amarela	-- de colchico
Quinina	-- de funcho
Quinium	-- de linhaça
Raiz de aipo	Senne
-- alteia	Serpão
-- de angola	Serpentaria
-- de bistorta	-- virginiana
-- de cálamo aromático	Simaruba novo
-- de carvalho pequeno	Soda pura
-- da China	-- cristalizada
-- de feto macho	Stricnina
-- de genciana	Sulphato de morfina
-- de mezereão	-- de quinina
-- de puaia	-- de stricnina
-- de ratanhia	Tamarindos
-- de orcaneta	Tanino
-- de turbith	Terebentina
-- de valeriana	Trevo aquático/ Trifolio
Resina de elemi	Tussilagem
-- de guaiaco	Uva doce
-- de jalapa	Uva ursina
-- de pinho	Valerianato de atropina
-- de tacamahaca	-- de quinina
Ruibarbo	Veratrina

**Fonte:** Inventários e receitas de remédios. (As referências estão no final deste trabalho) AHCBG/MO.

**Tabela 6 - Produtos e Preparações químicas presentes nas boticas da Comarca do Rio das Velhas entre 1850 e 1900**

Acetato de amonia	Azotato de prata fundido/pedra infernal
-- de morfina	-- de prata cristalizado
-- neutro de chumbo	Benzina
-- de potassa	Bicarbonato de soda
Acido acetico	Bicloromato de potassio
-- de amonia	Bromo
-- benzóico de flores de benjoin	Bromureto de potassa
-- borico	Cafeína
-- cianídrico/ hidrociano	Cal virgem
-- cítrico	Calomelano (Clorureto a vapor)
-- cítrico cristalizado	Carbonato de amônia
-- fumante	-- de calcario
-- hidroclicorico	-- de ferro
-- nítrico/ azótico ou espirito de nitro	-- de magnesia
-- oxalico	-- de potassa
-- prússico medicinal	-- de soda cristalizada
-- sulfurico	Carbono
-- tanico	Chloral
-- tartaro de potassa	Cigarro de estramonio
-- tartarico	Citrato de ferro
Acotinina	-- de ferro amoniacal
Alcatrão	-- de ferro e magnesia
Alumen calcinado/ pedra hume ou sulfato de alumina e potassa	Cloreto de ouro
Alvaiade	-- de morfina
Ammoniac liquido forte	-- de zinco
Antimônio	Cloridrato de cafeína
-- de potassa	-- de morfina
-- cru	-- trimethylamina
-- diaforético solúvel	Cloroformio
Arseniato de iodo	-- inglês
-- de ferro	Clorureto de bario
-- ammoniaco	-- de cal
-- de potassa	-- de ferro
-- de soda	-- de soda (água de Labarraque)
-- de mercúrio	Cremor tartaro
Arsenico puro	Cremor de tartaro cristalizado
Atropina	Cristal mineral
	Cyanureto de ferro

Cyanureto de mercurio	Mercurio metallico
-- de potassio	-- vivo
Deuto iodureto de mercurio	Morfina
Deuto sulfureto de mercurio	Muriato (cloridrato) de morfina
Digitalina	-- de barytha/ cloridrato de bário
Diphosphato de soda	Nitrato de potassa (azotato de prata)
Emetina	-- de prata cristalizada
Enxofre em bostão	-- -- fundido
-- sublimado	Nitro puro
Etter acetico	Óxido negro de ferro (Ethiops marcial)
-- nitrico	-- de zinco/ Tutia preparada
-- sulfurico	Oximil scillitico
Ferro	-- simples
Ferro reduzido pelo hidrogeneo	-- de ferro/limalha de ferro
Fezes de ouro	Pedra divina
Flores maciais de sal ammoniaco	Pedra lipos/ sulfato de cobre
Hidriodato de potassa	Perclorureto de ferro seco
Hypophosphito de amido	-- -- líquido
-- de cal	Peróxido de manganés
-- de soda	Phosphato de cal
Iodo	-- de ferro puro
Iodureto de amido	-- de soda
-- de arsenico	Phosphoreto de ferro solúvel
-- de chumbo	Phosphoro
-- de enxofre	Pílulas de Protoiodureto de ferro
-- de ferro	-- de iodoreto de ferro de Blancard
-- potassio	-- de etter
Iodoformio puro	Pirophosphato de ferro
Kermes mineral	-- -- ammoniacal
Lactato de ferro	Podophilina
Lactucario puro	Pós de sapateiros
Laudano opiado	Precipitado rubro/ Pós de Joanes/ Óxido de mercúrio
Leite de enxofre	Protoiodureto de mercurio
Leite ammonical	Protosulfureto de antimonio
Licor de ammoniaco forte	Quinino
Manteiga de antimonio	Ruiva dos tintureiros
Magnesia calcinada	Sal amargo
-- granular	Sal ammoniaco
Magnesia de Henry	-- de chumbo
-- não inteirado	



Seccante	Tartarito de soda
Soda pura	Tartaro emetico
Solução de iodureto de ferro	Tartrato de ferro
Subacetato de chumbo líquido	-- -- e potassa
Sub-borato de soda/ borax	-- de potassa
Subcarbonato de bismuto	-- -- e soda/ Seignette
-- de potassa	-- solúvel
-- de soda	-- vitriolado
Sublimado corrosivo	Trimethylamina
Subnitrate de bismuto	Turbith mineral
Sulphato de ferro	Valerianato de atropina
-- de magnesia/ sal de E'pson	-- de ferro
-- de morfina	--de quinina
-- de quinina	-- de zinco
-- de stricnina	Veratrina
-- de zinco	Verdete imperial
Sulphureto de antimonio	Verdete em pedra
-- de cal	Vermelhão sapateiro
-- de ferro	Verniz
-- rubro de mercurio	

**Fonte:** Inventários e receitas de remédios. (As referências estão no final deste trabalho) AHCBG/MO.

**Tabela 7 - Substâncias de higiene pessoal e desinfecção, e perfumaria das boticas da Comarca do Rio das Velhas entre 1850 e 1900**

Ácido acético: corrige o ar miasmático	Flores de alfazema: banhos aromáticos, diminuir os miasmas
-- hidrociano/prússico medicinal: lavar pruridos	Glicerina: desinfetante
Água de Labarraque: desinfetante, purifica o ar	Greda em pó: dentifício
Água raz: desinfetante	Goma laca: dentifício
-- vegetal: para caspa	Incenso: aromático
Alcoolato de erva doce: perfumaria	Iodo: desinfetante de feridas
Alecrim: banhos aromáticos	Magnesia calcinada: pós dentifício
Almíscar: perfume	Maria Preta: para banho aromático
Alumina: desinfetante	Meliloto: lavatórios em oftalmias
Âmbar cinzento: perfume	Óleo de alfazema: perfumaria
Anis estrelado: perfumaria	-- de aniz: perfumaria
Benjoin: perfumaria	-- de arruda: perfumaria
Bicarbonato de soda: dentifício	-- de casca de laranja: perfumaria
Cânfora: aromática	-- de cravo da Índia: perfumaria
Carbonato de cal: pós dentifícios	-- de hortelã: higiene bucal
Carmim cochonilha: para pós dentifícios	-- de hortelã pimenta: higiene bucal
Carvão de Belloc: higiene bucal	-- de limão: perfumaria
Cascarrilha: perfumaria	-- de rosas: perfumaria
Cato: higiene bucal (mal hálito)	-- de rosmarinho: perfumaria e banho aromático
Cloreto de bário: desinfetante oftálmicos	Pastilhas de carvão de Belloc: higiene bucal
-- de zinco: desinfetante	Pastilha de hortelã: higiene bucal
Clorureto de cal: desinfetante	Pedra pomes: dentifício
Coral rubro: dentifício	Pomada mercurial: previne manchas
Cremor de tartaro: dentifício	Raiz de cálamo aromático: aromático
Creosota: desinfetante	Sabão medicinal: beleza da pele
Espírito de alecrim: perfumaria	Sândalo citrino: perfume
-- de alfazema: banho aromático	Sândalo rubro: compor pós dentifícios
-- de Neroli: perfume	Sangue drago: para compor pós dentifícios
Esponja marítima: para o toucador	Serpão: para banho aromático
Essência de alecrim: perfumaria	Subnitrato de bismuto: desinfetante
-- de âmbar: perfumaria	Sulfato de ferro: desinfetante
-- de aniz: perfumaria	-- de zinco: desinfetante
-- de arnica: perfumaria	Tintura de alfazema: perfume, banho aromático
-- de arruda: aromática	-- aromática sulfúrica: desinfetante
--de canela: para perfumaria e cosméticos	-- de benjoin: perfumaria
-- de cidra: perfumaria	-- de bergamota: perfume
Estoraque sólido: serve para perfumaria	-- de cato: higiene bucal (mau hálito)
Essência de lima: perfumaria	

**Fonte:** Inventários e receitas de remédios. (As referências estão no final deste trabalho) AHCBG/MO.

**Tabela 8 - Substâncias para alterar, moderar e evacuar os fluidos do corpo presentes nas boticas da Comarca do Rio das Velhas entre 1850 e 1900**

Açafrão oriental: provoca mênstruo	Espargos: diurético, aperiente
Acetato de potassa: diurético, purgante	Espinha cervina: purgante
-- de amônia: sudorífico	Espírito ammoniacal aromático: sudorífico
Ácido benzóico: diurético	-- de croton tiglium: purgante
Água de cal: diurético usado antigamente	-- de hortelã pimenta: vomitivo, sudorífico
-- destilada de hortela: sudorífico e vomitiva	-- nitro de sal: diurético
-- de Sedlitz: purgante	-- de sal amoníaco: antiflogístico
--vienensi: purgante	Essência de âmbar: diurética
Alambre: compõe remédios diuréticos	-- depurativa do Dr Ermeto: depurativo
Alcatrão: expectorante	-- de escamonea: purgante
Aloes sucotrino: purgante/ provoca mênstruo	-- de terebentina: rubefaciente
Antimônio: purgante e emético	-- de zimbro: diurética
Arrobe sifilítico Laffectuer: depurativo	Extrato de absinto/ losna: vermífugo, provoca mênstruo
Azeite doce: purgante	-- de aconito: sudorífico
Bálsamo peruviano: expectorante	-- de aloes: purgante
-- de Tolú: expectorante	-- de arnica: pode provocar vômitos
Benjoin: expectorante	-- de artemisia: provoca mênstruo
Bicarbonato de soda: diurético	-- de bardana: sudorífico
Cainca: diurética, purgante, emética	-- de cainca: purgante, emética, vomitiva
Calomelano: purgante, vermífugo	-- de catartico: purgante
Cannafistula: purgante	-- de colchico: diurético
Carapiá: provoca mênstruo	-- de colcoquintidas: purgante e vomitiva
Carbonato de amoníaco: sudorífico	-- de dulcamara ou doce amarga: sudorífico
Casca de raiz de romeira: vermífuga	-- de fumaria: sudorífico
Cevada: antiflogístico	--de heleboro negro: purgante
Citrato de ferro e magnesia: purgante	-- de ipecacuanha ou puaia: expectorante
Coloquintidas: purgante	-- de junipero: diurético
Cozimento de cevada: antiflogístico	-- de ruibarbo: purgante
-- herva tostão: diurético	-- de sabina: provoca mênstruo
Cremor de tartaro: purgante	-- de salsa parrilha: sudorífico
Cristal mineral: compõe purgante	--de saponaria: depurativo
Digitalis: provoca mênstruo	-- de scilla: diurética, expectorante
Diphosphato de soda: purgante	-- de senne: purgante
Drágeas balsâmicas de Fortin: depurativo	-- de trevo aquático: expectorante
Dulcamara/ doce amarga: sudorífico	Flores de borragens: sudorífico
Elaterio: purgante	-- de sabugueiro: sudorífico
Emplasto mercurial: antiflogístico	Funcho: diurético
Escamonea: purgante	

Gilbarbeira: diurética	Óleo de puaia: expectorante
Goma amoníaco: expectorante	-- de ricino: purgante
-- capal: purgante	-- de zimbro: vermífugo
-- gutta: purgante	Oximil scillítico: expectorante
Granulos antimoniais: purgante e vomitivo	Parietaria: diurética
Grãos de saúde de Franck: aperiente, purgativo, depurativo	Pastilhas de puaia ou ipecacuanha: expectorante
Guaiaco: sudorífico	Pez de Borgonha: rubefaciente
Hera terrestre: expectorante	Phosphato de soda: purgante
Herva tostão: diurética	Pílulas depurativas do Dr Allan: depurativa
Jalapa/ Batata purga: purgante	-- mercuriais de Belloste: purgante
Junipero: diurético	-- mercuriais simples ou azuis: purgante
Kermes mineral: expectorante	-- populares ou vegetais: depurativa
Leite de enxofre: purgante, expectorante	-- purgantes capitais: purgante
Licor arsenical de Fowler: alterante	-- vegetais de Bristól: depurativas
Linhaça: antiflogístico	Podophilina: purgante
Losna/absinto: vermífugo, provoca mêsruo	Polpa de canafistula: purgante
Magnesia calcinada/ granular: purgante	-- de tamarindos: purgante
Magnesia de Henry: purgante	Pó de semente de mostarda: rubefaciente
Manteiga de cacau: purgante	Pós sudoríficos de Dower: sudorífico
Maná: purgante	Puaia/ em ramas ou ipecacuanha: expectorante
Mel de abelhas: purgativo	Purgantes de Le Roy: purgante
Mercúrio: alterante	Raiz da China: sudorífico
Mistura salina simples: antiflogística	-- de feto macho: vermífuga
-- -- composta: alterante, emético	-- de turbith vegetal: purgante
Musgo da Córsega: vermífugo	Resina de Jalapa: purgante
Mustarda branca: laxativa	Ruibarbo: purgante
Myrra: expectorante	Sabina: provoca mêsruo
Nitrato de potassa: diurético	Sabugueiro: sudorífico
Nitro puro: aperiente	Sal amargo/ Sedlitz: purgante
Óleo de amêndoas doces: laxante	-- ammoniaco: antiflogístico
-- de arruda: pode ser vomitiva	Sal de Glauber: purgante
-- de croton tigliun: purgativo/ rubefaciente	Salsa parrilha: sudorífico
-- de eufórbio lateris: purgante	Santonina: vermífuga
-- de fígado de bacalhau: alterante	Saponaria: depurativo
-- de goma amoníaca: expectorante	Scilla seca/ contusa/ em pó: diurética, expectorante
-- de hortelã: sudorífico	Semente de Alexandria: vermífugo
-- de junipero: sudorífico	-- de colchico: pode ser purgante
-- de mana: purgativa e expectorante	-- de linhaça: diurética
-- de oliveira: purgativo	-- de marmelo: antiflogístico
	Sene: purgante

Serpentaria da Virgínia: sudorífico	Tintura de dulcamara: sudorífico
Solução de calomelano e jalapa: purgante	-- de jalapa: purgante
Sulfato de magnesia: purgante	-- de junipero: diaforético
-- de soda/sal de Glauber: purgante	-- de ruibarbo: purgante
-- de zinco: emético	-- de salsa parrilha: sudorífico
Sulphureto de ferro: favorece mênstruo	-- de scilla: diurético, expectorante
Tamarindos: purgante	Uva doce: purgante, diurética
Tartaro emético: vomitivo	Uva ursina: diurética
Tartrato de potassa / Sal de Seignette: purgante	Vomitivos de Le Roy: vomitivo
Tartrato de potassa e soda: purgante	Xarope balsâmico de Tolú: expectorante
Terebentina: expectorante	-- de citrato de ferro e magnesia: purgante
Tintura de açafão: provoca mênstruo	-- de digitalis de Labelonye: diurético
-- de aloes: purgante	-- de salsa parrilha de Ayer: depurativo
-- de arnica: pode ser vomitivo	-- de salsa parrilha: depurativo

**Fonte:** Inventários e receitas de remédios. (As referências estão no final deste trabalho) AHCBG/MO.

**Tabela 9 - Substâncias com propriedades outras das boticas da Comarca do Rio das Velhas entre 1850 e 1900**

Acetato de morfina: calmante, pouco usado	Atropina: tosse espasmódica e nevralgias
Acido nítrico: cáustico, para destruir verrugas	Avenca: emoliente
-- acético: cáustico e empregado nos desmaios	Azeite doce: emoliente
-- cítrico: temperante	Bálsamo arcêus: para feridas
-- prússico medicinal: para moléstias brônquicas	-- católico: curativo para feridas
-- sulfurico: adstringente e tônico	-- Fioravanti: estimulante, contra reumatismo
-- tanico: adstringente	-- tranqüilo: calmante
-- tartarico: febrífugo	Cápsulas de apiol: contra febres
Acotinina: para nevralgias e reumatismo	-- de copaíba: adstringentes
Água de alface: calmante e peitoral	-- vegetais de Matico: contra corrimentos
-- de cal: contra cálculos na bexiga	Cardomomo menor: estimulante
-- de Caldas da Rainha: reumatismo	Cascarrilha: tônica, digestiva
-- de cânfora: para doenças nervosas, vermífuga	Ceroto saturno: para feridas
-- destilada de hortela: tônica, anti-espasmódica	-- simples: para feridas
-- de flor de laranjeira: calmante, anti-espasmódica	Chloral: sonífero e provoca insensibilidade
-- da Inglaterra: febrífuga	Cicuta: narcótico, calmante
-- de louro cereja: calmante	Cigarro de estramônio: para asma
-- de Lucca: antidartrosos, anti-espasmódico	Citrato de ferro: adstringente
-- mineral de Spa: tônica, resolutive	-- de ferro amoniaco: tônica
-- vegetal : para deslocções e torções	-- de ferro e magnesia: tônica
-- de Vick: tônica	Cloreto de morfina: calmante
Alambre: compõe remédios adstringente, afrodisíaco	-- de ouro: para sífilis, morféia, papeira
Alcaçuz: odontálgicos	-- de zinco: cáustico
Alcoolato de erva doce: estimulante, para fricção	Cloridrato de cafeína: estimulante
Alcoolio de ópio: calmante	-- de morfina: calmante
Almiscar: anti-espasmódico	-- trimetilamina: contra reumatismo
Altéia: emoliente e peitoral	Cloroformio: sonífero e provoca insensibilidade
Alumen calcinado: adstringente	Clorureto de bario: excitante, escarótico
Âmbar cinzento: estimulante, afrodisíaco	-- de ferro: tônico
Ammoniac liquido forte: cáustico	Colchico em pó: contra gota
Aniz estrelado: estimulante	Collodio: adstringente
Antimonio de potassa: para bronquites	Cozimento de altéia: emoliente e peitoral
Arrobe antiescorbuto de Portal: antiescorbuto	-- amargo: tônico
Arseniato de ferro: tônico	-- antifebril: antifebril
-- de soda: moléstia de pele	-- de flores de papoula: emoliente
Assafetida: anti-espasmódica	-- de guaiaco: contra sífilis, reumatismo
	-- de musgo: peitoral
	-- peitoral: peitoral

Cravo da Índia: excitante, digestivo	cavidades fistulosas; queimadas são usadas para
Cyanureto de ferro: tônico	papeiras e escrófulas
-- de mercúrio: para moléstias cutâneas	Essencia de âmbar: afrodisíaca, adstringente
-- potássio: calmante	-- de aniz: estimulante
Cubebas: para doenças venéreas	-- balsâmica: calmante
Deuto iodureto de mercúrio: anti-sifilítico	-- de zimbro/junipero:estimulante
Digitalina: cordial	Estoraque: curativo, blenorragia, leucorréia
Dormideira: calmante	Estramonio: narcótico, calmante
Drágeas de cubebas e copaíba: anti-sifilítico	Éter nítrico: anti-espasmódico
-- de lactato de ferro: tônico	-- sulfúrico: calmante, anti-espasmódico
-- -- -- e manganés: contra clorose	Extrato de absinto: tônico
Elixir amargoso de Peyrilhe: tônico	-- de aconito: para asma, reumatismo, hidropsia
-- de Garus: tônico e excitante	-- de alcaçuz: para compor massas peitorais
-- noz vomica: incontinência de urina	-- de alcaravia: excitante, para cólicas flatulentas
-- paregórico: calmante, anti-espasmódico	-- de angélica: peitoral, tônico, anti-espasmódico,
-- Santo: estomáquico	-- de bardana: tônica
Emplasto anestésico: anestésico	-- de beladona: narcótica, bechico
-- de cantárida: cáustico	-- de centaurea: tônico
-- de cicuta: para tumores e ingurgitamentos	-- de cicuta: contra dores latejantes do cancro
escrofulosos	-- de cochlearia: anti-escorbútico
-- confortativo: curativo nas feridas	-- de dormideira: calmante e narcótico
-- de Pez de Borgonha: dor reumática	-- de fel de boi: estomáquico
-- vesicatório: para feridas, cáustico	-- de fumaria: tônico
Emulsão arábica: emoliente, peitoral	-- de guaiaco: reumatismo e sífilis
-- de bálsamo de copaíba: adstringente	-- de guaranhen: adstringente
-- simples: emoliente	-- de genciana: tônico
Ergotina: adstringente	-- de junipero: estimulante
Erva doce: estimulante	-- de lupulos: tônico
Enxofre sublimado: para moléstias dos pulmões	-- de valeriana: anti-espasmódico, sedativo
Espargos: calmante	Favas de Santo Inácio: contra paralisia
Eufórbio: vesicante	Ferro reduzido a hidrogênio: tônica
Espirito de cochlearia: para gargarejos anti-	Flor alfazema: estimulante
escorbúticos	-- de arnica: febrífuga e para reumatismo
-- de hortela pimenta: anti-espasmódico, tônico	-- de enxofre: compõe pomadas anti-psóricas
-- noz moscada: tônico e estimulante para o parto	-- de meliloto: lavar oftalmias
-- de pontas de veado: para compor bebidas	-- peitorais: peitoral
contra diarréias	-- rosas brancas: adstringentes
-- de salsa parrilha: contra doenças sifilíticas	-- de violeta: peitoral
-- de valeriana: anti-espasmódico, sedativo	Folhas de beladona: narcóticas
Esponjas marítimas: em cirurgia, para abrir	-- de meimendo: calmante

Galbano: anti-espasmódico	Manteiga de cacau: emoliente, peitoral
Galha: adstringente	Maria preta: para debilidades
Gratia Probatum: vulnerário, para feridas	Massa pílulas cynoglossa: calmante
Guaraná em pó: para diarréias	-- vesicatória: cáustica, para feridas
Genciana: tônico	Meliloto: para lavar oftalmias
Gengibre: digestivo	Meimendro: para convulsões, nevralgias
Glicerina: para curativos e doenças cutâneas	Mercurio vivo/azogue: para fricções
Goma alcatira: peitoral	Morfina: sonífero e acalmar as dores
-- de ammoniaco: anti-espasmódico	Muriato de morfina: calmante
-- -- em lágrimas: anti-espasmódico	Musgo islandico: peitoral
-- arábica: peitoral	Mustarda branca: digestiva
-- galbano: anti-espasmódico	Myrra: tônico, excitante, pulmonar
-- de guaiaco: sífilis e reumatismo	Nitrato de prata cristalizado: para injeções e colírios
-- de kino: adstringente	-- fundido: cáustico
-- myrra: tônico e excitante	Noz moscada: estimulante, tônico
Hipophosphito de soda: peitoral	Noz vomica: gota serena, incontinência urinária
Iodo: contra papeira, sífilis, tumores brancos	Óleo amêndoas doces: emolientes
Iodofórmio: contra sífilis, tísica, papeira	-- animal de Dippel: anti-espasmódico
Iodureto de amido: peitoral e para escrófula	-- de aniz: estimulante, para cólicas
-- de enxofre: contra doenças cutaneas	-- aparício: curativos nas feridas
-- de ferro: tônico	-- de bagas de louro: para curar feridas de animais
-- de potassio: para papeira e sífilis antiga	-- de buchu: fricções em reumatismos
-- de zinco: contra dartros e escrófulas	-- de cajeput: estimulante, para moléstias nervosas e fricções no reumatismo
Jatobá: contra escarros de sangue	-- de colchico: narcótico, para reumatismo, gota e diarréia
Junipero/ zimbro: estimulante	-- de copaíba: adstringente
Laudano opiado: calmante	-- de cravo da Índia: para acalmar as dores de dente
Lactato de ferro: tônico	-- de creosoto: cáustico, para curativo e dor proveniente de cáries
Lactucario puro: calmante e peitoral	-- de cubebas: contra doenças venéreas
Leite de enxofre: digestivo	-- de hortelã: estimulante para quem foi mordido por cobra
Licor anódino: calmante	-- de fígado de bacalhau: tônico
Licor arsenical de Fowler: febrífugo, contra lepra	-- de goma ammoniaco: anti-espasmódica
Licor de Van-swieten: para cancro venéreo	-- de linhaça: analépticos
Limalha de ferro: tônico	-- de macela gallega: tônico
Linimento anódino: para unções e fricções	-- de minhocas: para panarícios e para facilitar a colocação de ossos deslocados em seu lugar
Linimento de sabão com ópio: para unções e fricções	-- de noz moscada concreto: estimulante
Lobelia inflada: peitoral	
Lupulos: tônico	
Mana: peitoral	
Manteiga de antimónio: cáustico	



Óleo de pipi e valeriana: anτισpasmódico e sedativo	Raiz de aipo: estimulante e afrodisíaco
ratanhia: em escarros de sangue e para gargarejos	-- de altéia: emoliente
-- de rícino: vermífugo	-- de baunilha: tônica, estimulante
-- de rosmaninho: estimulante	-- de bistorta: adstringente
-- de terebentina: estimulante	-- de cálamo aromático: tônico, estomáquico
-- de zimbro: para dor de dente e doenças da pele	-- de canela: estimulante e tônica
Ópio: calmante	-- de carvalho pequeno: tônico, estomáquico
Óxido negro de ferro: tônico	-- da China: anti-sifilítico
-- de zinco: anti-espasmódico	Resina de guaiaco: para sífilis e reumatismo
Pastilhas de hortela: digestivo	Resolutivo Renovador Dr. Radway: calmante
-- de jujubas: para moléstias peitorais	Rosa de pinho: cáustica
-- de Tolú: para afecções pulmonares	-- rubra: adstringente e tônica
-- de Vick: digestivo	Sais de valeriana: anti-espasmódico
Pedra divina: adstringente	Sal ammoniaco: resolvente
Pedra lipes: cáustico	Salepo: emoliente e nutritiva
Pepsina: digestivo	Salsa parrilha: anti-sifilítico
Perclorureto de ferro: tônico	Scilla: estimulante
Phosphato de ferro puro: tônico	Seccante: adstringentes
-- de cal: tônico	Semente de funcho: estimulante
Phosphoreto de ferro solúvel: tônico	-- de linhaça: emoliente
Pílulas de cynoglossa: calmante	Serpão: estimulante
-- de etter: calmante, anti-espasmódico	Solução de iodureto de ferro de Dupasquier: analéptico
-- ferruginosa de Blaud: tônica	Stricnina: contra paralisia
-- -- de Vallet: tônica	Subacetato de chumbo líquido: resolvente
-- de Fuller: tônicas	Subcarbonato de soda: cáustico
-- de iodureto de ferro de Blancard: tônico	Subnitrate de bismuto: anti-espasmódico
-- de protoiodureto de ferro: tônico	Sulphato de ferro: tônico
Pimenta do Reino: digestivo	-- de morfina: sonífero e calmante
Pirophosphato de ferro: tônico	-- de quinino: febrífugo
Poligala: tônico	-- de stricnina: contra paralisia
Pomada fosforada: vesicante	-- de zinco: adstringente
Precipitado rubro: cáustico	Sulphureto de ferro: tônico
Protoiodureto de mercúrio: para cancro venérea e sintomas da sífilis	Symaruba nova: febrífuga, anti-disentérica
Quina do Peru: febrífuga	Tanino: adstringente
-- amarela: adstringente, febrífuga	Tartrato de ferro: tônico, adstringente
Quinino: febrífuga, tônica	-- -- e potassa: tônico e adstringente
Raiz de aconito: para hidropsias, asma, reumatismo	Terebentina: fricções em dores reumáticas e compor emplastos peitorais
	Tintura de arnica: contra conseqüências de

<p>Tintura aromática sulfúrica: cordial, anti-escorbútica</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>-- de beladona: para tosses e doenças nervosas</li> <li>-- de calumba: tônica</li> <li>-- de casca de limão: febrífugo e para o escorbuto</li> <li>-- de castóreo: anti-espasmódico</li> <li>-- de cato: adstringente</li> <li>-- de colchico: narcótico, contra gota e diarreia</li> <li>-- etérica de fósforo: para impotência viril</li> <li>-- de ferro muriático: tônico</li> <li>-- de genciana: tônica</li> <li>-- guaiaco: para sífilis e reumatismo</li> <li>-- de iodo: contra papeira, escrófula, sífilis</li> <li>-- de iodureto de ferro: tônica</li> <li>-- de junipero: estimulante</li> <li>-- de kino: adstringente</li> <li>-- de losna: digestivo</li> <li>-- marte tartarizada: adstringente, tônica</li> <li>-- de mezereão: cáustico</li> <li>-- myrra: estimulante e tônica</li> <li>-- noz vomica: para convulsões, paralisia</li> <li>-- de ópio: calmante</li> <li>-- de pipi: para fricções em membros paralisados</li> <li>-- de quina: tônica</li> <li>-- de ruibarbo: tônico</li> <li>-- de scilla: estimulante</li> </ul>	<p>Tintura de valeriana: anti-espasmódica e sedativa</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>-- volátil: anti-periódico, febrífugo</li> </ul> <p>Trimetilamina: contra reumatismo, contusões</p> <p>Triagas: estimulantes, tônicos, adstringentes</p> <p>Tussilagem: emoliente</p> <p>Unguento de altéia: emoliente</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>-- de basilicão: para curativos em feridas e úlceras</li> <li>-- de espermacete: curar feridas, os cáusticos</li> <li>-- de estramônio: calmante na asma e doenças nervosas</li> <li>-- de Genoveva: para fricções, torções</li> <li>-- nerval: unções e fricções</li> <li>-- opodeldoch: unções, fricções</li> <li>-- de populeão: curar feridas e úlceras</li> </ul> <p>Valerianato de atropina: para nevralgias</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>-- de quinina: febrífugo</li> <li>-- de zinco: anti-espasmódico e calmante</li> </ul> <p>Veratrina: contra nevralgia e reumatismo, gota</p> <p>Vinagre: digestivo, febrífugo</p> <p>Vinho quinium Labarraque: tônico, febrífugo</p> <p>Xarope de digitalis de Labelonye: calmante, cordial</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>-- salsa parrilha de Ayer: anti-sifilítico</li> <li>-- de essência balsâmica: para conter hemorragias, hemoptises</li> <li>-- de morfina: para acalmar as dores</li> </ul>
---	--

**Fonte:** Inventários e receitas de remédios. (As referências estão no final deste trabalho) AHCBG/MO.

**Tabela 10 - Vasilhames das boticas da Comarca do Rio das Velhas na segunda metade dos oitocentos**

Alambiques de bronze	Grais de porcelana sem mão, grande e pequeno
-- de cobre	Latas de folhas de flandres sortidas
-- de ferro	Latas grandes vazias
-- de folha	Panelas para esquentar (caçarolas)
-- de pedra	Potes de louças de vários tamanhos
Almofariz pequeno pesando 1,6 kg	-- -- de 120 gr.
-- de bronze com pesos de 1,920 e 5,5 kg.	-- de vidros
-- grande de bronze	Potinhos com e sem tampas
-- pequeno de bronze	Recipientes
-- de cobre	Retortas e garrafas para destilar
-- de ferro pesando 1,152 e outro de 3,264 kg.	Tachos de cobre pesando 4 kg.
-- de latão com seus respectivos pistilos	-- -- pequeno pesando 1 ½ kg e outro de 8,2 kg
-- de massa	-- -- estanhado pesando 576 gr.
Bacias de cobre pesando 6 kg	Vasos entre pequenos e grandes
Bocetas de pinho com tampas para pílulas	-- de louças brancas
Boiões de barro vidrado mindinho	-- de louças brancas pequenas
-- de 120 gr.	-- de louças pintados
-- pequenos e grandes para unguentos	-- de vidros,
Canecas	Vidros de diversos tamanhos e rolhas
Cangeirões de louça branca pequenos e grandes	-- de boca estreita de 1kg e outro de boca larga
Cápsulas de porcelana	-- pequenos de diferentes tamanhos
Copos de graduar para 96 gr.	-- menores vazios grandes sem rolhas
-- -- para 256 gr.	-- mindinhos sem rolhas
Copos de medir	-- de 15 gr.
Copo para-gotas	-- de 30 gr.
Copos quadrados de várias medidas	-- de 48 gr.
Frascos vazios para remédios	-- de 60 gr
Garrafas para destilar	-- de 64 gr.
Garrafas entre azuis e pretas de diversos tamanhos	-- de 125 gr. com rolhas
Grais nº 2 e nº4, com a mão	-- de 128 gr. com rolhas de vidro
-- de bronze	-- de 128 gr. de bocas largas
-- de mármore grande e pequeno	-- de 250 gr. com rolhas
-- de massa	-- de 256 gr. com rolhas de vidro
-- de vidro, vários números e suas mãos	-- sem rolha para colocar álcool
	-- sem rolha com letreiro de remédios

**Fonte:** Inventários e receitas de remédios. (As referências estão no final deste trabalho) AHCBG/MO.

**Tabela 11 – Aparelhos e instrumentos das Boticas da Comarca do Rio das Velhas entre 1850 e 1900**

Aparelho para pílulas	Lampiões de querosene
Aperta-rolhas	Máquinas de espremer limão
Areômetros	Máquinas de sarjar ou sarjadeira
Balança e pesos	Máquina para água gasosa
Balança pequena	Medidas de bronze
-- pequena de marco de 192 gr.	Microscópio
-- granataria com seus ternos de peso de várias medidas e diversos tamanhos	Pedra de porcelana grande
-- romana	-- de mármore para pílulas
Espátulas de diversos tamanhos	Pedras para unguentos
-- de aço	Peneiras de metal
-- de vidro	Piluleiro com vários canudos
-- de osso/marfim de diversos tamanhos	-- com 24 canudos
Funis de vidro	Pilulador com 12 divisões
-- de louça	Retorta para destilar
Lâminas de chumbo	Rolhas de cortiças para vidros e para garrafas
-- de estanho	Termômetro
-- de vidro	Ternos de pesos de metal
	Tesouras

**Fonte:** Inventários e receitas de remédios. (As referências estão no final deste trabalho) AHCBG/MO.

**Tabela 12 - Outros pertences das boticas da Comarca do Rio das Velhas entre 1850 e 1900**

Anel elétrico	Letreiros para vidros
Armação da botica	Mamadeiras
Balcão da botica com prateleiras e vidros de dentro	Milheiros de rótulos para garrafas
Bicos de goma de mamadeira	Novilhos de fio para curativos
Caixinhas de papelão para pílulas	Papéis pautados
Cadernos de papel almaço grosso	Papéis azuis e outras cores para embrulhos
Cadernos de papel de feltro	Pessarios
Caixas frasqueiras de vários tamanhos	Prateleiras da botica
Caixas com mamadeiras	Rolhas de cortiças para garrafas
Caixas de papelão	-- -- para vidros
Caixas com seringas	Seringas de chumbo
Caixas sortidas para pílulas com divisões	-- de goma preta
Colares elétricos	-- de goma e 22 pipin (?)
Dyphão ou desmamadeira de vidro	-- de vidro grandes e pequenas
Folhas de papéis de cores	-- de vidro para uretra
Folhas de flandres vazias de diferentes tamanhos	Ventosas de chumbo
Frasqueiras	-- de gomas
Fundas para um lado só	-- de vidros
-- para os dois lados	Vidros para vidraça
Lancetas finas	

**Fonte:** Inventários e receitas de remédios. (As referências estão no final deste trabalho) AHCBG/MO.

## ANEXO A



Figura 1 – Carta topographica e administrativa da Provincia de Minas Geraes erigida sobre os documentos mais modernos pelo V<sup>o</sup> de Villiers de L'Isle Adam. Gravada na Lithographia Imperial de Vr. Larée, publicada no Rio de Janeiro, 1849.(BN). IN: COSTA, AG. (org.). *Cartographia das Minas Gerais: da capitania à provincia*. BH: Ed. UFMG, 2002. p.51. A Comarca do Rio das Velhas se encontra na região central (território marcado com a cor bege clara) da Provincia mineira.

**ANEXO B**

Figura 2 - Botica da Cidade de Sabará dos oitocentos. Foto do início do século XX.  
Fonte: Coleção particular.

## ANEXO C

**PILULAS DEPURATIVAS**  
DO DR. ALLAN  
**CERTIFICADO DE AGENCIA**

Todas as pessoas que vendem de hoje em diante essas Pilulas, devem ser munidas de um *Certificado* impresso sobre o mesmo papel que as direcções ou bullas. Esse papel é côr de rosa, com a superfície coberta de desenhos transparentes e com as palavras:

**PILULAS DEPURATIVAS DO DOUTOR ALLAN**  
O' PALMER, PROPRIETARIO.

estampadas no mesmo; e demais assignado com minha firma com letras brancas.

As bullas ou direcções levão no quadro reservado a mesma firma também com letras brancas.

Os papeis que servem para embrulhar as duzias, são côr de café com leite, e levão os mesmos desenhos e palavras que o certificado e as bullas.

*N. B.* Que os desenhos e palavras tanto n'um papel como n'outro são visiveis dos dous lados.

Os vidros são verdeados, côr mais escura que os ultimos e com as tampas douradas.—O' Palmer.

ANTIGO DEPOSITO  
RUA DOS OURIVES N° 81, PERTO DA DO OUVIDOR  
Rio de Janeiro, 1° de Janeiro de 1859.

Figura 3 – Pílulas Depurativas do Dr. Allan  
Fonte: Almanak Laemmert. Caderno de Notabilidades. 1859.

## ANEXO D

**ROB LAFFECTEUR**

Unico autorizado pelo Governo e approvedo pela Academia  
**E NO BRASIL PELA JUNTA DE HYGIENE**

O ARROBE-LAFFECTEUR, preparado com o maior cuidado, é incontestavelmente superior a todos os Xaropes depurativos, Salsaparrilha, Saponaria, etc. Suppre o azeite de figado de bacalhão, o xarope anti-escorbuto, as essencias de salsaparrilha, bem como todas as outras preparações que têm por base o lodo, o ouro, ou o mercúrio. De facil digestão, agradável ao paladar e ao olfato, é este arrobe recommendado pelos medicos de todos os paizes para a cura das

Empigens	Tinha	Escrofulas
Tumores	Ulceras	Escorbuto
Cancros	Sarna degenerada	Fluxo-alvo.

Todas estas affecções provêm de uma causa interna: não ha, pois, razão alguma em crêr que ellas se podem curar com remedios externos.

Tambem se prescreve o ARROBE-LAFFECTEUR para o tratamento das affecções dos systemas nervoso e fibroso, taes como

Gôla	Rheumatismo	Paralytia
Dóres	Impotencia	Esterilidade
Marasmo	Hypochondria	Emmagrecimento.

O ARROBE-LAFFECTEUR é da maior utilidade para curar radicalmente, e em pouco tempo, as flôres brancas acrimoniosas, os corrimentos contagiosos, recentes ou antigos, que tão violentamente contrarião jovens, e contra os quaes empregão, sem reflexão, a copalyba, as cubebas e as mais energicas injeções. Este arrobe cura, sobretudo, as affecções syphiliticas, quer sejam primitivas, quer secundarias ou terciarias. Algumas vezes esta ultima especie sobrevêm 20 annos depois dos primeiros symptomas que se julgavão curados.

Mandar-se-ha *gratis*, ás pessoas que o pedirem, o prospecto do tratamento.

O ARROBE-LAFFECTEUR foi approvedo pela antiga Sociedade Real de Medicina, por um decreto do anno 43°, e introduzido na marinha franceza em 1778 e 1793; em 1830 foi approvedo na Belgica pelo ministro da guerra, adoptado no serviço sanitario do exercito belga, e ultimamente foi autorizado em toda a Russia.

Como anti-syphilitico, foi este arrobe admitido nos hospitaes da marinha franceza desde 1788.

Figura 4 - Rob Laffecteur  
Fonte: Almanak Laemmert. Anúncios de Paris. 1877.



## ANEXO E

# VERDADEIRO LE ROY

PARIS. — Rue de Seine, 51. — PARIS.

**PHARMACIE COTTIN**

**PURGANTIF LE ROY**  
SELON L'ORDONNANCE  
DU DOCTEUR SIGNORET

**Avis Essentiel.**  
Des individus recueillant nos bouteilles pour les remplir de préparations sophistiquées, on est prié de les briser dès qu'elles sont vidées.

**Aqui vão as assignaturas**

Rue de Seine, 51. ancien 49. Paris. 1<sup>er</sup> Degré

O PURGANTE LE ROY é, d'entre os remedios congeneros, o unico de experimentada e incontestavel efficacia para a cura das affecções provenientes da alteração dos humores; vai sempre acompanhado d'uma Instrucção de 12 pag. que os doentes devem estudar com toda a attenção, antes de começarem o tratamento por meio de qual conseguirão sempre o restabelecimento da saude. Como existe, porem, grande numero de falsificações mui perigosas, não se deve empregar senão o VERDADEIRO, e para o reconhecer, convém se leia attentamento o aviso seguinte:

— Só devem ser consideradas como VERDADEIRAS as garrafas d'um quarto de litro, preparadas na PHARMACIA COTTIN, e acompanhadas d'uma NOTICIA que indica o tratamento: cada garrafa apresenta: 1<sup>o</sup> As palavras PHARMACIE COTTIN em relevo no vidro, e no laço

*Signoret*

das rolhas.—2<sup>o</sup> Um rotulo—cajo modelo vai junto—impresso em papel de cujo fundo, coberto de lavrados amarellos, sobresahem em branco as palavras PURGANTIF LE ROY com a minha assignatura de mão propria e o SELLO LE ROY—3<sup>o</sup> Enfim, e N. B. Em cada garrafa vai, entre a rolha e o papel azul que leva o meu sinete, um rotulo impresso em amarello com as firmas LE ROY, COTTIN e SIGNORET: e sobre a de Cottin acha-se o SELLO IMPERIAL DO GOVERNO FRANÇEZ.

Figura 5 - Purgante Le Roy

Fonte: Almanak Laemmert. Anúncios de Paris. 1862.

## ANEXO F

**VERDADEIROS GRAOS DE SAUDE DO DR. FRANCK**

Approbados pela Junta central de Hygiene da Corte.

**CAIXINHAS AZULES**

Aperientes, estomachicos, purgativos, depurativos, contra a falta d'appetite, a obstrucção, a enxaqueca, os vertigems, as congestões, etc.

Dose ordinaria: 1, 2 a 3 Grãos.

Exigir os VERDADEIROS em caixinhas azues cobertas com rotulo em 4 cores e da assignatura A. Rouvière em vermelho.

**EM PARIZ,**  
Pharmacia LEROY, 45, rue N<sup>ve</sup>-S<sup>t</sup>-Augustin,  
E EM TODAS AS BOAS PHARMACIAS.

**EM 4 CORES**

GRAINS  
de Santé  
du docteur  
FRANCK

Figura 6 - Grãos de Saude do Dr. Franck

Fonte: Almanak Laemmert. Anúncios de Paris. 1876.

## ANEXO G

**XAROPE DE LABELONYE**

Pharmaceutico de primeira classe da Faculdade de Paris, etc., etc.

**Rua Bourbon Villeneuve, 10, em Paris.**

Este Xarope, do qual a base é o principio activo da Digital, é o melhor calmante conhecido, e um poderoso diuretico.

E' ha mais de vinte annos empregado com um successo constante, para curar as DOENÇAS DO CORAÇÃO, as HYDROPSIAS e a maior parte das AFFECÇÕES DO PEITO, pelos mais illustres medicos francezes, e por todos os de outros paizes.

Citaremos sómente entre os Srs. da Escola de Medicina de Paris: os lentes ANDRAL, BOUILLAUD, COTTEREAU, FOUQUIER, MARJOLIN, ROBERT, ROSTAN, etc.

Resulta por suas declarações authenticas que se obtém do xarope de Labelonye os melhores effeitos contra:

As affecções ORGANICAS OU INORGANICAS DO CORAÇÃO, *as palpitações nervosas*, etc.;

Acama em poucos dias as palpitações, qualquer que seja sua origem;

A HYDRO-THORAX OU HYDROPSIA do peito e todas as hydropsias geraes ou parciaes;

Uma hydropsia em principio desaparece em poucos dias pelo unico effeito deste xarope, e um regimen conveniente.

Os CATARRHOS PULMONARES, OS DEFLUXOS OU BRONCHITES, a ASTHMA nervosa ou espasmodica.

A hemoptysia (escarro de sangue), e a aphonia (extinção de voz).

**AVISO ESSENCIAL PARA EVITAR AS FALSIFICAÇÕES E IMITAÇÕES.** Cada garrafa de Xarope de Labelonye é munida de rotulos de cores, guarnecida com uma cinta azul sellada e assignada pelo inventor, e acompanhada de uma instrução franceza levando o sello do governo por cima da assignatura, e com outra em portuguez.

DEPOSITO no RIO DE JANEIRO, em casa dos Srs. GESTAS & C., pharmaceuticos, *rua da Candelaria, 57.*

Figura 7 - Xarope Labelonye  
Almanak Laemmert. Anúncios de Paris. 1860

## ANEXO H

**OLEO DE FIGADO DE BACALHAO DESINFECTADO**

**MEDALHA DE HONRA**

<p style="text-align: center;"><b>BRANCO E ESCURO.</b></p> <p>Desinfectado o Oleo de Fígado de Bacalhão, o Sr. Chevrier deu a esta preciosa preparação therapeutica um cheiro e sabor agradaveis que nenhuma de suas virtudes lhe tirou.</p> <p>Esta importante descoberta, que granjeou a seu autor uma medalla de honra, vulgarizou o uso do Oleo de Fígado de Bacalhão desinfectado.</p> <p>Os medicos o receitam preferivelmente a todos os outros, em todas as molestias onde se emprega o Oleo de Fígado de Bacalhão.</p> <p>Ver para mais pormenores os relatorios medicos que contém a noticia que accompanha cada frasco.</p>	<p style="text-align: center;"><b>FERRUGINEO DE CHEVRIER.</b></p> <p>O Sr. Chevrier completou a sua descoberta ajuntando a iodura de ferro ao Oleo de Bacalhão desinfectado. Este Oleo de Fígado de Bacalhão ferrugineo tem todas as propriedades do oleo e do ferro, digere-se facilmente e nunca causa prisão de ventre. Portanto, é preferivel ás mais preparações ferrugineas (Pílulas ou Xarope), convem em todas as doenças, onde se emprega o ferro. Tisica pulmonar, bronchites, rachitismo, escrófulas, empigens, gota, rheumatismo chronico, catarros antigos, dyspepsias, convalescencias difficis e fraquezas de constituição.</p>
--	--

**PHARMACIA CHEVRIER, 24, RUE DU FAUBOURG MONTMARTRE.**  
Na mesma pharmacia achão se o VINHO, o ELIXIR de COCA, excellentes preparações tonicas.

O TAFETÁ VULNERARIO com ARNICA para curar as chagas, feridas, cortaduras e contusões.

Os GRANULOS de BISMUTH compostos contra as diarrhéas, dysenterias, dóres do estomago, etc.

Depositario geral do Brasil:

**J. Gestas, T. Bayonchelle, successor, 102, rua de S. Pedro.**

Figura 8 - Óleo de Fígado de Bacalhau Desinfectado  
Fonte: Almanak Laemmert. Anúncios de Paris. 1870.

## ANEXO I

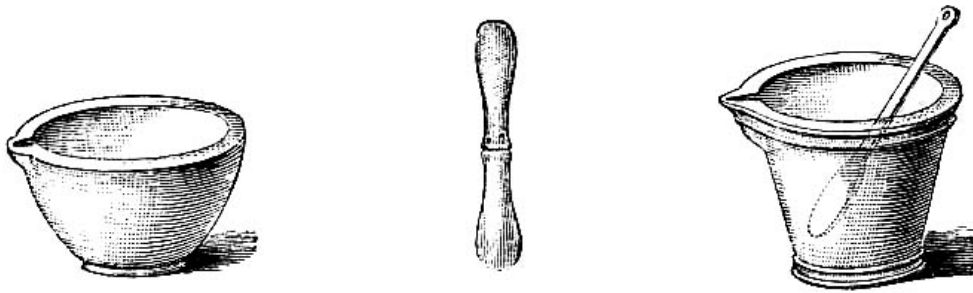


Figura 9 - Almofarizes e pistilo

Fonte: CHERNOVIZ, PLN. *Formulário e Guia Medico*. 15ªed. Pariz: Roger & Chernoviz, 1892.

## ANEXO J

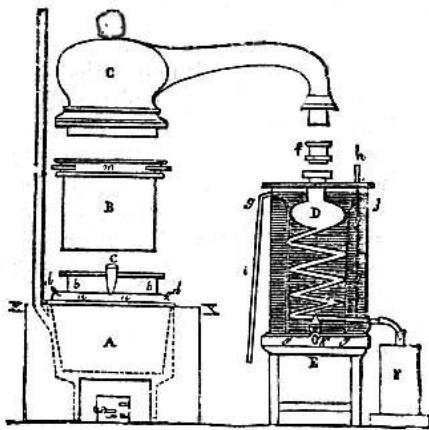


Fig. 19. - Alambique desarmado

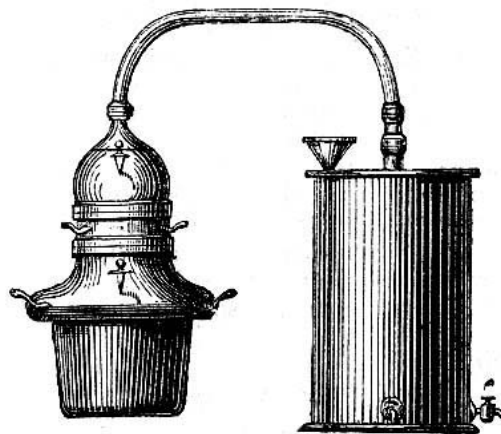


Fig. 20. - Alambique armado

Figura 10 - Alambique

Fonte: CHERNOVIZ, PLN. *Formulário e Guia Medico*. 15ªed. Pariz: Roger & Chernoviz, 1892.

## ANEXO K

ANNUNCIOS DE PARIS.

695

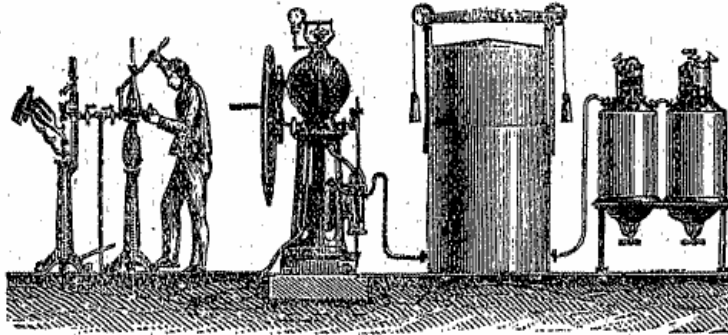
# APPARELHOS CONTINUOS

PARA A FABRICAÇÃO

## DAS BEBIDAS GAZOSAS

DE TODA A ESPECIE  
 AGUAS DE SELTZ, LIMONADAS, SODAS-WATER, VINHOS ESPUMOSOS,  
 GAZEIFICAÇÃO DAS CERVEJAS.

UNICA MEDALHA DE PREMIO EM LONDRES, EM 1862. MEDALHA DE PRATA  
 DOURADA EM BAYONNA, EM 1864. MEDALHA DE PRATA EM PARIS, EM 1867.  
 MEDALHA DE OURO NO HAVRE EM 1868.



Estes aparelhos de compressão mecânica, e de fabricação continua, podem produzir desde 25 até 10,000 garrafas de toda a especie de bebidas gazosas por dia, segundo o seu poder, e o motor que se lhes applica. São os unicos que preenchem todas as prescripções dos conselhos de hygiene e de salubridade. Os unicos que tem sido sujeitados, antes da sua saída das officinas, aos ensaios exigidos para qualquer aparelho destinado a funcionar com alta pressão. Os unicos que correspondem com as necessidades de um estabelecimento industrial.

SÃO GARANTIDOS CONTRA QUAESQUER VICIOS DE CONSTRUÇÃO

### SIPHÕES

tanto de grande como de pequena  
 alavanca, — quer ovoides. — quer  
 cylindricos,

Esperimentados com uma pressão  
 de 20 atmospheras

MUITO GALANTES, SIMPLES, SEGUROS,  
 FACILS DE DESARMAR. DE VISITAR  
 E DE LIMPAR



ESTANHO DE 1º TITULO, E VIDRO CRYSTAL, BRANCO, VERDE, AZUL, OU AMARELLO

As pessoas que tencionão occupar-se nesta lucrativa industria, devem comprar o *Manual do Fabricante de Bebidas Gazosas*, magnifico volume ornado de 80 estampas, dado á luz pelos constructores, e que se envia contra cinco francos, em estampilhas de correio, ás pessoas que o pedem.

(Remessa FRANCA do prospecto circunstanciado).

**HERMANN-LACHAPPELLE E CH. GLOVER**  
 CONSTRUCTORES MECHANICOS

PARIS, 144, FAUBOURG POISSONNIERE, 144, PARIS

Figura 11 - Máquina de água gasosa.

Fonte: Almanak Laermmert. Anúncios de Paris. 1870

**THESOURO**

DAS

**MÃIS.**





**PROVIDENCIA**

DAS

**CRIANÇAS.**



**COLLARES ROYER**

**ELECTRICO-MAGNETICOS**

CHAMADOS COLLARES ANODINOS DE DENTIÇÃO

**CONTRA AS CONVULSÕES**

E PARA FACILITAR A DENTIÇÃO DAS CRIANÇAS

Preparados e inventados por ROYER, pharmaceutico da escola superior de Paris, successor de CHREAU, membro da Academia de Medicina, antiga casa BOULLON-LAGRANGE, pharmaceutico do Imperador, chefe dos trabalhos chimicos da Escola Polytechnica, director da Escola de Pharmacia de Paris, e membro da Academia Imperial de Medicina.

**Paris, rua St. Martin n. 225, defronte da rua Chapon.**

Quantas crianças não vemos nós cada dia succumbir ás dôres da primeira dentição! ? Quantas ancias e quantos tormentos para as tristes mãis, que vêm arrebatarse-lhês, depois de tantos cuidados, de tantas vigílias, o objecto querido de sua ternura? Quantas vezes não têm ellas sentido a inefficacia dos remedios empregados, taes como os brinquinhos, xaropes de dentição, etc., cujo duro contacto dos primeiros irrita as gengivas e causa inflamação nas membranas mucosas, e cuja acção nulla faz a desesperação das mãis?

M. Royer é o inventor de duas especies de collares; 1º, dos collares anodinos de ambar electro-magneticos; 2º, dos collares compostos de diferentes metaes com corrente voltaica. Partindo deste principio de physica bem conhecido, que a intensidade de uma corrente galvanica está em razão directa da superficie dos elementos que compoem a pilha; os collares de Royer, chamados anodinos electro-magneticos, designados e graduados por oito numeros diferentes, possuem as mesmas propriedades electricas, com a unica differença que o effeito curativo está subordinado ao tamanho dos elementos que os compoem, e por consequencia á quantidade limitada de electricidade que engendram, d'onde se segue que quanto maior superficie apresentão as perolas aos elementos, tanto maior quantia de fluido electrico desprender-se-ha; e por isso é que nós aconselhamos de preferencia os numeros fortes.

PREÇOS DOS COLLARES ELECTRO-MAGNETICOS.

O n. 1, a peça, 4 fr.; n. 2, 5 fr.; n. 3, 6 fr.; n. 4, 8 fr.; n. 5, 10 fr.; n. 6, 12 fr.; n. 7, 15 fr.; n. 8, 20 fr.

**Genuino Oleo de Fígado de Bacalhão, de Royer.**

**HUILE DE FOIE MORUE**



**DE ROYER BREVETÉ S.S.D.C.**

Apurado a frio para o emprego medical, e approado pela Academia de Medicina.

Preços: Oleo de figado de bacalhão par-

do, frasco, 3 fr. 25 c. Louro, frasco, 4 fr. 25 c. Branco, frasco, 5 fr. 25 c.

**PAPEL ROYER ELECTRICO-MAGNETICO**

para a cura prompta e radical das doenças rheumaticas, sciaticas, dôres dos rins, gota, paralysis, bronchite, tosse, etc. Preço do rolo, 2 fr.

CREOSOTE CHLOROFORMISADO contra as dôres de dentes, o frasco 2 fr.

**DEPOSITO**

EM TODAS AS BOTICAS DO BRASIL.

Figura 12 - Colar Elétrico

Fonte: Almanak Laemmert. Anúncios de Paris. 1863.

**FONTES:**

Inventários, avaliação de bens e contas:

ALMEIDA, Jose Custódio. CPOI(08)1793 – AHBG/MO

ANDRADE, José Maria. Ano 1876. CPON.I(36)846 – AHBG/MO

BARBOZA, Diniz Antônio. Ano 1856.CPON.I (25) 694 - AHBG/MO

BROCHADO, Manoel Alves. CPONI(35)841. Década de 1870. AHBG/MO

BROCHADO, Romualdo José de Macedo. Ano 1872. CPO.I(34) 823 - AHBG/MO

CARDIM, Maria Antonia. CSOI(30)01, 1769 - AHBG/MO

CEBOLLAS, Cândido Augusto da Rocha. Ano 1858. CSO.I. Maço 80(14) – AHBG/MO

CEBOLLAS, Cândido Augusto da Rocha. Ano 1877. CPON.I (34) 856 – AHBG/MO

GONÇALVEZ, Miguel. CPO. Petição. 1738 - AHBG/MO

GUIMARÃES, Fernando Pereira. CPO. Petição, 1773 - AHBG/MO

MACEDO, Manoel Alves de. CPO/CTT(03), 1855. AHBG/MO

MARQUES, Ladislão Benevenuto. 24/02/1877; AB/OB/ AHBG/MO

VIANNA, Camilo Izidoro. Ano 1846. CPO-CT .Tes(02)26 – AHBG/MO.

XAVIER, João da Matta. Ano 1884. CSO.I, Maço 102: 1880 – 1889. Fórum da Cidade de Sabará

Livro de processo de qualificação de cidadãos votantes - 1868, LEL. AHCBG/MO

#### Arquivo Público Mineiro

Sessão Provincial - Presidência da Província:

PP1,26 - Saúde e assistência (saúde pública) do ano de 1824 a 1888. Caixas 2 e 11

PP2,4 - Inspeção de instrução pública e Instrução de saúde pública do ano de 1825 a 1885. Caixa: 02

Impostos (s.n) – CMS Ano 1893.

Registros de licenças – CMS.202. Ano 1845

Profissões Urbanas – CMS.220, Ano 1851 folha 3.A; Ano 1852 folha 62.B e folha 48.B.

Profissões Urbanas – CMS.196, Ano 1834; folha 54.A.

Economia Urbana – CMS.221, Ano 1854; folha 18.B; 41.B

Economia Urbana – CMS.229, Ano 1864; folha 36.B.

Produtos Comerciais – CMS.223, Ano 1856; folha 31.A.

Produtos Comerciais – CMS.229, Ano 1869; folha 95.B.

#### Arquivo Nacional

Fundo: Fisicatura – Mor. Seção de guarda: SDH. Código: 2 O CODES, Fichário 76,Gaveta: 06, Caixa 465, pacote 02.

Fundo: Fisicatura – Mor. Seção de guarda: SDH. Código: 2 O CODES, Fichário 76,Gaveta: 06, Caixa 480, pacote 03 e 04.

Fundo: Série Saúde - Gabinete do Ministro: IS4, 22. SDE. Relação 15. Junta Central de Higiene Pública (1851/1853). “Tabela de medicamentos, vasilhame, instrumentos, utensis e livros, organizados em virtude do Artigo 57 do Regulamento da Junta Central de Higiene Pública de 29 de Setembro de 1851 para as Boticas do Império.”

#### Manuais de Medicina e Farmácia

BOCK, CE. *Atlas Completo da Anatomia do Corpo Humano*. RJ: Eduardo e Henrique Laemmert, 1853.

CHERNOVIZ, P. L. N. *Formulário e Guia medico do Brazil*. RJ: Typografia nacional, 1841.

CHERNOVIZ, P. L. N. *Formulário e Guia medica*. 3ª edição. RJ: Eduardo & Henrique Laemmert, 1852.

CHERNOVIZ, P. L. N. *Formulário e Guia medica*. 4ª edição. RJ: Eduardo & Henrique Laemmert, 1856.

CHERNOVIZ, P. L. N. *Diccionario de Medicina Popular e das sciencias acessorias*. 3ª edição. Pariz: Em Casa do Autor, vol.1,2. 1862.

CHERNOVIZ, P. L. N. *Formulário e Guia medica*. 8ª edição. Pariz: Em Casa do Autor, 1868.

CHERNOVIZ, P. L. N. *Diccionario de Medicina Popular e das sciencias acessorias*. 4ª edição.Vol 1,2. Pariz: Em Casa do Autor, 1870.

CHERNOVIZ, P. L. N. *Formulário e Guia medica*. 9ª edição. Pariz: Em Casa do Autor, 1874.

CHERNOVIZ, P. L. N. *Diccionario de Medicina Popular e das sciencias acessorias*. 5ª edição. Pariz: Em Casa do Autor, vol.1, 2. 1878.

CHERNOVIZ, P. L. N. *Formulário e Guia medica*. 10ª edição. Pariz: Roger & Chernoviz, 1879.

CHERNOVIZ, P. L. N. *Formulário e Guia medica*. 14ª edição. Pariz: Roger & Chernoviz, 1892

CHERNOVIZ, P. L. N. *Formulario e Guia medico*. 17ªed. Pariz: Roger & Chernoviz, 1904.  
 FERREIRA, L. G. *Erário Mineral*. FURTADO, J. F(Org) - BH: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; RJ: FIOCRUZ, 2002. Vol.1 e 2  
 LANGGAARD, T. J. H. *Dicionário de Medicina Doméstica e Popular*. 2ª ed. Rio de Janeiro: E & Laemmert, 1873.  
 LE ROY. *Formulário La Medicina curativa, ó La Purgación*. Valencia: Ildfonso Mompié, 1829.  
 SILVA PINTO, LM. *Elementos de Pharmacia, Chymica e Botânica*. Nova edição. Ouro Preto: Typografia de Silva, 1837.  
 \_\_\_\_\_. *Materia Medica*. Nova edição. Ouro Preto: Typografia de Silva, 1837.

#### Anais:

Annaes Brasiliensis de Medicina. Tomo XXXII – Julho a Setembro. N1. Redator Doutor Costa Ferraz/ Jornal da Academia Imperial de Medicina do Rio de Janeiro. 1880. 1º Trimestre.

#### Almanaque:

O Desenvolvimento das Farmácias no Século XX. *Almanaque Renascimento*. 55ed., ano 2000.

#### Jornais mineiros

Hemeroteca Pública de Minas Gerais

Contemporâneo, O. Sabará. 1890.

Contemporâneo, O. Sabará. 1894.

#### Biblioteca Pública Joaquim Sepúlveda - Sabará

Folha Sabarense, A. Sabará. 1888.

Folha Sabarense, A. Sabará. 1889.

#### Legislação:

Coleção das Leis do Império do Brasil. 1850-1886 (decisões, decretos, decretos-leis e leis).

Coleção das Leis da Assembléia Legislativa da Província de Minas Gerais. 1850-1886.

Código Criminal do Império do Brasil de 1830

#### Tabelas:

*Tabella dos medicamentos, vasilhames, instrumentos, utensis e livros, organizada em virtude do art. 57 do Regulamento da Junta Central d'hygiene Publica de 29 de Setembro de 1851 para as Boticas do Império*. RJ: Typographia Nacional, 1852. SDE. Rel. 15. JCHP (1851-53). Ofícios e documentos diversos.Fundo: Série saúde. Gabinete do Ministro. Arquivo Nacional.

*Tabella dos medicamentos, vasilhame, instrumentos, utensilios e livros, organizada, em virtude do art. 56 do Regulamento de 19 de Janeiro de 188, pela Junta de Hygiene Publica para as pharmacias do Império do Brazil*. *Decisões do Governo*: N°16 - Em 14 de Setembro de 1882.

#### Memorialistas

ALMEIDA, L. M. *Passeio a Sabará*. SP: Livraria Martins, 1956.

BITTENCOURT, ARG. *Longos serões do campo*. Org. e notas de Maria Clara Mariani Bittencourt. RJ: Nova Fronteira, 1992. Vol.2.

COELHO, G. N. *Minas perpétua*. BH: SESC, 1986.

PAULA, H. *Em Montes Claros... a medicina do médico e a outra*. Montes Claros(s/e), 1982.

PASSOS, Z. V. *Notícia histórica da Santa Casa de Sabará*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1929.

#### Viajantes

BURTON, R. F. *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho*. SP: Itatiaia. SP: USP, 1976.

BURTON, R. F. *Viagem de canoa de Sabará ao Oceano Atlântico*. SP: Itatiaia. SP: USP, 1977.

EWBANK, T. *A vida no Brasil ou Diário de uma visita ao país do cacau e das palmeiras*. RJ: Conquista, 1973.

LUCCOCK, J. *Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil*. BH: Itatiaia. SP: Edusp, 1975.

MARTIUS, C. F. P. von. *Natureza, Doenças, Medicina e Remédios dos índios brasileiros (1844)*. Brasileira. Vol.154. SP: Companhia Editora Nacional, 1939.

#### Contos literários:

ALENCAR, José de. *Encarnação*. (SL): Ed Tecnoprint, s.d.

TAUNAY, Alfred d'Escragnolle. *Inocência*. Série Bom Livro. 8ª ed. SP: Ática, 1980.

MACHADO de ASSIS. *O Alienista*. 33ªed. 5ª impressão. Série Bom Livro. SP: Ed. Ática, 2002

**Fontes eletrônicas:**

*Almanak Laemmert*. 1850 a 1882. In: [www.crl.uchicago.edu/content/almanak2.htm](http://www.crl.uchicago.edu/content/almanak2.htm)

FIGUEIREDO, BG. *O doutor da capa preta: Chernoviz e a medicina no Brasil no século XIX*. [http://www.fafich.ufmg.br/~scientia/art\\_beta2.htm](http://www.fafich.ufmg.br/~scientia/art_beta2.htm)

**Referências**

ALENCASTRO, LF(coord). *Vida Privada e Ordem Privada no Império*. In: NOVAIS, FA (org). *História da vida privada no Brasil*. vol.2. SP: Companhia das Letras, 1997.

ANDRADE LIMA, T. *Humores e odores: ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, século XIX*. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, II(3): 44-96, Nov. 1995 -Fev. 1996.

ARAÚJO, C. S. *L'influence française sur la culture brésilienne. Sur la Pharmacie et la médecine, en particulier*. RJ: Gráfica Olímpica Editora LTDA, 1973.

\_\_\_\_\_. *Fatos e personagens da história da medicina e da farmácia no Brasil*. RJ: Continente Editorial, 1979.

ARAÚJO, JS. *Perfil do leitor colonial*. Salvador: UFBA/Ilhéus: UESC, 1999.

CANCLINI, N. G. *Culturas híbridas. Estratégias para entrar e sair da modernidade*. SP: Ed. Universidade de São Paulo, 1997.

CARNEIRO, H. *Filtros, Mezinhas e Triacas*. As drogas do Mundo Moderno. 1ªed. SP: Xamã VM Editora e Gráfica LTDA, 1994.

CARVALHO, JC. *Da Pharmacia. Origem e evolução*. Memória para o Congresso Farmacêutico do Centenário. SP, 1922. Apud: RANGEL FILHO, A. A evolução da indústria farmacêutica no Brasil. In: *Separata da Revista Brasileira de Farmácia*. Ano: XXXVIII. Nº1-2. RJ. 1957.

\_\_\_\_\_. *Eugênio Marques de Hollanda: Pioneiro da industria farmaceutica nacional. 1836-1892*. (Conferencia realizada na Sociedade de Pharmacia e Chimica de S.Paulo em 26 de Março de 1941. *Jornal do Commercio*). RJ, 1942.

CARVALHO, TF. *Comarcas e Termos: Creações, suppressões, restaurações, encorporações e desmembramentos de comarcas e termos, em Minas Gerais (1709-1915)*. BH: Imprensa Official do Estado de Minas Gerais, 1922.

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano*. 1 Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHAVES, C. M. G. *Perfeitos negociantes: mercadores das Minas Setecentistas*. Dissertação ( mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, 1995.

COELHO, EC. *As profissões imperiais: medicina, engenharia e advocacia no Rio de Janeiro, 1822- 1930*. RJ: Record, 1999.

COELHO, RS. *O Erário Mineral divertido e curioso*. In: Ferreira, Luis G.; FURTADO, Júnia F. (org.) *Erário Mineral*. RJ: FIOCRUZ, 2002.

CORBIN, A. *Saberes e Odores: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX*. SP: Cia das Letras, 1987.

COSTA, AG. (org.). *Cartographia das Minas Gerais: da capitania à província*. BH: Ed. UFMG, 2002.

DIAS, J.R. *Apontamentos Históricos do Sesquicentenário da Escola de Farmácia de Ouro Preto*. 3 ed. rev Ouro Preto, UFOP/Escola de Farmácia, 1989.

DUARTE, R. H. *A imagem rebelde: a trajetória libertária de Avelino Fóscolo*. Campinas: Pontes/ editora Unicamp, 1991.

\_\_\_\_\_. *Noite Circenses: Espetáculos de Circo e Teatro em Minas Gerais no século XIX*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.



EDLER, FC. *A constituição da Medicina Tropical no Brasil oitocentista: da Climatologia à Parasitologia Médica*. Tese de doutorado. Instituto de Medicina Social, UERJ. 1999.

\_\_\_\_\_. A medicina acadêmica imperial e as ciências naturais. In: HEIZER & VIDEIRA. *Ciência, Civilização e Império nos trópicos*. RJ: Ed. Access, 2001.

\_\_\_\_\_. FERREIRA, LO; FONSECA & MRF da. A Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro no século XIX: a organização institucional e os modelos de ensino. In: DANTES, MAM. *Espaços da Ciência no Brasil: 1800-1930*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.

ELIAS, N. *O Processo civilizador*, Vol (1). RJ: Jorge Zahar Editor, 1994.

FAORO, R. *Os donos do poder*. Formação do patronato político brasileiro. 8ªed. Ed. Globo, 1989.

FAGUNDES, B. F. L. et al. Glossário. In: FERREIRA, Luis Gomes. *Erário Mineral*. FURTADO, JF(org.). Fundação João Pinheiro. RJ: Fiocruz, 2002.

FAUSTO, B. *História do Brasil*. 2ª Ed. SP: EDUSP, Fundação de Desenvolvimento da Educação, 1995.

FEE, E & PORTER, D. Public Health, preventive medicine and professionalization: England and America in the nineteenth century. IN: WEAR, A. *Medicine and Society*. London: Cambridge University Press. 1998.

FERREIRA, L. O. Medicina impopular. Ciência médica e medicina popular nas páginas dos periódicos científicos (1830-1840). IN: CHALHOUB, S. *Artes e ofícios de curar no Brasil. Capítulos de História Social*. Campinas: Unicamp, 2003.

FIGUEIREDO, B. G. *A arte de curar: cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais*. RJ:Vício de Leitura, 2002.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. RJ: Edições Graal Ltda, 1979.

\_\_\_\_\_. *O nascimento da clínica*. 5ªed. RJ: Forense Universitária, 2001.

FONTOURA, C. *A Pharmacia no Brasil: ideas e sugestões a serem estudadas e discutidas na comemoração do I Centenario do ensino pharmaceutico no Brasil*. (S.L): (SN), (19-).

GOODWIN Jr, J. W. *A princesa de Minas*. A construção de uma identidade pelas elites juizforanas. 1850-1888. (Dissertação de mestrado). Dep. História, FAFICH/UFMG, 1996.

GRAHAM, R. *Clientelismo e política no Brasil do século XIX*. RJ: Ed. UFRJ. 1997.

GUIMARÃES, M. R.C. *Civilizando as artes de curar: Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências da Saúde) - Casa Oswaldo Cruz, FIOCRUZ, 2003.

HOLANDA, SB. Boticas da natureza. In: *Caminhos e fronteiras*. RJ: Livraria José Olympio Editora, 1957. p.85-104.

LIBBY, D.C. *Transformação e trabalho em uma economia escravista – Minas Gerais no século XIX*. SP: Brasiliense, 1988.

MARQUES, R. C. *Imagem social do médico de senhoras no século XX*. BH: Coopmed, 2005.

MARQUES, V. R. B. *Natureza em boiões: medicinas e boticários no Brasil setecentista*. Campinas: UNICAMP, 1999.

NAVA, P. *Capítulos de História da Medicina no Brasil*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2003.

NEVES, LMBP.; MACHADO, HF. *O Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

- NOVAES, R. L. Sobre a técnica. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, III (1): 24-49. mar-jun. 1996.
- PIMENTA, T. S. Barbeiros-sangradores e curandeiros no Brasil (1808-28). In: *História, Ciências, Saúde. Manguinhos*. V.1 n.1 (jul-Out. 1994). RJ: Fundação Oswaldo Cruz, Casa Oswaldo Cruz, 1997.
- \_\_\_\_\_. Terapeutas populares e instituições médicas na primeira metade do século XIX. in: CHALHOUB, S. (org). *Artes e ofícios no Brasil. Capítulos de História Social*. Campinas, SP: Ed Unicamp, 2003. p.307-330.
- PORTER, R. O que é doença? In: PORTER, Roy. Cambridge - *Historia Ilustrada da Medicina*. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Revinter, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Das Tripas Coração*. Uma breve História da Medicina. RJ: Record, 2004.
- RANGEL FILHO, A. F. A evolução da indústria farmacêutica no Brasil. In: *Separata da Revista Brasileira de Farmácia*. Ano: XXXVIII. Nº1-2. RJ. 1957.
- RIBEIRO, MAR. Saúde pública e as empresas químico-farmacêuticas. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol.VII(3): 607-626, nov.2000-fev.2001.
- RIBEIRO, MM. *A ciência dos trópicos : a arte médica no Brasil do século XVIII*. São Paulo : Hucitec, 1997.
- ROQUETTE, J. I. *Código do Bom-Tom*. SHWARCZ, L. M (org). SP: Cia. das Letras, 1997.
- SAMPAIO, GR. *Nas trincheiras da cura: as diferentes medicinas do Rio de Janeiro Imperial*.SP: Editora da Unicamp, 2001.
- SANTOS, CFM. *Uma Cosmologia do Novo Mundo: Os Diálogos Geográficos de Joseph Barbosa de Saa no Anno de 1769*. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História das Ciências das Saúde. COC/Fiocruz, RJ, 2005.
- SANTOS FILHO, L. Medicina no Período Imperial. In: HOLANDA, S. B(org). *História Geral da Civilização*. Tomo II. Vol. III. O Brasil Monárquico. Reações e Transações. 6º ed. São Paulo. DIFEL. 1976.
- \_\_\_\_\_. *História Geral da Medicina Brasileira*. São Paulo: HUCITEC: Editora da Universidade de São Paulo, 1991. Vol. 2.
- SAYD, JD. *Mediar, medicar, remediar: aspectos da terapêutica na medicina ocidental*. RJ: EdUERJ, 1998.
- SHORTER, E. Cuidados Primários. In: PORTER, Roy. Cambridge - *Historia Ilustrada da Medicina*. RJ: Livraria e Editora Revinter, 2001.p.140-141
- SILVA, AM. *Dicionário da língua portuguesa recopilado*. Lisboa: Lacerdiva, 1813.
- SOARES, M. S. *A doença e a cura: saberes médicos e cultura popular na corte imperial*. Dissertação de Mestrado. Departamento de História da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 1999.
- VELLOSO, VP. Farmacêuticos, médicos, e as representações do charlatanismo. In: FIGUEIREDO, BG. (org). et al. *Seminário nacional de História da Ciência e da Tecnologia*. SP: Sociedade Brasileira de História da Ciência, 2005. p.47-48.
- VOTTA, R. *Breve História da Farmácia no Brasil*. Rio de Janeiro: Laboratório Enila S. A., 1965.
- XAVIER, R. Dos males e suas curas. Práticas médicas na Campinas oitocentista. IN: CHALHOUB, S. *Artes e ofícios de curar no Brasil. Capítulos de História Social*. Campinas: Unicamp, 2003.
- WARNER, J. H. Science in (the Historiography) Medicine. *Osiris*. n.s 1:37-58, 1985. Reprinted in Sally Gregory Kohlstedt and Margaret. Rossiter, eds. *Historical writing on American science: Perspectives and Porspects*, John Hopkins University Press, 1986.

\_\_\_\_\_. *The Therapeutic Perspective. Medical Practice, Knowledge, and Identity in America, 1820-1885.* Cambridge: Harvard University Press, 1986.

WEATHERALL, M. Tratamento por drogas e surgimento da Farmacologia. In: PORTER, Roy. Cambridge - *Historia Ilustrada da Medicina.* RJ: Livraria e Editora Revinter, 2001.

WEBER, B. T. *As artes de curar: medicina, religião, magia e positivismo na República Rio Grandense, 1889-1928,* Santa Catarina Edusc/Ed. UFSM, 1999.

WISSENBACH, M. C. C. Gomes Ferreira e os símplices da terra: experiências sociais dos cirurgiões no Brasil-Colônia. In: FERREIRA, LG. *Erário Mineral.* FURTADO, J. F. (org). RJ: FIOCRUZ, 2002.

WORBOYS, M. Germs, malaria and the invention of Mansonian Tropical Medicine: From 'Diseases in the Tropics' to 'Tropical Diseases'. IN: ARNOLD, D. *Warm climates and western medicine: the emergence of tropical medicine, 1500-1900.* Amsterdam/Atlanta, 1996.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)